

**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Conversa entre três clientes, três casas e um lugar**

Joana Maria Rijo Carlota

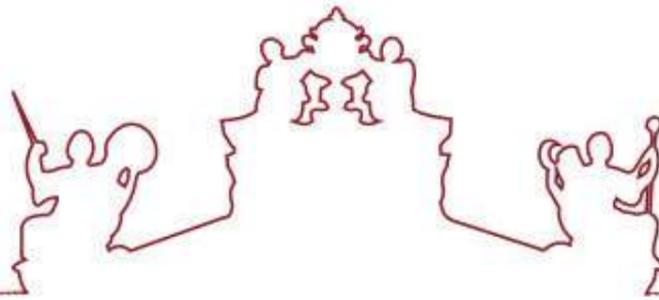
Orientador(es) | Daniel Nicolas Ferrera

Évora 2022

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Conversa entre três clientes, três casas e um lugar**

Joana Maria Rijo Carlota

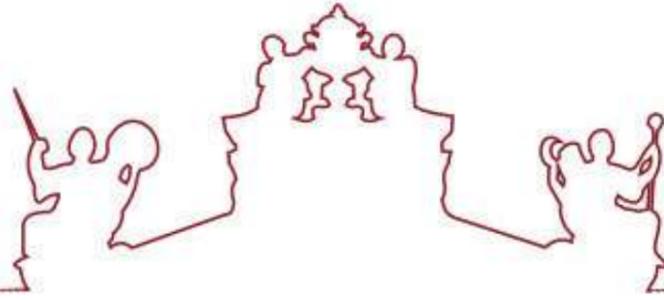
Orientador(es) | Daniel Nicolas Ferrera

Évora 2022

---

---

---



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | João Rocha (Universidade de Évora)

Vogais | Daniel Nicolas Ferrera (Universidade de Évora) (Orientador)  
João Barros Matos (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2022

---

---

---

---



# **3 HOUSES IN ÉVORA**

## **TRÊS CASAS À MEDIDA**

Dissertação de Mestrado Integrado 2020 . 2021

Universidade de Évora - Departamento de Arquitetura  
Trabalho realizado por: Joana Carlota . 30205

sob orientação do Professor: Daniel Jiménez Ferrera

**Notas**

A presente dissertação foi escrita segundo o novo acordo ortográfico e estruturada em cumprimento da Norma APA.

Todos os desenhos deste documento foram realizados pelo autor com base em interpretações decorrentes da investigação e da análise de cartografia, assim como a tradução de todas as citações em língua estrangeira.

### **Agradecimentos**

Ao Professor e Arquiteto Daniel Jimenez, orientador desta dissertação, pela ajuda, preocupação e generosidade admiráveis, assim como pelo grande conhecimento e experiência sempre demonstrados comigo e partilhados ao longo desta etapa.

Ao Professor e Arquiteto João Matos, assim como aos meus colegas de Projeto VI, pelo prazer que me deram no decorrer do ano letivo, pelos estímulos constantes, assim como pelas inúmeras conversas e discussões que fortaleceram as bases de trabalho que agora apresento.

À Professora e Arquitecta Sofia Aleixo pelos ensinamentos que me dispendeu, numa fase anterior.

Aos meus amigos e colegas que me acompanharam neste longo percurso, para eles um enorme obrigado pelo apoio, pelas longas discussões, debate de ideias e convívios. Sem eles, João Carlos, Jaime Pereira, Sofia Pacheco, Dulce Perreira, Vera Rodrigues, Maria Lima e João Ribeiro, este trabalho não se concluiria da melhor forma.

Aos meus familiares, que de longe mas perto me apoiaram neste percurso para que concluísse da melhor forma possível.

Por fim, ao José Pinguinha, por tudo.



# Índice

RESUMO	11
INTRODUÇÃO	13
PROCESSO DE PROJETO ARQUITETÓNICO DESENVOLVIDO	19
'HABITAR ÉVORA, TRÊS CASAS EM TRÊS LUGARES DA CIDADE': UM ENUNCIADO	23
A CIDADE DE ÉVORA E A SUA MALHA URBANA	25
PROJETO VI: TRABALHOS ACADÉMICOS	35
O ARQUITETO, A ARQUITETURA E O PROJETO	47
O QUE É UM ARQUITETO?	51
ARQUITETO VISTO POR UM ARQUITETO	55
O ARQUITETO E O CLIENTE	59
PARA QUEM É QUE O ARQUITETO CONSTRÓI?	61
HABITAR A CASA	63
PROCESSO DE PROJETO ARQUITETÓNICO REFORMULADO	89
'REABILITAÇÃO DE UMA MORADIA E DE UM MURO': PROJETO VI	93
OS NOVOS CLIENTES	103
'FALSAS IDEIAS CLARAS'	107
TRÊS CASAS À MEDIDA	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
OS 3 CLIENTES	177
CONCLUSÃO	182
BIBLIOGRAFIA	185
ÍNDICE DE IMAGENS	189
ANEXOS	193
ENUNCIADO DE EXERCÍCIO DE PROJETO VI, 2014-2015	194
ENTREVISTAS AOS CLIENTES NOVOS	197
PROCESSO DE PROJETO REFORMULADO	220
ENTREVISTAS FINAIS AOS CLIENTES	233
PROCESSO DAS MAQUETES FINAIS	244

## Abstract

This dissertation, *Conversation between three customers, three houses and one place*, proposes a critical review and reflection on the exercise developed in the PROJETO VI chair, in the academic year of 2014/2015, entitled 'Habitar Évora - three houses in three places in the city'. This exercise aimed to establish the relationship between the urban core and its interaction with the architectural ensemble, in the context of the city of Évora. The statement proposes three rooms in a place in the city, where they would be inhabited by three profiles of people, designed through their professions and personal tastes in order to establish connections between them.

Thus, the investigation arises in an attempt to continue the exercise, but with a critical reflection on the role of hypothetical profiles becoming a reality, typical of architecture, as real clients.

After understanding the importance of the client's role in architecture, the exercise developed academically is reformulated with the apprehensions of each real client.

This investigation explores reflective thinking as a method that links an academic exercise with a future professional exercise, comprising the architect, the client and the architectural project.

Key words:

Statement, Architect, Client, Architecture Project, Évora

## Resumo

Esta dissertação propõe uma revisão e reflexão críticas ao exercício desenvolvido na cadeira PROJETO VI, no ano letivo de 2014/2015, intitulado 'Habitar Évora – três casas em três lugares da cidade'. Este exercício pretendia estabelecer a relação entre o núcleo urbano e a sua interação com o conjunto arquitetónico, no contexto da cidade de Évora. O enunciado proponha três habitações num lugar da cidade, em que as mesmas iriam ser habitadas por três perfis de pessoas, desenhadas através das suas profissões e gostos pessoais de modo a estabelecerem ligações entre si.

Assim, a investigação surge na tentativa de continuidade do exercício, mas com uma reflexão crítica sobre o papel dos perfis hipotéticos se tomarem numa realidade, própria da arquitetura, enquanto clientes reais.

Após a compreensão da importância do papel do cliente na arquitetura, segue-se a reformulação do exercício desenvolvido academicamente com as apreensões de cada cliente real.

Esta investigação explora o pensamento reflexivo como método que relaciona um exercício académico com um exercício futuramente profissional, compreendendo o arquiteto, o cliente e o projeto de arquitetura.

Palavras-chave:

Enunciado, Arquiteto, Cliente, Projeto de Arquitetura, Évora



## Introdução

A presente investigação regista o processo de projeto arquitetónico desenvolvido na unidade curricular de Projeto VI, no ano letivo 2014/2015 no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura. O tema – Três habitações em Évora – consistia num exercício para desenvolver uma reflexão sobre o programa da habitação e, ao mesmo tempo, valorizar a interação entre o projeto arquitetónico e o contexto em que se insere, cidade de Évora. O enunciado proponha três habitações num lugar da cidade, em que as mesmas iriam ser habitadas por três perfis de pessoas, desenhadas através das suas profissões e gostos pessoais de modo a estabelecerem ligações entre si.

Assim, a investigação surge na tentativa de continuidade do exercício, mas com uma reflexão crítica sobre o papel dos perfis hipotéticos se tomarem numa realidade, própria da arquitetura, enquanto clientes reais.

Após a compreensão da importância do papel do cliente na arquitetura, segue-se a reformulação do exercício desenvolvido academicamente com as apreensões de cada cliente real.

Esta investigação explora o pensamento reflexivo como método que relaciona um exercício académico com um exercício futuramente profissional, compreendendo o arquiteto, o cliente e o projeto de arquitetura.

Arquiteto  $\longleftrightarrow$  Cliente

## **Objetivos da Investigação**

A investigação tem como objeto de estudo o arquiteto e o cliente. A dissertação parte da relação entre o que é um arquiteto, como o mesmo é visto pela sociedade, como é visto do ponto de vista de outro arquiteto e por fim a relação do mesmo com o cliente.

Trata-se de realizar uma reflexão e revisão críticas ao exercício de projeto, abordando temas que se relacionam com uma base justificativa do projeto, através da relação criada entre arquiteto e cliente. Assim este trabalho tem como principal objetivo, estudar a função do arquiteto, a importância do cliente e sua relação entre si de modo a resultar um projeto arquitetónico de acordo com o cliente e o lugar.

Neste contexto, pretende-se rever o processo de projeto desenvolvido no ano letivo 2014/2015, estudar a relação entre arquiteto e cliente, recorrendo a referências arquitetónicas, reformular o enunciado, adaptar o programa aos clientes e por fim refletir sobre o processo de projeto arquitetónico.

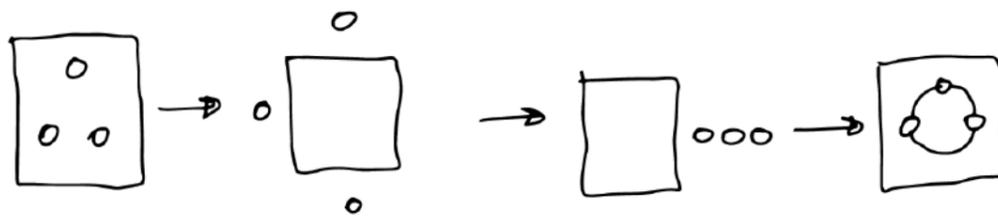


fig. 2 Esquema da metodologia de investigação  
Enunciado com três clientes → análise dos três clientes e do enunciado → enunciado vs três clientes → reformulação dos enunciado com três clientes reais

## **Metodologia**

A metodologia adotada nesta investigação é dividida em três partes: uma cronologia descritiva, que explica e regista o projeto realizado, um aprofundamento teórico, e outra de pensamento reflexivo que explora os conceitos de processo criativo na arquitetura e realiza uma reflexão do processo registado na primeira parte. Este processo assenta numa contínua pesquisa, interpretação crítica e criação arquitetónica, próprios de um projeto de arquitetura. Nenhuma das etapas de desenvolvimento deste trabalho é estanque, sendo encaradas como um processo evolutivo ao nível de investigação, resultante do cruzamento dos conhecimentos adquiridos ao longo do desenvolvimento das diferentes fases.

Na primeira parte, é registado e documentado o percurso do projeto ao longo do ano letivo 2014/2015 em Projeto VI. Esse processo resulta da investigação dos projetos resultantes do exercício proposto na cadeira de Projeto, da análise teórica de enquadramento do projeto em arquitetura da aproximação ao lugar e conceção do projeto através de premissas inerentes ao mesmo.

Na segunda parte, é realizada uma análise teórica sobre o arquiteto, a arquitetura e o projeto, em que é investigado o que é um arquiteto, o arquiteto visto pela sociedade, como o arquiteto é visto por outro arquiteto e a relação do mesmo com o cliente. Esta pesquisa enquadra-se numa categoria de estudo explicativo e tem como objetivo a identificação de fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenómeno. É o tipo de pesquisa que mais se aprofunda no conhecimento da realidade, pois tenta explicar a razão e as relações de causa dos fenómenos. Após a compreensão destes conceitos, é efetuada uma reflexão crítica, através da seleção de casos de estudos que relacionam lógicas de projeto de arquitetura com o papel do cliente no projeto, de modo a reformular o exercício, adaptando o enunciado segundo a informação obtida através de entrevistas a pessoas reais para a execução de projeto.

Na terceira parte, é elaborado o projeto de arquitetura, reformulado do projeto registado e documentado na primeira parte, com especial atenção à relação temporária entre o arquiteto e o cliente, considerando os caminhos que levam aos acertos, ou aos desvios, é realizada aqui através de estudos de caso múltiplos, com as respetivas coletas de dados contemporâneos de múltiplas fontes de evidência, aliado à revisão bibliográfica.



# PROCESSO DE PROJETO ARQUITETÔNICO DESENVOLVIDO





Neste capítulo expõe-se o processo do projeto realizado no ano 2014/2015 em Projeto VI. Este registo trata uma breve descrição do processo realizado num semestre, sobre uma abordagem ao tema da interação arquitetónica e a estrutura do núcleo urbano, intitulado "Habitar Évora, três casas em três lugares da cidade". O exercício lançado pelos docentes consistia na escolha de um lugar dos três sugeridos pelos mesmo e na proposta de três casas para três amigos. Após a escolha estratégica do lugar, foi necessário um estudo do lugar tendo em conta todas as premissas essenciais, onde a matéria e a forma sempre foram temas presentes na conceção do projeto.



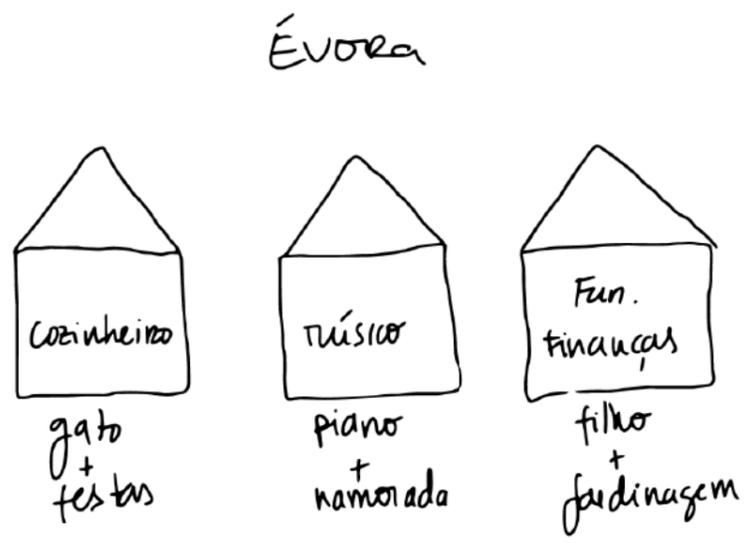


fig. 3 Esquema do enunciado de projeto VI

## **‘HABITAR ÉVORA, TRÊS CASAS EM TRÊS LUGARES DA CIDADE’’: UM ENUNCIADO**

Perante o exercício da arquitetura a questão é sempre o passo a dar em relação ao problema proposto. A questão que se coloca ao sítio, e a questão que se coloca ao problema e ao programa. Mas esta ideia de questão acaba por ser geral para todos os que se encontram perante o projeto, ou seja, é uma questão genérica, o que faz com que cada projeto apresente a sua especificidade e abra hipóteses de reflexões diversas, perante o mesmo problema.

Neste caso, o exercício proposto pelos docentes<sup>1</sup>, assentava sobre o propósito da interação entre o projeto arquitetónico e o contexto do núcleo urbano histórico da cidade de Évora. A pergunta genérica era: como consolidar a interação da cidade com o objeto arquitetónico – esta era a premissa que se apresentava.

A pergunta específica foi, como é que se interage numa cidade em que o seu núcleo urbano já se encontra tão consolidado. E partindo desta premissa, os docentes selecionaram três lugares, num contexto histórico de cidade, em que a malha apresentava vazios urbanos, sem qualquer programática evidentemente resolvida, na tentativa de resolver o vazio urbano com um programa de habitação que estabelecesse um diálogo com a envolvente urbana em que se insere.

Este programa de habitação consistia na projeção de três habitações para três amigos com vivências distintas. Um dos amigos seria cozinheiro, vive com o seu gato e gosta de fazer festas em casa; o outro amigo é músico, toca piano e vive com a namorada que gosta de tomar banho quatro vezes por dia; e por fim o terceiro amigo que é funcionário das finanças, vive com o filho de oito anos e gosta de jardinagem. Os espaços de cada uma das habitações deveria incluir os seguintes espaços: Espaço de entrada, sala de estar com fogo e ligação a espaço exterior, pátio/ espaço de estar exterior, cozinha, quarto, instalações sanitárias e arrumos.

A escolha do lugar seria a forma de começar a pensar o projeto, através de uma reflexão sobre a cidade e a sua transformação. Os locais propostos pelos docentes integravam-se no centro histórico de Évora, cidade classificada como Património Mundial pela UNESCO (1986), constituindo um epicentro de reflexão sobre questões de património e da cultura do território.

<sup>1</sup> Professores Ana Pedro Ferreira, Daniel Jimenez, João Barros Matos e Pedro Maria Ribeiro

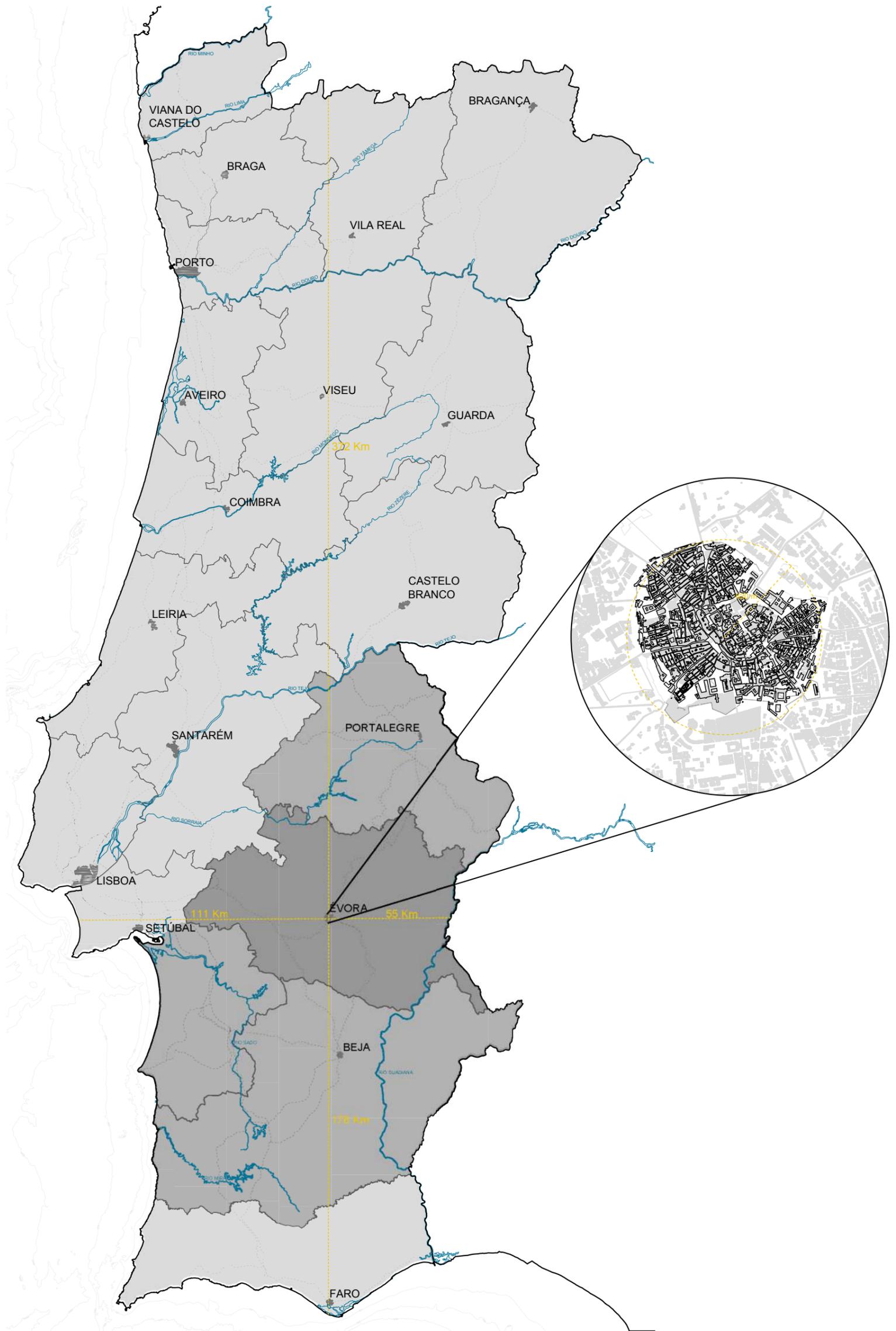


fig. 4 Localização da cidade de Évora, num contexto nacional



## A CIDADE DE ÉVORA E A SUA MALHA URBANA

*"Uma cidade é um organismo vivo, em constante mutação e fins variados, um conjunto de muitas funções criado por muitos de um modo relativamente rápido que tende a responder às necessidades do homem" (Lynch, 1960, p. 51)*

Évora é o principal centro urbano do Alto Alentejo e aquele em cuja memória histórica melhor reflete a identidade do país. É por isso, justamente, classificada pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade desde 1986.

A cidade de Évora é charneira entre o litoral alentejano e a fronteira espanhola. Servia como ponto de passagem obrigatório e de cruzamento entre importantes centros urbanos. Com uma posição central na região, mais afastada do litoral e mais próxima da fronteira. A cidade está localizada numa colina com declive acentuado a Norte e suave a Sul, com posição sobranceira sobre a paisagem envolvente.

A cidade de Évora foi sede de um dos mais poderosos bispados medievais do país, pois era o culminar do cruzamento das vias de comunicação terrestre da antiga Lusitânia.

A sua centralidade geográfica, bem como as condições naturais da região envolvente foram determinantes para a fixação, permanência e desenvolvimento de povos e culturas ao longo do tempo.

Além da sua localização estratégica como "nó viário"<sup>2</sup>, não muito longe do ponto notável da paisagem do Divor, onde confluem as principais bacias hidrográficas do Alentejo Central (Tejo, Sado e Guadiana), e junto ao maciço granítico do Alto de São Bento de onde, aliás, provém a matéria prima usada na sua monumentalidade, o seu fértil perímetro, composto por uma coroa periurbana de hortas, olivais e vinhas, e zona de montado de sobro e azinho, permitiu o desenvolvimento de uma economia predominante agro-silvo-pastoril, cuja mais remota identidade se encontra associada à paisagem megalítica regional, uma identidade que se encontra associada à paisagem megalítica regional, uma das mais notáveis no espaço europeu.

Sem grandes recursos hídricos além dos principais cursos de água do Degebe e Xarrama, a cidade beneficiou muito das condições naturais do subsolo onde assenta, mas, sobretudo, das que lhe aduziu o *Cano Real da Água da Prata*, reedificado no século XVI sobre o primitivo aqueduto romano. (Bilou, 2019)

*"Évora é, assim, o resultado da sobreposição a uma possível pré-existência, de um lugar de confluência e cruzamento das diversas vias romanas, mas, também, um lugar defensável e próximo do território que lhe garante a subsistência imediata" (Abel, 2008)*

É, portanto, natural que nesta cidade de tão larga história de povos e culturas abundem sinais de uma religiosidade vivida intensamente, quer por toda a malha urbana, quer no espaço rural envolvente.

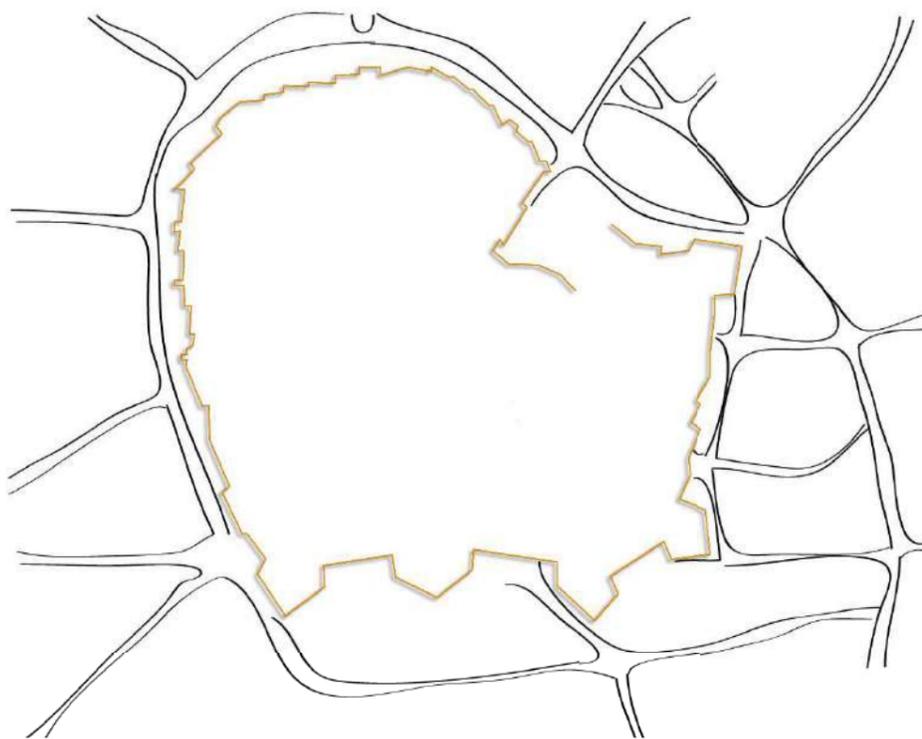


fig. 5 A cidade de Évora e a muralha - Cerca Velha

A cidade de Évora construiu-se no território como se de um carimbo se tratasse. Ao analisarmos a cidade através de uma vista aérea e a forma como a mesma se posiciona na paisagem, percebemos que se trata de um núcleo central extremamente denso, definido por um limite aparentemente consolidado, contornado por uma espessa linha de pedra, a muralha ou cerca velha.

Propondo um exercício de interpretação da cidade, olhando para Évora e para o seu volume de ruas e espaços construídos como se de maciço se tratasse. Transmite “no seu desenho e no seu aspeto visual, uma clara contenção de aglomerados, envolvidos e definidos por uma rígida cintura apenas frágil nas suas portas (...)”<sup>3</sup>. Um limite bastante consolidado, cheio de matéria. Podendo assim ser entendida como um monólito, uma matéria sólida por onde as estreitas ruas da cidade vão escavando os seus negativos, obedecendo a topografia, e terminando nos seus limites de espessura – a muralha.

As ruas entendidas como esse negativo do positivo da matéria que constitui as casas/cidade – esse aglomerado de areia e cal que se vai adoçando aos muros de pedra ou limites da cidade – criam espaços de luz e sombra (a uma escala própria), espaços de proteção que permitem uma continuidade de percursos no seu centro.

O percurso da cidade é quase labiríntico, por linhas enviesadas e irregulares, sucessivas de curiosidade e descoberta que se desfazem em pequenas praças e esconderijos. Não podemos negar que uma linha reta possibilita uma orientação clara, mas também será possível orientarmo-nos em ruas onde curvas bem definidas que nunca saem da direção principal, predominam.

*“... são tão concretos, individualizados e significantes e identitários como os cheios...”*  
(Carapinha, 2007, p. 181)

27

Desta teia de positivos e negativos que constrói a cidade, evidenciam-se vazios que a constroem e complementam – vazios urbanos. Alguns definem os ‘vazios urbanos’ como espaços preferencialmente não edificados e que estão ligados às infraestruturas urbanas. No entanto, são espaços importantes para o equilíbrio da cidade, uma vez que incorporam funções sociais e urbanas. (Morgado, 2005)

Por outro lado. Devido a processos de marginalização, degradação e decadência física, económica e social, os ‘vazios urbanos’ são vistos como resultado de fenómenos de rarefação, indefinição ou rutura urbana<sup>4</sup>.

São ainda, em outras interpretações, espaços que aguardam por uma requalificação, uma vez que potenciam a memória, a identidade coletiva e o uso quotidiano na expressão da troca e do comércio, da informação e da comunicação, do debate e da manifestação. Têm um potencial de liberdade associado<sup>5</sup>.

*“(...) o caso de certo formoso queijo com buracos no qual, ainda que os buracos não alimentem, eles são indispensáveis para a total definição das suas características. (...) o espaço que se deixa é tão importante como o espaço que se preenche.”*

*(Távora, Da organização do espaço, 1982)*

3 (Lima, 1996)

4 Organizadores da Trienal de Arquitetura, sobre ‘Pensar os Vazios Urbanos’, Março 2007

5 Promotores do Concurso Público de Ideias “Intervenções na Cidade”, Lisboa: Dezembro 2006



RUA DAS...

816m

RUA VAS...

175m

PRAÇA DO GIRALDO

390m

RUA ROMÃO RAMALHO



ALCÁÇARIAS

TEMPLO ROMANO  
LUSO DA GAMA

CATEDRAL



fig. 6 Ortofotomapa com a localização dos vazios urbanos a intervir | Cheios e vazios intra-muros

*"O objetivo: encontrar a "zona morta";  
Procurar o "vazio";  
Pesquisar o "nada";  
Investigar a "terra de ninguém";  
Localizar os "espaços livres";  
Mapear a "Terrain Vague".  
Esboçar o "terreno baldio" e "áreas abandonadas";  
Fotografar o "Residuo".<sup>6</sup>*

*Gil M. Doron*

6 Doron, Gil M. (2000) *The Dead Zone and the Architecture of Transgression*, City 4, no. 2 p.250. (tradução original: "The goal: finding yhe 'Dead Zone's; Seeking for the 'Void'; Searching the 'Nothingness'; Investigating the 'no man's land'; Locating the 'Free Spaces'; Mapping the 'Terrain Vague'; Outlining the 'Wasteland's and 'Derelict areas'; Photographing the 'Residuum'.")

*"Vazio pelo sentido próprio da palavra. Vazio por imposição do destino. Vazio por uma indeterminação do espaço. Vazios urbanos, ou vazios expectantes, remetem a uma imagem da cidade de incerteza. São lugares obsoletos, rejeitados pela cidade e que permanecem num estado incompleto, de sobrevivência. Decorrem de um tipo de ausência que por diversas razões permanecem sem um propósito. No entanto, não deixam de ser lugares com memória que retractam a história e o sentido de um lugar. Estes espaços descontínuos e incomunicáveis na estrutura urbana foram intitulados de vazios urbanos. Mas vazio de que perspectiva?"*<sup>7</sup>

7 MENEGUELLO, Cristina (2009). Espaços e Vazios Urbanos, in: Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos, Edições Almedina, p. 127



Assim, foram tomadas duas ideias generalizadas em relação aos 'vazios urbanos': a primeira é a de que, normalmente, são espaços da cidade ausentes de construção e a segunda é que se tratam de espaços desqualificados, degradados e de indefinição ou rutura urbana, muitas vezes até suburbanos, decorrentes de um processo de marginalização da cidade.

Na busca pela cidade de Évora destes 'vazios urbanos', independentemente de se classificar bem ou não esses vazios, o objetivo desta busca pretendia-se ver nesses espaços uma oportunidade de mudança, que poderia implicar novo uso, nova construção, ou pelo contrário, uma qualificação como espaço de memória ou espaço verde ou espaço de nova infraestruturação.

*"Esta dinâmica de transformação de vazios em oportunidades tem, ou melhor, pode ter, potencialidades positivas (de renovação funcional ou ambiental), mas também pode ter efeitos perversos se essas potencialidades não forem orientadas pelas autoridades como elementos estratégias para a reestruturação do território urbano ou metropolitano." (Portas, 2010)*

É no interior da cerca velha que, por parte dos docentes, é dado a escolher o lugar para o projeto – uma seleção de três 'vazios urbanos'. De três possíveis lugares, são eles: um vazio urbano junto à muralha, na Rua das Alcáçarias; outro a sul da cidade, que funciona como parque de estacionamento para residentes, na Rua Romão Ramalho e por fim um vazio urbano no centro da cidade, junto à Catedral de Évora e Templo Romano, na Rua de Vasco da Gama.

O vazio urbano junto à muralha, na Rua das Alcáçarias, é um lugar que ainda hoje se encontra sem qualquer intervenção, uma propriedade privada, que tem uma forte relação com a muralha, elemento integrante da parcela de intervenção. Este lugar tem uma área de 501.82 m<sup>2</sup>, sem qualquer construção, mas com uma vasta abundância de espécies arbustivas, por outro lado os seus limites são construídos, a norte o seu limite é a muralha em pedra; a sul é limitado por um muro caiado a branco, que limita a propriedade da Rua das Alcáçarias; tanto a nascente como a poente a sua fronteira são construções vizinhas, algumas com um elevado grau de degradação.

Outro vazio urbano, a sul da cidade, que funciona como parque de estacionamento para residentes, entre duas ruas, a Rua Romão Ramalho (entrada) e a Rua de Bernardo de Matos (saída). Este lugar já se encontra numa localização mais interior da cidade, o que faz com que tenha uma forte relação com a vivência da mesma, possui 289.73m<sup>2</sup>, sem elementos construídos, apenas alguns elementos de apoio ao estacionamento. Os seus limites a nascente e a poente são limites de construções vizinhas, de cotas variáveis, devido ao facto de ser um vazio mais longitudinal, acaba por encerrar um quarteirão de moradias, que se encontra consolidado com os quarteirões envolventes.

Por fim um vazio urbano no centro da cidade, junto à Catedral de Évora e Templo Romano, na Rua de Vasco da Gama. Este vazio de 425.95m<sup>2</sup>, é composto por três pátios, que se associam a cada prédio envolvente. Através da Rua de Vasco da Gama, é possível fazer o acesso a um primeiro pátio pertencente a um prédio de habitação, transversalmente acede-se a outro pátio que, por sua vez, será comum a ambos os prédios vizinhos. O outro pátio é acedido pela Rua de Dona Isabel, por um prédio que hoje em dia funciona como Hotel – Casa Morgado Esporão. Este último pátio e os restantes dois são divididos por um muro, e cada um encontra-se a cotas diferentes, enfatizando ainda mais a sua divisão de propriedades a que pertencem. Este conjunto de três vazios assume difíceis limites, pois encontra-se interiormente relacionado com prédios vizinhos que dispõe de vivências para os mesmos, uns apenas por vãos, outros por acessos e outros sem qualquer relação.

PROJECTO VI  
**Habitar Évora**  
Três casas em três lugares da cidade  
*3 houses in Évora*

34



fig. 7 Fotografias da exposição 'Habitar Évora - Três casas em três lugares da cidade | Autor: Daniel Nunes

## PROJETO VI: TRABALHOS ACADÉMICOS

Para cada lugar, cada aluno da turma de Projeto VI desenvolveu abordagens e estratégias diferentes. De um modo geral, dois dos lugares acabaram por ter uma abordagem de construção nova devido ao facto de serem lotes sem construção, o lugar na Rua das Alcáçovas e o lugar mais a sul da cidade, na Rua Romão Ramalho. O outro vazio, que de alguma maneira, com mais condicionantes, devido à sua localização, teve abordagens dispare, umas de requalificação e outras de construção nova, ocupando os vazios.

Como resultado final da turma, foi realizada uma exposição no Palácio do Vimioso, em Évora, intitulada 'Três casas em três lugares da cidade – 3 houses in Évora' com a seleção de alguns dos trabalhos realizados nesse semestre pela turma, com o objetivo de divulgar o trabalho desenvolvido à comunidade Eborense, de modo a compreenderem a consolidação do objeto arquitetónico com a interação da cidade.

Esta exposição teve como principais coradores os docentes da cadeira, em que seguiram uma linha condutora, como se de uma história se tratasse, para dar a conhecer os trabalhos académicos. Esta história disponha-se em duas salas: uma sala inicial que acolhia uma ideia mais genérica e de contextualização para apresentar o exercício, e outra sala que seria a sala principal onde estava exposto alguns dos trabalhos da turma. A acompanhar este caminho entre salas, foi pensado num folheto com uma planta explicativa do que estaria em cada sala, de modo a que qualquer pessoa conseguisse entender o que estava exposto, de modo a percorrer o caminho proposto e idealizado.

Todos os trabalhos expostos tinham a mesma linguagem, ou seja, por parte de cada colega que expôs o seu trabalho, havia um consenso no layout expositivo, de modo a que se destaca-se a variedade de trabalhos.

Assim, o resultado final foi positivo, tanto para o departamento de arquitetura, para os docentes, como para os discentes. Foi uma mais valia, poder expôr os trabalhos académicos para a comunidade de Évora.

Para esta investigação, selecionou-se três dos trabalhos académicos do Projeto VI, realizados no ano letivo 2014/2015, para que se possa compreender melhor o resultado obtido consoante o enunciado proposto.

Estes trabalhos académicos representam apenas exemplos de outros que se realizaram numa turma de 26 alunos. Assim, cada trabalho escolhido corresponde a cada lugar de projeto descrito anteriormente.

Os projetos dos três lugares vazios da cidade de Évora, o vazio urbano junto à muralha, na Rua das Alcáçarias, foi realizado pela aluna Elisabete Pinho. Outro a sul da cidade, que funciona como parque de estacionamento para residentes, na Rua Romão Ramalho, foi realizado pelo aluno Lorenzo Branco e por fim um vazio urbano no centro da cidade, junto à Catedral de Évora e Templo Romano, na Rua de Vasco da Gama, foi realizado pelo aluno António Brancas.

Todos os projetos partiram do mesmo ponto de análise da cidade e dos vazios urbanos, sendo que cada projeto acabou por se adaptar e "imaginar" uma solução consoante o que pretendia e se adequava para cada lugar, tendo como base o enunciado proposto.

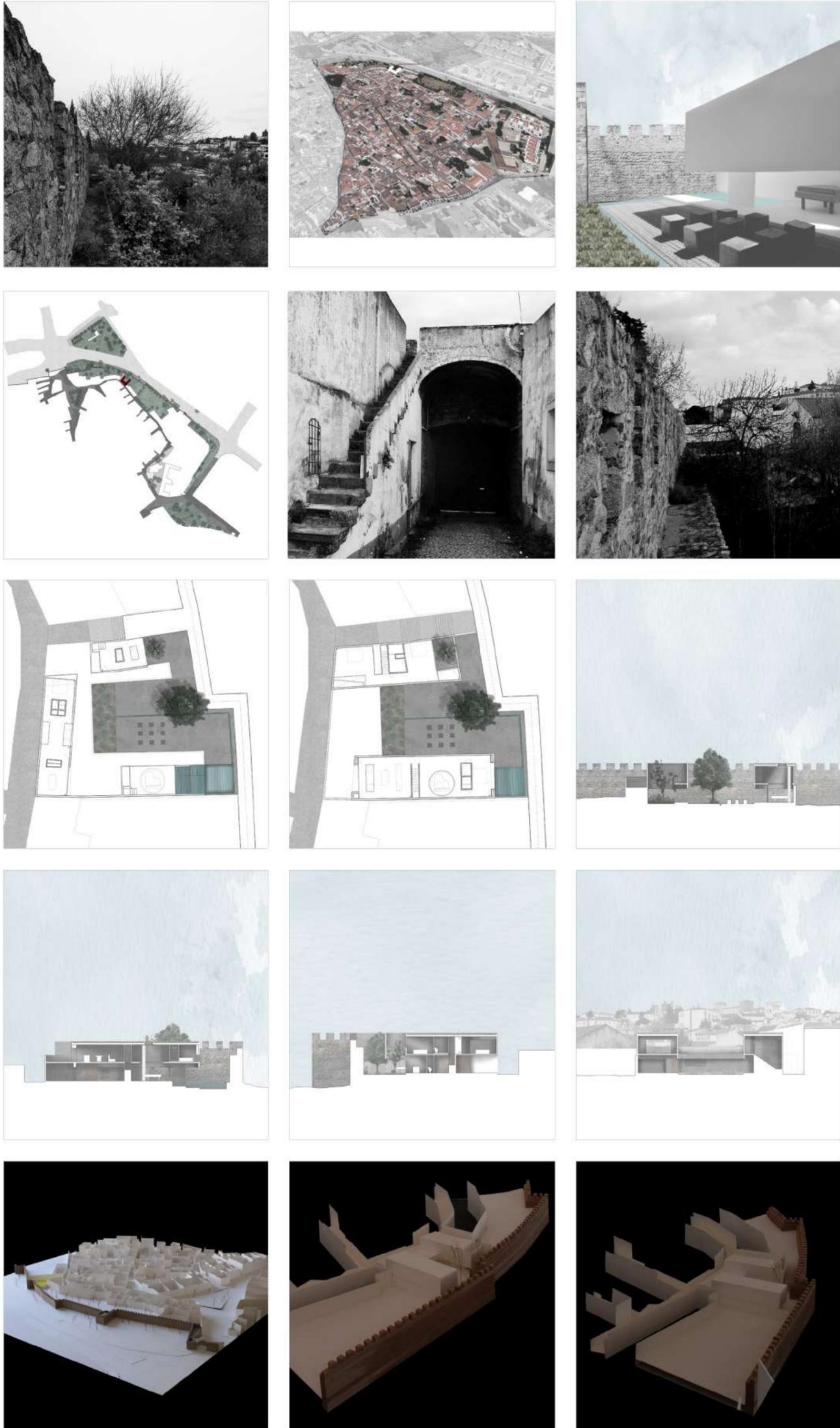


fig. 8 Elementos do trabalho de Projeto VI, ano letivo 2014/2015, elaborados por Elisabete Pinho

Começando pelo trabalho elaborado por Elisabete Pinho, no vazio urbano junto à muralha, na Rua das Alcaçarias, este projeto teve como objetivo enaltecer a relação do vazio com a Muralha ou Cerca Velha, um dos pontos que o distingue dos restantes vazios. O projeto é pensado apenas num corpo que recinta o vazio de modo a criar um pátio central de comunicação entre os varios volumes que constroem o edificio, que alberga as três casas.

O edificio divide-se em três volumes, em que cada volume corresponde a cada habitação de cada cliente dado pelo enunciado proposto. Cada habitação é independente, sendo que o pátio é a unica zona que em que os habitantes se relacionam, ou seja, o única espaço comum.

O conceito as habitações é mesmo, todas são desenhadas em *open space*, este é quebrado sempre que necessário através da estrutura. O interior das habitações diferente consoante o cliente proposto, dando a importancia a cada um com as suas características.

Na habitação do Músico, foi pensando como espaço principal a zona onde o músico pudesse tocar piano de modo a que se ouvisse em toda a casa e que tivesse uma relação forte com exterior de modo a que todos os habitantes do edificio pudessem usufruir da música tocado pelo pianista.

Na habitação do Cozinheiro, foi assumido que o habitante desta casa teria uma forte relação com a cozinha devido à sua profissão, e que prefria criar os seus pratos em casa, assim como espaço principal foi desenhada a cozinha com forte relação com o espaço exterior, pois foi criado uma zona de horta para poder usar na preparação dos seus pratos.

Na habitação do funcionário das finanças, este é o volume que liga os dois anteriores, foi idealizado um volume mais pequeno que os restantes e o mais simples possível, pois tinha exigencia de se adaptar a uma criança e assim foi desenhado um volume térreo com uma planta simples, sem interrupção estrutural, totalmente *open space*.

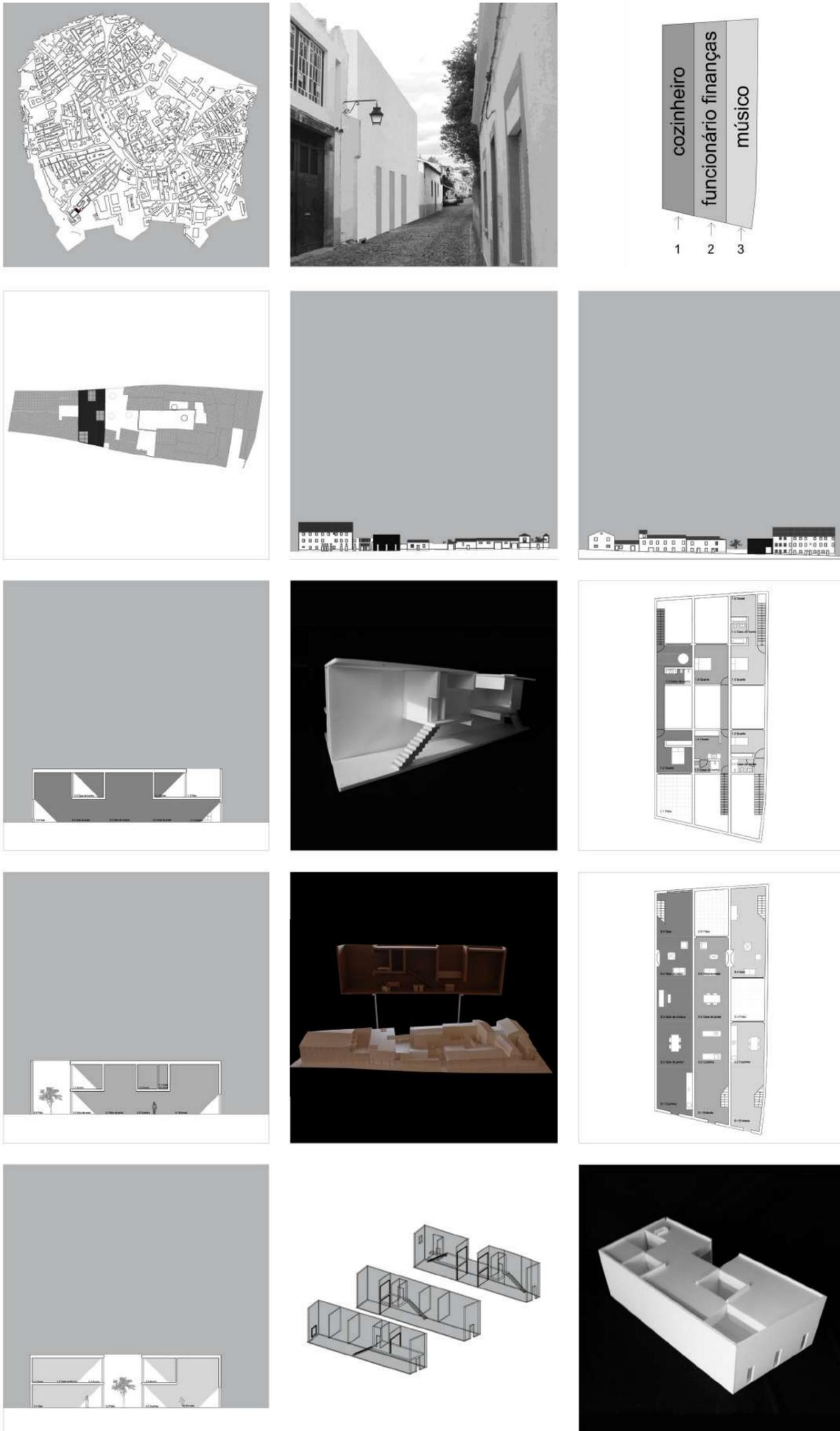


fig. 9 Elementos do trabalho de Projeto VI, ano letivo 2014/2015, elaborados por Lourenço Branco

Neste projeto realizado pelo Lorenzo Branco, no vazio urbano a sul da cidade de Évora, entre duas ruas, a Rua Romão Ramalho e a Rua de Bernardo de Maros, que funciona como parque de estacionamento, o aluno abordou este espaço como um vazio sem nenhuma construção, com o objetivo de construir na totalidade da área disponível neste vazio.

Como princípio adotou um esquema em que dividia a área em três faixas iguais para que todos tivessem a mesma área disponível, não fazendo distinção entre clientes.

Através do exterior do edifício não era possível compreender como se desenvolviam as habitações. Cada uma delas é desenhada com bastante assertividade que cada cliente teria o seu espaço, sem nenhuma zona comum, nem mesmo a entrada. O único requisito comum seria as entradas de luz através de pátios mas sem qualquer ligação entre as habitações, ou seja cada casa teria um ou mais pátios mas sem quaisquer ligações entre si.

Este projeto tem uma abordagem bem diferente da anterior, pois cada cliente aqui tem exatamente a mesma área construída, independentemente das características de cada um.



fig. 10 Elementos do trabalho de Projeto VI, ano letivo 2014/2015, elaborados por António Brancas

Por fim, o projeto elaborado por António Brancas, no vazio urbano mais central, na Rua Vasco da Gama, que tem uma abordagem diferente das apresentadas anteriormente. Neste trabalho foi estudado características da construção da cidade de Évora, em que foi possível analisar que a própria cidade apresenta “várias épocas históricas, assim como várias camadas de construção sobrepostas e transformadas ao longo do tempo”<sup>8</sup> - terraços e coberturas - com o objetivo de dar continuidade à evolução da cidade e com a referência de Outlook Tower de Patrick Guedes, o aluno decide criar um percurso através de coberturas e terraços propostos para criar as três habitações que se relacionam com a cidade e a sua construção, privilegiando a relação de altura e de vista sobre a cidade.

Assim, cada habitação é independente mas o seu desenho ficou condicionado através do espaço envolvente, assim como dos acessos a cada uma delas. Também os pontos de paragem para vislumbrar a cidade foram guias para o desenho das mesmas.

8 Frase retirada do painel final de apresentação do aluno António Brancas

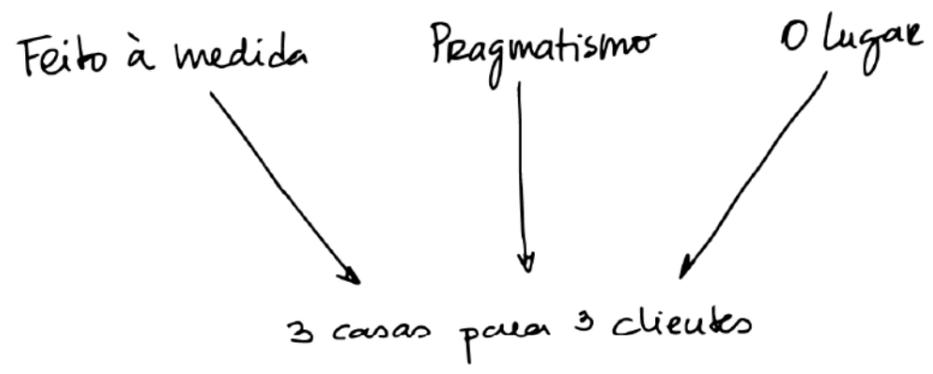


fig. 11 Esquema síntese dos trabalhos analisados na investigação

Em análise a estes trabalhos que resultaram do mesmo enunciado proposto e que espelham o desempenho da turma de Projeto VI, é possível compreender as diferentes abordagens ao enunciado e os diferentes resultados.

Neste três trabalhos, cada um deles escolheu um método diferente para chegar ao mesmo fim - três casas para três clientes. Explorando cada proposta e começando pelo projeto da aluna Elisabete Pinho, no vazio da Rua das Alcaçarias, esta decidiu desenhar a cada para cada cliente consoante as características de cada um, ou seja, a sua proposta é apenas e sómente para as pessoas que a própria "imaginou", traçando-lhes um perfil, de modo a que estas casas fossem para aquelas pessoas, ali, naquele lugar e não para outras quaisquer e noutra lugar no mundo. Assim, pode afirmar-se que este projetos foi feito "à medida" para estes clientes e para aquele lugar.

No projeto elaborado pelo aluno Lourenço Branco, no vazio a sul da cidade, na Rua Romão Ramalho, em que o conceito distancia-se do anterior. Aqui a abordagem é mais pragmática, é definido logo à partida que a área total do vazio é dividida em três partes iguais, independentemente se algum dos cliente necessita de mais espaço ou não.

Por fim, no último trabalho, no vazio urbano mais central, na Rua Vasco da Gama realizado por António Brancas, a metodologia volta a ser diferente,. Neste é feita um investigação do local e essa investigação é mote para o desenhar das habitações, tendo sempre como premissa o lugar.

Três abordagens tão diferentes, com características diferentes mas todas elas válidas e assertivas.



Em conclusão deste capítulo, o enunciado do exercício realizado na cadeira de Projeto VI, no ano letivo 2014/2015 foi elaborado pelos docentes com premissas essenciais para a aprendizagem: valorizar a integração e consolidação urbana da cidade de Évora e refletir sobre a habitação, reconhecendo um campo de experimentação particularmente rico e variado ao longo do tempo e do espaço. Como tema principal sendo três habitações para três amigos, o exercício pretendeu desenvolver um projeto que responda ao programa proposto e estabelecer um diálogo com a envolvente urbana em que se insere, assim as propostas apresentadas resumem todos estes princípios, com estratégias diferentes.

Outro dos princípios do exercício passa pela interpretação do programa da habitação, que consistia na projeção de três habitações para três amigos com vivências distintas. A descrição destes amigos desenha um perfil de pessoa, de modo a que cada aluno possa imaginar e fantasiar no seu processo criativo da proposta projetual. Como podemos ver nos trabalhos, cada aluno acaba por escrever a sua história de vida de cada amigo através das opções arquitetónicas que toma no seu projeto.





# O ARQUITETO, A ARQUITETURA E O PROJETO





Este capítulo aprofunda conceitos inerentes ao capítulo seguinte, tais como a importância do arquiteto na sociedade, como é visto o arquiteto por outro arquiteto e a relação do mesmo com o cliente. Esta pesquisa tem como objetivo a identificação de fatores que determinam ou que contribuem para a relação arquiteto-cliente, através da reflexão crítica de casos de estudos que relacionam lógicas de projeto de arquitetura com o papel do cliente no projeto.





## O QUE É UM ARQUITETO?

Afinal o que é um Arquiteto? Procurou-se saber o que as pessoas pensam e sabem dos Arquitetos. Numa primeira abordagem em conversas de café com amigos e familiares, a maioria responde de forma perplexa, com algumas dúvidas, "...o Arquiteto é um desenhador de casas...", e quando lhes é perguntado o que pensam dos grandes Arquitetos nacionais como o Álvaro Siza Vieira, Eduardo Souto Moura, mais polémico como Tomás Taveira, ou mundiais como o Oscar Niemeyer estes respondem que "... já estão num patamar superior, desenham estádios, cidades e fazem grandes obras publicas ..."

Após um inquérito, entrevista de rua<sup>9</sup>, obtém-se resultados similares, a exceção de uma resposta mais completa e mais acertada. "... Faz casas, constrói, faz a estrutura da construção, pessoa importante para a sociedade, resolve os problemas da cidade, complica a vida do engenheiro, faz a estética dos edifícios, faz prédios, pontes, planeamento urbano e estrutura os lugares, faz os planos de uma casa, desenha e faz o projeto do prédio, constrói e projeta construções de modo geral, cria, adapta..."

Concluiu-se com estas afirmações que as pessoas não estão devidamente informadas sobre o que é realmente um Arquiteto e as suas atividades, capacidades e verdadeira função numa obra ou intervenção e para a sociedade.

Pesquisou-se o que é um Arquiteto ou pelo menos o que existe como definição da palavra Arquiteto em vários Dicionários da Língua Portuguesa.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, encontra-se como definição do Latim "arquitectos", do Grego *Αρχιτέκτων*, o primeiro dos operários" Pessoa diplomada em Arquitetura, que tem por profissão conceber o projeto e dirigir a construção de edifícios, Pessoa ou entidade que concebe, projeta e realiza qualquer coisa, criador, inventor, com maiúscula, Deus, enquanto criador do Universo, o Divino, Supremo, Arquiteto do Universo. (Casteleiro, 2001)

O Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, descreve como sendo o Profissional que projeta e por vezes dirige a construção de edifícios, o que projeta ou idealiza coisas. (Bonito, 2008)

<sup>9</sup> Entrevista de rua de escolha aleatória, feita a vinte pessoas entre os dezassete e sessenta e cinco anos, de ambos os sexos.



fig. 13 "Trabalhar com um arquiteto" | Autor: Ordem dos Arquitectos

O Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de Horizonte Confluente, define Arquiteto como aquele que faz o risco ou traça a planta de qualquer edifício ou construção. (Silva, 1999)

O Grande Dicionário da Língua Portuguesa de José Pedro Machado, define o Arquiteto como o indivíduo que projeta ou dirige construções de edifícios, o que projeta ou idealiza qualquer coisa, Deus, Pessoa ou Animal que não suporta serviço pesado. (Machado, 1991)

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define Arquiteto como Profissional da Arte de construir que idealiza, planeia, especifica materiais e elabora os desenhos de um espaço ou obra arquitetónica; eventualmente também acompanha os trabalhos da sua execução, Indivíduo responsável pela ideia, realização ou imaginação de qualquer coisa. (Houaiss, Villar, & Franco, 2003)

O Novo Dicionário LELLO da língua portuguesa define o Arquiteto como o que projeta ou dirige construções de edifícios, maquinador, o supremo ou Grande Arquiteto, Deus. (AA.VV., 1996)

Em conclusão para resumo de todas estas definições considera-se o Arquiteto como sendo o primeiro dos operários de uma construção, ele é o que faz o primeiro traço do desenho que virá a ser construído, é ele o que idealiza, cria, desenha os espaços e a Arquitetura, escolhe materiais, planeia e acompanha toda a obra. Segundo Fernando Távora, *“Que seja assim o arquiteto – homem entre homens – organizador do espaço – criador de felicidade.”* (Távora, 1982, p. 87)

O arquiteto por meio de um conjunto de princípios, normas e técnicas, concebe, desenvolve e organiza espaços arquitetónicos para abrigar diferentes tipos de atividades humanas. Essa tarefa faz com que esse profissional lide com sonhos, emoções e desejos, que são fruto de necessidades, experiências, ambições e fantasias das pessoas que irão habitar ou utilizar esses espaços projetados por ele.

*“O Arquiteto lida diariamente com o processo de construção. Ao longo de anos de formação e qualificação profissional, o Arquiteto adquire conhecimentos para materializar as suas aspirações.*

*O Arquiteto elabora projetos com criatividade e talento, sempre com especial atenção aos interesses, desejos e aspirações de seu cliente no decurso das suas tarefas. Como tal, quando mais cedo for envolvido no processo maior será a capacidade de atuação.*

*O Arquiteto fá-lo poupar dinheiro. Um edifício bem concebido é energeticamente eficiente e tem um custo de construção e manutenção menor.”*

*“O Arquiteto trabalha para si e para a sociedade.”*

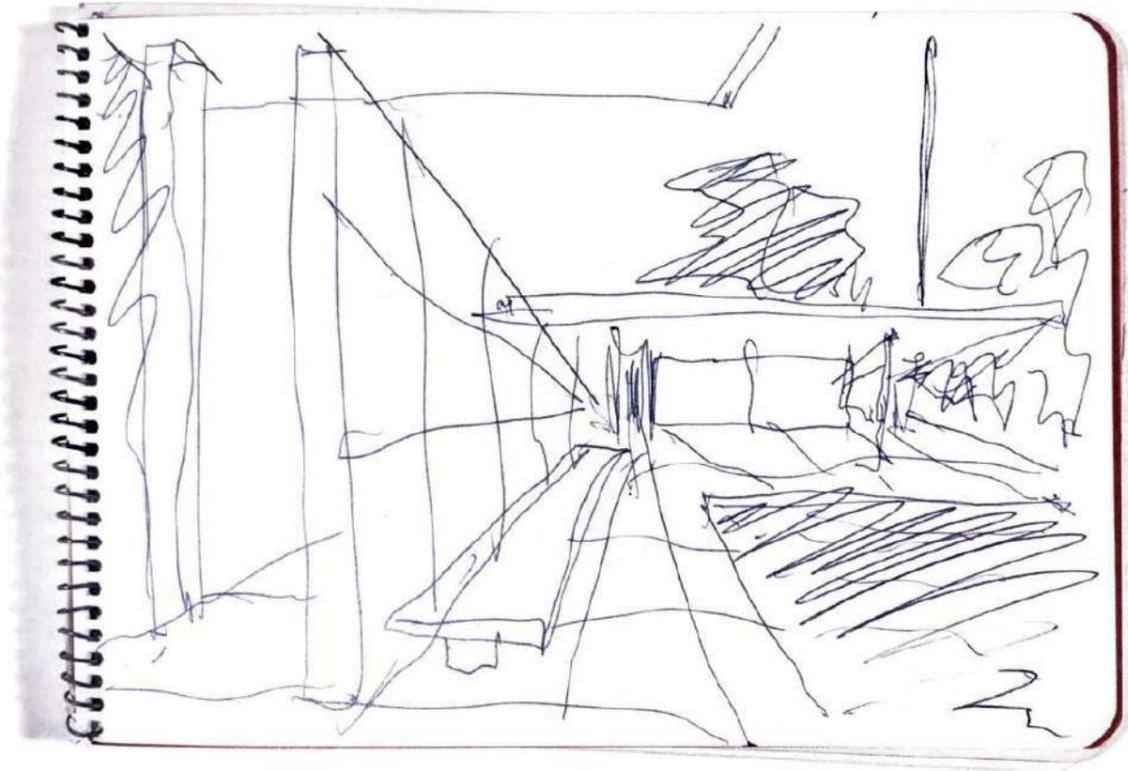


fig. 14 Eduardo Souto de Moura, esquiço do Pavilhão de Barcelona de Mies van der Rohe  
Ursprung, P., Lopes, D. S., & Bandeira, P. (2011). *Eduardo Souto de Moura - Atlas de Parede, Imagens de Método*. Porto: Dafne Editora.

## ARQUITETO VISTO POR UM ARQUITETO

A designação de arquiteto e a ideia de arquitetura que reconhecemos como nossas aparecem somente com a primeira Idade Moderna, entre os séculos XV e XVII, e apenas no final deste período se efetua a separação conceptual e institucional (académica) entre os saberes e as profissões de arquiteto, pintor, escultor, etc. É entre meados do século XVI e o século XVII que se publicam os primeiros livros de biografias de “pintores, escultores e arquitetos”, designados separadamente, embora os livros contivessem mais histórias de artistas que eram simultaneamente as três coisas e não apenas uma delas.

Pedro Bandeira em *Projetos específicos para um Cliente Genérico*, afirma que a profissão do arquiteto era vista como uma atividade arquitetónica e não como uma profissão, pois esta depende de muitas áreas para a compreender em plenitude.

*“(...) e nessa altura as noções de arquiteto e de arquitetura não tinham nada que ver com aquilo que pensamos hoje, não existindo a profissão de arquiteto, mas apenas a atividade arquitetónica, que não se limitava ao projeto e construção mas também a práticas que hoje diríamos da área da medicina, da astronomia, da agricultura, etc.”*

*(Badeira, 2006, p. 11)*

A delimitação muito clara do saber e do currículo profissional arquitetónicos fez-se entre o final do século XVIII e no decorrer do século XIX por vias que se traduziram, ao princípio, na produção de dois tipos de imagem muito diferentes, mas que vieram a confluír nas imagens *Beaux-Arts*: por um lado, a sistematização do desenho de projeto, por outro, a incorporação, no trabalho de projeto.

*“(...) o arquiteto é um artista que transforma em arte a obra meramente utilitária através de sumptuosos desenhos (e obras) em variados estilos.”*

*(Badeira, 2006, p. 11)*

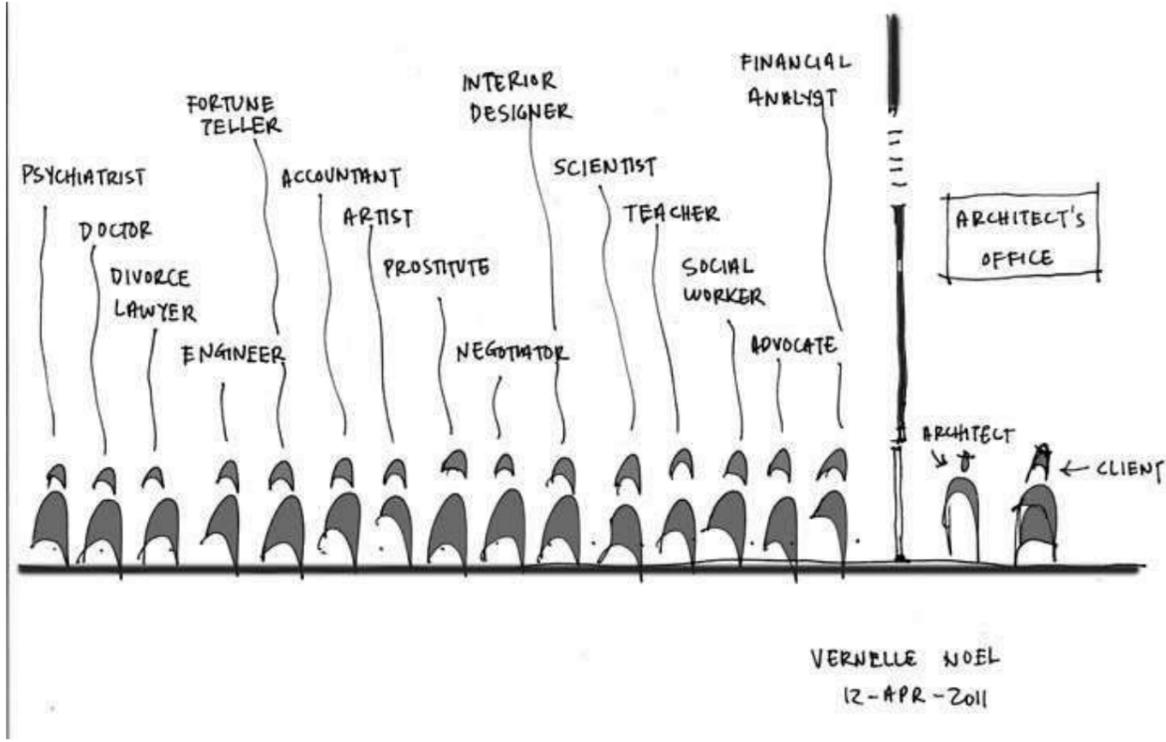


fig. 15 "The various hats an architect wears" | Autor: Vernelle AA Noel

Segundo Vernelle Noel<sup>10</sup>, este considera que o Arquiteto tem muitas profissões e só é pago por uma. Assim, de uma forma ilustrativa, ele explica os vários papéis da profissão de Arquiteto ou várias profissões que este incarna.<sup>11</sup>

*O Arquiteto é "Psiquiatra e Psicólogo", porque muitas vezes tem que aconselhar os seus clientes, ouvi-los com muita atenção, retirar-lhes informações importantes, e por vezes até pedir-lhes para desenharem literalmente o que sentem para explicarem o que querem e então, determinarmos o que eles precisam.*

*É "Médico", porque tem a possibilidade de promover, restaurar e manter a saúde humana através da arquitetura.*

*"Advogado" especialista em divórcios, porque o marido quer uma coisa, e a mulher quer outra. Quem consegue o quê? Quem ganha? Muitas vezes tenta-se agradar a ambas as partes, em todo o caso se tudo isso falhar, é aconselhado seguir a pessoa que assina o cheque!*

*"Engenheiros" para que os nossos edifícios possam erguerem-se e manter de pé.*

*"Vidente" porque às vezes tem de se fazer previsões ver as possibilidades e oportunidades para melhorar e aperfeiçoar o projeto.*

*Ser "Contabilista", porque tem de gerir, investir as verbas e outros recursos, para obter uma obra económica e rentável a longo prazo.*

*"Artista" porque as nossas obras são elementos de arte, volumes com jogos de luz e sombra, aplicação e misto de materiais e cores.*

*"Prostituto", porque muitas vezes subestima-se os nossos serviços e sentimo-nos usados.*

*Tem de ser "Negociador" para fazer justas ofertas, saber valorizar o seu trabalho e conseguir vendê-lo ao melhor preço.*

*"Designer de Interiores", porque às vezes tem de ser.*

*"Cientista" porque realiza pesquisas sobre a compreensão global da natureza, clima, luz, temperatura, materiais, espaços sociais, e muito mais.*

*"Professor", porque ensina ou deveria ensinar os clientes quando se encontra com eles, e passar o seu conhecimento e orientar os mais jovens. Somos também estudantes, pois aprendemos com os nossos clientes e orientadores.*

*É "Assistente Social", porque se esforça para melhorar a qualidade de vida e o potencial de desenvolvimento de cada indivíduo, grupos socioculturais, étnicos e comunidades especialmente quando é voluntário.*

*"Advogado", porque às vezes tem de falar em nome daqueles que não podem ou não têm capacidade de falar por si próprios.*

*"Analista Financeiro" porque tem de se preocupar com as finanças dos seus clientes e quer aconselhá-los na forma mais adequada de tomar as decisões mais certas quanto ao investimento.*

10 Vernelle AA Noel, Arquiteto Norte-Americano, Licenciado em Arquitetura na Universidade de Howard, graduado Mestre no Instituto de Tecnologias de Massachusetts (MIT)

11 Ilustração do Arquiteto Vernelle AA Noel - <https://thinkinginsomniac.wordpress.com/tag/special/> Consulta efetuada pela última vez em 3 de Março de 2021

*"Acontece com frequência entre nós que os espaços criados através da arquitetura não funcionam cabalmente, e isto porque se atraiçoa uma realidade que se conhece, se ignora tal realidade ou os próprios utentes de tais espaços não sabem aquilo de que necessitam. (...) É sobretudo na habitação que o homem deve de encontrar o seu espaço, (...)*

*Ora estes espaços de vida e sua estruturação, há que conhecê-los o melhor possível, há que determiná-los com clareza, há que investigá-los com máxima profundidade. Procedemos assim? Dum modo geral a resposta é negativa. São tão variados os nossos hábitos e costumes, as nossas possibilidades económicas, os tipos de vida, os grupos sociais, etc., que, por exemplo, construir habitações que variam apenas, e fundamentalmente, no número de quartos parece uma terrível abstracção fora de toda a realidade. Mas o facto tem-se verificado em imensas realizações de habitação onde apenas se põem dois problemas puramente quantitativos: o número dos possíveis contribuintes das famílias e a renda provável que possam despende."*

(Távora, 1982, p. 68)

## O ARQUITETO E O CLIENTE

O projeto e a obra arquitetônica dão frutos da relação cliente-arquiteto. Como afirma (Cuff, 1991, p. 171), na *“criação de qualquer trabalho arquitetônico, não existe atores mais importantes que os arquiteto e o cliente”*. O arquiteto, como profissional, depende da encomenda para que possa exercer suas atividades e o cliente depende do arquiteto para realizar seus projetos, sejam eles necessidades de habitação, sonhos ou instrumento comercial para obtenção de lucro. *“Projetar implica a existência de um dono da obra, de uma encomenda. O arquiteto que não tem encomenda o que vai fazer?”* (Siza, 1989)

Cuff, analisando a relação arquiteto-cliente nos Estados Unidos, salienta que, apesar da sua importância, o tema ainda não foi suficientemente estudado: *“será necessário que sejam feitas muitas pesquisas para que essa relação seja compreendida”* (Cuff, 1991). Efetivamente, poucas são as referências ao tema, tanto na história como nos textos atuais que analisam arquitetura.

O cliente tem tido um papel significativo na produção da arquitetura contemporânea, seja interferindo de forma a prejudicar o resultado do trabalho, ou contribuindo para a realização das melhores obras arquitetônicas. A relação cliente-arquiteto é multifacetada: se, por um lado é a partir do cliente que arquitetura adquire condições de realização, por outro lado, a relação entre ambos é, de uma forma simples, uma relação comercial, em que o Arquiteto fornece uma prestação de Serviço, acompanha a criação de um objeto Arquitetônico que se torna num Produto final.

O arquiteto é, portanto, considerado intérprete dos desejos do cliente.

O Cliente é único e gosta de ser tratado como tal. Todo o ser humano é único pelas suas características, físicas e psicológicas. O meio ambiente em que um indivíduo nasce e vai crescendo influencia o seu desenvolvimento e personalidade. Como já referido, existe muitos parâmetros em que o Arquiteto pode se basear para analisar o seu Cliente, socioeconômico, cultural, pontos de interesses, religião, ética, psicologia, estética, ergonomia, entre outros. O Arquiteto não deve apresentar dois projetos iguais a dois Clientes diferentes, no caso de habitações unifamiliares encomendadas por estes, podem ter muitas semelhanças, mas nunca ser idênticas.

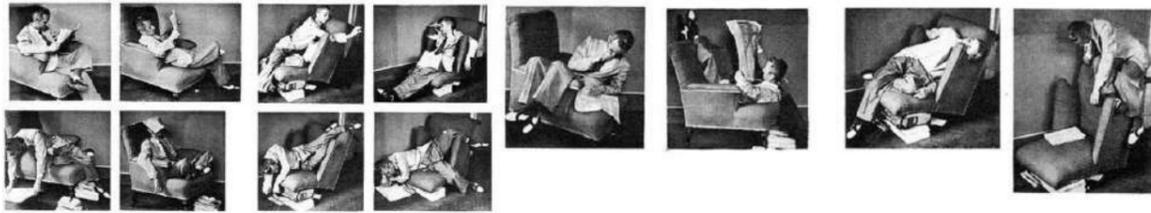


fig. 16 Bruno Munari, Búsqueda de comodidad en una butaca incómoda, 1950

## PARA QUEM É QUE O ARQUITETO CONSTRÓI?

O homem procura dar sentido e significado ao contexto que o rodeia. Constrói essa semântica com base nas suas vivências e memórias pessoais. A casa ocupa, assim um papel importante enquanto local de refúgio, da proteção e de segurança do indivíduo. Contrariamente aos animais, para quem o território é apenas limitado por um comportamento estereotipado e instintivo, o homem assinala o seu espaço de forma personalizada, conferindo-lhe significação e simbolismo individuais.

A casa pode ser perspectivada como um prolongamento do “eu” e socialmente pode representar a imagem interna de cada indivíduo. É uma espécie de carapaça que é, ao mesmo tempo, um espaço de partilha e um espaço de isolamento, de solidão, de afastamento. Assim, estabelecer uma relação entre as construções e o homem que as constrói, entre o indivíduo sujeito e o indivíduo objeto é uma questão que pode revestir-se de um desafio pessoal e profissional muito interessante.

Pensar se é o homem que define o espaço onde vive ou se é o espaço que influencia a qualidade de vida do homem, tem sido fonte de inúmeras discussões em diversos domínios que se estendem desde a arquitetura, passando pela sociologia, pela literatura e pela antropologia. Se o espaço da casa é tão importante na vida do indivíduo, a conceção de um projeto de arquitetura reveste-se de uma importância e de uma responsabilidade muito superior à que habitualmente lhe atribuímos.

Então, poder-se-á questionar se um projeto de arquitetura é capaz de ir ao encontro da necessidade do indivíduo para o qual foi concebido ou, se porventura, ele não consegue dissociar-se da visão interna pessoal e individual que cada um de nós tem do significado de casa. Será, a arquitetura capaz de satisfazer as necessidades internas, íntimas e únicas de cada pessoa? Será capaz de promover a felicidade do indivíduo?

Na construção de um espaço, o arquiteto não pode deixar de ter em consideração estes aspetos e deve trabalhar em função do que poderá tornar verdadeiramente feliz o indivíduo. Em último caso, e segundo as palavras de Marc Augé, a *“definição mínima da felicidade é a ausência de infelicidade, a trégua, a pausa”* (Augé, 2006, p. 7) e, tem-se dela consciência, na relação que se estabelece com o tempo e com os outros.

Atualmente, num mundo em constante mutação, numa revolução vertiginosa, num vai e vem de alterações sociais, económicas, políticas, familiares e pessoais, como poderemos caracterizar a sociedade? Para quem, de facto, estamos a projetar?

Seria interessante poder estabelecer-se uma qualquer ponte ou ligação entre o individual e o coletivo. Projetar para o indivíduo, mas sem esquecer o seu contexto de vida, a sua origem social ou cultural, o seu enquadramento sociológico e grupal.

Trata-se de uma visão mais sistémica ou ecológica da intervenção do arquiteto que tem em conta o indivíduo no seu habitat.

Esta questão é essencial no planeamento de um projeto de arquitetura, pois no que diz respeito às dinâmicas das famílias, às mudanças sociais que se verificam de forma constante e rápida poderão ser um indicador a ter em conta na construção de uma habitação.

Diferentes autores e variados pontos de vista abordam de uma forma interessante e reflexiva estes problemas. Ricardo Carvalho, José Adrião, Álvaro Siza Vieira, Le Corbusier, Charles & Ray Eames e Carlos Castanheira lançam pistas essenciais para que se possa pensar na relação que existe entre a casa, o indivíduo e a rápida necessidade de resposta às mudanças sociais, desafiando-nos a pensar e repensar os modelos arquitetónicos.

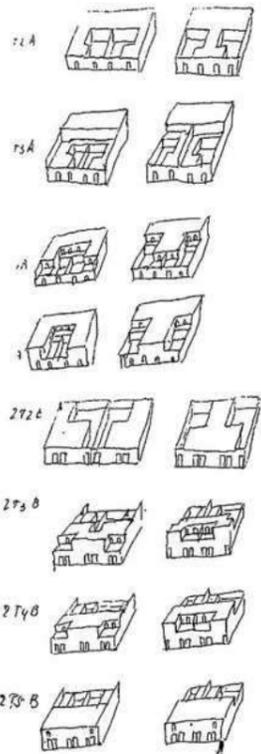


fig. 17 Esquiços para o Bairro da Malagueira, Arq. Álvaro Siza

## HABITAR A CASA

Na edição do Jornal dos Arquitetos de 2006, numa conversa com os diretores do jornal, Siza Vieira reconheceu que vivemos num mundo repleto de grandes transformações e mostrou-se preocupado com esse cenário que, possivelmente, na altura (ano de 2006), não seria tão grave quanto o é hoje, nove anos depois<sup>12</sup>.

Estes factos reforçam a ideia de que se torna fundamental que o projetista olhe para a realidade, que a apreenda, que a conheça, que a estude, que a aproprie, senão correr-se-á o risco dessa realidade só existir na sua cabeça ou não corresponder, em absoluto, ao que existe. O arquiteto dá o exemplo da evolução das casas do Bairro da Malagueira, em Évora.

*“A Malagueira começou com um grupo que fazia parte do programa do S.A.A.L., uma associação de moradores, que se transformou em cooperativa. Tratava-se de pessoas com impossibilidade absoluta de construir uma casa. Mais tarde, com a evolução dos agregados familiares, muitas das casas que tinham a tipologia T1 foram, tal como estava previsto, transformados em T3.”*

*(Jornal Arquitetos, 2006, p. 62)*

Procurando que a habitação seja o reflexo da pessoa que o habita, Siza Vieira acrescenta que a participação e o diálogo são dois métodos essenciais no desenrolar e no desenvolvimento de uma habitação doméstica. É importante construir-se de acordo com as necessidades internas do indivíduo que habita a casa, sem nunca esquecer as mutações sociais e familiares que estão a ocorrer na sociedade. O arquiteto refere que, muitas vezes, surgem desentendimentos entre o arquiteto e o cliente, mas *“(...) não há diálogo autêntico que não passe por conflito. O contrário é escamotear os desejos e o empenho das pessoas.”* (Jornal Arquitetos, 2006, p. 60)

Existe também o caso de se entregar uma obra a um arquiteto pelo seu nome. Por vezes, considera-se que esse arquiteto é tão competente que se torna intocável. Há pessoas que me pedem desculpa por darem a sua opinião. Eu digo que preciso dessa opinião porque senão faço a casa para mim!

O arquiteto termina esta ideia afirmando que, num projeto de arquitetura, a participação das pessoas é sempre um trabalho bastante criativo.

<sup>12</sup> Siza Vieira comenta a possibilidade dos agregados familiares poderem vir a reduzir-se ao ponto da célula familiar ser uma pessoa só.



Um outro exemplo curioso é a descrição que, Georges Perec (Paiva, 2002) nos apresenta dum imóvel de habitação, em Paris.

*"Nesta habitação (...) a senhora Moreau decidiu instalar a sua cozinha. O decorador Henry Fleury concebeu-lhe uma instalação de vanguarda e começou a proclamar que seria o protótipo das cozinhas do século XXI: um laboratório culinário com avanço de uma geração sobre a sua época, dotado dos aperfeiçoamentos técnicos mais sofisticados, equipado com fornos micro-ondas, placas para aquecer invisíveis, robots eletrodomésticos teledirigidos, capazes de executar programas complexos de preparação e de cozinhados (...)*

*A cozinheira da senhora Moreau, uma burguesa robusta, natural de Paray-le-Monial, que respondia pelo nome de Gertrudes, não se deixou enganar por aqueles grosseiros artificios e advertiu em seguida a sua senhora que não guisaria nada numa cozinha semelhante, na qual nada estava no seu sítio e nada funcionava como ela sabia. Reclamou uma verdadeira cozinha, com bicos a gás, uma fritadeira de ferro, um tacho de madeira e sobretudo uma despensa para por as garrafas vazias, as canastras de queijo, as caixas de fruta, os sacos de batatas, os alguidares para lavar a verdura e o cesto de arame para escorrer a salada."*

*Descrição de George Perec de um imóvel de habitação, em Paris in Paiva, 2002, p. 247*

No texto de Perec que acima transcrito, é possível analisar um conjunto de vivências, de sentimentos e de emoções que diferentes pessoas têm, aparentemente, perante o mesmo espaço físico, um imóvel habitacional, em Paris, em meados dos anos 70. Uma espécie de retrato da vida dentro do edifício, por alguém que o está a observar da rua. Assim, temos a perspetiva do decorador, da dona de casa e da empregada sobre o espaço da cozinha, que não parecem coincidir ou ajustar-se.

O decorador inovou e apresentou uma projeção moderna e sofisticada da cozinha, que, provavelmente, até terá agradado à Sr<sup>a</sup> Moreau, dona do imóvel. No entanto, a verdadeira utilizadora do espaço, a empregada, não só não gostou da ideia, como, se recusou a utilizá-la, naqueles termos.

Este tipo de reflexão permite-nos questionar da potencial relação entre situações deste género e o fenómeno da flexibilidade na habitação. Será que não corremos o risco de, ao projetar, estarmos a potencializar problemas de desajustamento ou de oposição de perspetivas? Nada nos garante que, da mesma maneira que pensamos que, hoje em dia, o micro-ondas é um utensílio essencial, aconteça que nem toda a gente concorda ou siga esse padrão.

O papel do arquiteto passará por um trabalho conjunto, um compromisso, um entendimento estratégico, certamente difícil, muitas das vezes. Existirão, provavelmente, desentendimentos entre a vontade do arquiteto que idealiza o projeto e o cliente que, frequentemente, já tem ideias pré-concebidas daquilo que quer para o seu espaço. Tal como Siza Vieira defende, a participação das pessoas é, sem dúvida, fundamental no desenvolvimento de um projeto principalmente, quando se fala em habitação, considerando a ideia que a felicidade é um bem a alcançar pelo homem (Augé, 2006) e que a casa é um prolongamento do "Eu".

Assim, ao arquiteto resta-lhe o desafio de que, quando projeta uma casa, "a casa" deve ser capaz de ir ao encontro do sujeito e de condicionar o seu modo de a habitar.

Por outro lado, construir uma organização de casa onde indivíduos possam verdadeiramente sentir o espaço como "seu", então conclui-se que é possível obter uma resposta positiva a todas as questões e assim considerar que o trabalho final foi bem sucedido. E, desta forma, "a arquitetura será, assim, uma forma de ilusionismo" (Gorjão, 2007, p. 110).

Para *Le Corbusier* uma casa deveria ser bonita e confortável, mas também lógica, funcional e eficiente, uma 'máquina de viver', como o próprio arquiteto afirmava, apta para satisfazer as necessidades dos seus ocupantes.

Com o projeto da Unidade de Marselha (1945-1952), *Le Corbusier* foi, efetivamente, o primeiro arquiteto a comprometer o tema da habitação com uma nova e dupla experimentação técnica e social.

A *Unité d'habitation* foi considerado, por muitos, o edifício mais significativo do pós-guerra. Consistia na síntese de todo o mecanismo de agregação das células habitacionais, desde a casa Dom-ino, mas aplicado a uma nova e arrojada solução habitacional. Com um piso de serviços comuns e uma cobertura com piscina e zonas de jogos, a solução baseia-se numa galeria central que faz a separação das células duplex que dão para as duas fachadas do edifício. As células, devido à sua dimensão mínima, apresentavam soluções flexíveis, no seu interior, como, por exemplo, painéis de correr entre os dois quartos e painéis entre o quarto e a banda de transição, na fachada, que ampliava um espaço aparentemente pequeno.

*Le Corbusier* não foi o primeiro a tentar e a idealizar uma investigação teórica, mas certamente contribuiu para que, muitos outros arquitetos, pudessem ser mais arrojados, no que, ao tema da habitação e da sua flexibilidade, diz respeito.

A obra *Villa Savoye*, batizada *Les Heures Claires* (As horas claras) de *Le Corbusier*, já estudada e descrita por inúmeros arquitetos e historiadores, dispensa, neste caso, cujo interesse é analisar a relação arquiteto-cliente, maior detalhe. Uma simples apresentação sobre a obra é suficiente, dada a exaustiva notoriedade. A descrição mais assertiva da obra só poderia ser a própria de *Le Corbusier*, transcrita de *Precisões de um tempo presente da Arquitetura e do Urbanismo*, texto publicado, originalmente, em 1930:

*"O Plano da casa moderna*

*Analisemos, para finalizar, essa construção que está sendo feita em Poissy, nos arredores de Paris.*

*Os visitantes, até aqui, voltam-se e tornam a voltar-se para o interior, perguntando-se como tudo isto acontece e dificilmente compreendem os motivos daquilo que vêem e sentem. Já não encontram mais nada daquilo que se convencionou denominar uma casa. Sentem-se em outra coisa inteiramente nova. E ... creio que não se entediam!*

*O local: um gramado vasto e encurvado. A vista principal dá para o Norte e, portanto, opõe-se ao sol. A frente normal da casa estaria, portanto, do lado contrário.*

*A casa é uma caixa no ar, perfurada em toda a volta, sem interrupção, por uma janela corrida. Não se hesita mais em realizar jogos arquitetônicos com cheios e vazios. A caixa se eleva no meio dos prados, dominando o pomar.*

*Sob a caixa, passando por entre os pilotis, há um caminho para os automóveis, fazendo ida e volta em forma de forquilha, cujo gancho fecha exatamente sob os pilotis, a entrada da casa, o vestíbulo, a garagem, os serviços (lavanderia, rouparia, quartos dos empregados). Os automóveis rodam debaixo da casa, estacionam ou vão embora.*

*Do interior do vestíbulo uma rampa suave conduz, sem que quase se perceba, ao primeiro andar, onde transcorre a vida do morador: recepção, quartos etc. Recebendo vista e luz do contorno regular da caixa, os diferentes cômodos reúnem-se radicalmente sobre um jardim suspenso, que ali está como um distribuidor de luz e sol.*

*É o jardim suspenso sobre o qual se abrem, com total liberdade, as paredes corrediças de vidro do salão e de vários outros cômodos: assim o sol penetra em todos os lugares, no próprio coração da casa.*

*Do jardim suspenso, a rampa, que agora é externa, conduz ao teto, ao solário.*

*Este, aliás, liga-se, por meio de três lanços de uma escada caracol, à adega escavada na terra sob os pilotis. Esta escada de caracol, órgão vertical puro, insere-se livremente na composição horizontal.*

*Para terminar, observem o corte: o ar circula por todos os lugares, a luz está em cada ponto, penetra em tudo. A circulação proporciona impressões arquitetônicas de uma diversidade que desconcerta todo visitante estrangeiro, diante das liberdades arquitetônicas propiciadas pelas técnicas modernas. As simples pilastras do andar térreo, mediante uma disposição correta, recortam a paisagem com uma regularidade que tem por efeito suprimir toda noção de "frente" ou "fundo" da casa, de "lateral" da casa.*

*A planta é pura e atende as necessidades mais precisas. Sua situação é a mais correta possível, na paisagem agreste de Poissy."*

*(Corbusier, Precisoões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo, 2004, pp. 138-139)*



fig. 18 Villa Savoy

No final do verão de 1928, o casal Pierre e Eugénie Savoye encomenda aos arquitetos em voga, Le Corbusier e Pierre Jeanneret, uma casa de campo a ser erigida em Poissy, cidade localizada a 33km de Paris. Pierre Savoye fizera fortuna rapidamente, com uma empresa seguradora. Atendendo ao pedido de sua esposa, contrata Le Corbusier para realizar seu o desejo.

O terreno adquirido por Savoye compreendia sete hectares do parque do antigo Château de Villiers, em Poissy. As premissas do projeto foram quase exclusivamente atribuídas a Eugénie. O próprio programa de necessidades foi elaborado por ela, em carta<sup>13</sup> enviada aos arquitetos. Nele, Eugénie detalhou as preferências e os desejos para a realização do projeto. Conforto moderno foi uma das principais exigências da comitente, o que significava: instalações de água fria e quente, eletricidade, aquecimento central, área de serviços condicionada aos novos aparelhos eletrodomésticos existentes e garagens suficientes para automóveis – um do marido, conduzido por motorista, o dela, conduzido por ela mesma, e para visitantes, já que a casa era de campo. Outra de suas orientações estava condicionada à possibilidade de ampliação futura da residência. No geral, o programa basicamente não fugia aos hábitos de uma família burguesa. No térreo, especificava que desejava um hall de entrada, um vestíbulo, as salas, cozinha, dormitório do filho e hóspedes, dois dormitórios de empregada - um para o zelador e outro para o motorista - depósito, adega e lavanderia, na qual seria instalada uma lavadora de roupas elétrica. No pavimento superior, o espaço reservado à intimidade do casal – um grande dormitório, com banheiro completo, e o boudoir (pequena saleta de uso feminino). Na mesma carta, Eugénie solicitava ainda que fosse elaborado o orçamento da obra, de forma bastante detalhada.

13 Transcrição de trecho da carta de Eugénie Savoye, enviada aos arquitetos, em setembro de 1928: "Monsieur, voici des principaux détail de ce que désire avoir dans la maison de campagne. D'abord, j'voudrais qu'il soit possible de l'a grandir dans quelques années sans que l'agradissement abime lamaison. J'y veux l'eau chaude et froide, le gaz, l'electricité (lumière et force) le chauffage central. Aurez-de-chaussé: 1 grande pièce de 12 m /7, 1 vestiaire, (lavabo-water), 1 cuisine, 1 office, 1 chambreà coucher 5/4, une autre chambre à coucher 4/4 séparées par une salle de bains avec water. A l'étage ma chambre 5/4 avec grand salle de bains water fermé, 1 lingerie et 1 boudoir de 15m². Service: 2 chambres de bonnes, 1 garage pour 3 voitures, 1 logement de concierge et un logement de-chauffeur, 1 débarras [...]" (Amouroux, 2011, p. 4)



fig. 19 Villa Savoye - interior

Segundo Silvia Amaral Palazzi Zakia<sup>14</sup> (Zakia, 2015), o primeiro estudo (os primeiros esboços são de outubro de 1928) apresentado satisfez aos clientes, mas o orçamento superou a estimativa de Pierre. Várias outras propostas foram elaboradas, com algumas variantes em relação ao primeiro estudo. Em abril de 1929, foi acordado o projeto final, e iniciadas as obras. Apesar do relato de Le Corbusier, classificando o casal como “abertos” às inovações e desprovidos de preconceitos, a relação entre eles não foi bem-sucedida. Le Corbusier relatava, em suas apresentações públicas do projeto da casa, que os clientes eram desprovidos de preconceitos, nem modernos, nem antiquados (segundo suas palavras, os Savoye eram: “clients dépourvus totalement d'idées préconçues: ni modernes, ni anciens” (Amouroux, 2011, p. 13). A obra foi finalizada em 1931; os efeitos da depressão econômica de 1929 provavelmente abalaram os negócios de Savoye, o que amplificou o descontentamento com as obras, que não estava restrito aos custos. Além das questões orçamentárias, vários problemas construtivos surgiram, em decorrência da incapacidade técnica da construtora Cormier, em relação aos novos procedimentos exigidos para a edificação, e do descuido dos arquitetos, diante das condicionantes microclimáticas - os ventos intensos na região. Os caixilhos de madeira das portas de correr, sem eficiente vedação, e seus grandes panos de vidro contribuíam para o resfriamento dos ambientes internos da casa. Além disso, havia os problemas de impermeabilização das lajes-terraço, que permitiam a infiltração das águas pluviais no interior dos cômodos, tornando a casa desconfortavelmente fria e húmida. As queixas do casal em relação ao desconforto térmico no interior da casa renderam uma extensa troca de correspondência entre Savoye e Le Corbusier, no período de setembro de 1936 a outubro de 1937. Eugénie e Pierre reclamavam, em diferentes cartas: “Chove dentro da casa”, “Trememos de frio”, “Banhamo-nos na umidade”. Esses fatos agravavam-se, por conta do estado de saúde do filho, que era tuberculoso. Pierre ameaçou processar judicialmente o arquiteto. Para evitar essa situação, Le Corbusier enviou, em 31 de outubro de 1937, uma carta contendo um discurso apologético sobre a importância da casa como obra de Arquitetura excepcional, mas pouco efeito teve. Para o arquiteto, a casa era modelar, era a expressão que melhor exemplificava os cinco princípios que havia definido para a Arquitetura moderna. Por conta disso, costumava levar visitantes à obra:

*“Analisemos, para finalizar, essa construção que está sendo feita em Poissy, nos arredores de Paris. Os visitantes, até aqui, voltam-se e tornam-se a voltar-se para o interior, perguntando-se como tudo isto acontece e dificilmente compreendem os motivos daquilo que vêem e sentem. Já não encontram mais nada daquilo que se convencionou denominar uma casa. Sentem-se em outra coisa inteiramente nova. E... creio que não se entediam!”*  
(Corbusier, *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*, 2004, p. 138)

As visitas à casa, entre as quais as mencionadas acima (que já aconteciam mesmo antes do final da obra), também foram objeto de reclamação de Pierre, durante o ano de 1937; segundo ele, o arquiteto não atendia às suas solicitações de reparos e, no entanto, enviava visitantes à casa.



fig. 20 Villa Savoye

Villa Savoye é uma obra de manifesto da Arquitetura moderna, explorada como excepcional experimento arquitetônico, mas que, de facto, não atendeu a sua função social, como moradia unifamiliar.

A contenda entre casal comitente e arquitetos nunca foi resolvida. A partir de 1937, somente Eugénie e o filho retornariam esporadicamente à casa, que serviu como celeiro de feno, foi ocupada pelos nazistas, depois pelos aliados e, por fim, abandonada. Em 1959, a viúva Eugénie e o filho Roger aceitaram a oferta de desapropriação do imóvel pela prefeitura local. Os Savoye, conscientes da importância da obra, alertaram Le Corbusier sobre sua provável demolição. Le Corbusier deu início a uma campanha internacional para salvar a edificação da destruição. A campanha frutifica e, em 1964, o ministro da cultura, André Malraux, decreta sua classificação como monumento histórico francês. Villa Savoye - definida pelo autor como máquina de morar, máquina a emocionar - é uma obra-prima da Arquitetura. Nela, Le Corbusier pode exemplificar sua teoria, estabelecida em 1927, sobre os cinco pontos de uma nova Arquitetura: uso de pilotis, laje-terraço, planta livre, fachada livre e janelas horizontais.

Nesta obra, ainda que o cliente fosse inclinado às vanguardas modernas, a solução, imposta de forma vertical, não foi recebida a contento. A demanda de Savoye parece ter sido um pretexto para a aplicação do ideário corbusiano dos cinco pontos de uma nova Arquitetura num projeto residencial. E sem dúvida, um projeto paradigmático. A Vila Savoye é uma obra de arte arquitetônica concebida para um casal moderno burguês. As falhas construtivas foram somente o germen dos problemas entre o comitente e o arquiteto.

Le Corbusier pertence a uma geração que acreditava no caráter preconizador e iluminador da profissão. Para o mesmo, era preciso cultivar o cliente, torná-lo capaz de exercer um juízo "adequado" à modernidade.

Le Corbusier, de forma mais assertiva e incisiva, trata a questão do aprimoramento do gosto do indivíduo como uma atribuição ou dever do arquiteto. No texto *O leite de cal, a lei da tinta esmalte*, de 1925, enfatiza essa atribuição pedagógica que cabe ao arquiteto moderno.

*"Seria importantíssimo, pois, fazer de cada indivíduo um juiz sagaz. Faz muito que se prega a cruzada da arte entre a multidão. Confusão. A arte está em toda parte na rua, que é o museu do presente e do passado.*

*Basta saber reconhecê-la e fica supérfluo querer acrescentar-lhe outra. Onde há séria falta dela é no indivíduo. É aí que essa ausência, multiplicada por milhões, cria um fato coletivo cujas consequências sociais são graves: o abandono dos lares. É ao indivíduo que se deve levar a arte e para isso é útil proporcionar um juízo ao indivíduo. Falta ao indivíduo um juízo."*

*(Corbusier, 1996, p. 189)*

Este caráter demiurgo do arquiteto moderno, de impor a sua clientela um modo de morar segundo seu arbítrio, como vimos, resultou em experiência controversa. A Villa Savoye é um marco arquitetônico. Para o casal Savoye, uma edificação que nunca foi sua moradia.

Sobre esta questão, o conto *História de um pobre homem rico*, escrito em 1900, pelo arquiteto Adolf Loos, fornece um retrato fidedigno da relação por vezes melindrosa, arquiteto-cliente. Nesta história de ficção, Loos conta ironicamente a relação entre um burguês rico e um renomado arquiteto, que ele contrata para fazer a arte na sua casa. A moradia do burguês torna-se, a partir de então, objeto de cobiça dos amigos, copiada e publicada como modelo em muitas revistas da moda. O homem fica cada vez mais feliz e honrado com o reconhecimento de seu refinamento estético. Ele passa a estudar a casa, pois tudo ali tinha seu devido lugar. Mas, com o tempo, foi cansando de tanta arte, e passando menos tempo em casa. No dia de seu aniversário, ganhou vários presentes. Chamou o arquiteto para que o orientasse sobre onde deveria dispor a bela lembrança que o filho lhe havia confeccionado na escola. Ao rececio-



fig. 21 Filme *Mon oncle*, de Jacques Tati, de 1958

nar o famoso profissional, o burguês chocou-se com sua reação de indignação. O arquiteto, de imediato, indagou sobre os chinelos que calçava. Ora, aqueles chinelos tinham-lhe sido concebidos e confeccionados sob orientação do próprio arquiteto, para serem usados exclusivamente no dormitório, nunca em outro cômodo da casa. Diante do constatado, resolveram continuar a conversa no dormitório, o local apropriado ao uso do chinelo. Lá, mais uma vez, ele retrucou como se tivesse sido insultado com a indagação do cliente a respeito do mimo que recebera do filho. Para o arquiteto, a casa estava completa, o que impossibilitava a aquisição de qualquer espécie de objeto, incluindo presentes queridos. A casa deixara de ser, para o burguês, o local do conforto material e psicológico. Era um local estranho, pobre homem!

Interessa extrair desse conto não a crítica contundente aos excessos decorativos próprios ao ecletismo do final do século 19, questão reiteradamente abordada por Loos, mas o descompasso na relação cliente-arquiteto, quando este último pretende, por meio da Arquitetura, impor um modo de viver.

Parece também pertinente destacar outro texto de Loos, "Arquitetura" (Loos, Adolfo. Architecture. In: LOOS, Adolf., 2003, pp. 95 - 117), no qual o autor defende a ideia de que a residência corresponde ao modo de vida presente de seu morador. Segundo ele, a Arquitetura residencial não poderia ser considerada obra de arte, porque a arte é revolucionária, a casa é conservadora. Enquanto a obra de arte indica à humanidade novos caminhos e pensamentos futuros, a casa considera o presente. Para ele, o ser humano ama tudo que serve ao seu conforto, portanto a casa atende a uma necessidade e deve agradar aos usuários, ao contrário da obra de arte, que não precisa agradar a ninguém. A obra de arte não responde a ninguém; a casa, a todos. O artista, segundo ele, está a seu próprio serviço, o arquiteto serve a todos da comunidade.

*"La pièce doit avoir l'air intime, la maison, l'air habitable" – O dormitório deve ser confortável, a casa parecer aconchegante.*

*(Loos, Adolfo. Architecture. In: LOOS, Adolf., 2003, p. 115)*

O Filme *Mon oncle*, de Jacques Tati, de 1958, também trata esta questão. O filme tem como cenário a Villa Arpel, objeto da paródia burlesca sobre a casa moderna. O filme foi rodado num momento histórico de eclipse do movimento moderno e de crítica à sociedade tecnológica. A relação conflituosa entre a obra moderna concebida pelo arquiteto e a experiência vivida pelos moradores é hilária e atemporal.

Neste sentido, pressupõe-se que o espaço deverá poder responder a um conjunto de motivações e, em primeiro lugar, às necessidades do homem.

Ao pensar na projeção da casa tendo em conta o sujeito e as relações que este estabelece com os outros no "seu" espaço, estamos, simultaneamente, a responder às suas necessidades, expectativas e características e a condicionar a qualidade dos seus outros relacionamentos sociais e interpessoais que ultrapassam a "fachada" desse espaço.

Existe uma vontade em equilibrar diferentes variáveis, diferentes perspectivas, para que, no final, possa existir um compromisso e um equilíbrio entre o espaço pessoal e individual e o espaço de partilha com os outros.

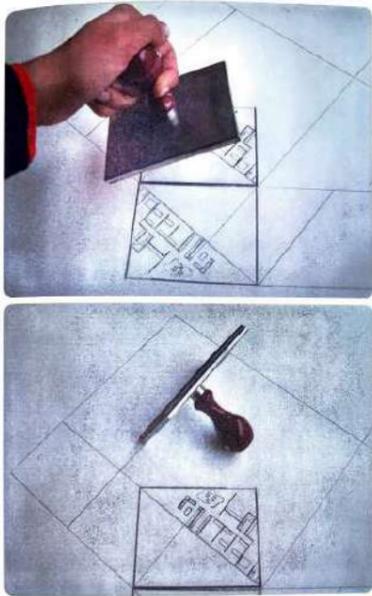


fig. 22 Casa Carimbo 2001 fig. 23 Casa do Fotógrafo, 2002

Em *Projetos Específicos para um Cliente Genérico*, Pedro Bandeira compila uma data de imagens de projeto que “não são utópicos, são fisicamente exequíveis e socialmente desejáveis”, em que assume, em entrevista com Jorge Monteiro, que os projetos ambicionam comunicar. Que não inventa nada a partir do zero, de procurar novas formas, mas de trabalhar com algo já existente: “não se propõe um ‘outro’ mundo, propõe-se ‘este’, pleno de paradoxos e contradições.”

Um dos projetos é a Casa Carimbo (2001) que parte de uma encomenda específica de uma habitação unifamiliar com um espaço aberto do tamanho exatamente igual à casa. Este projeto não avançou, mas despertou a vontade de o esboçar. Os esboços sucessivos do projeto tentam procurar no modernismo a sua compreensão. Este projeto explora na totalidade o desejo do cliente, em que o arquiteto leve ao limite o mesmo.

Outro dos projetos é a Casa do Fotógrafo (2002) em que esta casa é herdada por um fotógrafo com ambições de a transformar. Em converso com o cliente, o arquiteto entende que a transformação que mais desejava era a de mudança de lugar. O cliente não gostava da casa nem do sítio onde se inseria. Perante este desassossego, o arquiteto sentiu-se impotente, pois seria possível transformar a casa por completo, mas não era possível mudar a sua envolvente, o lugar onde se inseria. Assim, assumiu a “derrota” e optou por um artifício, criou uma superfície espelhada que ao duplicar a envolvente fez com que a casa original desaparecesse. Este espelho tem assim o mesmo efeito do espelho em máquinas reflex: desviar a realidade da fixação na película. Esta abordagem arrojada neste projeto foi de encontro ao descontentamento da localização da casa. Com esta solução seria possível que o cliente se afasta-se do pensamento negativo em relação a localização da mesma.

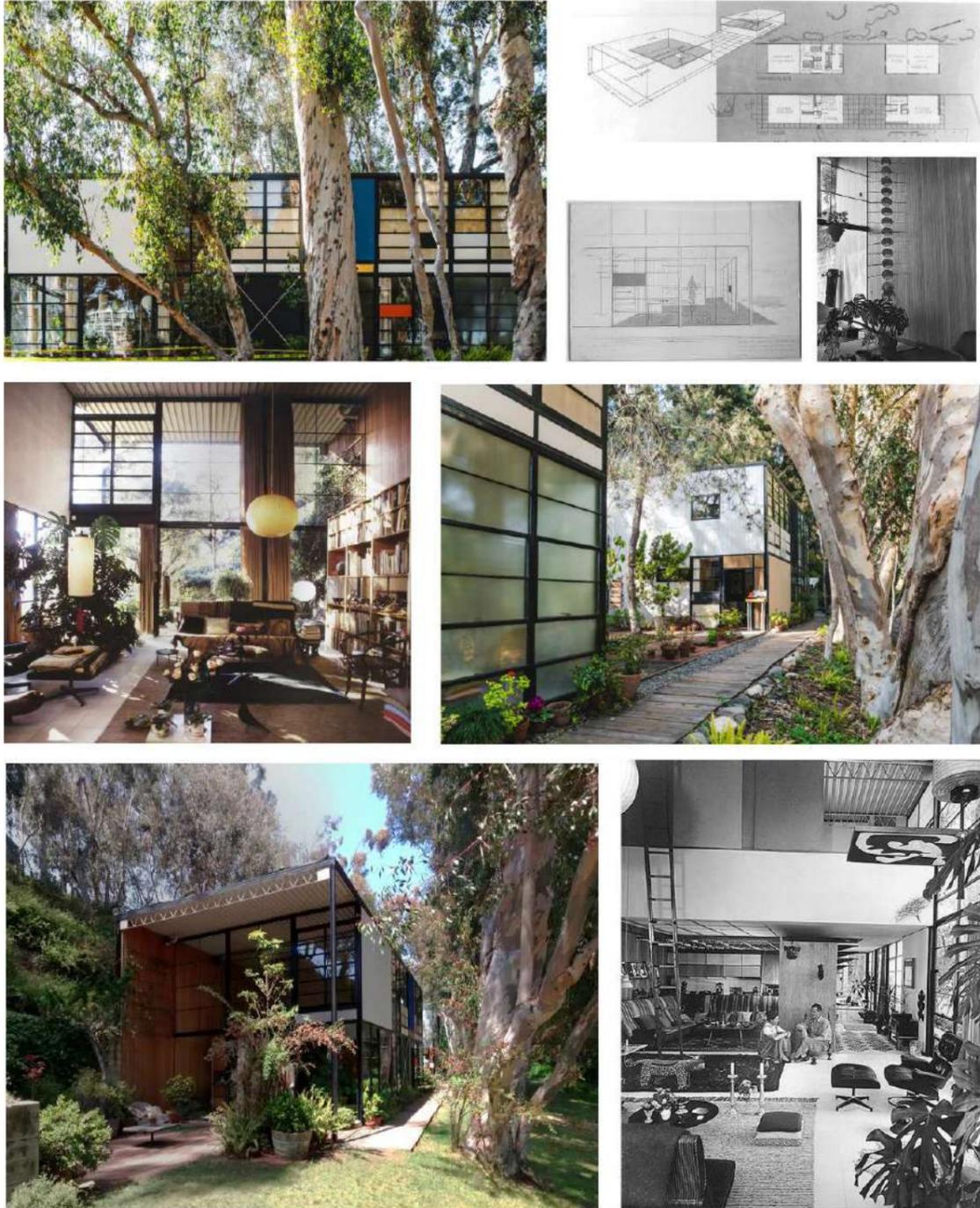


fig. 24 CSH #8 Casa Eames (1945-49), Charles and Ray Eames

O programa Case Study Houses, iniciado pela revista Arts & Architecture, em 1945 em Los Angeles, motivado por John Entenza, editor da revista, onde são concebidos 36 projeto experimentais de habitações modernas económicas e de fácil construção. O programa resume as aspirações de uma geração de arquitetos modernos ativos durante o boom de construção da América após a Segunda Guerra Mundial.

No final de 1996, muitos dos primeiros projetos não foram construídos e alguns haviam sido replicados com a função pretendida. O programa Case Study Houses teve sucesso na produção de algumas das obras mais importantes do período da arquitetura residencial. Hoje, continuam a ter grande relevância e influência na cultura da arquitetura, não apenas em Los Angeles, mas também nacional e internacionalmente.

Usando a revista como um veículo, o objetivo de Entenza era permitir que os arquitetos projetassem e construíssem casas modernas de baixo custo para clientes reais, usando materiais doados pela indústria e manufaturas, e publicassem e divulgassem amplamente o seu trabalho. O programa teve bastante adesão de vários arquitetos a nível internacional, como Richard Neutra, Charles and Ray Eames, Eero Saarinen, Craig Ellwood, and Pierre Koenig.

Num primeiro momento do programa, o próprio Entenza foi o cliente para uma casa projetada por Charles Eames e Eero Saarinen, quanto Charles e Ray Eames foram os próprios clientes das suas próprias casas. Das casas mais conhecidas do programa são as casas em aço e vidro de Charles e Ray Eames (CSH #8, Eames House (1945-49) e CSH #9, Entenza House (1945-49).

Estas duas casas estavam destinadas a ser implantadas no mesmo terreno, de modo a ser usado de forma comum, mas cada casa foi orientada de forma a ter total privacidade dentro das suas próprias necessidades de interior/exterior. Ambas empregavam estruturas em aço e planos cobertos para refletir um estilo de vida mais casual, de conforto e funcionalidade, comum naquela época, e de encontro ao objetivo do programa, através da construção em aço e vidro, de baixo custo.

*“O que é uma casa?” perguntou Eames. Ele logo respondeu à sua própria pergunta com um desenho que capturou as novas maneiras que as pessoas usavam e viviam na casa contemporânea: ouvir música, assistir filmes, divertir-se e relaxar.” (Dejtiar, 2021)*

A Casa Eames foi, inicialmente, desenhada em dupla com Charles Eames e Eero Saarinen, que posteriormente, em processo de construção foi substancialmente modificada por Ray Eames, artista e designer, com o objetivo de maximizar espacialmente a casa. A casa consiste em dois pavilhões adjacentes com pé direito duplo, um pavilhão para habitação e outro para um atelier/oficina. Este projeto demonstra as várias possibilidades de métodos e materiais de construção de acordo com um sistema modular. O caráter retilíneo e a assertividade estrutural do edifício são aprimorados pelo uso de uma variedade de texturas, cores e materiais orquestrados por Ray Eames, esposa de Charles. Este projeto é o reflexo altamente pessoal da coexistência perfeita de trabalho e lazer, característica do estilo de vida único deste casal.

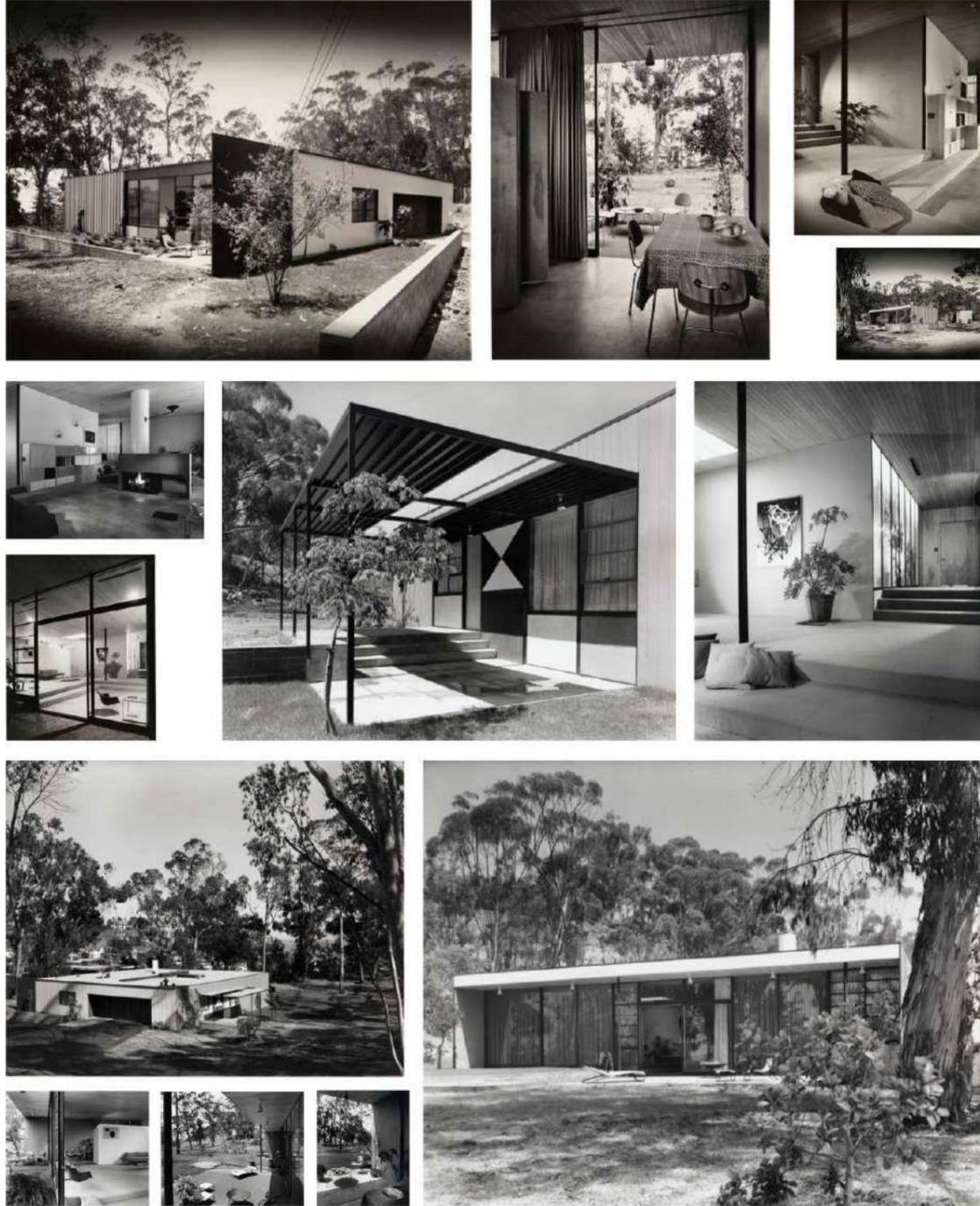


fig. 25 CSH #9 Casa Entenza (1945-49), Charles Eames and Eero Saarinen

Segundo Case Study Houses - The Complete CSH Program 1945-1966<sup>15</sup>, esta solução procede de uma tentativa de utilização do espaço com relação direta entre as necessidades pessoais e profissionais dos indivíduos, na medida em que aqui se origina a maior parte do trabalho ou se prepara o mesmo. Esta casa deve funcionar como parte integrante do padrão de vida dos ocupantes e, portanto, serão completamente “usadas” num sentido muito completo e real. Neste caso, “a casa” é o centro das atividades produtivas.

Assim, para o casal, ambos ocupados profissionalmente e socialmente, faz com que na sua vivência não haja uma grande separação dos dois mundos, e querendo enfatizar isso, existe a necessidade dos moradores estarem em constante relação com a envolvente. Arquiteticamente, a casa foi pensada de modo a ser independente do solo, desenvolvendo-se em suspenso através de áreas de terraço que permitiam um olhar direto para o mar, a qualquer momento, em qualquer zona da casa. De modo a que, tanto a trabalhar ou em lazer, no quarto ou no atelier, possam ter essa relação direta com a paisagem.

Outro fator interessante, foi a atenção dada aos espaços de armazenamento como os armários e estantes. Como mostra no filme “House, after five years of living”, realizado por Eames em 1955, os pertences pessoais do casal e o local onde são expostos desempenham um papel importante na humanização do espaço. Esta montagem cinematográfica enfoca flores, conchas do mar, obras de arte, tecidos – objetos naturais e artefatos que enfatizam materiais orgânicos, texturas e vestígios de uso individual que “aquecem” o espaço íntimo, doméstico e tátil, que contrasta com a percepção da estrutura pré-fabricada que se apresenta de uma forma “fria”. Este filme concentra-se na coleção circulante de lembranças e detalhes dos armários, escondendo a estrutura, em vez de relações espaciais. Talvez ainda mais significativo seja o modo como o casal Eames explorou a capacidade paradoxal da fotografia estática de captura a transitoriedade. Além das texturas, buscavam sombras o jogo temporário de luz pelas folhas e reflexos no vidro polido. O que o filme com os seus encantos deixa estranhamente obscuro é a estrutura da própria casa.

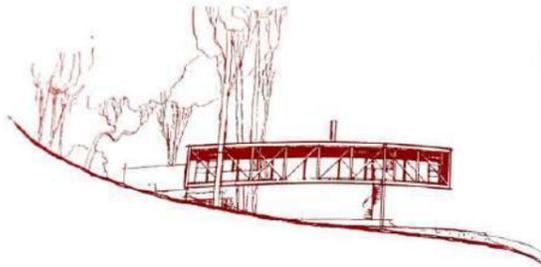
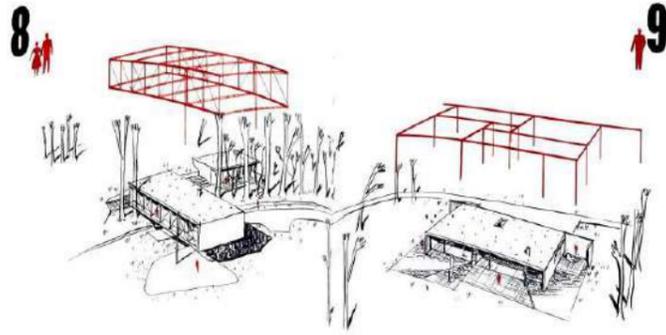
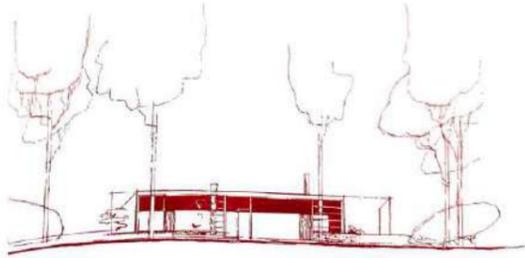


fig. 26 CSH #8 vs CSH #9

A Casa Entenza, a nona dos Case Study Houses, foi pensada no oposto. Esta incorpora-se no terreno, de modo a integrar-se no lugar, fazendo a envolvente participar na própria habitação. Tendo também uma vista para o mar, mas de um outro ponto, mais integrado na paisagem, desobstruída pela natureza, através das árvores.

Esta casa, localizada no mesmo terreno que a Casa Eames, mas para John Entenza, que compartilhava certas semelhanças na rotina de dia-a-dia com o casal, mas na maioria apresentava um conjunto de preocupações completamente diferentes. Na verdade, a casa foi considerada como "gémea construtiva, mas oposta arquitetonicamente" (Smith, Shulman, & Goessel, p. 152). Entenza pretendia muito pouco espaço privado, preferindo, em vez disso, um amplo espaço para entretenimento, com uma boa área para estar, relacionada com o exterior, permitindo fluidez no mesmo. Apesar do método construtivo ser o mesmo que a Casa Eames, esta assenta noutro pensamento arquitetónico, que se revê no pedido por Entenza. A característica dominante da casa, que revela esse pedido, é a sua vasta sala de estar em plano aberto. Quase metade da casa é dedicada a esta sala, com a intenção de criar um espaço de reunião público versátil que poderia receber uma festa de quase quarenta pessoas, ou uma reunião de apenas meia dúzia. Uma grande lareira divide a sala num espaço amplo e ininterrupto e mais íntimo, proporcionando acomodação de vários grupos. Esta capacidade de acolher um número variável de convidados foi o principal fator por trás do projeto da casa, graças aos requisitos de Entenza. Além da sala de estar, a casa é composta por uma sala de jantar, dois quartos, duas casas de banho, uma cozinha e um escritório. Este também foi especificamente solicitado pelo editor da revista, para ser totalmente fechado, sem janelas para não atrair distrações do mundo exterior.

Orientada sobre o prado, voltada para o mar, incorpora o terreno como parte do esquema habitacional, dependendo desta relação para uma extensão da sua sensação de espaço e estabelecendo uma associação íntima com o seu ambiente natural, esta recorre vista entre as árvores antigas até o Pacífico.

É difícil não fazer comparações entre as Casas Eames e Entenza, pois ambas são tão próximas, que é inevitável. Além da tipologia estrutural compartilhada, as duas casas adotam abordagens diferentes, como já falado anteriormente. A Eames House é, acima de tudo, uma celebração da estrutura: exibida por todo o edifício. Em contraste subtil, a Entenza House quase não se faz referência ao seu sistema estrutural. A maior parte da estrutura fica oculta, fazendo com que a tensão se concentre no espaço e nas vistas, e não no próprio edifício. A influência de Saarinen foi responsável por esta forma mais arquitetónica, distinguindo o esforço colaborativo do trabalho independente de Eames em sua própria casa.



O Arquiteto Carlos Castanheira, numa entrevista para o Podcast Arquitetura Entre Vistas, diz que a primeira pedra de um projeto é conhecer os clientes e o local, que por vezes surgem ao mesmo tempo. Para o arquiteto este é um ponto fundamental e ao mesmo tempo é um gosto, pois é interessante pôr-se no papel de cliente e compreende-los.

*“quem irá viver aquele espaço, a necessidade de saber como é que as pessoas pretendem os espaços: se são espaços grandes, ou uma coisa muito pequena, se querem muitos espaços, é fundamental para se poder começar”*

*(Castanheira, 2021)*

Para Carlos Castanheira, faz parte do seu processo, “vestir o casaco” dos seus clientes para tentar perceber como é que pretendem viver o espaço, mas que de algum este processo acaba por ser natural, pois só faz projetos por encomenda e neste sentido o cliente vem ao seu encontro, pois precisam de auxílio técnico para o seu projeto, mas que de algum modo, se o procuram, também procuram a sua identidade.

Na sua vasta experiência de encomendas, a arquiteto encontra dois tipos de clientes, os clientes que sabem o que querem, mas que querem que o arquiteto tenha o seu papel como técnico e à outros que não sabem bem o que querem e também querem que o arquiteto faça o seu trabalho. De um modo geral, é necessário enquanto arquiteto, ter a capacidade de ter uma linguagem universal para que todos os clientes compreendam o projeto, pois a título de exemplo, o arquiteto explica que já teve clientes em que apresentou o projeto em maquete, desenhos, imagens e o próprio cliente só compreendeu o projeto quando o viu construído. Mas esta premissa da linguagem comum para clientes é algo que difere para cada um, pois também já teve clientes que só desenhos compreenderam na perfeição o projeto. Assim conclui que o arquiteto é que tem a função de se adaptar ao cliente.

*“os sítios não são os mesmos, as pessoas não são as mesmas, nós próprios também não somos os mesmos, com o passar dos anos somos diferentes, temos atitudes diferentes, e temos conhecimentos diferentes. Há que ter uma atitude profissional, correta, e tentar fazer aquilo que as pessoas pretendem”*

Este capítulo é iniciado com uma pergunta pertinente para a investigação, 'o que é um arquiteto?', de modo a compreender o seu papel na sociedade. O arquiteto por meio de um conjunto de princípios, normas e técnicas, concebe, desenvolve e organiza espaços para pessoas, o que faz com que tenha de lidar com sonhos, emoções e desejos, que acabam por ser fruto de necessidades, experiências, ambições e fantasias das pessoas que irão habitar ou utilizar esses espaços projetados por eles.

Esta relação entre o arquiteto e o cliente é uma das premissas analisadas neste capítulo. Um sem outro não seria possível existir a profissão de arquiteto como também o cliente não conseguiria viver sem um arquiteto, qualquer espaço que habitemos, seja uma casa, um café, um museu ou até mesmo um estádio, o arquiteto tem um papel fundamental. É o arquiteto que interpreta os desejos do cliente, logo esta relação entre ambos permite que cada projeto seja único devido ao facto de que cada cliente também o é.

Com esta premissa remete-nos para a vivência do espaço que cada cliente pode ter – o habitar a casa. Enquanto projetista é necessário olhar para a realidade do cliente, compreendê-la, estudá-la de modo que o projeto corresponda à realidade vivida do cliente. Este é um dos fatores fundamentais que o Arquiteto Siza Vieira procura nos seus projetos.

Le Corbusier na Villa Savoye acolheu a mesma premissa que Siza Vieira, compreendeu exatamente o que o casal Pierre e Eugénie Savoye pretendiam, mas a relação entre o arquiteto e os clientes não foi a melhor. Enquanto o projeto não foi para obra, o casal ficou satisfeito com o projetado, quando da obra o casal não ficou tão agradado. Devido à incapacidade da construtora e do descuido do arquiteto, o edifício começou a ter bastantes problemas que levaram a queixas do casal e à sua insatisfação do projeto. Extensa troca de correspondência entre Pierre e Corbusier relatavam o seu descontentamento, o arquiteto para tentar acalmar a sua insatisfação do casal escreve-lhe uma carta com um discurso apologético sobre a importância da casa como uma obra de Arquitetura excepcional, mas pouco efeito teve. Segundo Pierre, o arquiteto não atendia às suas solicitações de reparos, mas enviava visitas constantes à casa. Esta contenta nunca foi resolvida, até que a casa ficara abandonada tornando-se edificação classificada como monumento histórico francês, permitindo que a casa não fosse demolida. Le Corbusier pertencia a uma geração que acreditava no caráter preconizador e iluminador da profissão. Para o mesmo, era preciso cultivar o cliente, torná-lo capaz de exercer um juízo "adequado" à modernidade.

O programa Case Study Houses, motivado por John Entenza, tinha como objetivo projetar e construir casas modernas de baixo custo para clientes reais, usando materiais doados e publicar as casas de modo a divulgar amplamente o trabalho, tanto dos arquitetos como das construtoras. Este programa teve bastante adesão, mas nem todas as casas foram construídas. No primeiro momento do programa o próprio Entenza foi o cliente para uma casa projetada por Charles Eames e Eero Saarinen, quanto Charles e Ray Eames foram também os próprios clientes das suas próprias casas. Ambas as casas implantam-se no mesmo terreno mas de modo a ter total privacidade, também as duas empregavam estruturas em aço e vidro, devido ao baixo custo que teriam de ter em conta. A Casa Eames foi inicialmente projetada pela dupla Charles e Eero, e posteriormente foi modificada por Ray, artista e designer, esposa de Charles. Este projeto é o reflexo altamente pessoal deste casal – coexistência perfeita de trabalho e lazer, não existe separação destes dois mundos, e querendo enfatizar isso, existe uma forte relação do interior da casa com a envolvente. A Casa Entenza, foi pensada exatamente no oposto da Casa Eames, esta foi considerada "gémea construtiva, mas oposta arquitetonicamente", pois as premissas de Entenza seria completamente diferentes do casal. Entenza pretendia um espaço amplo e espaçoso para entretenimento, com uma boa área de estar com uma forte relação com exterior para desfrutar, com a intenção de receber pessoas. Estas diferenças espaciais entre as duas casas, leva a bordagens diferentes: a Casa Eames é como se de uma celebração da

estrutura se tratasse, é exibida por todo o edifício, em contraste a Casa Entenza quase não se faz notar o sistema estrutural, a maior parte da estrutura fica oculta. A influencia de Saarinen foi responsável por esta forma mais arquitetônica, distinguindo a colaboração do seu trabalho independente de Eames em sua própria casa.

Assim fez-se uma viagem a vários projetos e a histórias relacionadas com os mesmos procurando compreender a relação de arquiteto-cliente e vários contextos de encomendas, concluindo que compreender, analisar e estudar cliente é bastante importante, aliado a uma vontade de conceber projeto e tornar única a experiencia do espaço são alicerces que têm que andar de mãos dadas.





# **PROCESSO DE PROJETO ARQUITETÓNICO REFORMULADO**





Através desta análise, propõe-se um exercício de interpretação do enunciado proposto na cadeira de Projeto VI, e a reformulação do mesmo, de modo a que o perfil desenhado dos três amigos passe a ser real, ou seja, que o projeto académico passe a ser observado numa perspetiva real, com todos os alicerces de um contexto real, com clientes reais.

Na terceira parte, é elaborado o projeto de arquitetura, reformulado do projeto registado e documentado na primeira parte, com especial atenção à relação entre o arquiteto e o cliente, considerando os caminhos que levam aos acertos, ou aos desvios, é realizada aqui através de estudos de caso múltiplos, com as respetivas coletas de dados contemporâneos de múltiplas fontes de evidência, aliado à revisão bibliográfica.

Neste capítulo expõe-se o processo do projeto realizado no ano 2014/2015 em Projeto VI. Este registo trata uma breve descrição do processo realizado num semestre, sobre uma abordagem ao tema da interação arquitetónica e a estrutura do núcleo urbano, intitulado "Habitar Évora, três casas em três lugares da cidade". O exercício lançado pelos docentes consistia na escolha de um lugar dos três sugeridos pelos mesmo e na proposta de três casas para três amigos. Após a escolha estratégica do lugar, foi necessário um estudo do lugar tendo em conta todas as premissas essenciais, onde a matéria e a forma sempre foram temas presentes na conceção do projeto.





fig. 28 Colgaem sobre fotografia de maquete do Projeto VI, ano 2014/2015

## **“Reabilitação de uma moradia e de um muro”: Projeto VI**

O exercício proposto em Projeto VI, coloca várias problemáticas comuns, de uma forma geral, cada projeto apresenta uma especificidade e abre várias hipóteses e reflexões para um mesmo problema.

No letivo de 2014/2015, em resposta ao enunciado ‘Habitar Évora, três casas em três lugares da cidade’, é escolhido o vazio urbano mais central da cidade, na Rua Vasco da Gama, devido a sua localização e também à inquietude que esse mesmo lugar apresenta, o facto de serem três vazios num só. A relação entre os três pátios, que se separam por um muro de apenas trinta centímetros de espessura foi mote para a projeção de uma hipótese de resolver uma problemática.

Tendo por base a habitação de três casa para três clientes, a ideia seria perceber como intervir naquele lugar, em que a vivência dos pátios é o que torna aquele lugar tão único. Como conceito, estes seriam os pontos fortes a manter e encaixar a proposta das três casas sem alterar estas vivências. Assim procurou-se perceber a envolvente dos pátios. Ao observar as fachadas que os rodeiam, analisou-se que existia uma fachada cega, junto ao muro que separa os pátios.

Como decisão primordial seria que as casas tomassem partido destes vazios e não o ocupassem totalmente. Com uma fachada cega, sem qualquer tipo de relação com os pátios, a primeira decisão prendeu-se com a reabilitação dessa fachada e do muro para que haja uma relação entre os três pátios, de modo a criar um só - reabilitação de uma moradia e de um muro.

"Reabilitação de uma moradia e de um muro"



Porta D. Isabel

Travessa das Casas Pintadas

Rua D. Isabel

Largo Alexandre Herculano

Rua Vasco da Gama

Praça do Giraldo

○ Implantação e acessos | Évora





Empena e acesso da proposta

Acesso ao pátio

Acesso principal ao local

Pátio da Casa na Rua D. Isabel

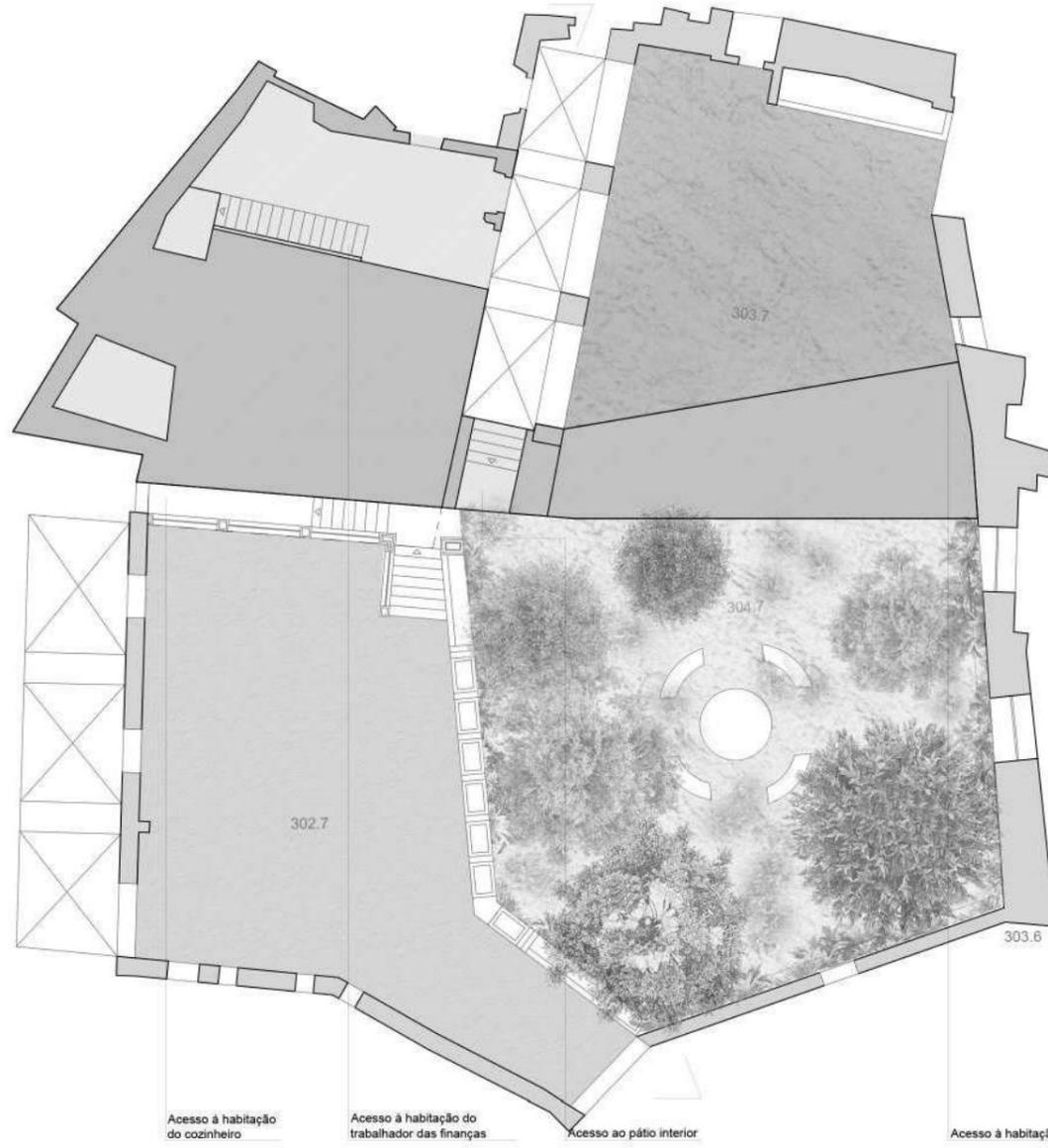
Plano de habitação do existente | Escala 1/500



Alçado Rua Vasco da Gama | Escala 1/500

fig. 29 Painel 1 do projeto desenvolvido em Projeto VI, em 2014/2015

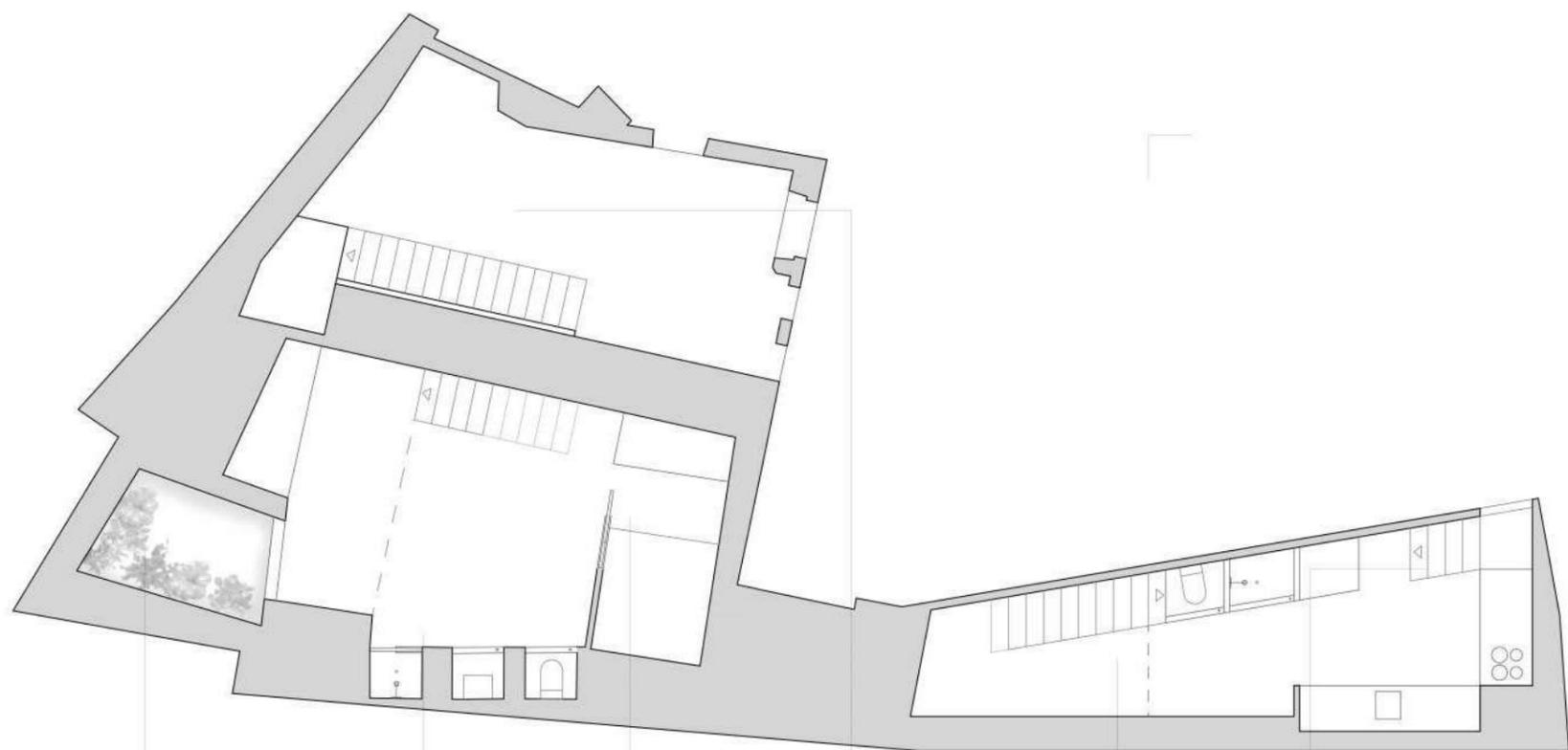
"Reabilitação de uma moradia e de um muro"



96



Corte A - A' | Escala 1/100



Saguão existente com plantação

Zona de Sanitários

Quarto do Cozinheiro

Acesso à habitação do Trabalhador das Finanças

Cozinha e sala de estar do Músico

Acesso à habitação do Músico

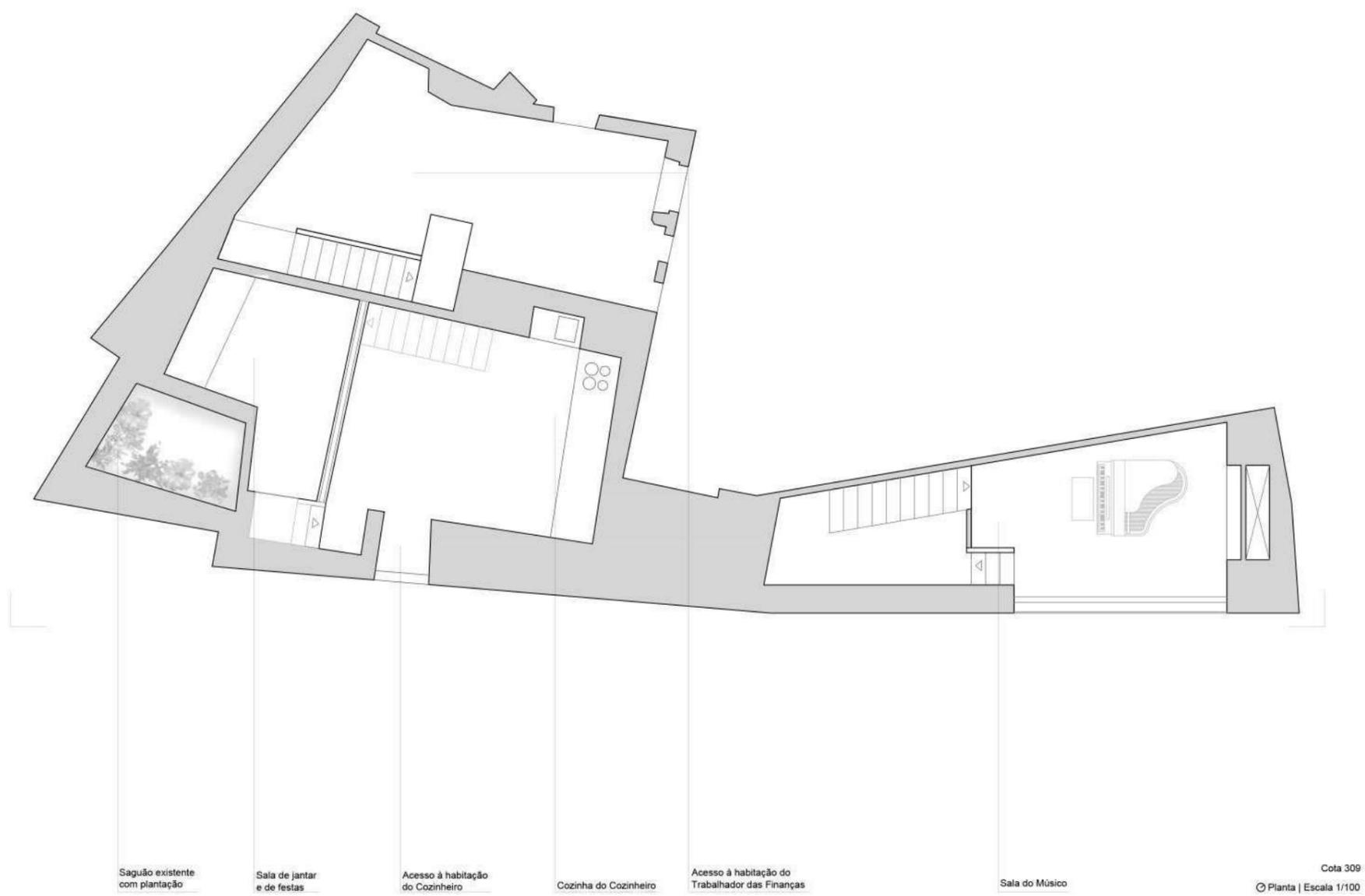
Cota 304  
 Planta | Escala 1/100



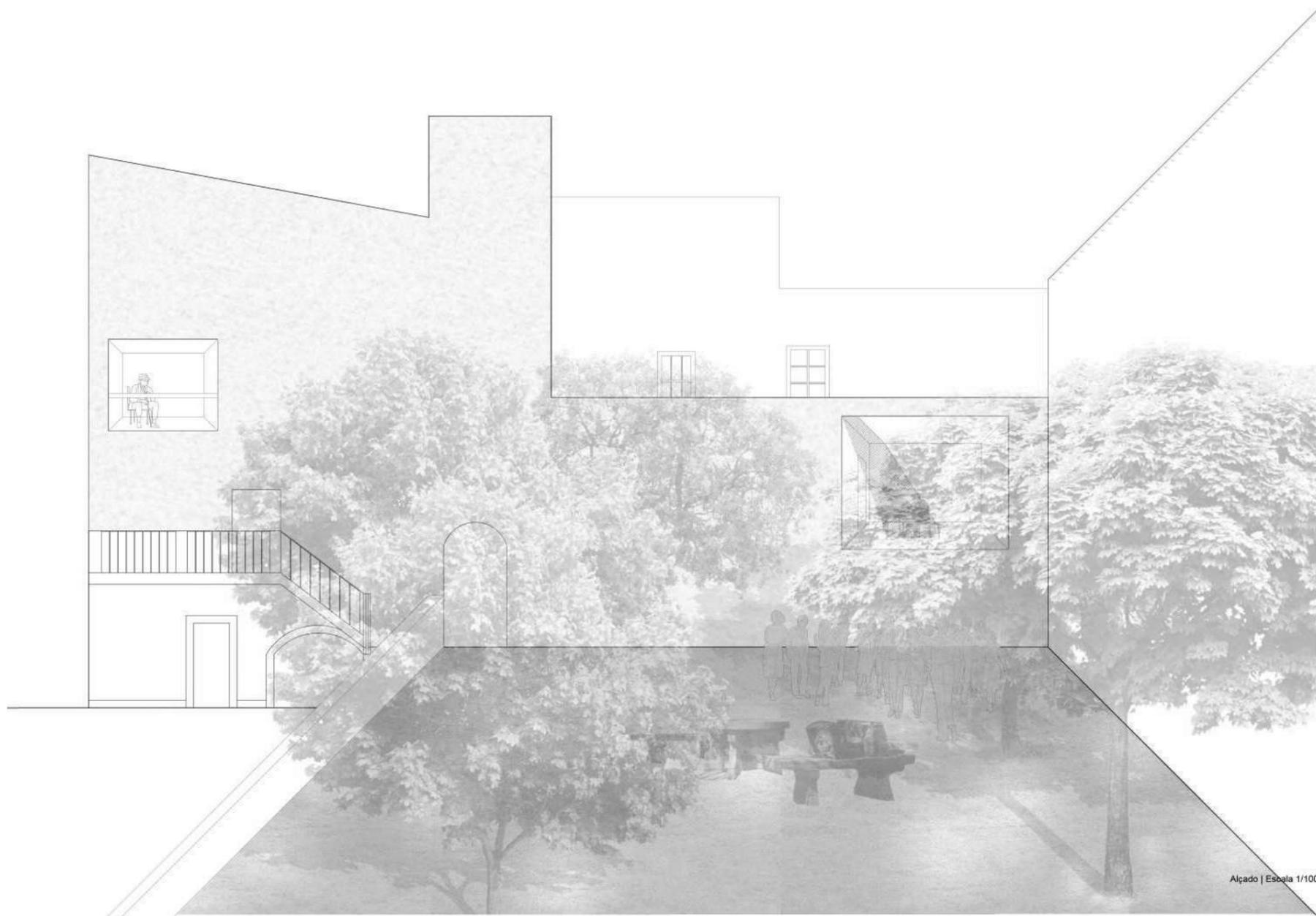
Corte B - B' | Escala 1/100

fig. 30 Painel 2 do projeto desenvolvido em Projeto VI, em 2014/2015

"Reabilitação de uma moradia e de um muro"



98



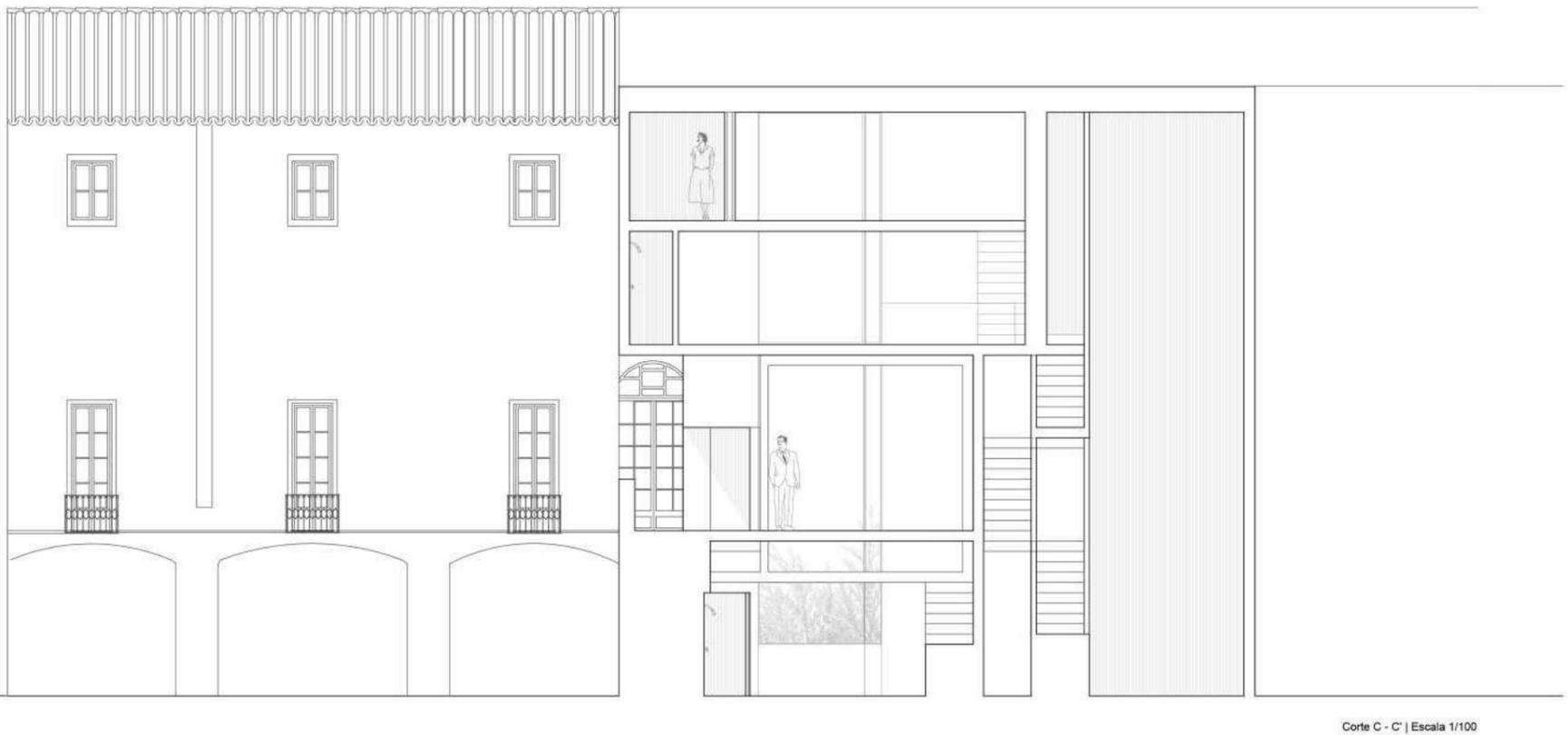
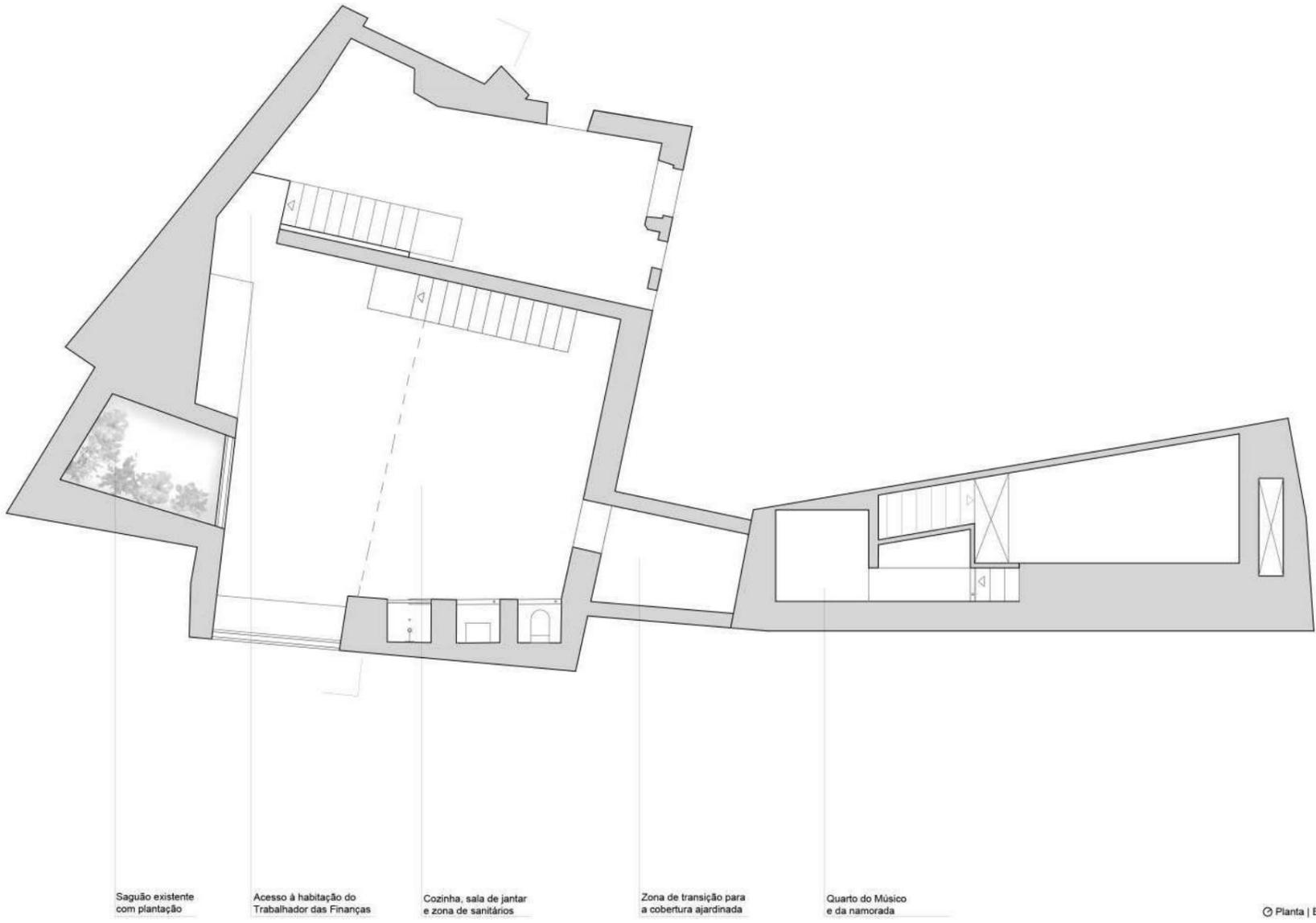
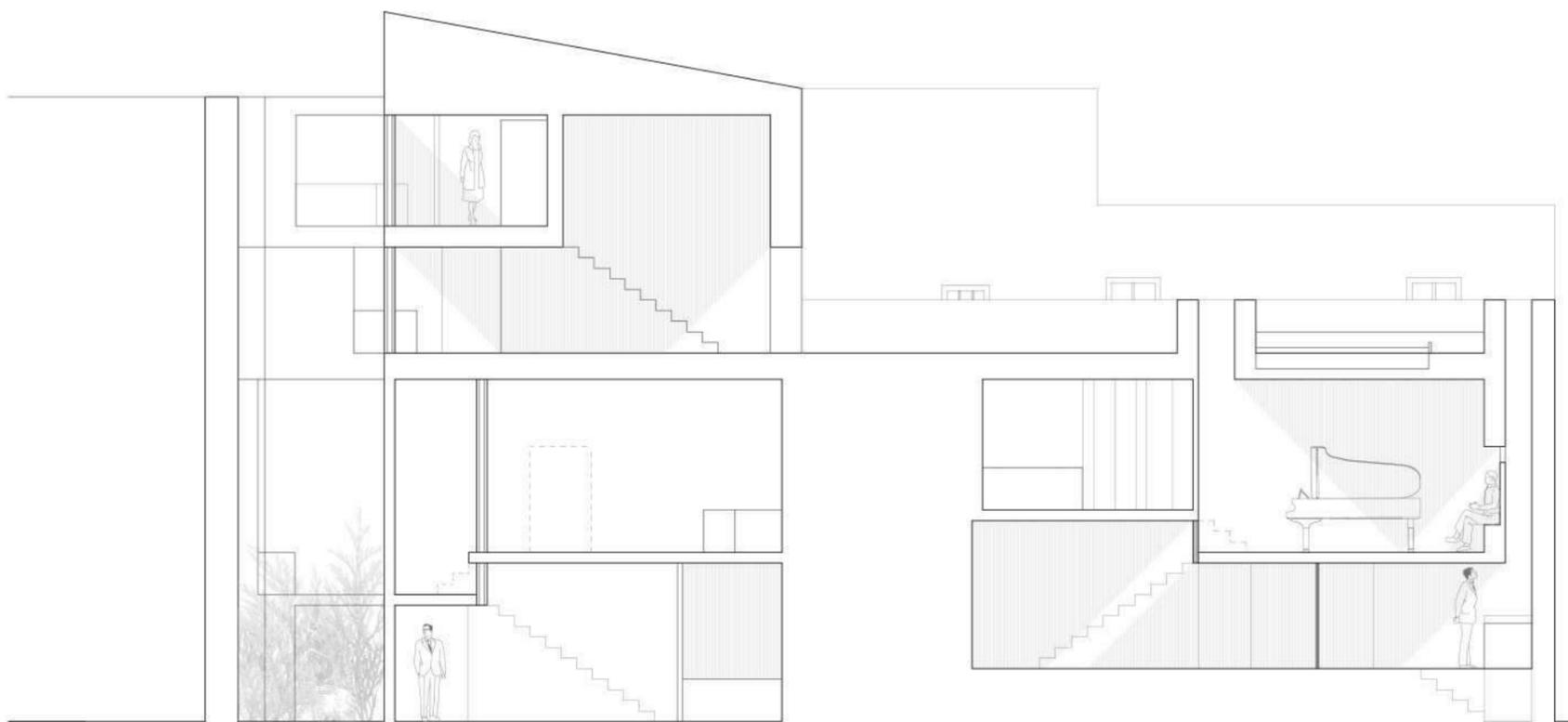
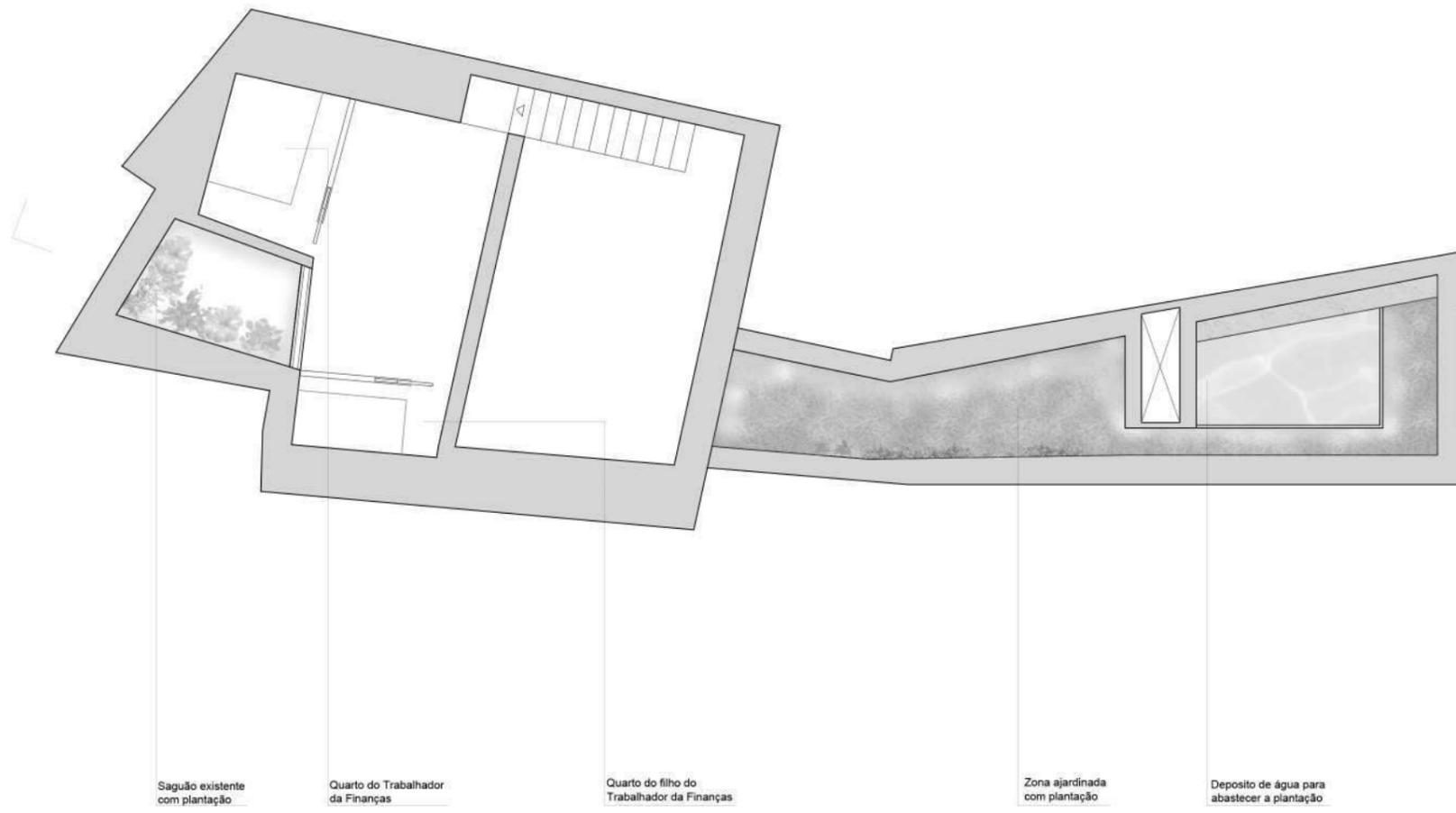


fig. 31 Painel 3 do projeto desenvolvido em Projeto VI, em 2014/2015

"Reabilitação de uma moradia e de um muro"





Cota 320  
Planta | Escala 1/100

Corte D - D' | Escala 1/100

Corte e Colagem | Escala 1/20

fig. 32 Pannel 4do projeto desenvolvido em Projeto VI, em 2014/2015

Gestor



- intimista
- privado
- gosta de literatura

Cozinheiro



- forte relação com exterior
- natureza
- convívio

Músico



- rua = estúdio
- precisa de pessoas
- não trabalha em casa

fig. 33 Esquema interpretativo dos novos clientes

## OS NOVOS CLIENTES

Em Projeto VI (2014/2015), o enunciado continha os perfis hipotéticos dos clientes, idealizados pelos discentes, como guia para a elaboração do projeto. Em continuidade do exercício, refletiu-se sobre os mesmos, de modo a tomarem-se reais, dando um carácter real ao exercício, mais próximo da verdade de um arquiteto.

Assim, em busca de clientes reais, o Cozinheiro, o Músico e o Funcionário das Finanças, ganharam nome, idade, características, etc... - vida - reais. Passando a ser o Cozinheiro, um homem na faixa etária dos trinta anos que vive com uma namorada e dois cães. De nacionalidade Italiana, mas que se apaixonou completamente por Évora e pela sua namorada. Anda sempre com uma grande mochila às costas, cheia de memórias das suas viagens que fez ao longo dos anos, pois é um dos seus passatempos favoritos. A sua formação académica foi em Teatro, mas rapidamente percebeu que a cozinha, que começou por ser apenas um trabalho, ganhou mais importância na sua vida. Nesta descoberta de profissão, viajou muito, adquiriu muito conhecimento com outras pessoas, o que fez com que começasse a ver a sua vida de maneira diferente, a dar importância aos pequenos pormenores da vida como a Luz que entra todos os dias na janela pela manhã, ao tempo que passa rápido e precisa de ser aproveitado, às paisagens que o rodeiam, às pessoas que com ele procuram a simplicidade e leveza. Em casa, devido à profissão, ambos dizem que gostavam de passar lá mais tempo mas não é possível, pois à cerca de dois anos abriram o seu negócio de restauração juntos. Mas do tempo que lhes resta, é passado com os seus cães e no exterior, pois algo que lhes conforta é a relação que têm com a natureza e que sem dúvida não abedecam.

O Músico, que segundo o enunciado tocava piano, passou a ser um músico de rua, ou seja que toca guitarra na rua. Um homem que tem entre os cinquenta e sessenta anos de idade e que vive com a sua mulher. A sua profissão é músico de cordofones. O seu palco é a ruas de Évora. Em complemento, dá aulas de guitarra ao domicílio. Mas nem sempre foi músico, começou por trabalhar num escritório de uma oficina, e como passatempo tocava guitarra com algumas bandas. Esse sempre foi o seu sonho, tocar com uma banda a tempo inteiro. Essa oportunidade surgiu e acabou por ser a sua profissão a tempo inteiro. Foi convidado para vários projetos, aceitou sempre todos os convites, mas nunca se sentiu totalmente realizado. Começou a tocar na rua para sair da sua zona de conforto, para compor outro tipo de música da qual já estava familiarizado. E aí percebeu que a rua era o seu melhor laboratório, é onde se sente em casa, profissionalmente. Assim que chega a casa, a música fica lá fora. Com a mudança do seu laboratório experimental para a rua, tudo na sua vida fluiu melhor. A relação que o músico cria com as pessoas quando toca na rua é impossível criar quando está num estúdio em casa ou noutra sítio qualquer - "um músico precisa de pessoas". Para o músico, a casa é simplesmente o lugar para fazer o essencial do quotidiano, pernoitar, alimentar-se e higiene.

Por fim, o Funcionário das Finanças passou a ser um Gestor Bancário, dos seus trinta e poucos anos, com uma mulher e um filho de três anos. Família é sua palavra de ordem, pois é dos seus pilares de vida e tudo é gerido em função do filho, que ainda é pequenino. Um dos seus passatempos favoritos é ler e escrever, adora fazê-lo em casa, sofa enquanto o filho brinca junto dele. Este casal, maior parte dos dias leve trabalho para casa, ou seja o teletrabalho está presente no seu dia-a-dia. Sendo que a logística com filho de três anos, nem sempre é fácil.



**GESTOR**



**COZINHEIRO**



**MÚSICO**

Ambos são metódicos, organizados, arrumados e rotineiros. A sua mulher passa maior parte do seu tempo a cozinhar, ele a ler e a escrever no sofá ou a correr, outros dos seus passatempos favoritos. Esta família salvaguarda a privacidade, gostam de estar em espaços sossegados, mais privados, pouco expostos. Mas, em contrapartida, um espaço exterior é um ponto fundamental a ter numa casa, para que possam ter um momento para respirar e relaxar.

A escolha dos novos cliente foi aleatória, apenas foi analisado as suas profissões como fator comum entre o enunciado e a escolha dos mesmos, de modo a que existisse uma coerência para dar continuidade ao enunciado.

Após a escolha, foram elaboradas entrevistas<sup>16</sup>, com base no conhecimento adquirido no capítulo anterior, com questões pertinentes para conhecer os clientes e poder relizar “uma casa à medida” para cada um destes novos clientes reais.

Durante as entrevistas, foram elaborados esquemas para auxílio e reflexão sobre pontos que se destacaram ao longo da conversa (fig.x). Cada entrevista a cada cliente foi diferente, tanto devido às suas personalidades, como aos lugares em que a mesma foi realizada. Cada cliente escolheu o lugar em que queria ser entrevistado, de modo a que se sentissem confortáveis à vontade. Sendo que o guia da entrevista foi o mesmo para todos, por vezes foi necessário adaptar a cada personalidade.

Em resumo, estas entrevistas tiveram como objetivo desenhar o perfil de cada cliente, como no enunciado do exercício, para que a partir deste ponto se pudesse iniciar o projeto arquitetónico reformulado, com clientes reais.

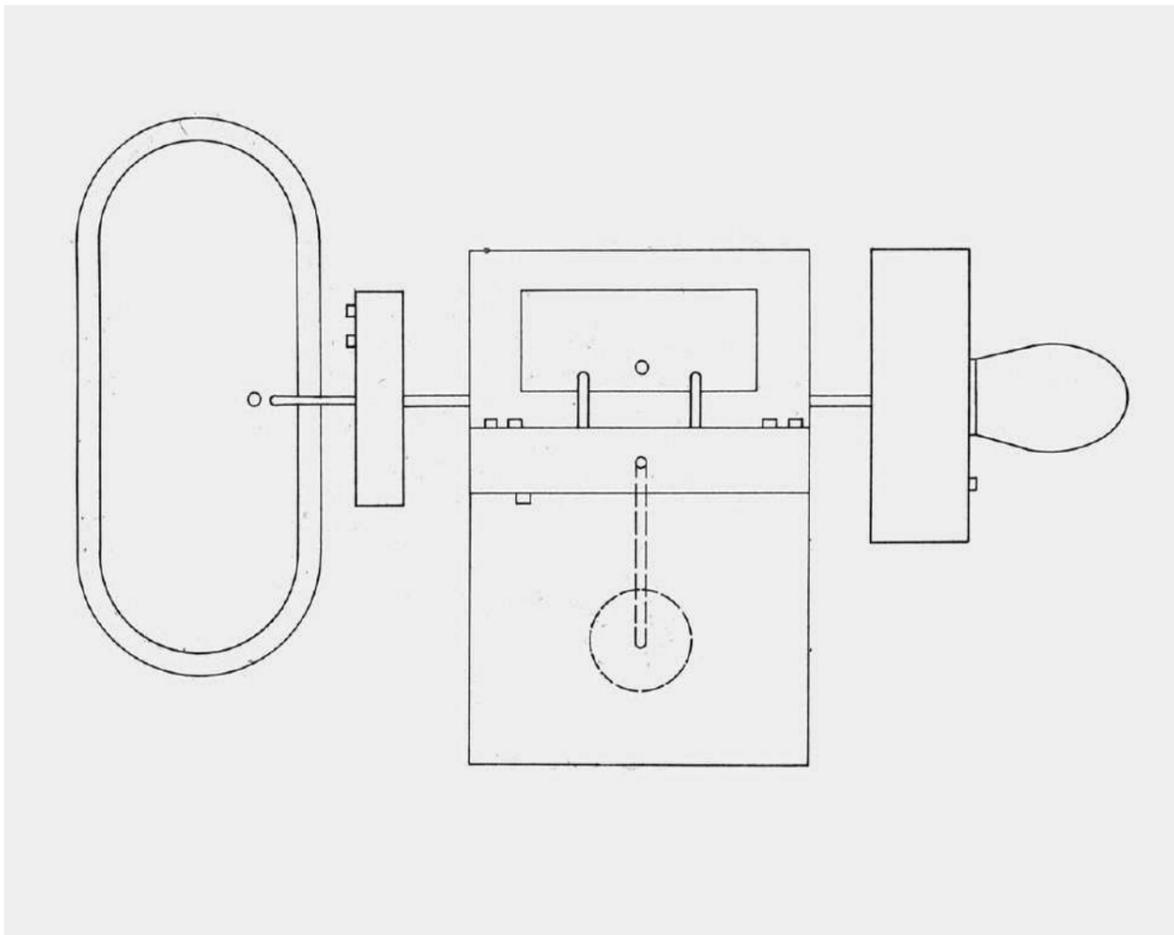


fig. 35 Jonathan Woolf, Bathroom, 1992 - a series of rooms

## “FALSAS IDEIAS CLARAS”

Após a realização das entrevistas aos novos clientes, analisou-se cada entrevista ao pormenor, ouvindo repetidamente todas as suas respostas. Tendo as entrevistas o mesmo guia, as respostas diferenciavam entre si, mas tinham uma ideia comum - “falsas ideias claras”.

Estas “falsas ideias claras” consistem na maneira de pensar as suas próprias vivências na suas casas. Para conhecer melhor as suas vivências em casa, uma das questões colocadas foi, *A palavra CASA é sinónimo de...*, as respostas foram similares, como conforto, família e espaço de rotinas (limpeza e alimentação), assim é notório perceber que as suas experiências vividas em casa prendem-se com as ações que fazem no seu dia-a-dia, e que em comum o espaço que habitam acaba por ter as mesmas características, o que faz com que criem ideias claras sobre como habitar uma casa. Um quarto é um espaço com uma cama para pernoitar, a cozinha é um espaço para confeccionar refeições, a casa de banho é um espaço de higienização e a sala é um espaço com um sofá para poderem estar a ver televisão ou a ler um livro.

*“Quando chego a casa há uma série de rotinas, passear a cadela, perguntar se é preciso ir comprar alguma coisa para o plano que há, se vamos jantar fora ou não, basicamente é isto.”*

*Excerto da entrevista do Músico*

Outra das questões realizadas nas entrevistas foi, *O que não o faria confortável numa casa?*, as respostas foram comuns entre dois dos clientes, o Músico e o Gestor, ambos responderam relacionado com a vizinhança, ou que eram incómodos em relação ao barulho, ou que não permitiam ter privacidade. Respostas que se centravam com os outros e não com o habitar da casa. Num sentido oposto, o cliente Cozinheiro respondeu:

*“Casas com pouca luz, com janelas pequenas. A luz é algo muito importante. Quando vivi em Lisboa, tive uma altura, em que vivi um ano e meio numa casa pequena, com janelas pequenas, (...) que provavelmente me levou a procurar viver no campo.”*

*Excerto da entrevista do Cozinheiro*

Através da entrevista, foi possível compreender que o Cozinheiro viveu noutros países, Itália, Alemanha, Portugal, entre outros, e que essas viagens o foram contruindo enquanto pessoa, pois viveu uma diversidade de experiências, que o fizeram analisar quais, para si, as melhores e as piores vivências, dando mais importância ao espaço que habita.

Numa análise das afirmações dos três novos clientes, entende-se que as suas ideias pré-concebidas acabam por limitar os espaços que habitam, distinguindo cada casa apenas pelos seus objetos pessoais e não por experiências diferentes.

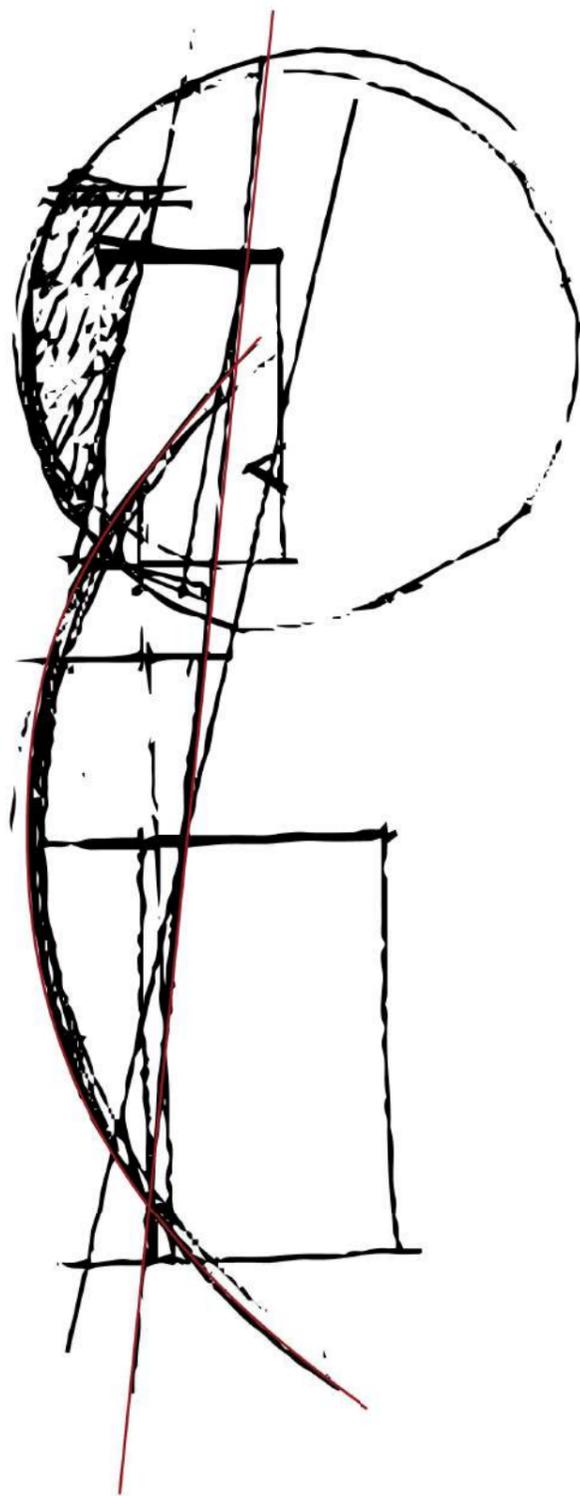


fig. 36 Esquiço, pensamento de espaços

Fonte:Elaborado pelo autor

## EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO

Em busca deste conceito de desmistificar as “Falsas Ideias Claras” surgiram conceitos e referências que apresentam premissas e pretensões, bem como, paralelismos nas lógicas espaciais, tipologias, programáticas ou materiais, ao desenvolvimento do projeto de arquitetura.

Assim, as seguintes referências, de forma a consolidar uma base teórica, foram analisadas e interpretadas de modo a informar e validar as opções a desenvolver na proposta de intervenção.

Numa primeira abordagem, a exploração do tema anteriormente estudado, em que é despojado as falsas ideias claras, permitindo que a arquitetura do espaço prevaleça nas experiências vividas e que criem memórias incomparáveis.

*“Eu acredito que boa arquitetura não é apenas forma, porque isso é escultura. Boa arquitetura é a interação entre a forma e a vida” - Jan Gehl*

No seguimento deste conceito, surgiram outras referências de espaços arquitetônicos que possibilitaram adquirir conhecimento que beneficie o desenho da proposta. Estes tratam ideias diferentes, que se encontram associados outros temas mas que enquanto imagem de referência contribuíram para a interpretação e forma de raciocínio, pela relação direta ou pontual, a questões transversais ao desenvolvimento projetual.

Por fim, dada a localização e o contexto do lugar, surge o tema da *materialidade do espaço*. Tema que pretende contribuir para a relação do existente com o novo, dando importância a ambos, e se integrem, de maneira diferente, na malha urbana de modo a enaltecer o lugar - vazio urbano.

Todos os projetos que se seguem têm programas semelhantes, casas de habitação, mas são projetos únicos, desenhados por variados arquitetos e com abordagens diferentes. Cada um dos projetos opera de modo a que cada um tenha uma identidade formal e espacial autónoma. Forma e espaço são indissociáveis, porque as suas identidades são coexistentes, potenciando-se e apresentando-se mutuamente enquanto configurações únicas que contêm possibilidades de diferentes vivências.

A possibilidade das formas espaciais e a sua ocupação humana discutem a pertinência de um atlas de parede realizado à medida que se procurou uma proposta arquitetónica. Este contém uma data de referências dispersas, de arquitetos diversos, de épocas temporais dispersas, que foram o mote na concordância do (re)desenho do projeto apresentado seguidamente.



fig. 37 Casa Van Wassenhove. Fachada sul. Entrada principal.

A Casa Van Wassenhove foi projetada por Juliaan Lampens (1926-2019), arquiteto brutalista belgo<sup>17</sup>, que projetou mais de 57 edifícios. Os seus primeiros projetos tinham estilo mais tradicional, sendo que na década de 60, numa visita à *Expo 58* em Bruxelas, mudou o seu estilo arquitetónico, decidiu que seria uma espécie de modernista. E esta Casa não foi exceção. Esta encomenda teve como ponto de partida o próprio cliente, um professor solteiro, com paixão pela arte. Lampens, ao olhar em redor, pelo contexto onde se iria inserir, considerou que o ambiente circundante era pouco digno, e assim optou por trabalhar criando uma paisagem interna, dobrando a casa sobre si mesma, sem, no entanto, renunciar ao seu plano aberto. Nesta Casa a arquitetura tornou-se introvertida, ao virar as costas para a paisagem e concentrar-se no seu universo interior.

Este fechamento tipo *bunker* é evidente na planta: a casa é delimitada por três lados por uma parede dupla em betão armado, intercalada com uma camada de isolamento, e abre-se completamente no lado leste. Nesta fachada a membrana de vidro tenta tornar a fronteira entre o interior e o exterior o mais tênue possível, assim a moldura da caixilharia é inserida nas paredes laterais, na laje superior e no piso. No centro desta janela, um pilar metálico cruciforme sustenta a cobertura e ao lado desenhou a porta, também em vidro mas com uma vistosa janela de madeira.

O ambiente interno é animado por um jogo de probabilidades que é compreendido em corte. O espaço principal situa-se ao nível do solo e alberga a sala de estar e a zona de refeições: esta é, na verdade, reconhecível apenas pela presença de uma mesa e de um exaustor de betão que emerge da parede norte. A “cozinha” na verdade não tem móveis de verdade, mas três simples prateleiras de madeira, que também está parcialmente escondida pelo escritório no nível superior, limitado por um murete de betão, que avança em direção ao espaço inferior. O piso do escritório, estende-se idealmente para formar a mesa, também ela em betão, apoiada na outra extremidade pela habitual viga em “I”.

No centro da planta foi desenhada uma parede com uma espessura marcante, alinhada com o pilar cruciforme, que suporta a cobertura. Junto a esta parede, dois lances de escada dão acesso aos outros dois níveis da casa, com um desnível de 1,20m. No nível superior, foi desenhado um acesso para uma zona de dormir delimitada por um grande e baixo cilindro de madeira, ligeiramente projectado para a sala; a casa de banho, em que a zona de duche está separada do restante, de acordo com o costume do norte da Europa, delimitada finamente entre a parede oeste e duas festreiras divisórias de betão. Em frente à zona de duche, um pequeno espaço com guarda-roupa, dá acesso à área de escritório mencionada acima: este espaço quadrado é dividido em dois triângulos iguais, um dos quais é ocupado por mesas e prateleiras, compostas por simples tábuas de madeira fixas. Este piso superior é iluminado por uma faixa de vidro que percorre toda a parede poente, sempre intercalada por um pilar cruciforme e uma janela, correspondente à zona de banho. O nível inferior está ligeiramente inserido no terreno e estando ao nível da rua, contém as duas entradas da casa: uma está virada a sul e, portanto, para a estrada, que dá acesso à garagem; a norte existe uma entrada pedonal, bem destacada

17 “Uma visão fundamentalista de viver uma mudança de percepção: espaços ásperos inspirados em *bunkers* de betão em bruto, tornam-se lugares privados harmoniosos e clássicos” domusweb.it

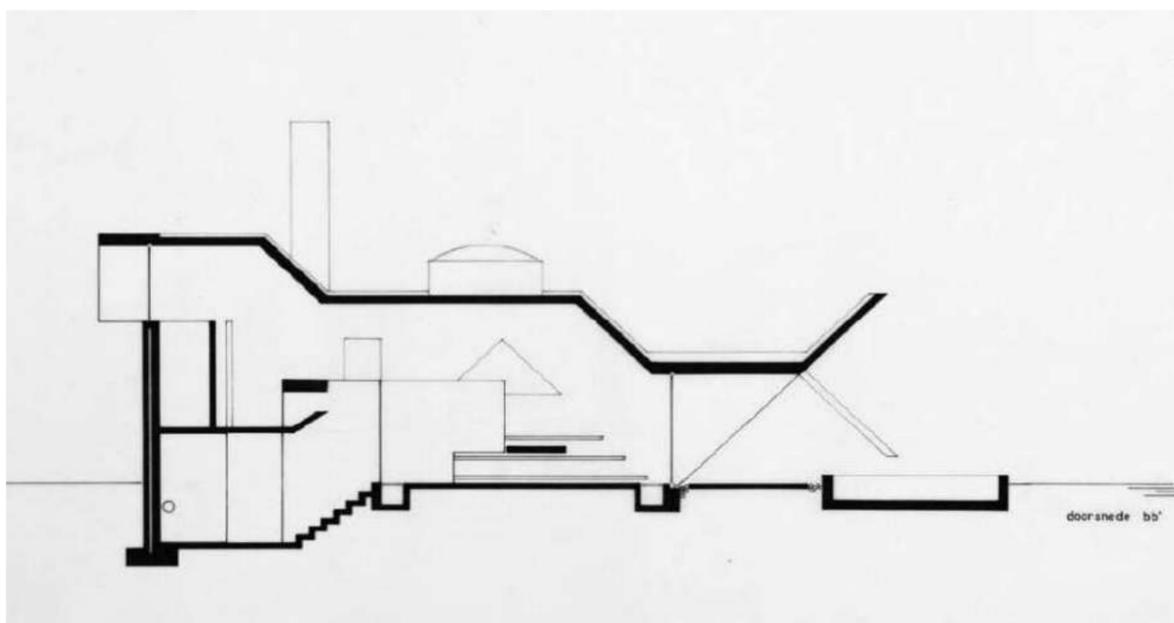
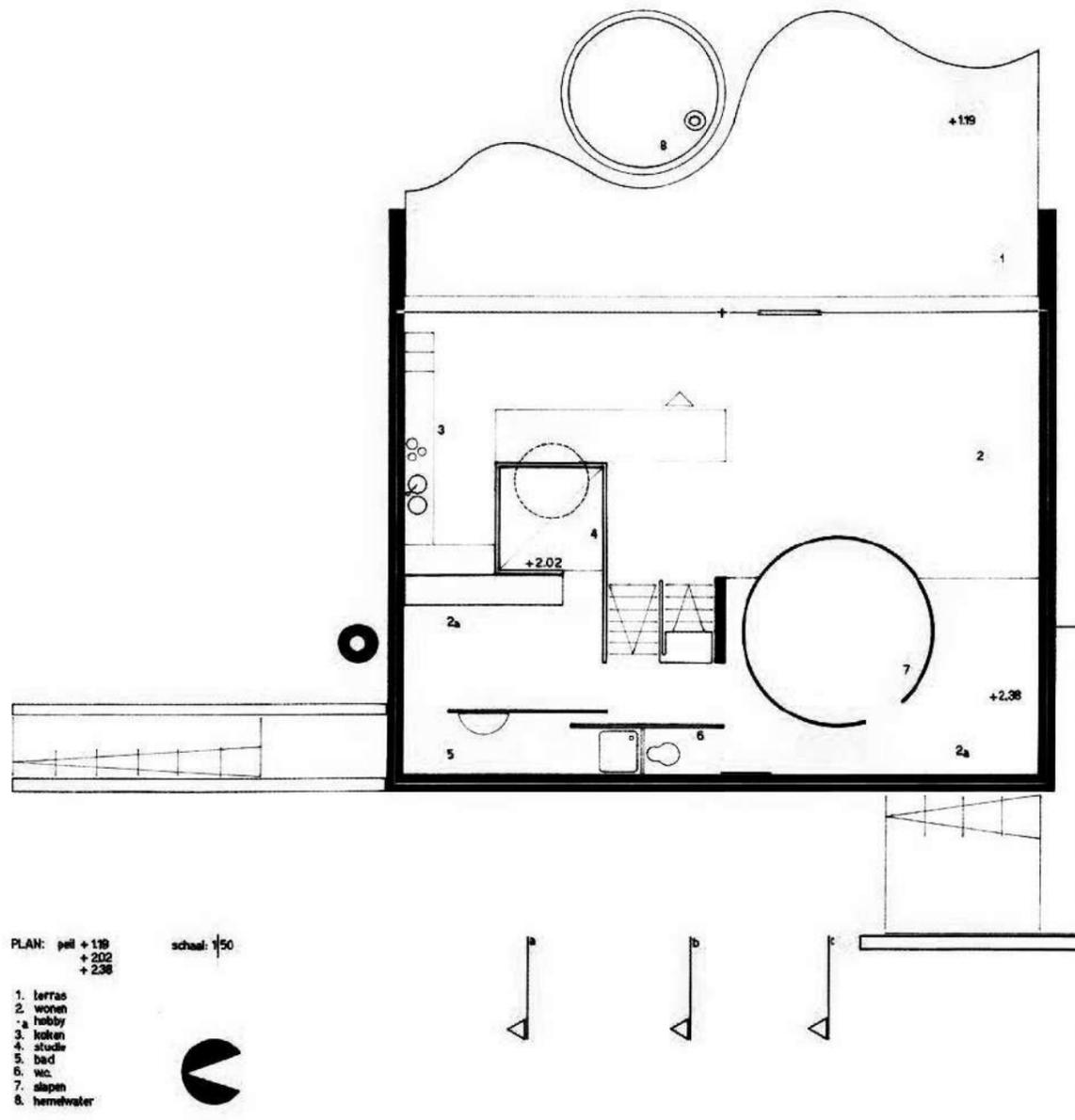


fig. 38 Planta e corte da Casa Van Wassenhove

por uma escadaria protegida por duas grandes divisórias.

O aspecto externo é fortemente futurista e imponente, pois a utilização de betão armado aparente, com os sinais das fôrmas de madeira impressos na superfície, intensifica a ideia de *bunker*, bem presente no estilo arquitetónico de Lampens. Este poder expressivo torna, o edificado seguro e protetor, o mundo exterior parece quase distante.

A forma particular desta casa torná-la escultural, a cobertura move-se paralelamente aos níveis escalonados do interior. Juliaan Lampens combinou esta intenção de projeto com o respeito às restrições impostas pelo Regulamento de Construção, que para aquela área exigia o uso de uma cobertura inclinada. O arquiteto jogou com essa obrigação criando uma cobertura composta por três planos horizontais com inclinações. A nascente, a cobertura termina com uma grande superfície inclinada para a própria casa, as paredes norte e sul terminam precisamente seguindo esta inclinação de 45°, com o vértice da base assente no solo em correspondência com o caixilho da janela. A água da chuva que se acumula neste é trazida através de uma imponente gárgula, que desce até cerca de um metro do solo, também inclinada em 45°, e depois cai em num grande tanque circular. Toda esta parte da cobertura estende-se para além da parede de vidro a nascente, criando uma varanda exterior. A poente, do lado oposto, a cobertura sobressai, desta vez ligeiramente, para proteger o caixilho da janela, enquanto se abre uma clarabóia circular no escritório, dando iluminação também à cozinha.

Esta Casa de Lampens ressoa a brutalismo através da forte presença do betão à vista e destaca-se, ao mesmo tempo, pela distribuição da sua planta livre. A sua estrutura contínua em betão cria uma topografia externa e interna que define uma casa sem divisórias, onde apenas através de um plano define os espaços específicos.

Uma série de geometrias em planta e em corte que delimitam as várias funções de uma casa: a zona de dormir (quarto), é definida por um cilindro; a cozinha é um triângulo e o escritório é um quadrado. No exterior, um tanque de água também é definido por um cilindro. Ainda em contraste com a brutalidade do betão, a utilização do vidro e da madeira, permite uma ligação entre os vários espaços de modo a tornar a vivência da casa mais confortável ao toque.



fig. 39 Fachada norte - Fachada Oeste - Pormenor da recolha da água da cobertura- Fachada leste com varanda

Fonte:Hidden Architecture Fotografia: Guillaume BXL



fig. 40 Vista da cozinha, com mesa fixa em betão e exaustor triangular também, que dá continuidade ao armário - Volume cilíndrico que define o quarto e que se projeta para o nível principal da casa - A casa de banho é um espaço estreito, entre a parede oeste e duas divisórias fina e baixas, também em betão - O quarto definido por um plano em madeira, bem fino e baixo  
Fonte:Hidden Architecture Fotografia: Guillaume BXL

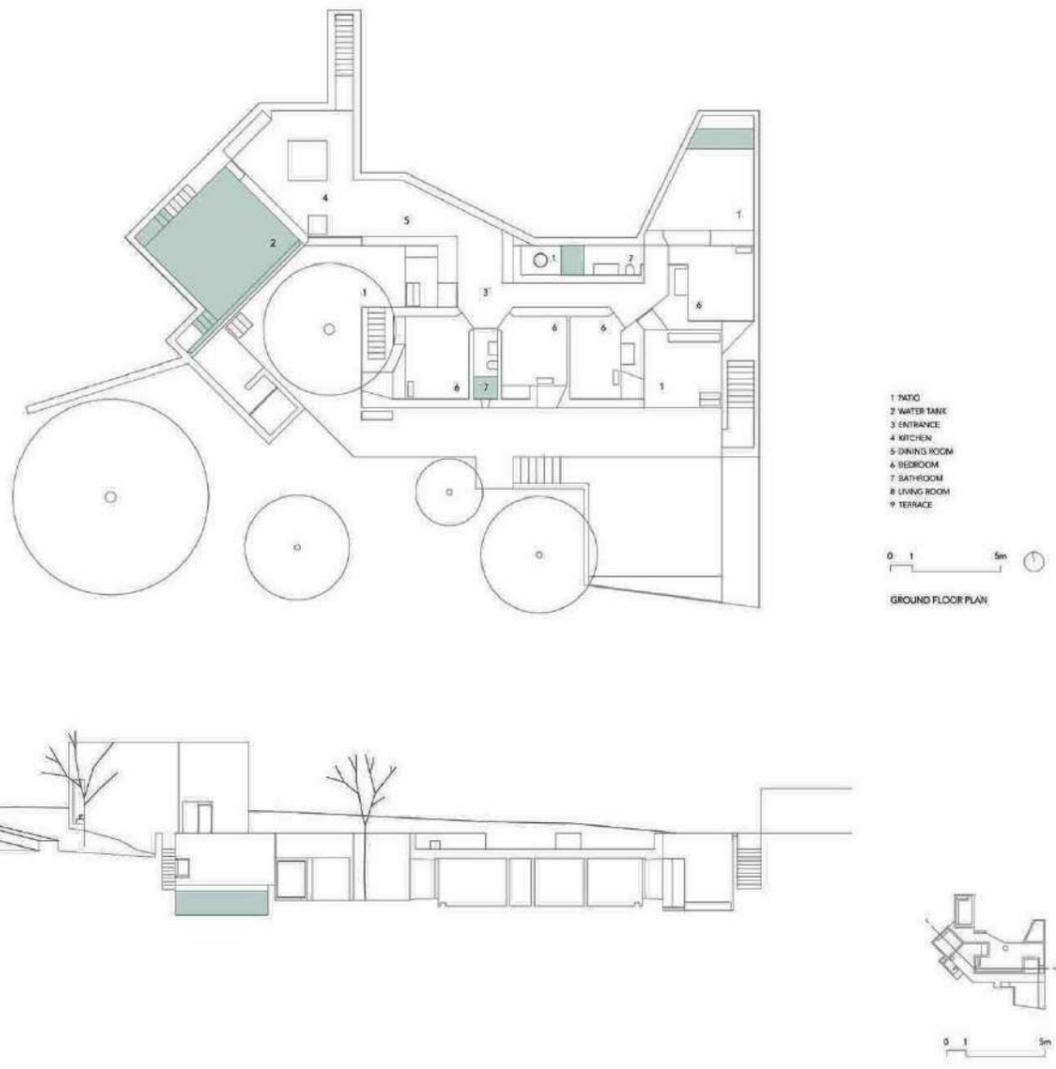


fig. 41 Casa Luum, acesso exterior para a cozinha - Planta do piso 0 - Corte-alçado que explica a relação entre os pisos

Fonte: Pedro Domingos Arquitetos Fotografia: Fernando Guerra

Num cenário de uma reserva natural no Algarve, Pedro Domingos, arquiteto português bastante premiado, projetou a Casa Luum, uma casa de férias localizada na encosta de Faro, de frente para o vale de Agostos. Um lugar interior protegido da costa. Uma paisagem baseada na tradição mediterrânica, estruturada por pequenas parcelas delimitadas por muros de pedra, árvores, tanques de água e pequenas construções.

Outrora uma antiga ruína no final de uma estrada de terra, esta casa assume uma nova identidade através de uma arquitetura moderna, com linhas fortes, paredes brancas e betão, criando um efeito arrojado no ambiente natural da qual está rodeada.

Segundo a equipa de projeto, um pátio murado é o espaço central da casa, uma sala de estar exterior que contém um tanque de água elevado. O programa da residência é organizado em dois níveis. O nível de entrada: o pátio, o tanque, a cozinha e quatro quartos. E o nível superior: a sala de estar e o solário.

A construção da casa abre-se ao seu entorno através do uso de grandes janelas e portas, assim como a adaptação de um sistema vernacular semelhante à arquitetura popular local: pisos de betão branco, paredes e tetos brancos, esquadrias de madeira e portas de correr em aço. As zonas de água, como o tanque de banho, bancadas, lavatórios e chuveiros, são em pedra local maciça.

A atmosfera da casa é reforçada pela tranquilidade dos arredores desta moradia, inserida num terreno de 2.500 metros quadrados. Apenas a vegetação, oliveiras, amendoeiras e sobreiros o cercam. Um conjunto de espaços de luz e sombra, onde a água é o elemento mais importante definem os principais espaços de convívio, estes dispostos à volta da piscina e da zona de refeições ao ar livre, com uma iluminação bem pensada, proporcionando momentos únicos, tanto à noite como durante o dia.

Na cobertura, um terraço espaçoso procura emoldurar a paisagem acompanhado pelo som dos grilos e da fonte que escorre na piscina abaixo, que se faz aceder logo ali por uma escada, que quase que mergulha no tanque.

Os quatro quartos estão separados por pátios menores em que o estilo minimalista e a privacidade estão bem presentes. Todos os quartos têm acessos a pátios menores exteriores, de modo acentuar a relação com a natureza envolvente.

Esta relação do edificado com o exterior e a água são as perniças do sucesso desta casa, a planta organizada e surpreendente entre os vazios e cheios permite uma harmonia de vivências únicas.



118



fig. 42 Enquadramento da Casa Luum - Pátio principal de acesso à casa - Acesso sul - Tanque de água principal com acesso à cobertura

Fonte: Pedro Domingos Arquitetos Fotografia: Fernando Guerra

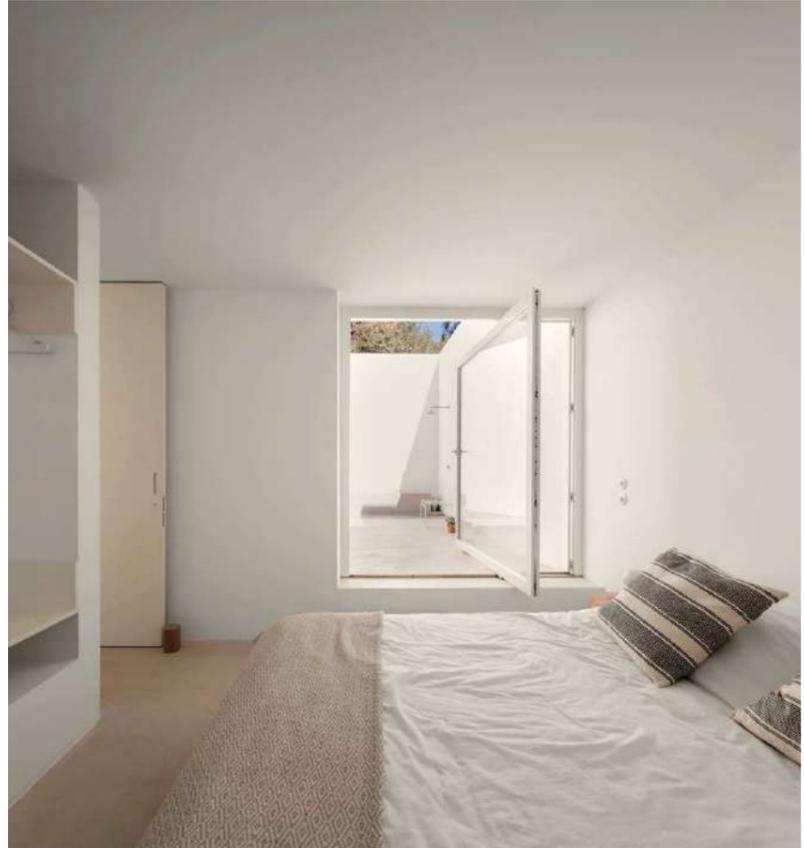


fig. 43 - Vista do interior da cozinha para o pátio de acesso - Quarto com pátio privativo a norte - Vista Interior de uma das casas de banho - Vista interior da sala de estar

Fonte: Pedro Domingos Arquitetos Fotografia: Fernando Guerra



fig. 44 Rua Fray Félix, que abraça a pequena praça junto à Catedral

Fonte: Jesús Granada e María Arias

A reabilitação da Casa del Plátano, na rua Fray Felix, teve como ponto de partida a re-locação de onze famílias de forma digna no seu próprio imóvel, sem perder a memória do que lá viveram, adoçar contemporaneidade e fortalecer a ventilação e a iluminação para criar espaços habitáveis que antes existiam, mas sem condições, com um aceno ao contemporâneo, sem cair na padronização e racionalização dos espaços, mas aprendendo com o casual e o arbitrário para enriquecer a particularidade de cada habitação.

Com esta base, os MGM (Morales e Giles)<sup>18</sup> decidiram que o edifício seria intervencionado de quatro formas diferentes: com a reabilitação e consolidação das paredes mais antigas, localizadas no rés-do-chão e no primeiro piso; a reestruturação sem alteração de pátios marcados pelo regulamento; a substituição do segundo piso do edifício, e a ampliação em altura com a criação de um sótão recuado.

Antigamente, naquela zona, existia uma rua que foi gradualmente invadida por casas, e que foi recuperada como espaço privado, com dois pisos e parcialmente cobertura.

*“Com esta opção, recupera-se a planta rectangular que a casa teve no seu período de máximo esplendor no século XVIII e mantém-se intacta a parede da fachada da época antiga, situada junto a esta pequena praça”*

*MGM arquitetos*

121

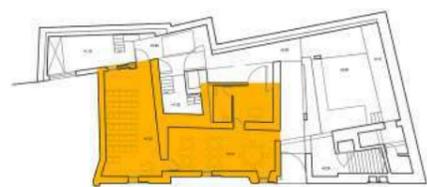
A intervenção arquitetónica tem como ação fundamental preservar a essência do modo de vida das famílias que nelas habitavam e que regressaram ao espólio após a execução das obras. No fundo interessou manter o conceito de “fragmentação” que as casas tinham e a sua forte ligação, entre vizinhos, na vivência do pátio.

A forte vivência dos espaços comuns, foi mantida através da incorporação de dois terraços-lavandaria, onde os vizinhos podem interagir durante as suas tarefas domésticas. Existe também um miradouro com vista para o mar para a comunidade desfrutar. Todos estes terraços/varandas comunitários procuram usufruir de vistas para a cidade, fazendo-os participar na sociedade e assim complementar a qualidade de “espaço colectivo” que o pátio dos vizinhos possui.

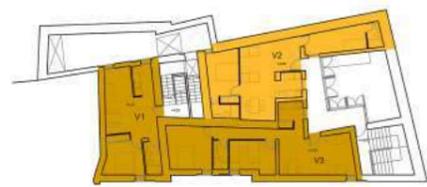
Esta reabilitação também visa rematar o volume que constitui todo o quarteirão, fechando e virando-o para o seu interior, a título de proteção, fazendo com que a privacidade dos vizinhos respeite a rua. Esse gesto aparece no momento em que a casa é entendida como uma escultura no volume do quarteirão. Esta escultura revela um acabamento mais áspero e forte no interior do pátio, refletindo-se na escolha dos materiais utilizados nos acabamentos.

Para as fachadas exteriores foi escolhido um reboco com acabamento e textura semelhante ao da pré-existência da parede voltada para a Sé, e para as fachadas interiores um aspecto mais acolhedor e alegre com o intuito de incentivar a vida nos espaços comuns do novo pátio.

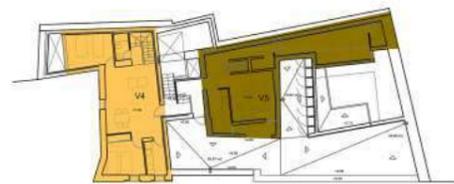
18 MGM Arquitetos é um atelier de arquitetura composto por José Morales, Juan González Mariscal e Sara de Giles. Sendo que neste projeto apenas Morales e Giles o desenharam.



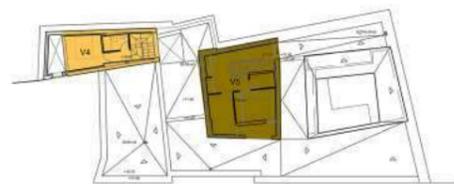
Tipologia 1 - Salas de Comunidade



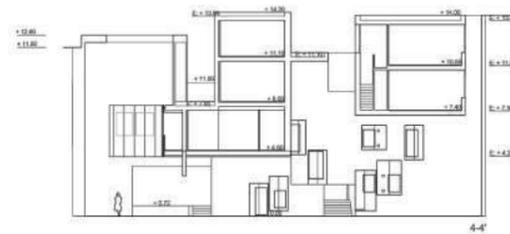
Tipologias 2,3 e 4 - Moradias T1, T2 e T3



Tipologia 4 e 5 - Moradias duplex



Tipologia 4 e 5 - Moradias duplex



*“Dias antes de proceder às demolições, para posteriormente construir, no mesmo lugar, o novo edifício onde se iriam realojar as 11 famílias, uma equipa de arqueólogos entrou na casa para fazer um estudo arqueológico da mesma. Com base nos resultados do estudo, o imóvel determina a necessidade de manutenção das paredes portantes originais anteriores ao século XVIII. É então que se produz uma nova ordem no mesmo terreno com condições diferentes: o novo objetivo será reabilitar e reestruturar a casa para que nela abrigue o maior número possível de casas”.*

*MGM Morales e Giles*

Segui-se um trabalho de consolidação do rés-do-chão e primeiro andar, sobre o qual emerge a nova arquitectura com a qual se completa o programa e se consolida a morfologia da casa.

A necessidade de manter a mesma área construída, e não modificar a altura do edifício atual na fachada, leva ao desenvolvimento de um projeto que abriga cinco moradias dignas e um local para a associação de moradores do bairro no piso térreo. Um dos principais objetivos é recuperar o caráter de uma rua, como braço que se conecta com a pequena praça ao lado da nova catedral, sendo privada, de dois andares, parcialmente coberta, ventilada e iluminada através de dois pátios e um buraco na fachada, que permitirá abrir janelas para esta e criar verdadeiramente uma paisagem urbana interior.

Esta intervenção, que cria um jogo de luz e sombra através dos pátios, ilude o paradigma atural dos pobres que leva a arquitetura a ser influenciável, por acaso e aleatoriamente, de um passado cheio de história, e assim, enriquecer-se a si mesma.



fig. 46 Entrada no edifício - Pátio central e pátio secundário

Fonte: Jésus Granada e María Arias



fig. 47 Relação do volume em madeira com o pátio - Vistas dos terraços para a Sé

Fonte: Jesús Granada e María Arias



## ATLAS DE IMAGENS

Começo com uma contradição, escrevo palavras nesta folha que só deveria conter imagens, e contém. Estas referências são a ambição desmasurada de uma coleção consultada de imagens que observei, pesquisei, interpretei, estudei e compreendi durante a concepção de projeto.

*"Na mitologia grega, associada à palavra Atlas, a essa força divina e desomunal, está também uma natureza selvagem, conotada com o caos e a desordem, punida por zeus a suportar o peso do Céu e da Terra. Qualquer Atlas tem inerente à sua ambição totalitária uma entropia, que poderemos classificar desumana, conseqüente com um excesso de informação inassimilável. A incomensurabilidade da informação disponível na internet é muito provavelmente a melhor ilustração desta utopia, ou melhor, distopia, porque a ganância intrínseca desse meio castiga-nos com uma consciência de impossibilidade. Impossibilidade de controle, de limite, de conteúdo."*

*Pedro Bandeira, em Eduardo Souto de Moura - Atlas de Parede, Imagens de Método. p.9*

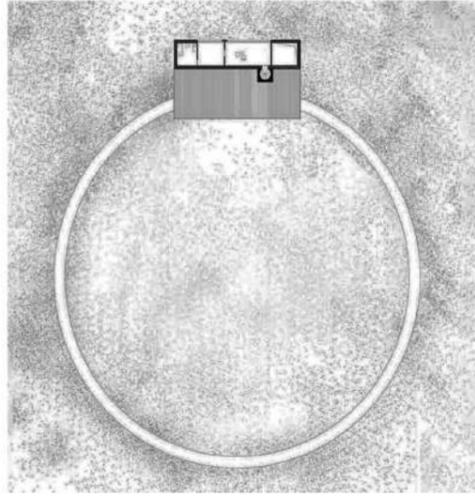
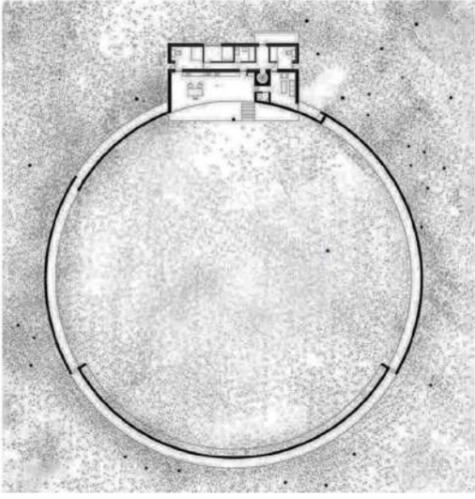
Como Pedro Bandeira o diz, o excesso de informação e imagens, neste caso, assediavam permanentemente a mente no momento em que se projeta. Não nos permite construir um filtro imediato, mas todas as imagens que se captam são importantes para o processo.

Este Atlas representa a diversidade do entendimento, uma visão colecionada de referências que foram surgindo ao longo do processo, que ajudavam a desbloquear ou criar novos conceitos. Algumas destas imagens têm um valor em si, isoladas. Outras têm um valor associado a conceitos que procurei especificamente.

Cada uma destas imagens representa micro narrativas, que por vezes são essenciais para compreender o projeto em questão, outras são apenas imagens que exploram um ou dois conceitos como ponto de partida para pensar o projeto de arquitetura.

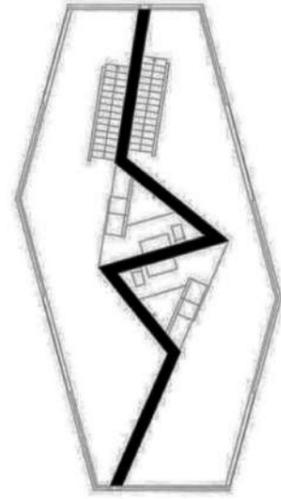
De um modo geral, este Atlas tem inspirações como Valerio Olgiati, Rem Koolhaas, Mies van Der Rohe, Christian Kerez, Kasuo Shinohara, entre outros, que o seu próprio trabalho também se inspiram nestes mesmos nomes da Arquitetura.

O que maior parte destas imagens têm em comum, é que focam numa das permissas desta dissertação, a experiência do espaço, desconstruindo a lógica geométrica do espaço. Esta desconstrução do espaço é uma das possíveis respostas a uma corrente social contemporânea que rejeita cada vez mais as ideologias de qualquer tipo. Cada espaço é governado por uma ideia arquitetónica, e essa ideia tem de ser geradora de forma e fazer sentido.



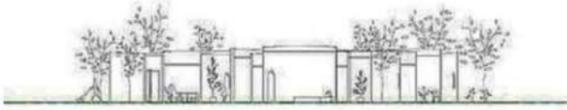
Ring house, Bin Jia, AHO Oslo, Norway, Fall 2017

0 5 15



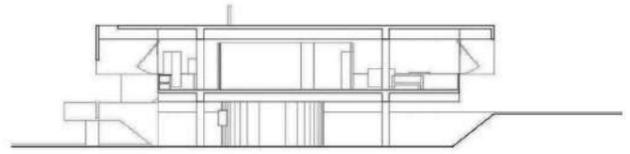
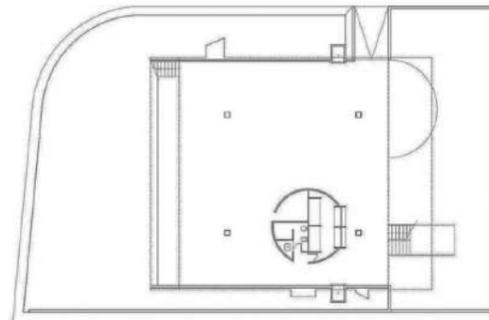
House with One Wall, Cristian Kerez, Zurich, 2017

0 1 3



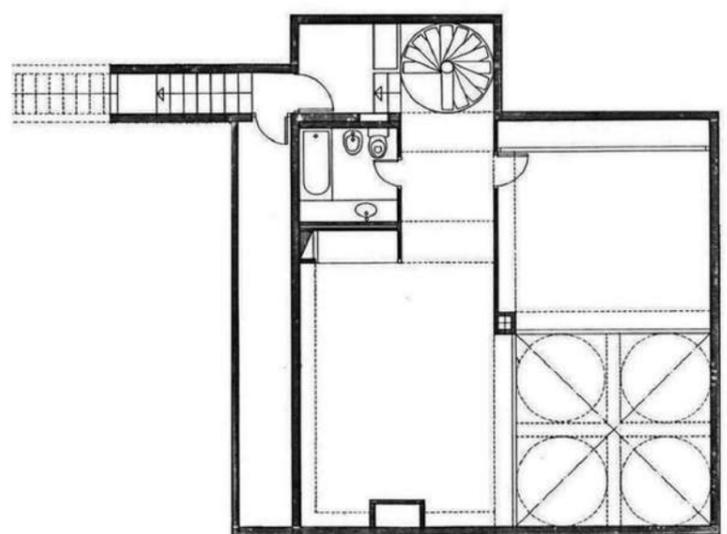
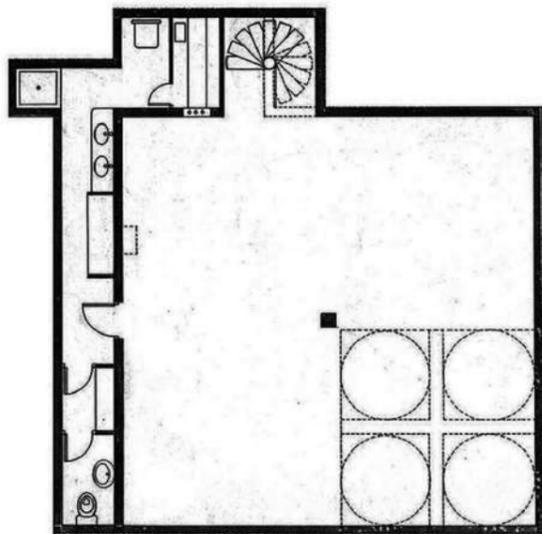
Growing House, Fala Atelier, Tokyo, 2009

0.1 5



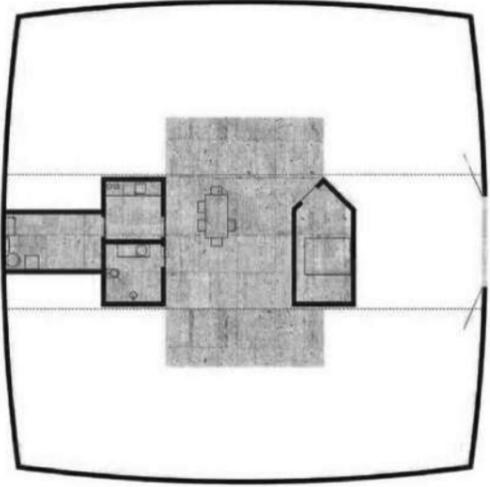
Casa Butantã, Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, 1964-1966

0.1 5



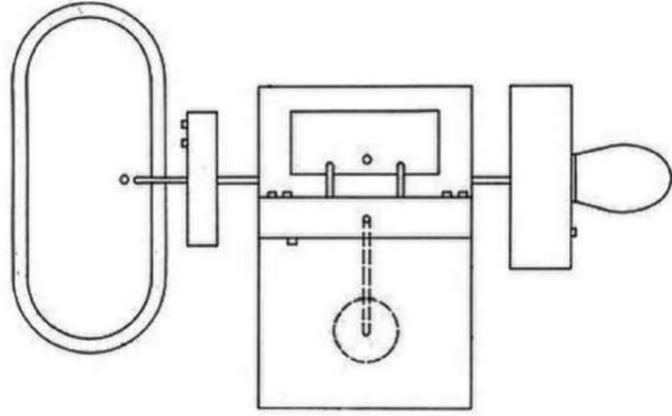
Hellscraper or the Cave House, Fernando Higueras, Madrid, 1972

0 1 5



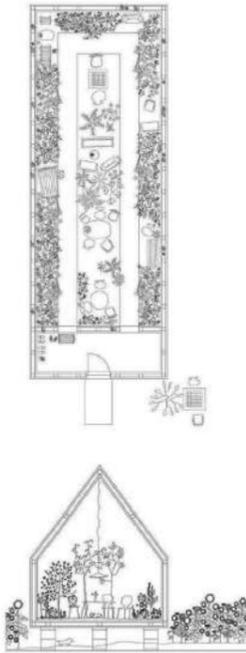
House in Pero Cuco, Alentejo, Portugal, Valerio Olgiati, 2017

0 1 5



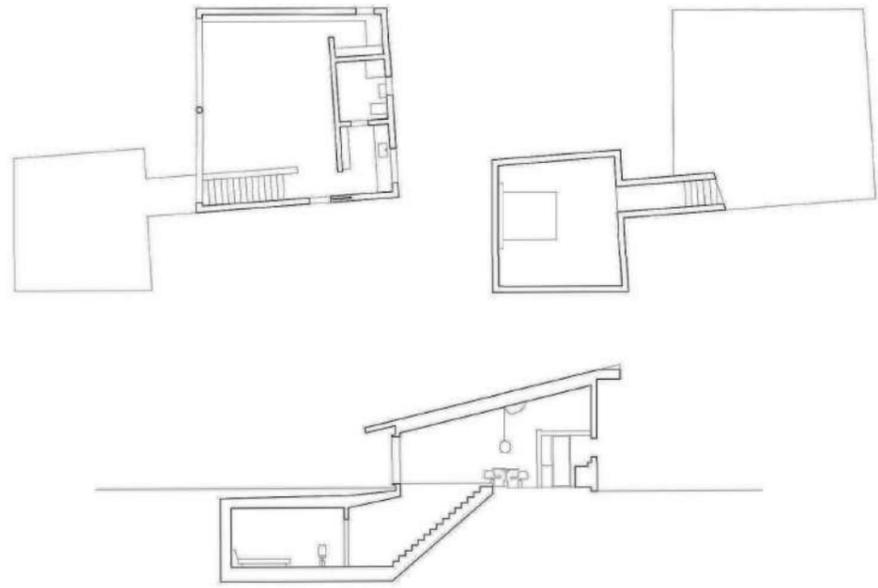
Jonathan Woolf, Bathroom, 1992

0 0,1 0,5



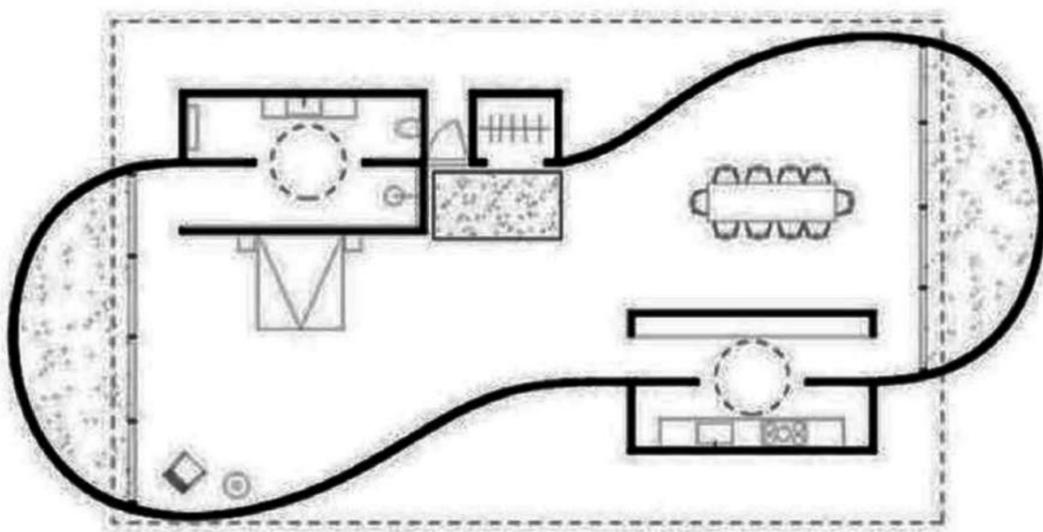
The Garden's House, ADN BA, Bucharest, Romania, 2010

0 1 5



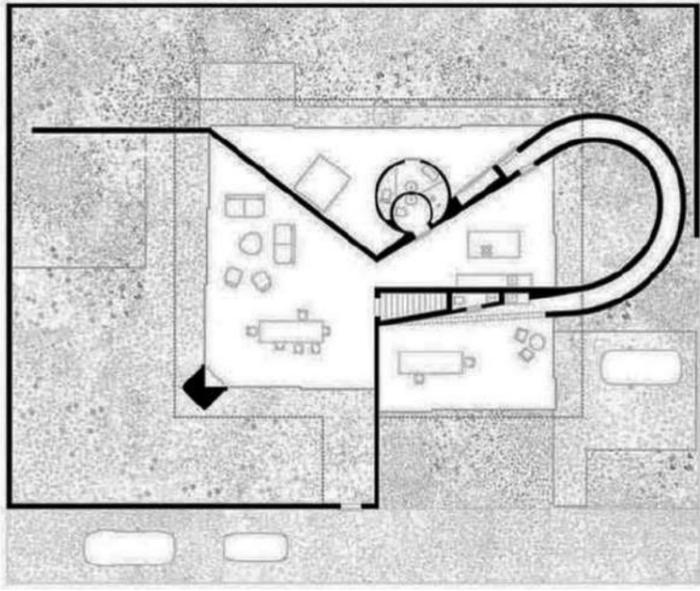
Earth House, Kazuo Shinohara, Neima-ku, 1964

0 1 5



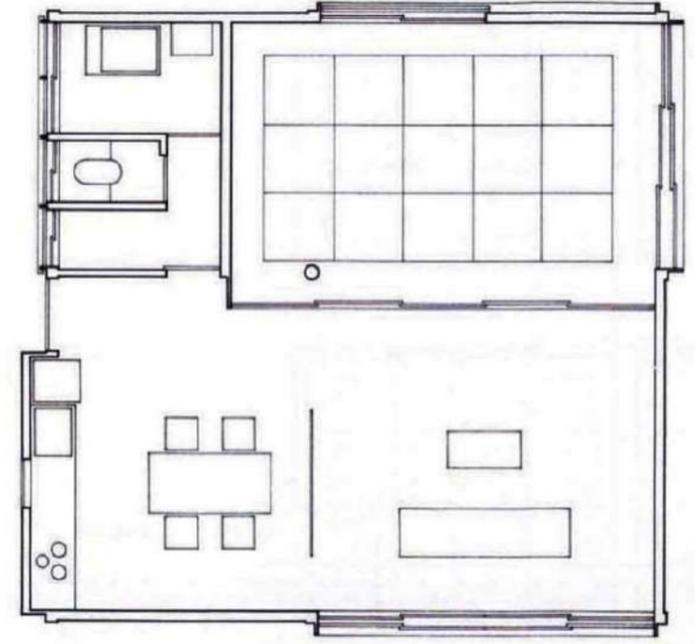
Mirroring, behaviour, Michael Lyngé, Studio Element

0 1 3



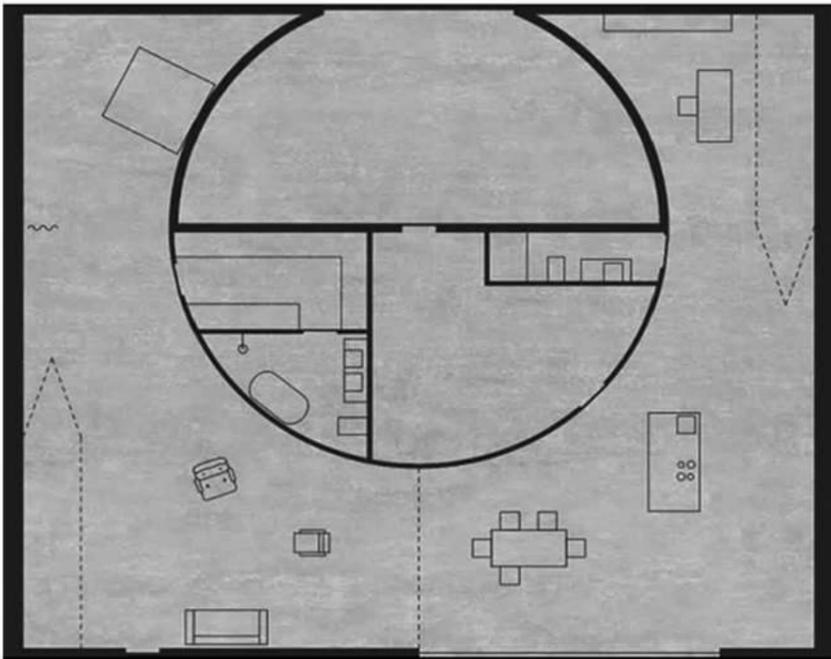
Private house with a studio office, Romina Grillo, Liviu Vasiliu, Tessin

0 1 6



Umbrella house, Kazuo Shinohara, Nerima, Tokyo 1959-61

0 1 2

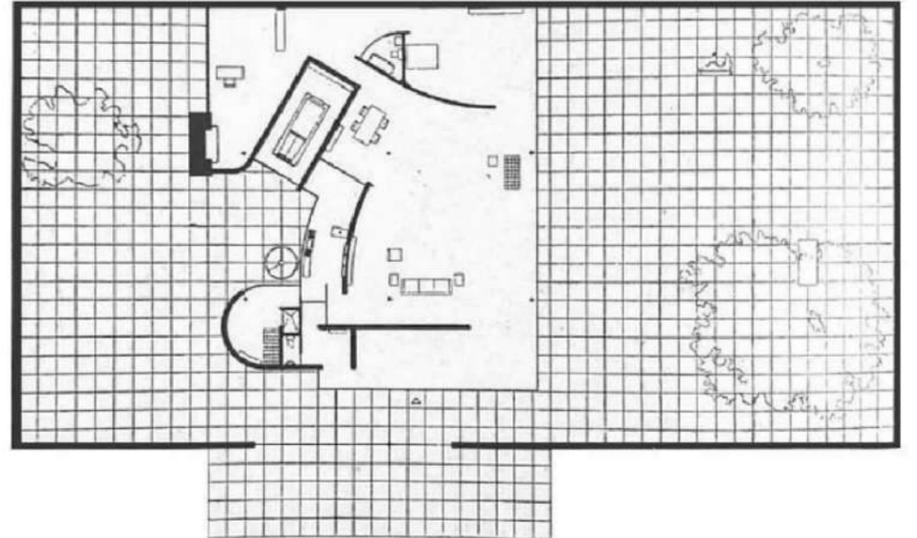
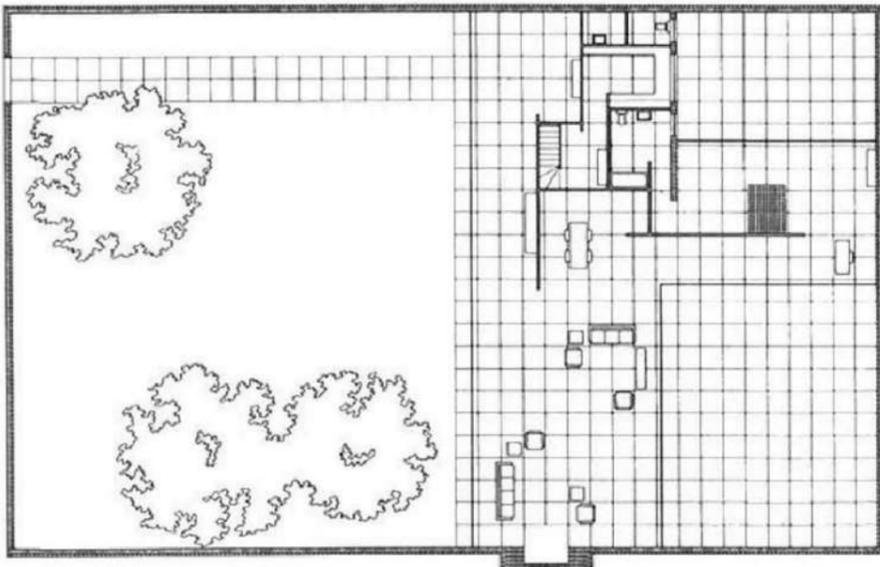


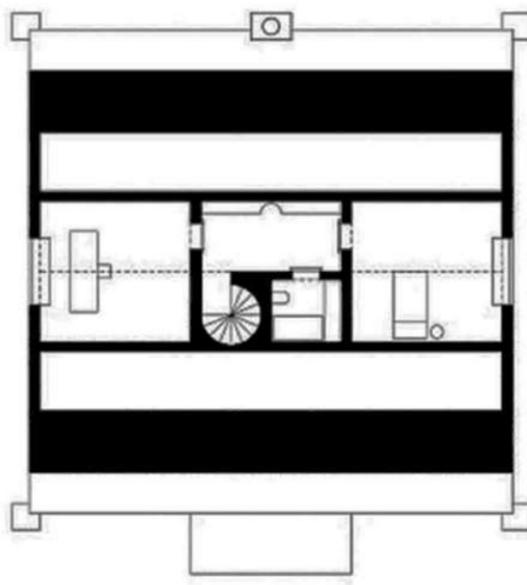
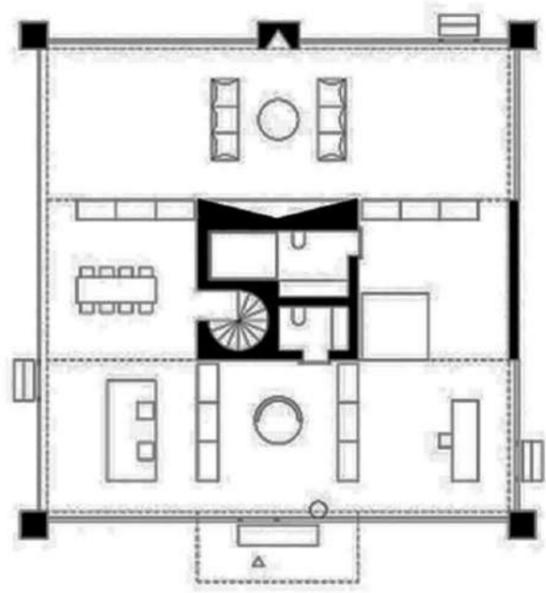
Monahoc House, Valerio Olgiati, Appalachian Mountains

0 1 5



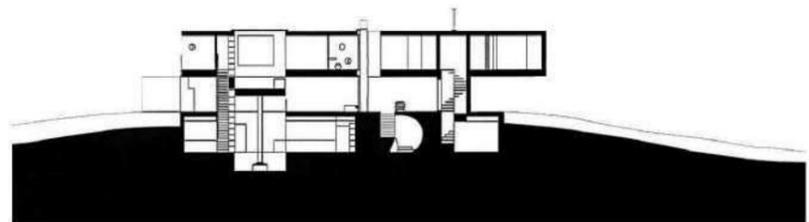
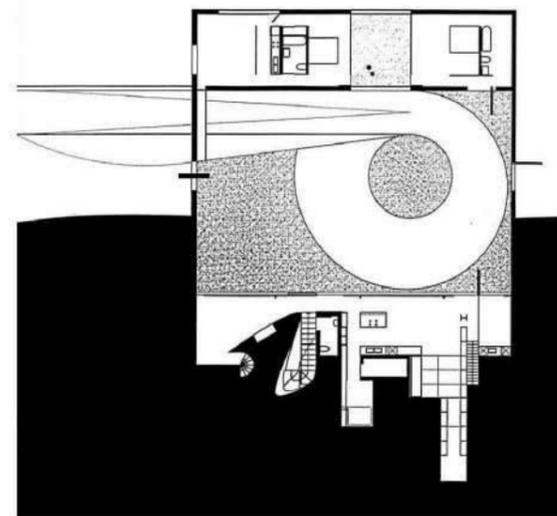
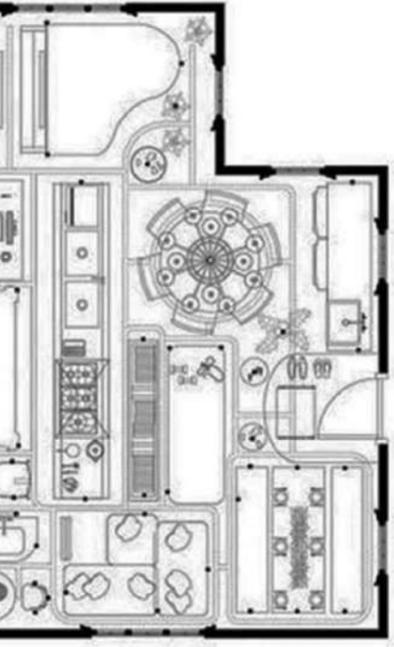
House XY





House with columns, Johannes Norlander Arkitektur, United Kingdom, Isle of Harris, 2014

0 1 5

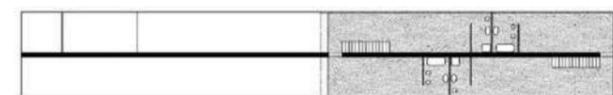
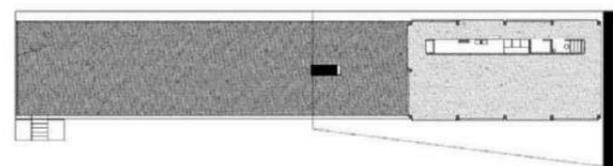
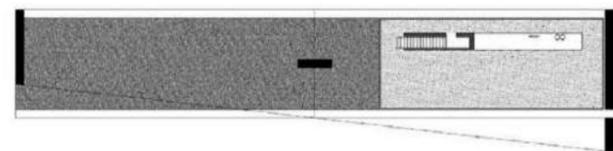
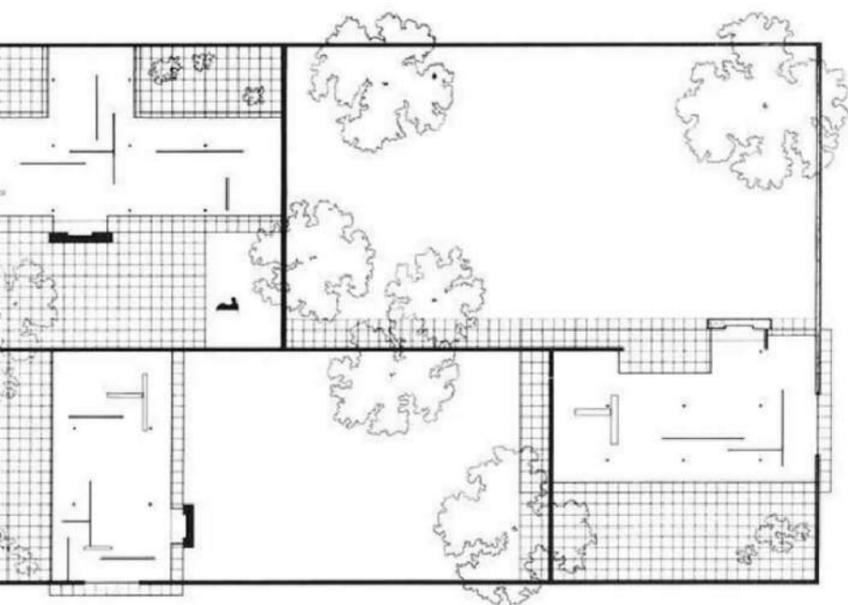


Z, Kwong Von Glinow Design Office, 2017

Maison Bordeaux, Rem Koolhaas, 1998

0 0,5 2

0 2 10



Court House with garage, Mes van Der Roche, 1934, 1934, 1945

Koerfer house, Livio Vacchini and Silvia Gmur, Ronco sopra Ascona, Switzerland, 2001-2005

0 2 10

0 2 10

Casa Van Wassenhove  
Casa intervenida

Casa Luum  
patio murado

Casa del Platano  
Rehabilitação contemporânea

Atlas de Imagens  
experiências do espaço

A seleção das referências anteriormente analisadas foi um processo complicado pela quantidade desmensurada de projetos e imagens, que fazem parte do nosso imaginário ou com que todos os dias nos deparamos. O Atlas de imagens espelha a tentativa de selecionar algumas das imagens e projetos que fizeram parte do processo de projeto.

Paralelamente ao Atlas, três projetos ressaltam temas pertinentes à concepção de projeto. A escolha dos mesmos enquadra-se em cada premissa explorada no projeto, por entre inúmeros outros que poderiam ter sido selecionados, é feita com base na preferência técnica ou estética, na vontade de apresentar projetos de diferentes zonas do mundo, com soluções arquitetônicas interessantes, e diferentes do ponto de vista formal, tipológico, material e estético. Desta forma foi possível adquirir mais conhecimento permitindo uma proposta mais coesa e que se relaciona com as condicionantes e características do projeto.

Um facto interessante a retirar dos três projetos selecionados é o ambiente espacial proporcionado ao habitante, através de uma dinâmica formal altamente imprevisível, de onde resulta um jogo de cheios e vazios em conforto com exterior.

Os três projetos conjugam uma data de temas, todos eles cruzam o conceito do projeto desenvolvido, sendo que cada um enaltece um tema próprio: a Casa Van Wassenhouve surge na condição de conceito de Casa introvertido, explorada como *bunker*, em que a sua vivência explora-se no seu interior, de modo inesperado, criando momentos e espaços únicos. A Casa Luum, pelo seu lugar onde se insere, remetenos para o conceito de pátio murado, em que o exterior leva-nos para o interior e vice-versa, o pátio assume-se como mais uma sala ou quarto da habitação. E por fim, a Casa del Plátano, que dos três projetos está inserido num centro histórico e que se confronta com as pré-existências, e que declara uma reabilitação contemporânea do edificado, surpreendendo com os patios interiores e terraços com vista para a cidade.

Transveral a todas estas referências, estes temas mais à frente serão fundamentais na concepção e entendimento do projeto, dos cheios e vazios até ao fator mais imponente, as experiências nos espaços. Dentro destas abordagens, existe um valor de expressão crítico máximo que permite aproximar estes temas ao projeto, este estudo procura encontrar um meio comum que possibilite ajustar novos olhares sobre as vivências espaciais na arquitetura e colocar sugestões que permitam uma potencialização das mesmas através de uma arquitetura incisiva.



# **TRÊS CASAS À MEDIDA**





fig. 49 O lugar

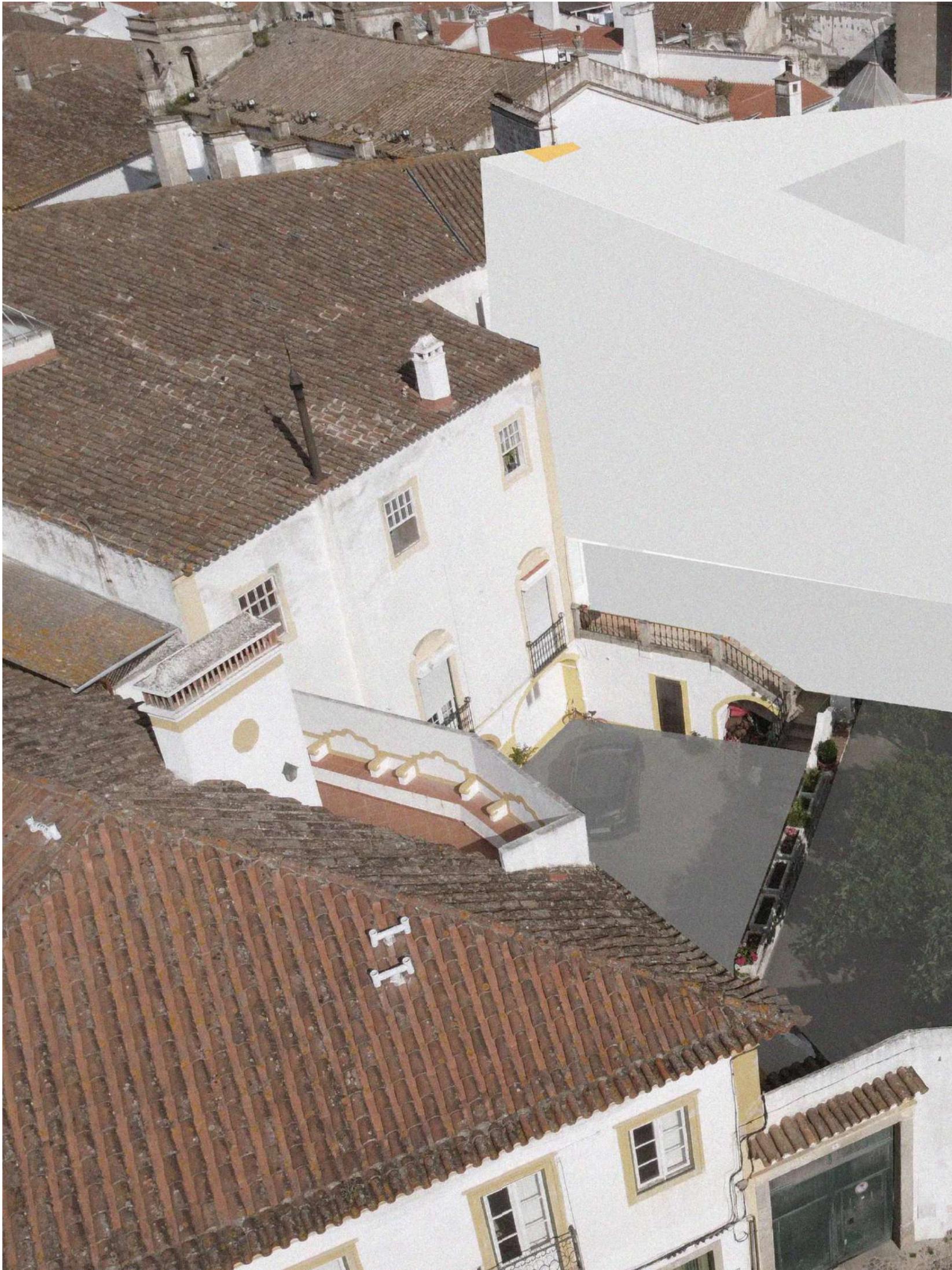
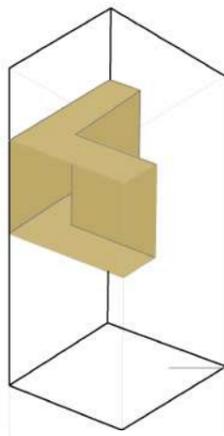
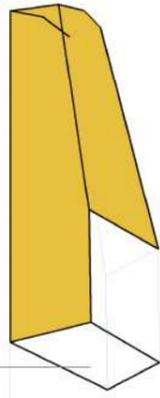




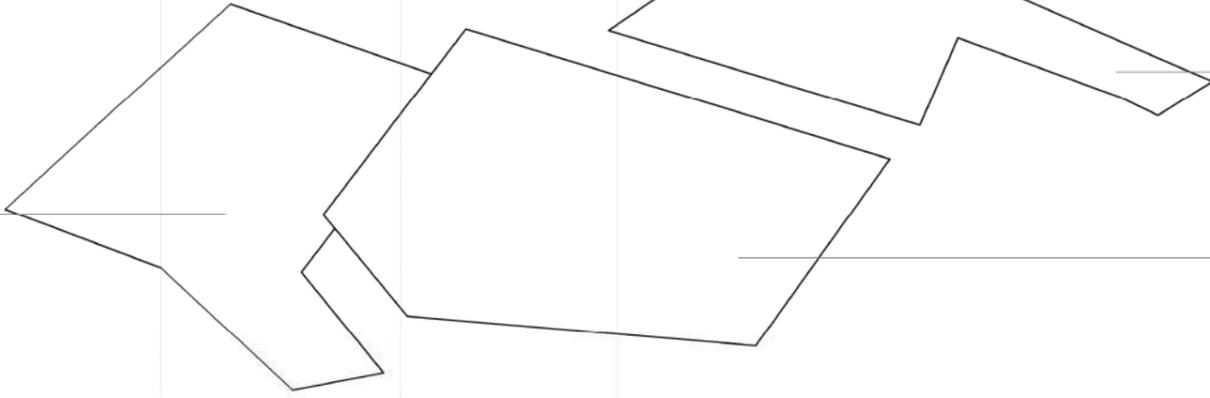
fig. 50 Colagem do volume do edificado

Vazio 3.9x2.2x11.8m



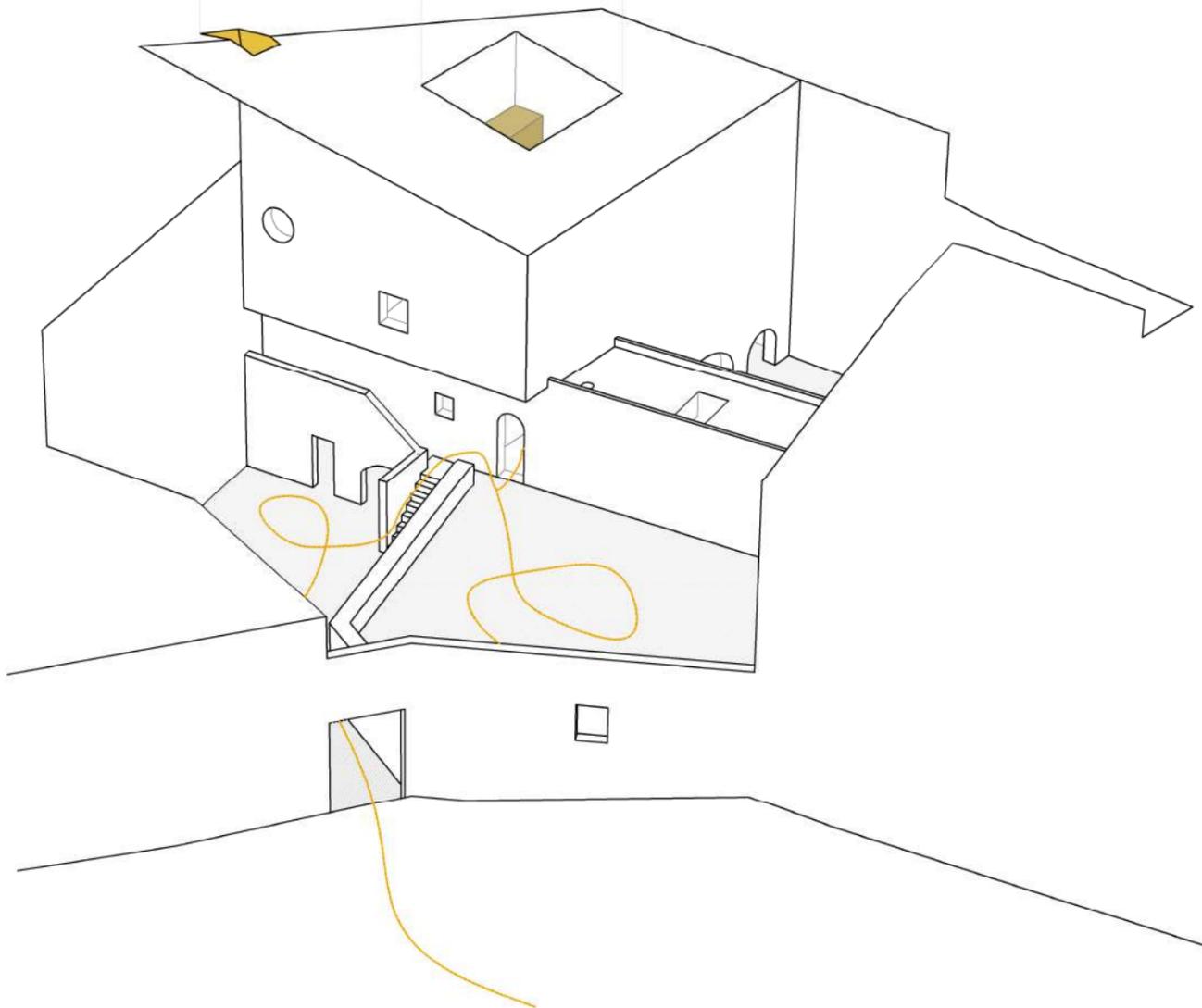
Vazio 4.8x4.3x10.9m

Vazio 132.5m<sup>2</sup>



Vazio 100.3m<sup>2</sup>

Pátio 172.4m<sup>2</sup>



Praticar o vazio é uma forma de, simultaneamente, criar o espaço e fundar um espaço de possibilidades para outras construções (humanas, temporais, sensíveis); por isso, esta proposta sugere limites que impõem fronteiras entre o interior e o exterior, o dentro e o fora. Ao fechar a sua geometria, prefere-se a abertura e linhas de fuga para o exterior, para o céu, e muitas vezes, para a noite. A geometria dos sólidos que compõem estas três casas é a apresentação de um paradoxo; a sua solidez e intransponibilidade, são a condição da abertura espacial que permite as ambicionadas diferentes vivências.

Estas 3 casas partem da premissa de praticar o vazio, sendo que as mesmas se inserem num vazio que a cidade de Évora oferece - que é pretendido manter e apenas enaltece-lo com as vivências das 3 casas.

A relação que as 3 casas têm com os vazios - pátios - é o ponto de partida para o seu desenho. A presença de luz seria uma das condições impostas por todos os clientes. Assim sendo, duas das três casas, passam pela reabilitação de um alçado existente cego para os patios e a outra casa passa pelo aumento da espessura de um muro que divide dois pátios.

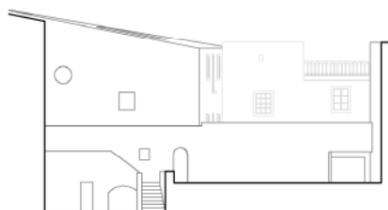
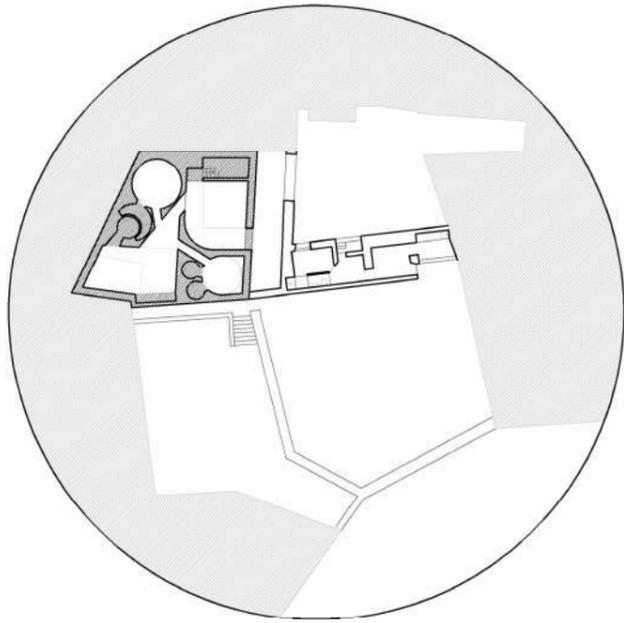
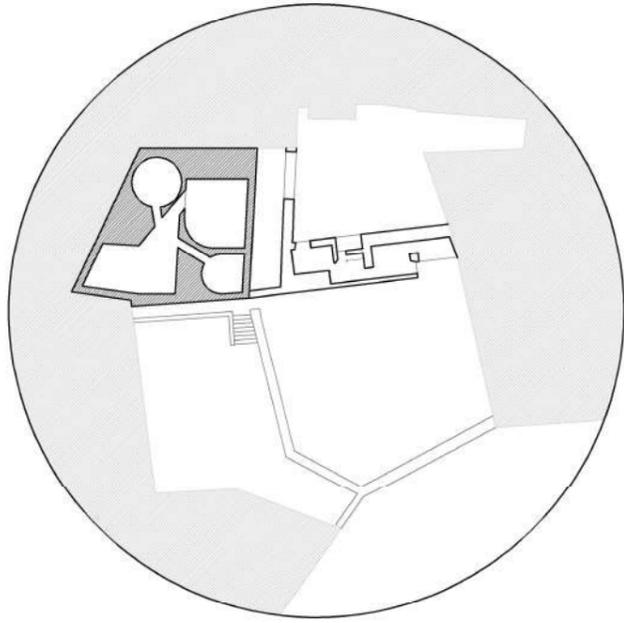
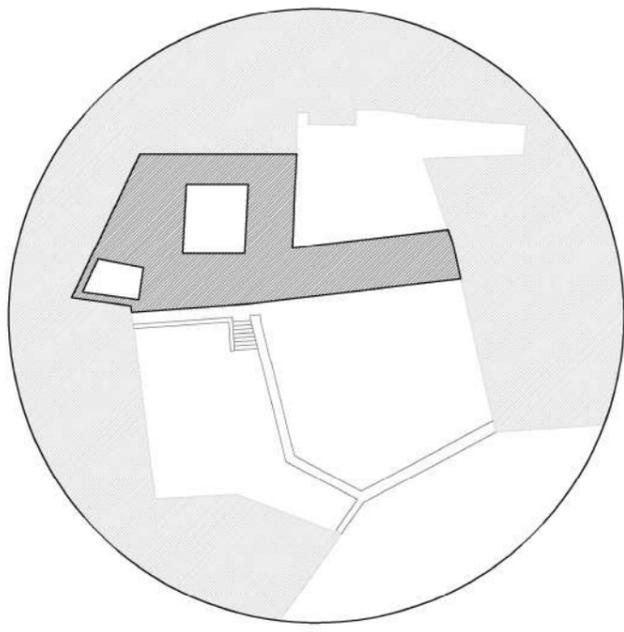
O muro habitado protege um lugar precioso. O acesso e a ligação ao interior encontram um pátio periférico que, ao descontextualizar a construção, relaciona a casa com o entorno.

O alçado cego, recebe então as outras duas casas, em que é criado um vazio central, uma abertura para o céu e calculada pelo desenho da luz. O restante cheio presenteia os volumes que contêm as funções de uma casa.

Num todo, o conjunto de volumes articula-se numa sequência de espaços interiores e exteriores em constante mutação, pela presença de vazios que impõem o espaço.







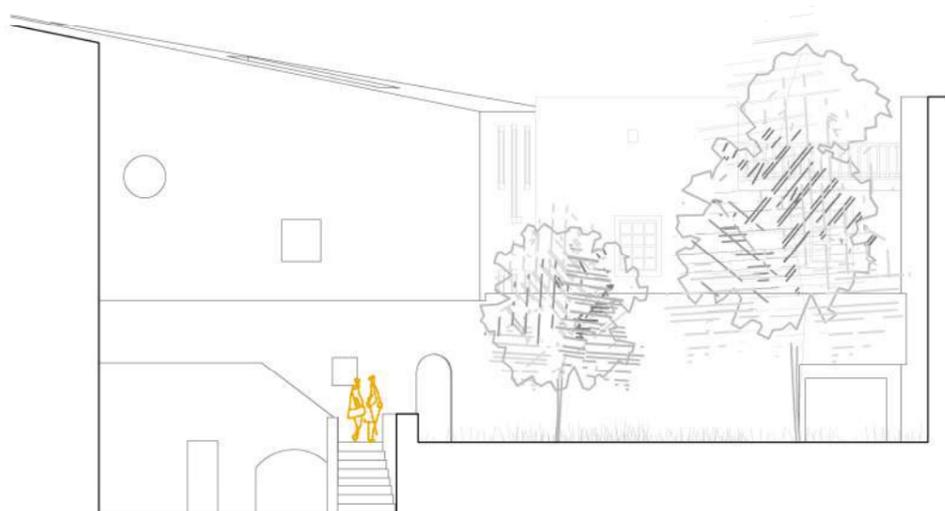
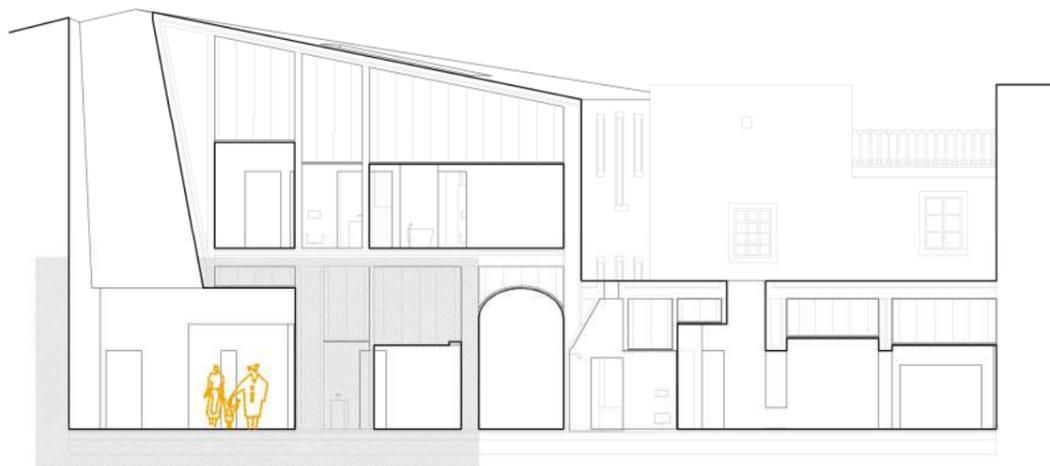
0 2 7

## A CASA DO GESTOR

No piso térreo, com acesso primeiramente por um pátio exterior do lugar e seguidamente por um pátio interior com vista para o céu, entra-se na Casa do Gestor através de uma antecâmara com 2.40m de altura que afunila para um espaço amplo, que reúne a cozinha e a sala, iluminando por um lanternim com revestimento amarelo de modo a tornar o ambiente mais quente e acolhedor. Paralelo a estes espaço central da casa, seguem-se os compartimentos mais intimistas, com formas convexas, de modo a criar uma ambiência introvertida, de relaxamento interior - quartos e instalações sanitárias. Na suite da casa, a Instalação sanitária divide-se em dois, a zona de duche e a zona de sanitário, ambas com entrada direta para o quarto. Tanto este quarto como o outro, têm estes acessos diretos para as casas de banho, para criar mais privacidade, foi pensada uma cortina pesada, com expressão, que acompanhe o desenho do espaço de modo a fechar por completo o quarto e não permitir ver-se nenhuma entrada para o compartimento.

A casa é constituída por piso de betão, paredes e tetos brancos com apontamentos em pedra maciça. A atmosfera da casa é definida por um conjunto de espaços de luz e sombra, concavos e convexos, onde a privacidade é a premissa mais importante, pois apesar de ter contacto com exterior, esta fechasse em si própria dando-lhe um carácter de "bunker".

Esta casa mais intimista, é rasgada por uma abertura na cobertura que, unicamente, ilumina a Casa do Gestor. A sua própria forma ascensão afunilada, faz que a sua proporção na cobertura seja mais contida em relação ao pátio interior. Assim, o seu revestimento em tom amarelo permite uma maior reflexão de luz, para encaminhar a radiação até ao piso térreo, cerca de 7m em altura de tunel que vai estreitando, dando-lhe um carácter acolhedor ao espaço que recebe a mesma.



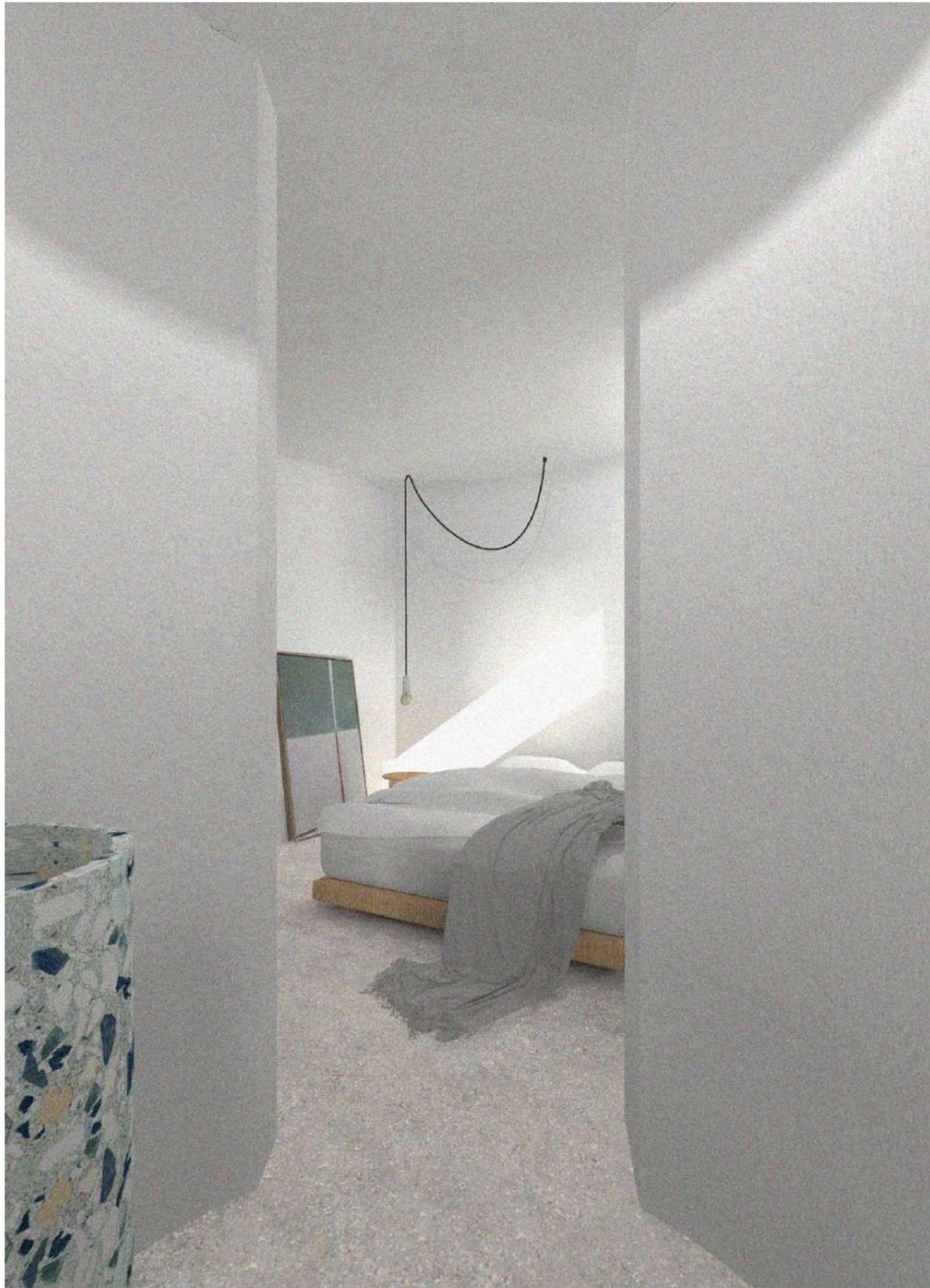
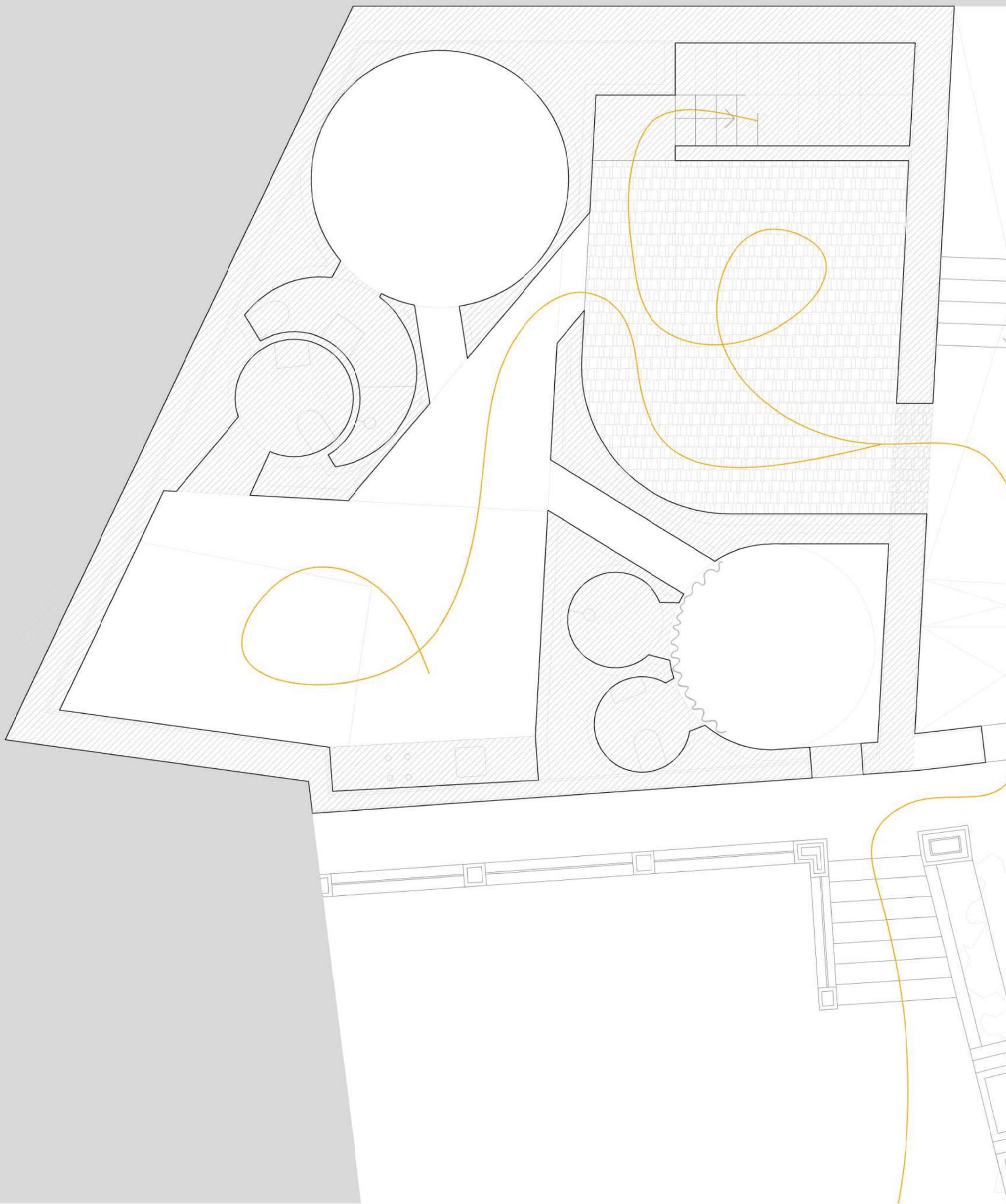
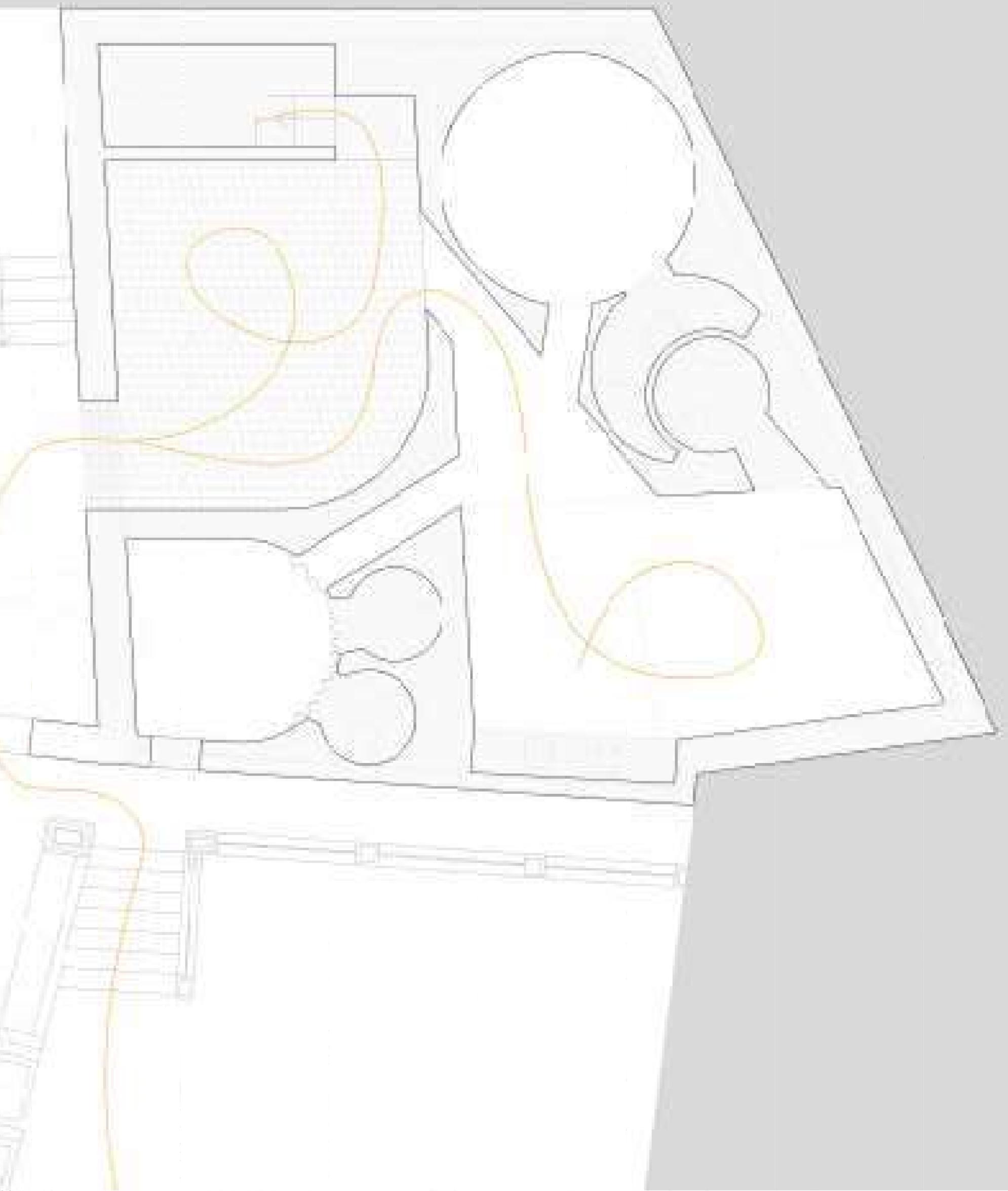
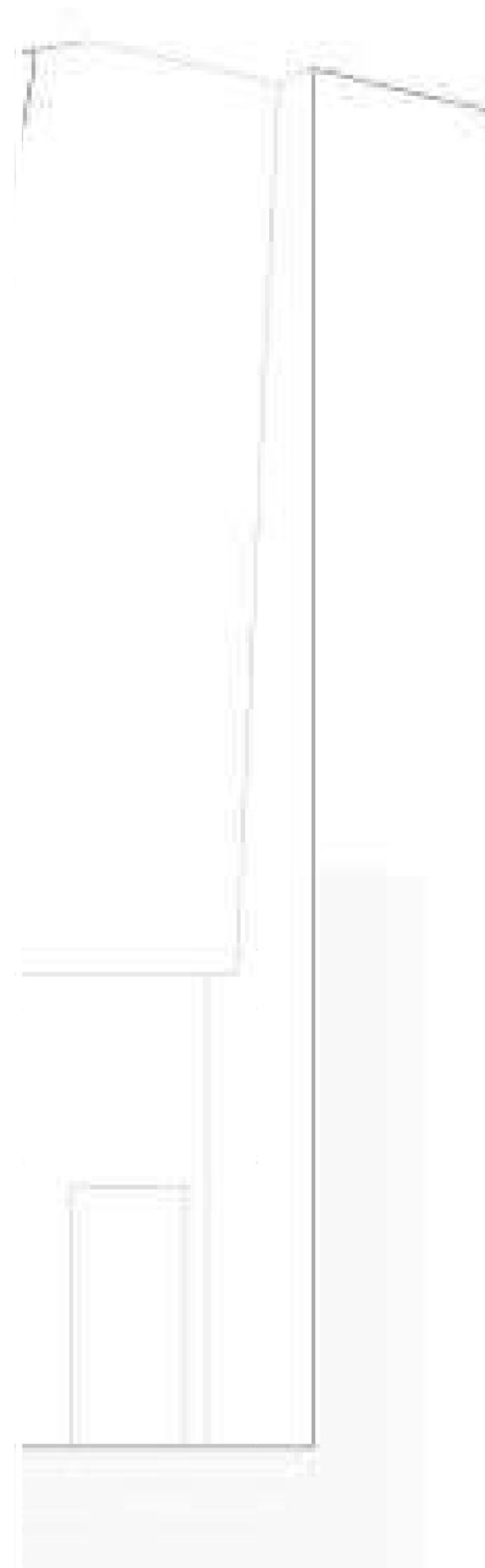


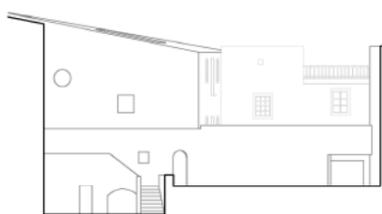
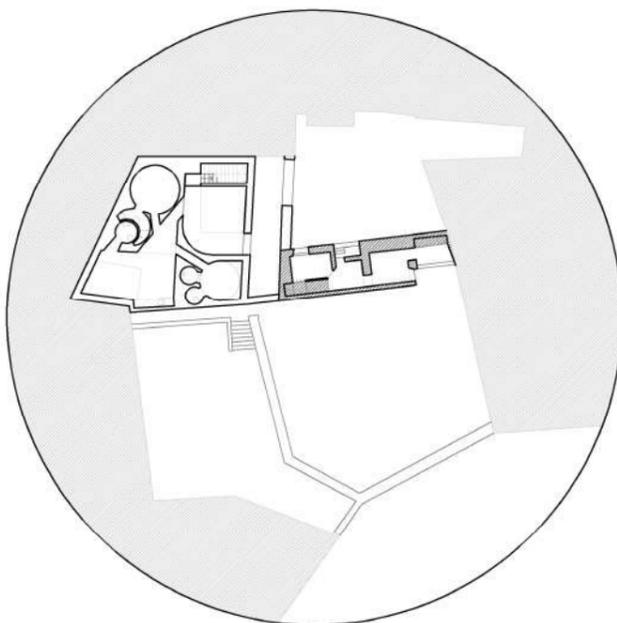
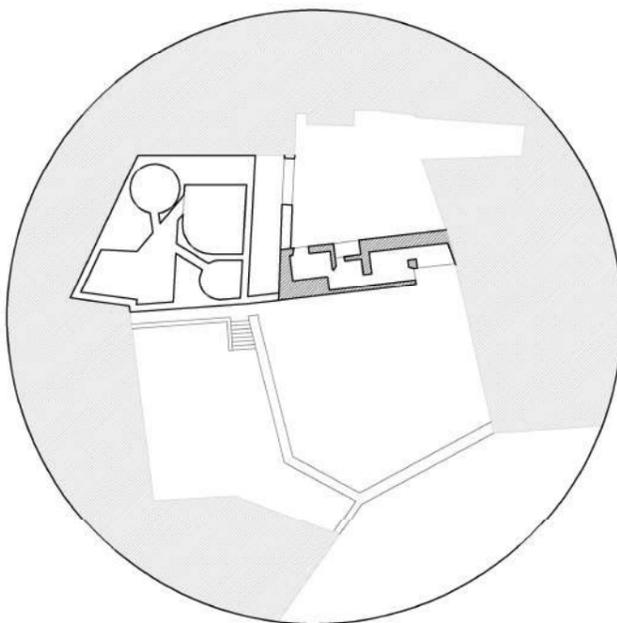
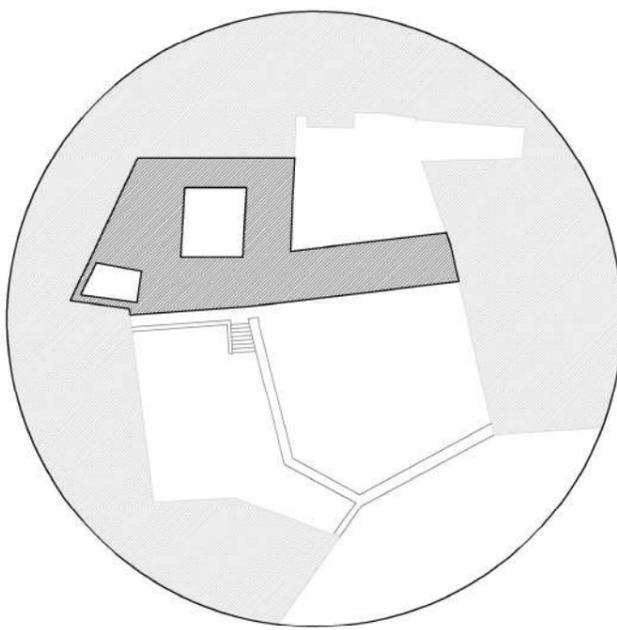
fig. 55 Imagem virtual interior da Casa do Gestor











0 2 7

## A CASA DO MÚSICO

A Casa do Músico está implantada num espesso muro que divide dois pátios, tendo o privilégio de poder ter acesso a ambos. Estes dois pátios são, na verdade, os espaços centrais da casa, um deles é o acesso principal à casa, o outro é o estúdio de música, com forte relação com a rua.

Dar este carácter murado ao muro, faz com que se ilucide a sua presença, mantendo-o num tom claro e sólido, incluí-o na malha urbana, criando uma continuidade do desenho da planimetria da cidade.

Entra-se na casa através de um primeiro pátio comum, sege-se umas arcadas que conduzem ao segundo pátio que cria uma pausa que antecede a casa, subindo um patamar para um espaço coberto e contido, que marca a chegada, ajustando gradualmente a escala, evocando proteção e sombra.

No interior, um pequeno átrio distribui e ao mesmo tempo divide as duas zonas da casa, a zona intimista que acolhe um quarto com vista para o pátio de entrada e uma casa de banho, que é privada do quarto como social para a casa toda. Esta, através da zona de duche, permite o acesso do quarto à própria, ou então um acesso pelo átrio, para ocasiões sociais. A outra zona da casa mais social, que encaminha para o estúdio de música - pátio principal - encontra-se a cozinha, a sala de estar e um alpendre de transição para o estúdio.

Este pátio murado é o espaço central da casa, um estúdio de música exterior que contém uma forte ligação com a rua, pois este cliente sendo músico de rua, diz que o seu estúdio de criação é a própria rua e nesta casa o seu próprio estúdio exterior não podia faltar.

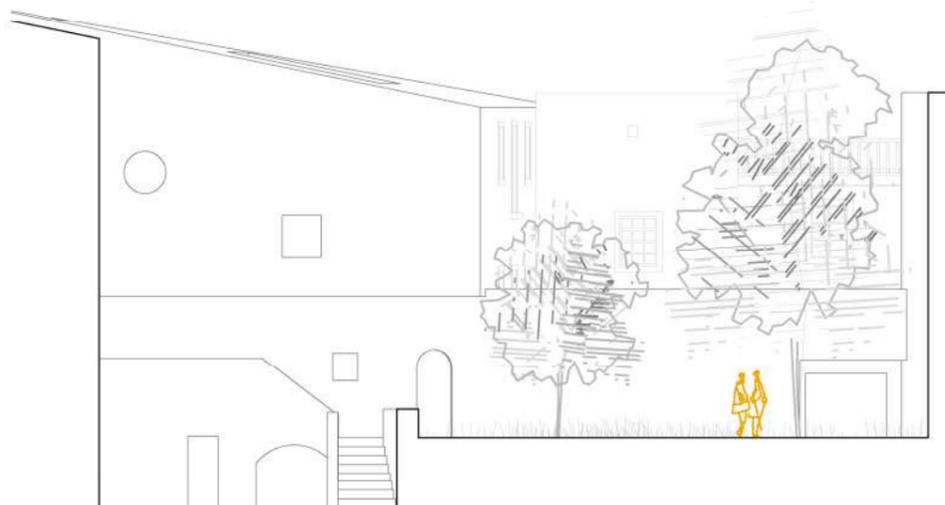
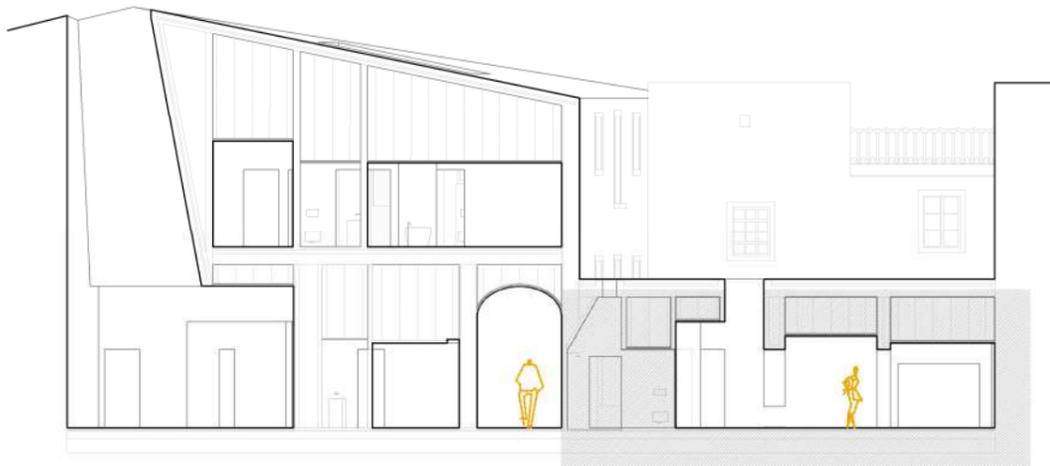
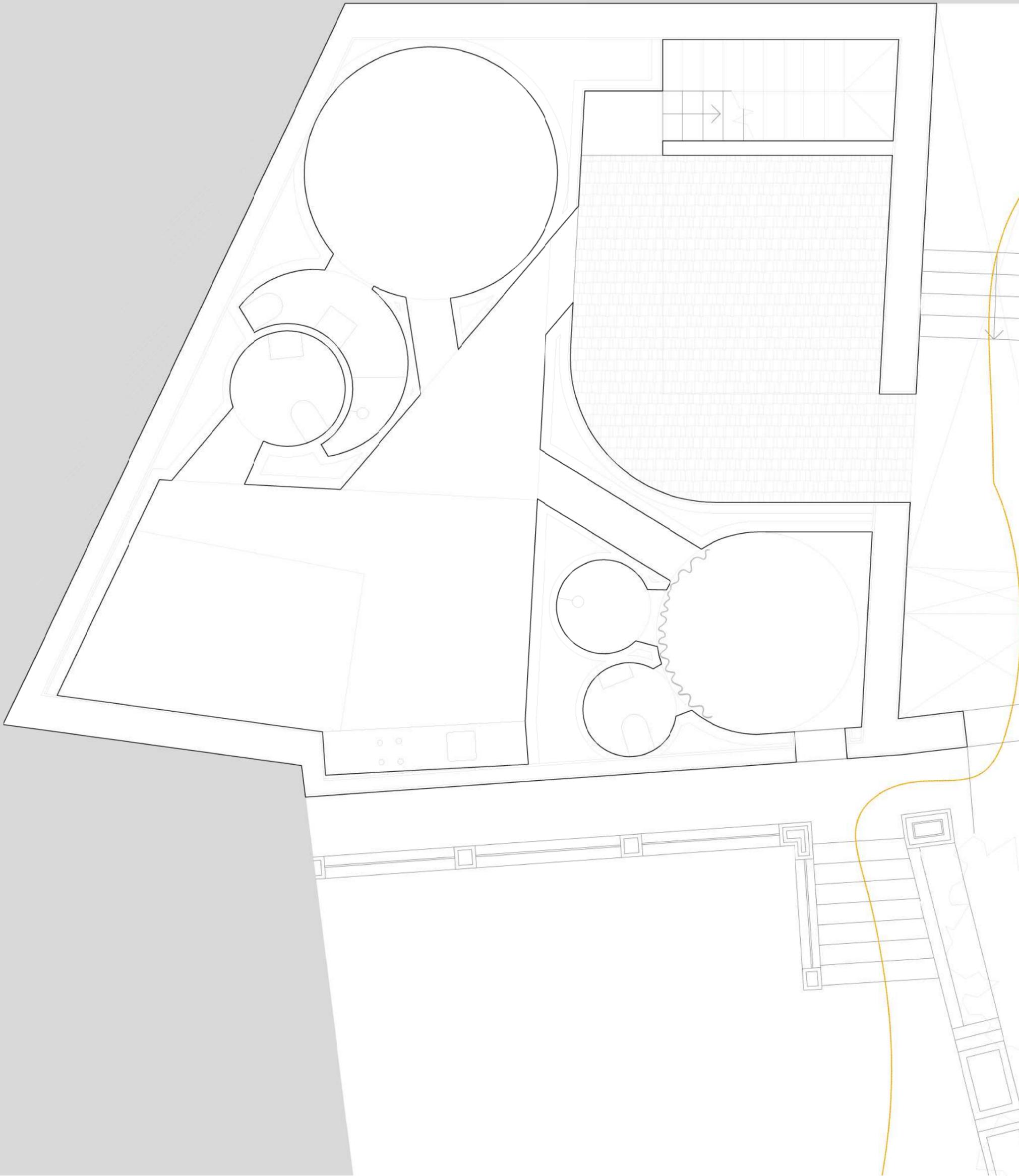
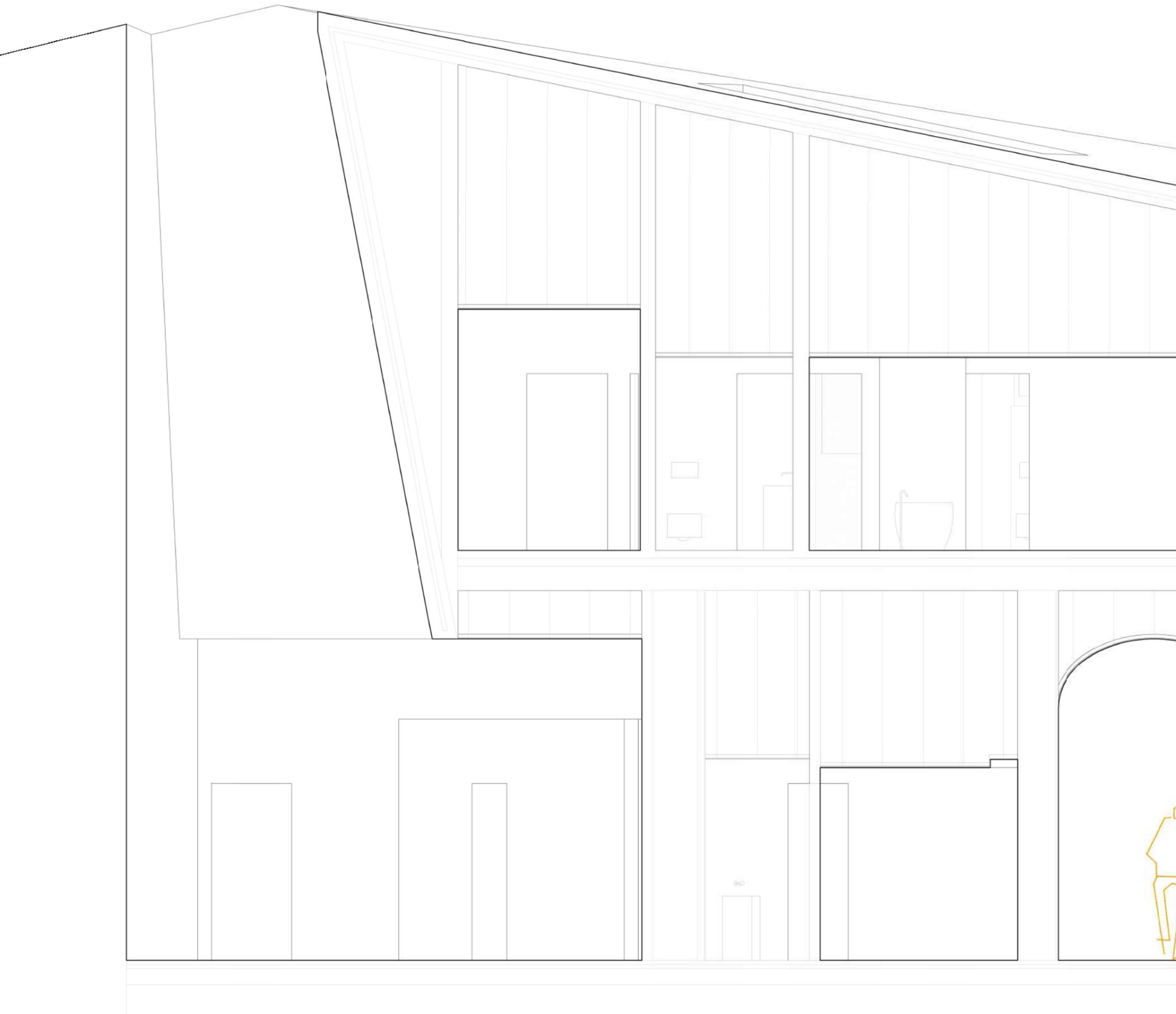




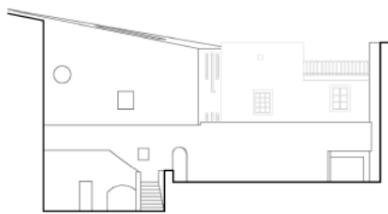
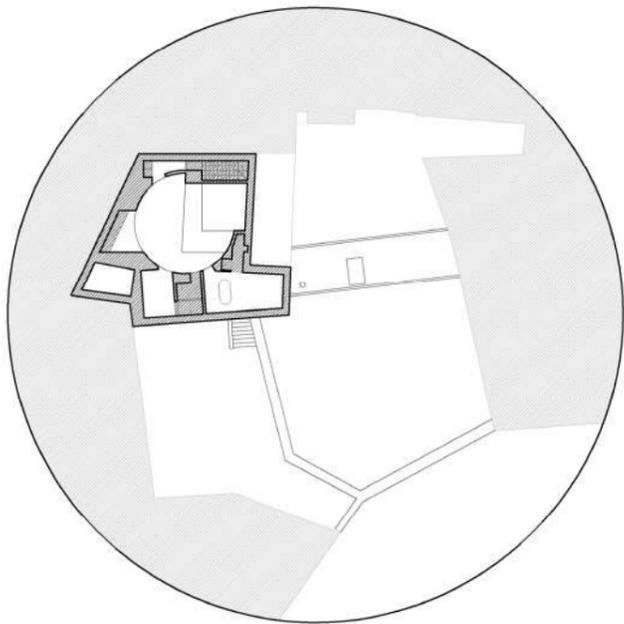
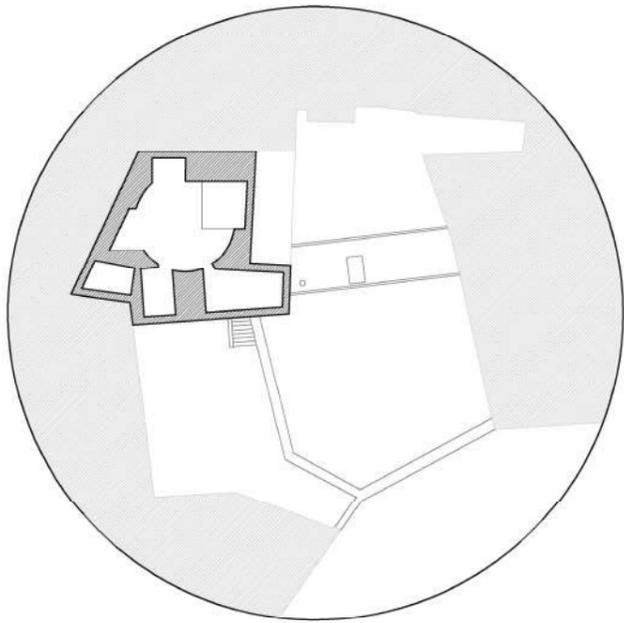
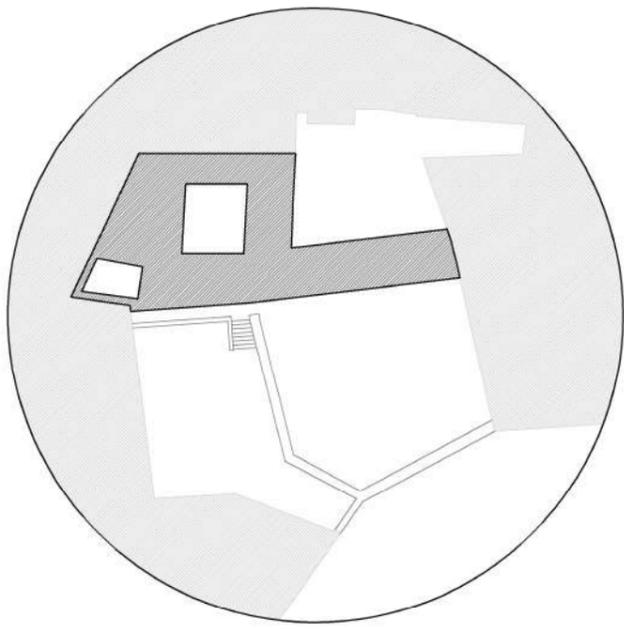
fig. 60 Imagem virtual interior da Casa do Músico











0 2 4

## A CASA DO COZINHEIRO

A Casa do Cozinheiro levanta-se sobre a Casa do Gestor, com acesso através do pátio interior com um grande vazio intersetado por um volume em madeira, com janelas e portadas, que procura estabelecer diferentes relações com o pátio, com o interior da casa e com a luz/sombra.

O volume desta casa avança, na fachada principal, em relação ao corpo em baixo e ao muro habitado, conquistando área que perdeu com o facto de precisar de escadas de acesso ao piso.

A entrada desta casa, em comparação, é a mais recatada, um espaço contido e sombrio acolhe espaço de recepção da casa, que conduz para o espaço principal da casa - a sala convexa, que além de ser sala de estar, sala de refeições, também é um atrio de distribuição para os restantes compartimentos. Em excepção ao seu desenho curvo, é extendido um volume mais frágil em madeira, que cria uma varanda permeável uqe se debruça sobre o pátio interior - espaço comum de todas as casas. Esta relação de formas permite tornar esta sala dinâmica, com um ambiente propicio a explorar a sua vivência ao máximo, tirando partido da sua dimensão, da enquadramento, da relação com o vazio do pátio e da luz que o mesmo emite para o interior desta.

Adjacente a este espaço central, distribuem-se os restantes espaços: a cozinha como nixo escavado na curva da sala, os dois quartos da casa e a casa de banho social. O quarto suite assume a fuidez da dimensão que tem e permite que a própria banheira seja uma peça escultórica do quarto, fazendo inteiramente parte do mesmo, sem compartimentação necessária; poder relaxar tanto na cama como na banheira, ambos sejam momentos de conforto e que possam ser partilhados momentaneamente. A casa de banho social apresenta uma relação com o cheio e vazio, enfatizando com o tanque, na zona de duche, a uma cota mais baixa que o piso, permitindo sentir o oco aquando a água bate no tanque em pedra, em contraste com a massa que enche 75cm até ao piso da restante casa.

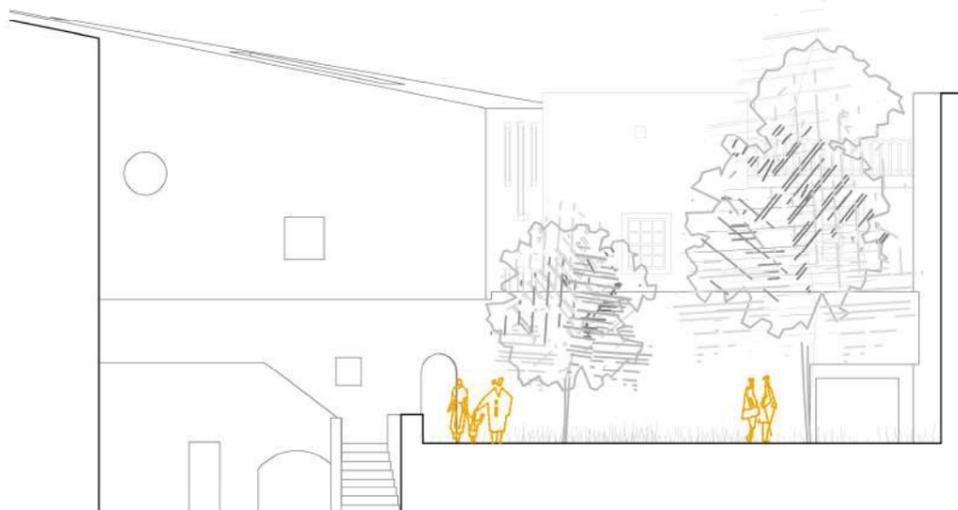
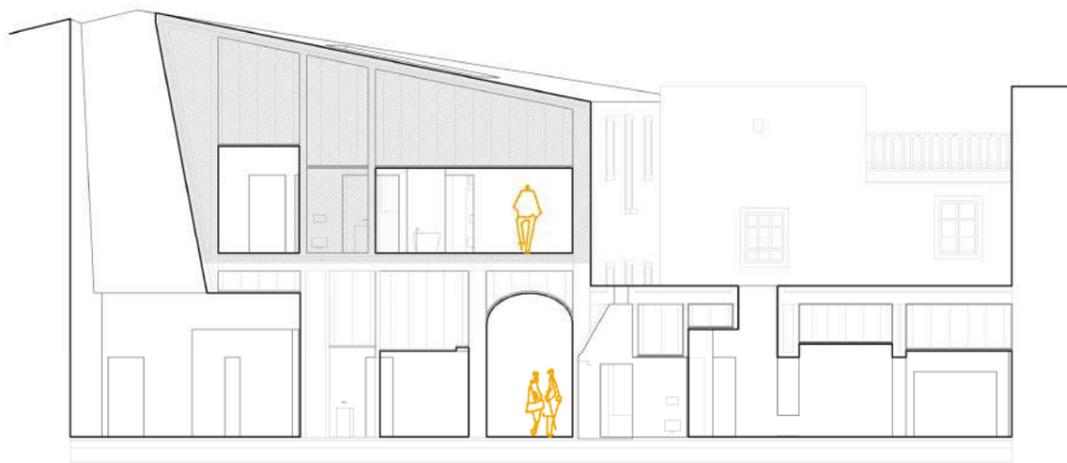
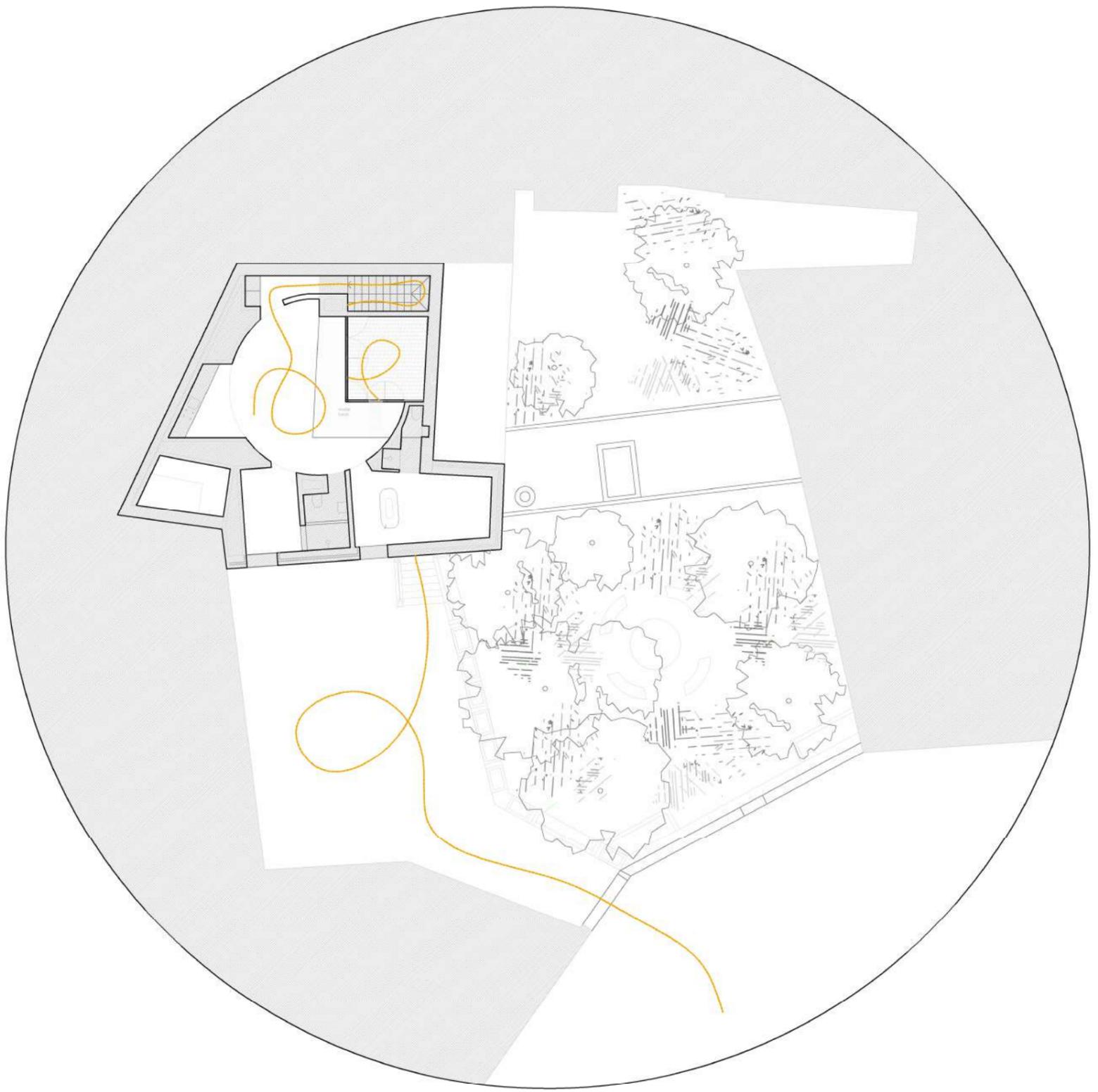
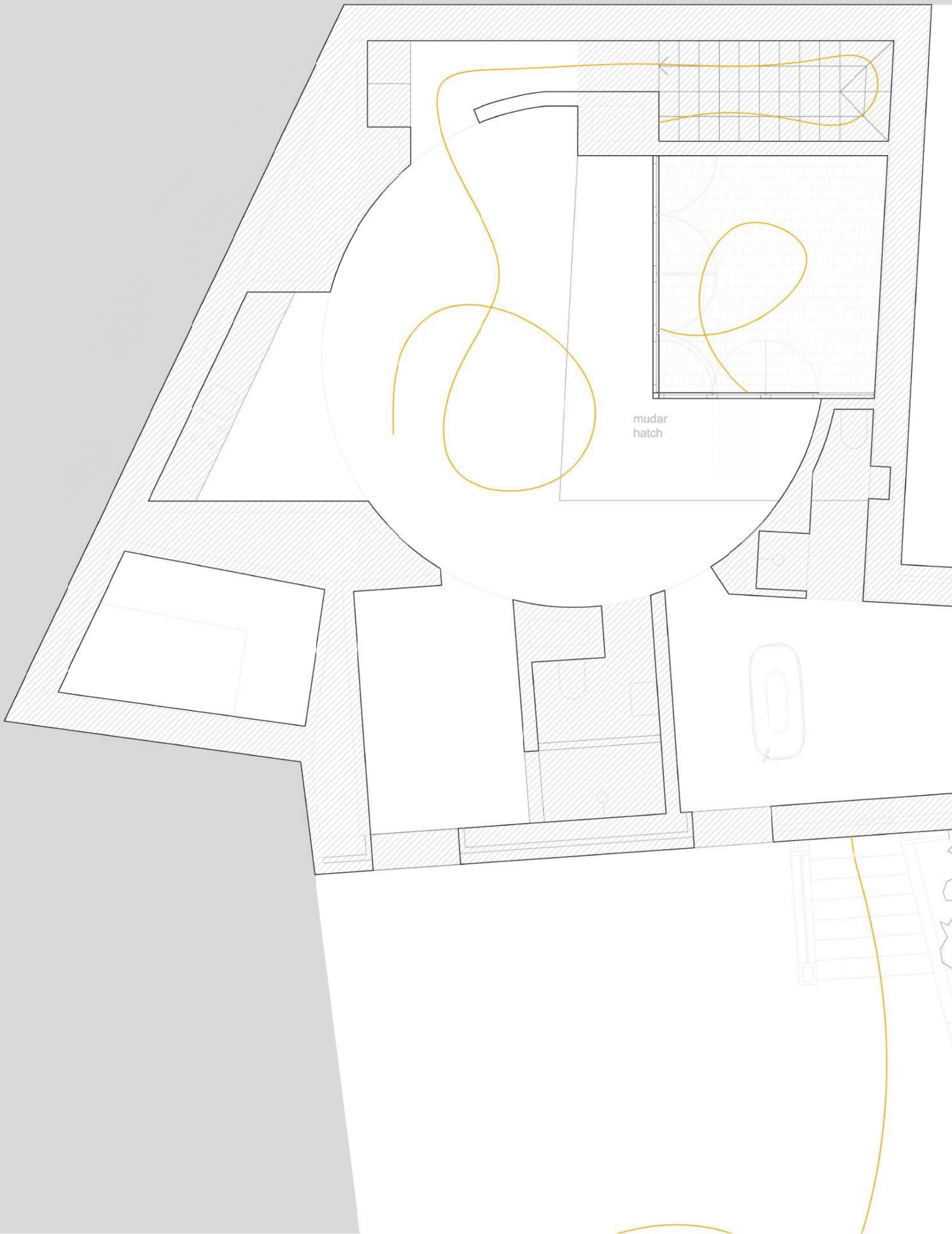
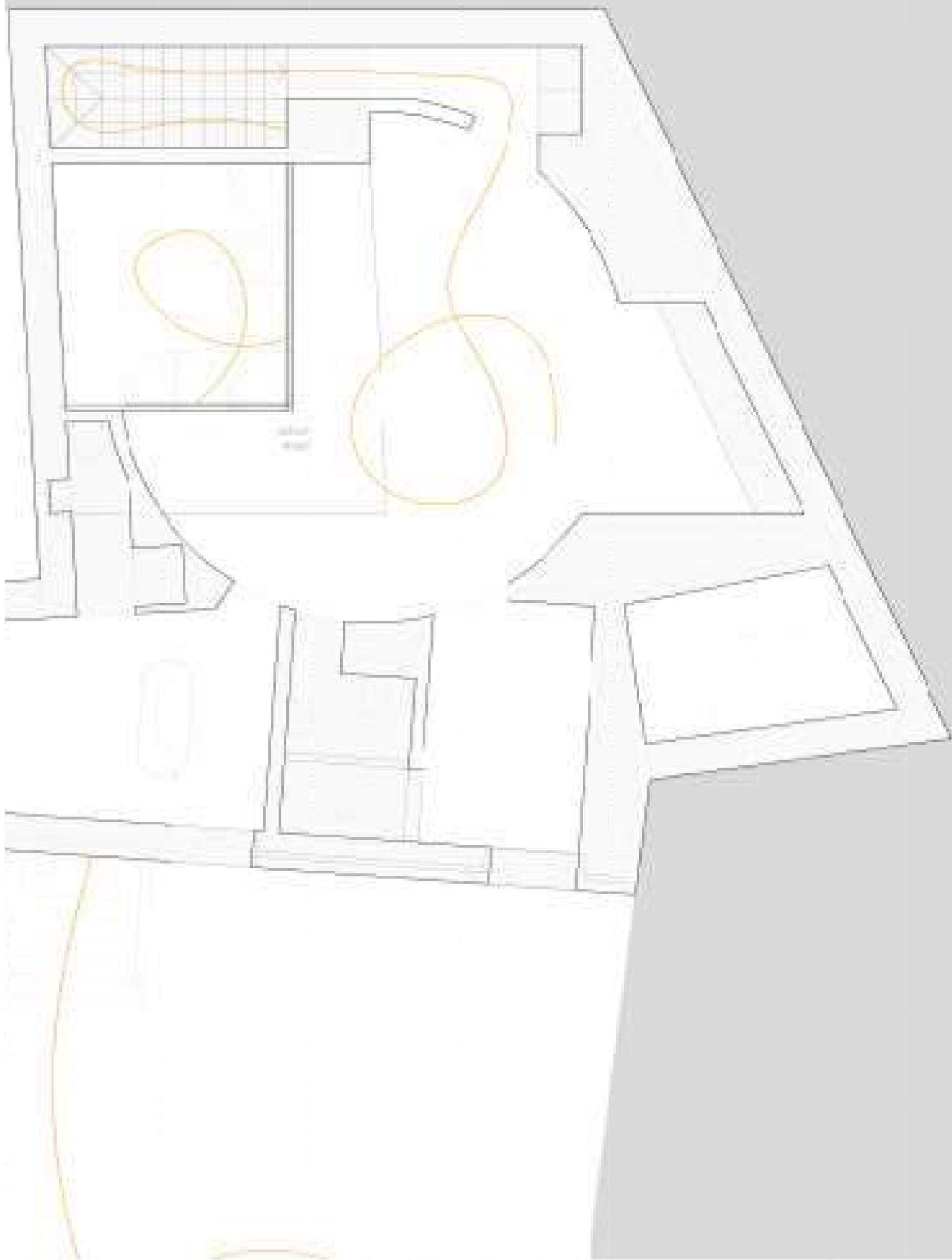


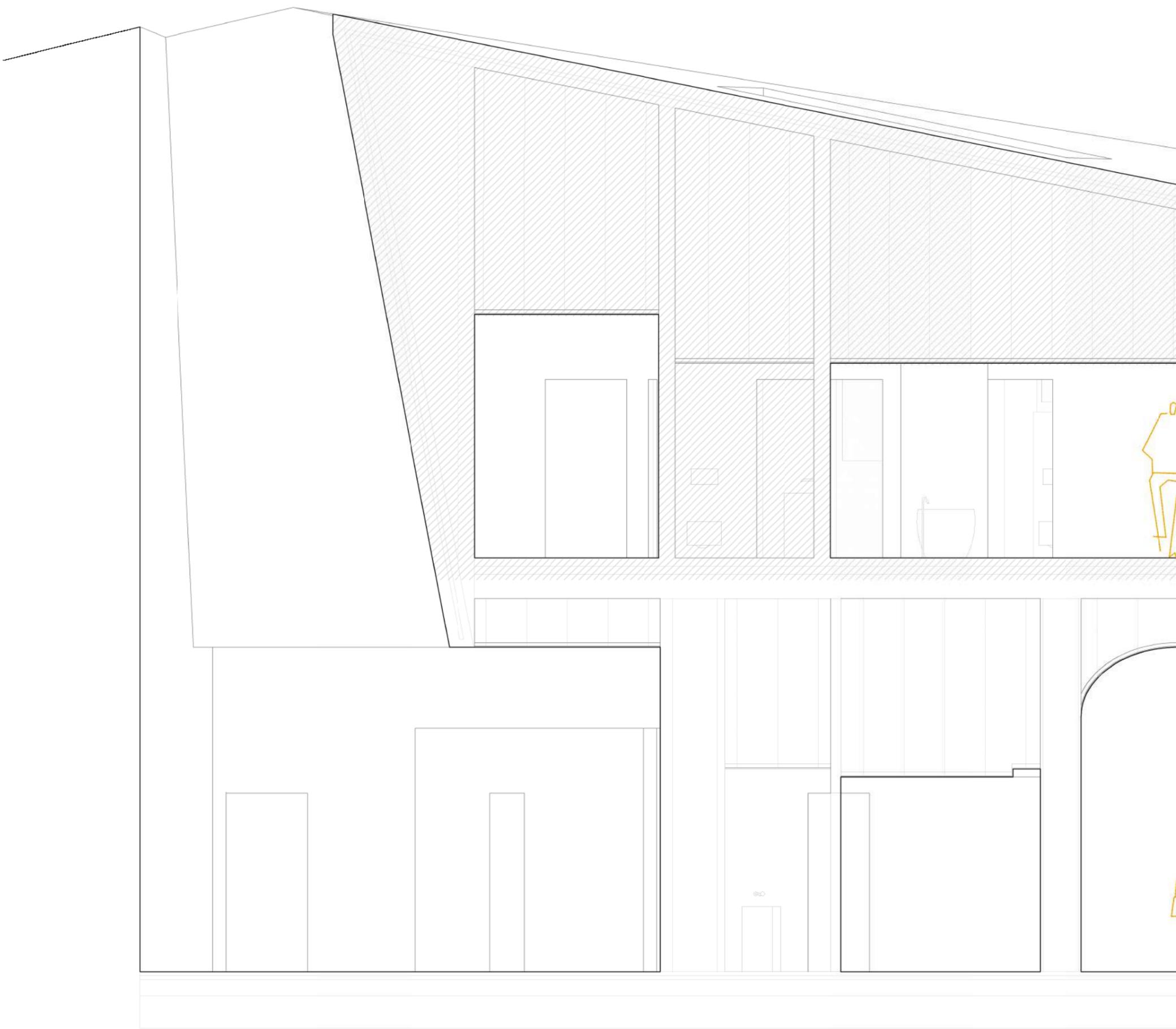


fig. 65 Imagem virtual interior da Casa do Cozinheiro



mudar  
hatch





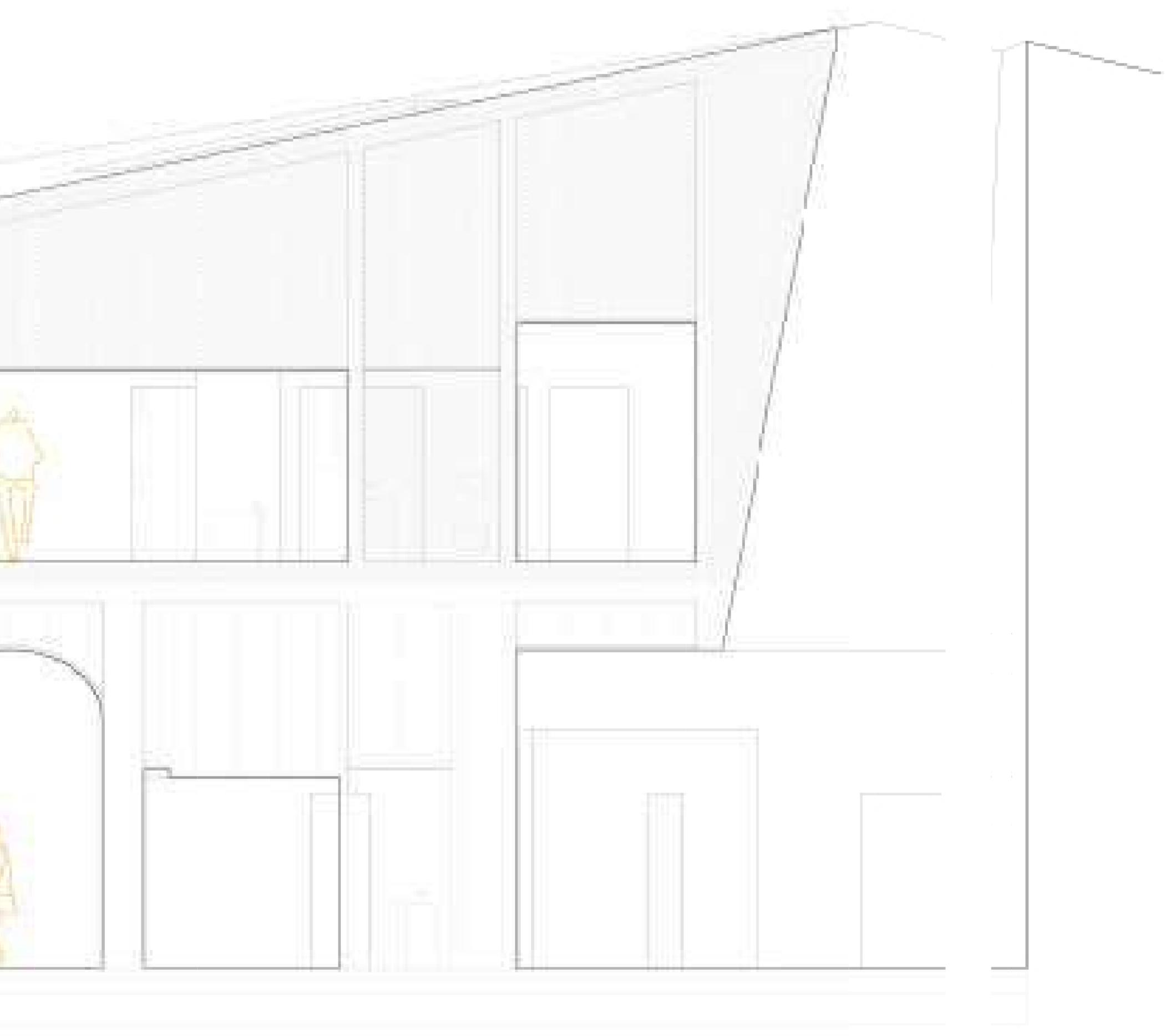






fig. 68 Vista da cobertura da proposta

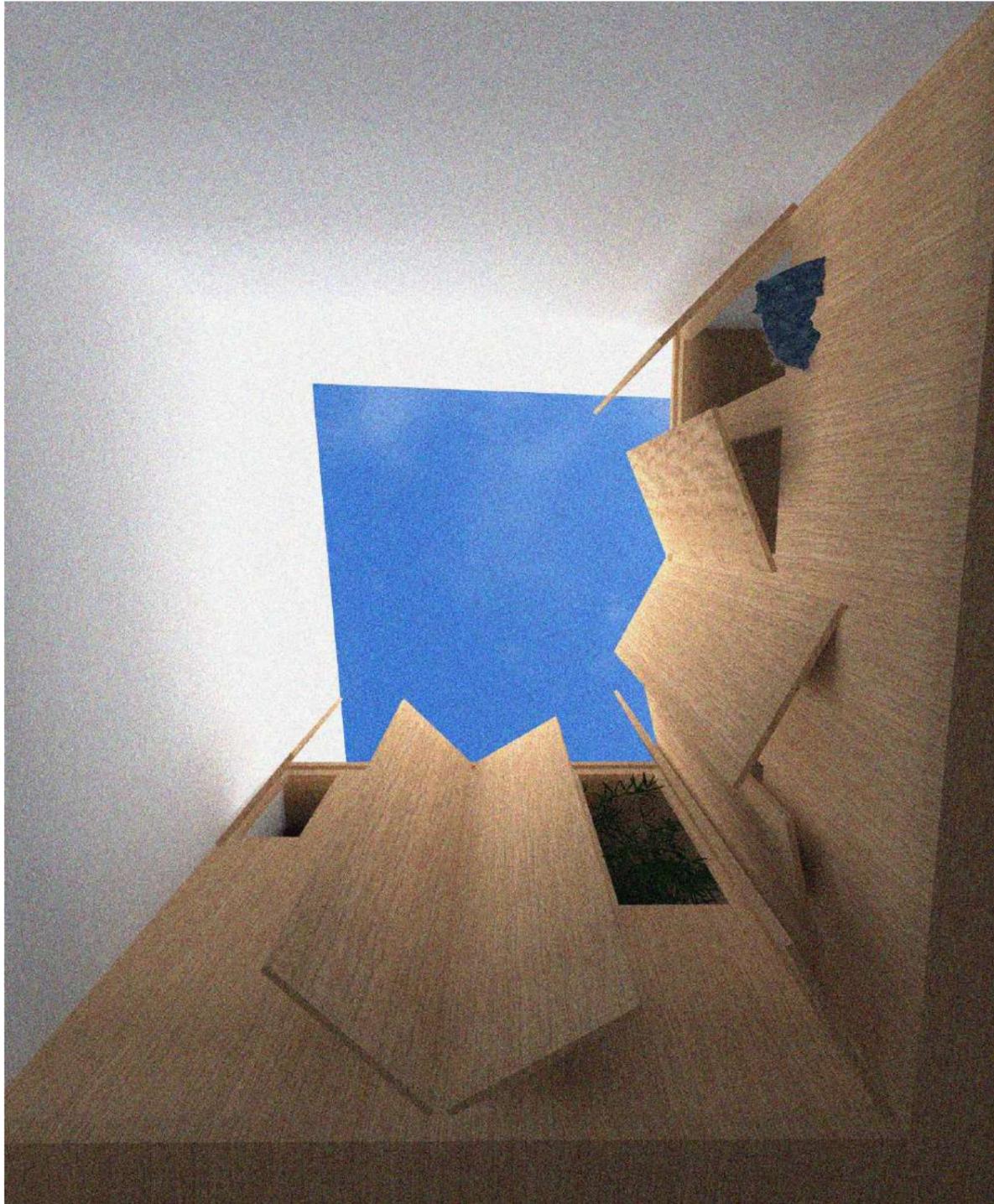


fig. 69 Vista do pátio comum proposto



fig. 70 Vista do lanterim que ilumina a casa do gestor



Neste último capítulo que se intitula 'Processo de Projeto Arquitetónico Reformulado', espelha exatamente esta premissa. Numa primeira abordagem, é lembrado o processo de projeto realizado no ano letivo 2014/2015 como exercício de Projeto VI, onde é apresentada a proposta com base no enunciado anteriormente explicado.

Em seguida, numa busca da reformulação do enunciado e em continuidade do exercício, refletiu-se sobre os perfis hipotéticos dos clientes de modo a torná-los reais, dando um carácter real ao exercício, mais próximo da verdade de um arquiteto. Dando-lhes "vida" através das suas características físicas, psicológicas e sociais. Para os conhecer foram realizadas entrevistas aos três novos clientes que permitiu desenhar um perfil de cada um de modo a que este fosse o ponto de partida para o projeto arquitetónico.

Outro tema que surge durante a investigação, devido às entrevistas, foi as falsas ideias claras, ou seja, são pensamentos e ideologias que cada pessoa cria consoante as suas próprias vivências, o que faz com que as suas experiências vividas limitam-se às rotinas comuns da limpeza e alimentação do seu dia-a-dia. De um modo geral, as afirmações dos três novos clientes vão de encontro as suas ideias pré-concebidas que acabam por limitar os espaços que habitam, distinguindo cada casa apenas pelos seus objetos pessoais e não por experiências diferentes.

Na procura de desmistificar as 'falsas ideias claras' analisou-se referências arquitetónicas e conceitos com lógicas arquitetónicas que considere importantes explorar para o desenvolvimento de projeto, de forma a consolidar uma base teórica. Todos os projetos que se estudaram seguem programas semelhantes, habitação, sendo estes projetos únicos, desenhados por arquitetos distintos, com abordagens diferentes.

Após estas análises de casos de estudo, é repensado o projeto através do pensamento de praticar o vazio, que em simultâneo cria espaço, que redundantemente este se insere num vazio da cidade de Évora. Cada casa é explicada individualmente, sendo que todas têm a mesma linha de pensamento, pois cada uma delas tem um cliente único, como podemos refletir com as entrevistas.





# CONSIDERAÇÕES FINAIS





fig. 71 Conversa com o gestor

## OS 3 CLIENTES

Após o processo de elaboração das Casas dos novos três clientes, reuni novamente com cada um dos clientes, de modo a ter a sua opinião sobre o que projetei para cada uma das suas casas. Foi-lhes explicado em que contexto foi realizado o exercício, desde enunciado de projeto até à reformulação do mesmo, de modo a que compreendam que existiam limitações no processo, como na realidade também haveria.

Antes desta reunião com cada um deles, imaginei vários cenários na minha cabeça, pois apesar de estar confiante com a proposta, sabia que não iria de todo ao encontro de que cada um deles imaginava, pois a ideia seria eliminar ideias pré-concebidas do habitar uma casa, tomando cada uma das suas casas, a sua experiência única.

Começando pela Casa do Gestor, que na minha opinião seria o cliente mais difícil de fazer-lo compreender determinadas decisões tomadas no projeto, foi o cliente que na verdade correspondeu ao que imaginei. O gestor construiu as suas expectativas que não corresponderam ao que lhe foi apresentado. Como é possível analisar pela entrevista<sup>19</sup>, o Gestor imaginou uma casa enorme, num terreno com um quintal e garagem, piso térreo e primeiro piso, muito arrumação na garagem, etc... Como o próprio afirma:

*"Todos idealizamos isso, acho que qualquer pessoa que vive num apartamento idealiza uma casa enorme. Eu vivo em apartamento e noto isso, pensa nestas coisas de ter uma casa grande com espaço para tudo. (...)*

*Claro que nas minhas expectativas, tava uma casa com um quintalão, com muito espaço, com um sótão aproveitado, com uma garagem..."*

Assim é possível compreender que o Gestor assume que todas as pessoas idealizam viver numa casa como ele descreveu e que isso é o ideal para todos. O projeto apresentado, não indo às expectativas do cliente, correspondeu a uma hipótese que para o mesmo lhe pareceu possível, pois não difere muito do que atualmente vive, diz o mesmo.

Inicialmente, pareceu-lhe bem e gostou do projeto num geral mas penso que isso seja uma forma de ser coerente, algo que faz parte da sua maneira de ser, sendo que houve situações que considere pontos que o mesmo achou negativo.

*"É assim, é algo que não é o ideal porque... não falamos anteriormente, mas antes desta casa onde estou agora, eu vi numa em que havia uma parte que era arredondada e não gostei, por um motivo, porque toda a mobília, tudo o que temos, não enquadrava ali, ficava um bocado fora de contexto, mas não desgosto da ideia do quarto da criança ser redondo, pois penso que seria possível pensar num cenário diferente para o quarto, por as brincadeiras, é capaz de ser uma boa ideia, é capaz de ser interessante."*

Com estas afirmações é explícito que não foi do seu agrado. Como ponto positivo, o fato de na zona mais social da casa ter uma presença de luz natural, um espaço interior mas que tem muito de exterior, e o facto de haver uma fusão entre a cozinha e sala, agradou-o bastante.

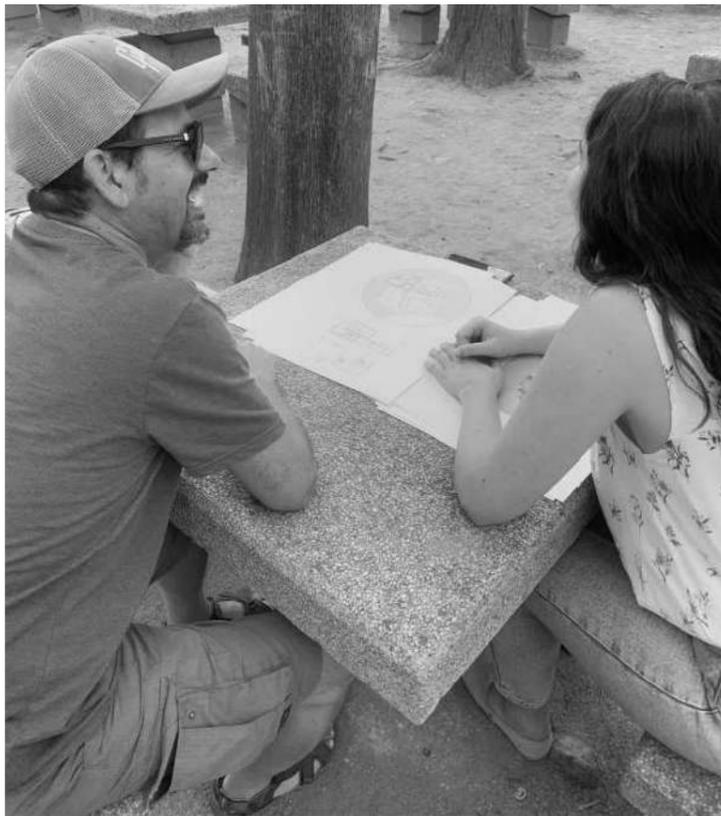
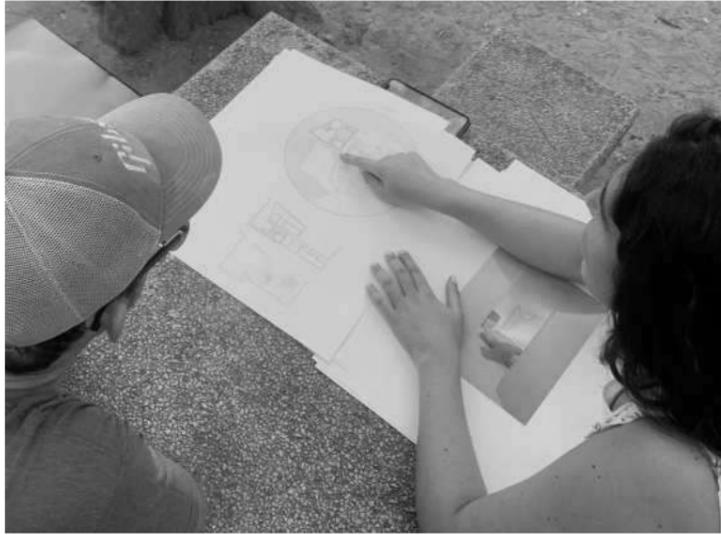


fig. 72 Conversa com o músico

A Casa do Músico, esta, para mim, seira uma reação incógnita, pois do que consegui compreender da entrevista, é uma pessoa pouco apegada à casa, e que assegurando o essencial, para o Músico, estaria tudo bem. Ao explicar-lhe que teria um estúdio num pátio, com uma excelente relação com a rua, vi um sorriso tímido a surgir no rosto. Pareceu-lhe bem a relação da casa com tanto espaço exterior, e que na verdade tinha tantos espaços bons onde poderia tocar, que só isso para ele seria o suficiente. Houve uma única apreensão quanto ao estúdio no exterior, pois precisav de um espaço para poder gravar, e esse espaço tinha que ser com mínimo barulho possível, assim quando lhe mostrei outra opção, sorriu e ficou bastante agradado.

*"Músico: Agora, a ideia é muito boa, é excelente, eu adoro, mas acho que tem um senão: se eu quiser na realidade mesmo gravar, o estúdio é sempre exterior, sempre? Por causa de microfones, captar ruídos, esse é só o senão, mas de resto... (...)*

*Joana: Para os casos de gravar, eu pensei noutra solução: nesta tua entrada, existe aqui um espaço, coberto, tem uma entrada de luz, mas é coberto, que é um hall de acesso às outras casas, mas que ao mesmo tempo é mais privado, ele tem um pé direito muito alto... (...)*

*Músico: Posso ocupá-lo... posso ocupá-lo. A que horas é que os meus vizinhos saem e entram? Então eu vou poder usar entre x e x horas. Então eu vou trabalhar durante estás x horas.*

A reação do Músico foi bastante simpática e acolhedora da proposta. colocou dúvidas, imaginou-se no espaço, foi compreendendo o projeto à medida que iam entrando nele.

*"A sensação que eu tenho, de fora, que eu tenho na maioria das casas modernas, que têm assim estas fachadas é que, epá isto não tem janelas, mas depois estas coisas da iluminação ta tudo muito bem estudado, e acho que não vai faltar."*

Por fim, a Casa do Cozinheiro, esta proposta, no meu imaginário, seria a conversa que mais curiosidade me transmitia, pois tinha uma linha de pensamento que eu achava que o casal iria gostar e o único cliente que achava possível imaginar-se a viver ali. E foi mesmo isso que aconteceu. O cozinheiro e a sua namorada iam esboçando sorrisos ao mesmo tempo que ia explicando a proposta.

*"Não, na verdade tava a pensar talvez uma casa do rés-do-chão, mas assim como está tá perfeito visto que tem um quintal enorme, mesmo que seja partilhado. E tem também esta coisa de ser ligeiramente isolada, em relação ao resto." - Cozinheiro*

*"Ótimo! Eu gosto desta ideia assim... circular!" - Namorada do cozinheiro*

Cada pormenor que explica sentia que estavam abertos a experimentar, a mudar as suas vivências e querer permanecer naquela, que seria a sua casa. Sugeriram algumas mudanças que me pareceram acertadas de modo a permitir ainda mais uma satisfação na sua vivência.

*"Na verdade acho que não faz falta nada, já estou a imaginar o interior: uma ilha à frente da cozinha! (...)*

*Ah então sim, temos mesmo muito espaço! Sim, depois na verdade, aí seria quase como se fosse a nossa casa agora (que gostamos muito, mas não podemos comprar). Também temos os pátios que podem usufruir." - Cozinheiro*



fig. 73 Conversa com o cozinheiro

Este retorno das opiniões dos clientes às casas desenhadas à sua medida tentam clarificar a importância da relação do arquiteto com o cliente para chegar ao melhor resultado possível, sendo que esta simbiose não é sempre fácil devido às falsas ideias claras que por norma os clientes têm. Nestes três exemplos é possível compreender isso, começando pelo Gestor, como vimos anteriormente, a convicção com que afirmação que “todas as pessoas gostariam de ter uma grande casa” faz com que, na sua realidade/vivência o comum seja todas as pessoas querem um quintal com garagem e muita arrumação, logo apresentar uma proposta fora desse padrão deixa-o desconfortável e não será uma opção viável para a sua vida. Esta proposta mostra-lhe uma opção possível e compatível para o que pretende, mas mesmo assim existe uma aversão a tentar compreendê-la a partir do momento em que não é uma moradia implantada num terreno.

Com o músico, a reação foi completamente oposta, pois o facto da proposta sair completamente fora do comum que ele costuma ver e conhecer, agradou-o e ainda senti um entusiasmo e querer compreender mais o projeto e perceber em como estava tudo projetado ao pormenor.

*“Muito fixe, gostei muito. uma boa ideia. Eu não estava à espera de nada, estou sempre à espera de ser surpreendido e que seja fora do normal. Que é o mais importante. E ter uma casa que não seja o típico, aqui tá a cozinha, aqui tá não sei o que... aquela coisa dos Ts... não é?! T4... é sempre um T. porque é que não é um Z? Porque é que não é um X? e porque é que não é um G? Porque é sempre a história do T, é sempre uma figura geométrica em T. Obviamente depois aqui no centro de Évora, há coisa que mudam. Como noutras cidades. E fiquei curioso com isto aqui, isto aqui está na entrada? Embutido? Então serve como aquecimento da própria casa. Portanto isto fica aberto, que vai para cima, mas depois, leva o calor pelo chão também.”*

O músico, sem saber que esta seria uma das questões da investigação, pronunciou-se sobre o assunto, e percebi que realmente compreendeu o projeto, apontou aspetos negativos e positivos, mas acima de tudo desmistificou-se as falsas ideias claras que tinha e permitiu absorver outras ideias de vivência no espaço, libertar o seu pensamento para conseguir habitar aquela casa na sua plenitude.

O Cozinheiro, a sua namorada e a filha foram os clientes talvez mais satisfeitos, no sentido se “encaixarem” perfeitamente na casa. A casa estava com as suas medidas. Compreenderam o projeto na perfeição, identificaram-se com os espaços, não ficaram surpreendidos com nenhuma forma escultórica dos espaços, aliás devido à localização ficaram encantados com iluminação e privacidade que a própria tinha. A chegada efetiva de mais um elemento à família, também se foi manifestando juntamente com eles. E o facto de haver um espaço para o novo membro e para os seus animais de estimação, dois cães, também os agradou.

Em suma, é possível analisar que os três casais têm vivências diferentes, ideias e costumes diferentes e faz com que cada reação seja bastante dispar entre os mesmos. Claramente que o gestor tem muitas falsas ideias claras que permitem que possa vivenciar outras experiências; o músico também tem essas falsas ideias claras no seu pensamento, mas tenta que sejam corrompidas e aceita-as muito facilmente; o cozinheiro é claro que essas falsas ideias claras pouco existem, e caso existam consegue rapidamente desviá-las e compreender uma outra perspetiva.

## CONCLUSÃO

A presente dissertação de mestrado pretendeu refletir sobre a relação do arquiteto e o cliente, através de uma revisão ao exercício de projeto, abordando temas que se relacionam, estudando a função do arquiteto, a importância do cliente e a sua relação de modo a resultar um projeto de arquitetura de acordo com o cliente e o lugar.

Um trabalho teórico-prático, sustentado por uma base teórica que, formulada a partir da investigação da reformulação da enunciado do exercício de projeto, capaz de fundamentar a pertinência do tema, e a partir da apresentação de conceitos e referências que foram aplicados no projeto.

Desta forma, a aproximação ao objeto de estudo foi feita de forma gradual e fundamentada, assim como a apresentação de projeto, que tentou seguir a lógica de entendimento de uma proposta de arquitetura, de fora para dentro, do geral para o particular.

Num primeiro momento, expor o processo de projeto realizado no 2014/2015 em Projeto VI. Este registo trata uma breve descrição do processo realizado num semestre, sobre uma abordagem ao tema da interação arquitetónica e a estrutura do núcleo urbano, intitulado "Habitar Évora, três casas em três lugares da cidade". O exercício lançado pelos docentes consistia na escolha de um lugar dos três sugeridos pelos mesmo e na proposta de três casas para três amigos. Após a escolha estratégica do lugar, foi necessário um estudo do lugar tendo em conta todas as premissas essenciais, onde a matéria e a forma sempre foram temas presentes na conceção do projeto.

Assim, o segundo momento aprofunda conceitos inerentes ao momento seguinte, tais como a importância do arquiteto na sociedade, como é visto o arquiteto por outro arquiteto e a relação do mesmo com o cliente. Esta pesquisa teve como objetivo a identificação de fatores que determinam ou que contribuem para a relação arquiteto-cliente, através da reflexão crítica de casos de estudos que relacionam lógicas de projeto de arquitetura com o papel do cliente no projeto.

Por fim, a investigação conduziu ao desenvolvimento de uma proposta de projeto sustentada em conceitos práticos e referências que serviram para compreender as lógicas espaciais, tipológicas e programáticas, transversais às do objeto de estudo, propondo um exercício de interpretação do enunciado proposto na cadeira de Projeto VI, e a reformulação do mesmo, de modo a que o perfil desenhado dos três amigos passe a ser real, ou seja, que o projeto académico passe a ser observado numa perspetiva real, com todos os alicerces de um contexto real, com clientes reais.

Esta proposta de projeto reflete sobre o conceito de praticar o vazio. O espaço é um vazio, um punhado de ar enformado por uma matéria que define um limite. A precisão espacial coincide com a precisão do tempo que confere identidade à sua existência. Desenhar espaços é desenhar possibilidades no âmbito da vida. O espaço é definido pela forma, textura, cor, temperatura, luz, e constrói-se usando o vazio, através de uma subtração. Trata-se de um processo mental de construção que elege o espaço como elemento central e que constrói escavando, subtraindo, um processo em que se desloca o centro da experiência da forma para a vida, e o espaço transforma-se num protagonista central autónomo, quase total.

Neste contexto surge o vazio, diferente do nada, enquanto possibilidade de desenvolvi-

mento, elemento de organização espacial e, sobretudo, vocação estrutural.

Esta voação significa que o Vazio é o elemento originário desta arquitetura e, de alguma forma, o seu resultado; quando se olha para o interior, vêem-se espaços com formas que exigem ser completadas e preenchidas pelo observador.

*“Os vazios são compostos dos mesmos componentes que as massas.[...] Se se pensar no espaço como um sólido, elas [T.Smith refere-se às suas esculturas] são vazios praticadosnesses espaço”<sup>20</sup>*

Esta possibilidade de arquitetura vem sublinhar que se trata de uma metodologia criativa que exige o exercício contínuo e crítico de voltar ao início e avaliar as suas possibilidades, acrescentar-se uma atividade na qual não há pontos absolutos de ancoragem, mas que necessita de estar sempre a retomar as suas condições de possibilidade. Desta forma, cada gesto é como se fosse o primeiro, inaugural.

<sup>20</sup> Tony Smith, citado por Didi-Huberman, G., O que nós vemos, o que nos olha, Dafne Editora, Porto, 2011, p.87



# BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1996). *Novo Dicionário LELLO da língua portuguesa*. Porto: Lello Editores.
- Abel, A. B. (2008). *Os limites da cidade*. Évora: Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade de Évora.
- Amouroux, D. (2011). *La Villa Savoye*. Paris: Editions du Patrimoine.
- Augé, M. (2006). *Para que vivemos? (tradição Miguel Serras Ferreira)*. Lisboa: 90º.
- Badeira, P. (2006). *Projectos Específicos para um Cliente Genérico*. Porto: Equações de Arquitectura - Dafne Editora.
- Bilou, J. (2019). *Rede Monástica de Évora: um percurso arquitetónico entre a cidade e o ermo*. Évora: Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Évora.
- Bonito, A. A. (2008). *Dicionário da língua portuguesa - 2009*. Porto: Porto Editora.
- Carapinha, A. (2007). Da leveza da cidade - Revista semestral de edificios e monumentos Abril. *Monumentos 26*, 181.
- Castanheira, C. (20 de 03 de 2021). Podcast - Arquitetura Entre Vistas. (E. d. Ana Catarina Silva, Entrevistador)
- Casteleiro, J. M. (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea - Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo Editora.
- Corbusier, L. (1996). *A arte decorativa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Corbusier, L. (2004). *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Cosa&Naify.
- Cuff, D. (1991). *Architecture: The story of practice*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Dejtjar, F. (05 de 04 de 2021). *Archdaily*. Obtido de <https://www.archdaily.com/913748/case-study-houses-lessons-on-modern-low-budget-and-easy-to-build-living-spaces#>
- Eames, C. (Realizador). (1955). *House, after five years of living* [Filme].
- Gorjão, J. (2007). *Lugares em Teoria*. Lisboa: Edição Caleidoscópio.
- Houaiss, A., Villar, M., & Franco, F. (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e debates.
- Jornal Arquitetos. (2006). Persona, Álvaro Siza conversa com José Adrião e Ricardo Carvalho. *Jornal Arquitetos #224*, 60-75.
- Lima, M. P. (1996). *O recinto amuralhado de Évora: subsídios para o estudo do seu traçado*. Évora: Estar editora.
- Loos, A. (2003). *Histoire d'un pauvre homme riche. in: Sarnitz, August. Adolf Loos, architect, critique culturel, dandy*. Londres: Taschen.
- Loos, Adolfo. Architecture. In: LOOS, Adolf. (2003). *Ornement et crime et autres textes*. Paris: Payot-Rivages.
- Lynch, K. (1960). *A imagem da cidade*. Edições 70.



- Machado, J. P. (1991). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa - Vol.1*. Lisboa: Edição Alfa.
- Morales de Giles, M., Luque, E., & Pascual, A. (2009). *Casa del Plátano, Cádiz/Spain - Plane tree House*. Espanha: Irreversibleesitores.
- Morgado, C. S. (2005). *Protagonismo de la ausencia. Interpretación urbanística de la formación metropolitana de Lisboa desde lo desocupado*. Barcelona: Dissertação de Doutoramento em Urbanismo, Escuela Técnica Superior de Arquitectura.
- Ordem dos Arquitetos. (s.d.). "Trabalhar com um Arquiteto" - Panfleto da OASRN. *Secção Regional Norte*, [http://www.oasrn.org/pdf\\_upload/trab.pdf](http://www.oasrn.org/pdf_upload/trab.pdf). Obtido de oasrn: [http://www.oasrn.org/pdf\\_upload/trab.pdf](http://www.oasrn.org/pdf_upload/trab.pdf)
- Paiva, A. (2002). *Habitação Flexível: análise de conceitos e soluções*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- Portas, N. (25 de 10 de 2010). *Do vazio ao Cheio*. Obtido de Cadernos de Urbanismo nº2: [www.cidadeimaginaria.org/eu/Dovazioaocheio.doc](http://www.cidadeimaginaria.org/eu/Dovazioaocheio.doc)
- Silva, A. d. (1999). *Novo Dicionário Compato da língua portuguesa - Vol.1*. Mem Martins: Horizonte Confluente.
- Siza, A. (1989). Entrevista. *Revista AU - Arquitetura e Urbanismo*, nº21, 58.
- Smith, E. A., Shulman, J., & Goessel, P. (s.d.). *Case Study Houses - The Complete CSH Program 1945-1966*. Taschen, Bibliotheca Universalis.
- Tavares, A., & Bandeira, P. (2011). *Eduardo Souto de Moura - Atlas de Parede, Imagens de Método*. Porto: Dafne Editora.
- Távora, F. (1982). *Da organização do espaço*. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto.
- Távora, F. (2006). *Da Oraganização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações.
- Ursprung, P., Lopes, D. S., & Badeira, P. (2011). *Eduardo Souto de Moura - Atlas de Parede, Imagens de Método*. Porto: Dafne Editora.
- Zakia, S. A. (Janeiro de 2015). Le Corbusier, Pierre Chareau e duas obras-primas da arquitetura



# INDICE DE IMAGENS

fig. 1 Esquema demonstrativo dos objetivos da investigação	14
fig. 2 Esquema da metodologia de investigação	16
fig. 3 Esquema do enunciado de projeto VI	22
fig. 4 Localização da cidade de Évora, num contexto nacional	24
fig. 5 A cidade de Évora e a muralha - Cerca Velha	26
fig. 6 Ortofotomapa com a localização dos vazios urbanos a intervir	29
fig. 7 Fotografias da exposição 'Habitar Évora - Três casas em três lugares da cidade Autor: Daniel Nunes	34
fig. 8 Elementos do trabalho de Projeto VI, ano letivo 2014/2015, elaborados por Elisabete Pinho	36
fig. 9 Elementos do trabalho de Projeto VI, ano letivo 2014/2015, elaborados por Lourenço Branco	38
fig. 10 Elementos do trabalho de Projeto VI, ano letivo 2014/2015, elaborados por António Brancas	40
fig. 11 Esquema síntese dos trabalhos analisados na investigação	42
fig. 12 Nuvem de palavras sobre o que é um Arquiteto	50
fig. 13 "Trabalhar com um arquiteto"   Autor: Ordem dos Arquitetos	52
fig. 14 Eduardo Souto de Moura, esquiço do Pavilhão de Barcelona de Mies van der Rohe	54
fig. 15 "The various hats an architect wears"   Autor: Vernelle AA Noel	56
fig. 16 Bruno Munari, Búsqueda de comodidad en una butaca incómoda, 1950	60
fig. 17 Esquiços para o Bairro da Malagueira, Arq. Álvaro Siza	62
fig. 18 Villa Savoy	68
fig. 19 Villa Savoye - interior	70
fig. 20 Villa Savoye	72
fig. 21 Filme <i>Mon oncle</i> , de Jacques Tati, de 1958	74
fig. 22 Casa Carimbo 2001	76
fig. 23 Casa do Fotógrafo, 2002	76
fig. 24 CSH #8 Casa Eames (1945-49), Charles and Ray Eame	78
fig. 25 CSH #9 Casa Entenza (1945-49), Charles Eames and Eero Saarinen	80
fig. 26 CSH #8 vs CSH #9	82
fig. 27 Nuvem de palavras sobre a relação do Arquiteto com o Cliente	84
fig. 28 Colgaem sobre fotografia de maquete do Projeto VI, ano 2014/2015	92
fig. 29 Painel 1 do projeto desenvolvido em Projeto VI, em 2014/2015	95
fig. 30 Painel 2 do projeto desenvolvido em Projeto VI, em 2014/2015	97
fig. 31 Painel 3 do projeto desenvolvido em Projeto VI, em 2014/2015	99
fig. 32 Painel 4 do projeto desenvolvido em Projeto VI, em 2014/2015	101
fig. 33 Esquema interpretativo dos novos clientes	102
fig. 34 Os novos clientes	104
fig. 35 Jonathan Woolf, Bathroom, 1992 - a series of rooms	106
fig. 36 Esquiço, pensamento de espaços	108
fig. 37 Casa Van Wassenhove. Fachada sul. Entrada principal.	110
fig. 38 Planta e corte da Casa Van Wassenhove	112
fig. 39 Fachada norte Fonte:Hidden Architecture Fotografia: Guillaume BXL	114



fig. 40	Vista da cozinha	
	Fotografia: Guillaume BXL	115
fig. 41	Casa Luum	
	Fonte: Pedro Domingos Arquitetos Fotografia: Fernando Guerra	116
fig. 42	Enquadramento da Casa Luum	
	Fonte: Pedro Domingos Arquitetos Fotografia: Fernando Guerra	118
fig. 43	Vista do interior da cozinha para o pátio de acesso	
	Fonte: Pedro Domingos Arquitetos Fotografia: Fernando Guerra	119
fig. 44	Rua Fray Félix	
	Fonte: Jesús Granada e María Arias	120
fig. 45	Contexto da Casa del Plátano - tipologias das habitações	122
fig. 46	Entrada no edifício	
	Fonte: Jesús Granada e María Arias	124
fig. 47	Relação do volume em madeira com o pátio	
	Fonte: Jesús Granada e María Arias	125
fig. 48	Esquema de resumo dos casos de estudo	132
fig. 49	O lugar	137
fig. 50	Colagem do volume do edificado	139
fig. 52	Imagem virtual exterior	143
fig. 55	Imagem virtual interior da Casa do Gestor	147
fig. 60	Imagem virtual interior da Casa do Músico	155
fig. 65	Imagem virtual interior da Casa do Cozinheiro	163
fig. 68	Vista da cobertura da proposta	169
fig. 69	Vista do pátio comum proposto	170
fig. 70	Vista do lanternim que ilumina a casa do gestor	171
fig. 71	Conversa com o gestor	176
fig. 72	Conversa com o músico	178
fig. 73	Conversa com o cozinheiro	180



# ANEXOS

Enunciado de exercício de Projeto VI 2014-2015  
Entrevista aos clientes novos  
Processo de projeto reformulado  
Entrevistas finais aos clientes  
Processo das maquetes finais

## Enunciado de exercicio de Projeto VI, 2014-2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA | 2014-2015 | PROJECTO VI | EXERCÍCIO 02  
DOCENTES: ANA PEDRO FERREIRA, DANIEL JIMENEZ, JOÃO BARROS MATOS

194



Le Corbusier  
Apartamento Charles de Beistegui 1929-1931

**PROJECTO VI**  
**EXERCÍCIO 2**  
**Três habitações em Évora**

**PROJECTO VI**  
**EXERCÍCIO 2**  
Três habitações em Évora

“(…) quando o saudável cheiro a cera de uma casa, por outro lado bem ventilada, se mistura com o perfume das flores do jardim, e quando nela nós – visitantes irresponsavelmente pouco atentos aos instantes de felicidade – nos sentimos felizes, esquecendo as nossas angústias de nómadas bárbaros, então a única medalha possível é a da gratidão, do silencioso aplauso; um momento de paragem, olhando em volta, mergulhando na atmosfera de um interior de Outono, ao fim do dia.”

SIZA, Álvaro; 01 TEXTOS, Civilização editora, Porto, 2009, p135.

**1. OBJECTIVOS**

O exercício tem em vista desenvolver uma reflexão sobre o programa da habitação, reconhecendo-o como um campo de experimentação particularmente rico e variado ao longo do tempo e do espaço. Ao mesmo tempo, pretende-se valorizar a interacção entre o projecto arquitectónico e o contexto em que se insere. Deste modo, deverá ser definida uma estratégia projectual coerente, centrada na leitura do contexto e na interpretação do programa, como dados fundamentais e reguladores de projecto.

São objectivos do exercício:

- Desenvolver o conhecimento sobre o tema da habitação
- Desenvolver a capacidade de análise e compreensão de um local e de um contexto
- Aprofundar o tema da interacção entre o projecto arquitectónico e o contexto em que se insere
- Dominar o uso dos instrumentos de projecto
- Desenvolver a capacidade de observação crítica e análise
- Desenvolver a capacidade de comunicação do projecto

**2. TEMA**

Três habitações para 3 amigos. Pretende-se o desenvolvimento de um projecto que responda ao programa proposto e estabeleça um diálogo com a envolvente urbana em que se insere.

**3. LOCAL**

Os alunos devem começar por procurar e investigar possíveis lugares de intervenção no centro histórico da cidade de Évora. A escolha do sítio é uma forma de começar a pensar o projecto, através de uma reflexão crítica sobre a cidade e a sua transformação.

De entre todos os locais propostos serão seleccionados 3 locais distintos para o desenvolvimento do projecto proposto.

Sobre cada destes locais será realizada uma maquete, em grupo

**4. PROGRAMA**

Pretende-se projectar três habitações para 3 amigos com vivências distintas.

- o primeiro é cozinheiro, vive com o seu gato gosta de fazer festas em casa
- o segundo é músico, toca piano, e vive com a namorada que gosta de tomar banho 4 vezes por dia
- o terceiro é funcionário das finanças, vive com o filho de 8 anos e gosta de jardinagem

Os espaços de cada uma das casas deverão incluir os seguintes espaços:

Espaço de entrada,  
Sala de estar com fogo e ligação a espaço exterior,  
Pátio/ espaço de estar exterior, com tanque,  
Espaço de comer,  
Cozinha,  
Quarto,  
Instalações sanitárias,  
Arrumos

## 5. AVALIAÇÃO, APRESENTAÇÕES E PRAZOS

A avaliação é regida pelo sistema de avaliação contínua, resultando do acompanhamento dos trabalhos ao longo do semestre. Os alunos devem assistir a 75% das aulas leccionadas (60% das aulas para os alunos com o estatuto de trabalhador estudante), obrigatoriamente, para que sejam sujeitos a aprovação na unidade curricular. O regime da avaliação procura sublinhar os objectivos da unidade curricular, promovendo trabalho contínuo e a consolidação dos conhecimentos, bem como o desenvolvimento de hábitos de investigação, condições essenciais para a inquietação crítica e para o enriquecimento da cultura arquitectónica dos alunos.

A avaliação da unidade curricular é mista, incluindo uma componente de avaliação contínua – que contempla dois momentos de avaliação durante o período lectivo – e uma componente de avaliação final, a decorrer na primeira semana do período de exames. Só podem apresentar-se à avaliação final os alunos que obtiverem uma classificação igual ou superior a 9,5 valores na componente de avaliação contínua. Os alunos que reprovarem na avaliação final podem apresentar-se a exame de recurso a realizar na última semana do período de exames. De acordo com o ponto 4 do artigo 18º, do Regulamento Escolar Interno, a aprovação em época de recurso está dependente da prévia aprovação à componente prática obrigatória, correspondente ao trabalho desenvolvido ao longo do semestre.

### **Apresentação/ 1ª avaliação intercalar: 2015-04-09**

- Caderno constituído por 6 páginas A2 ao alto, formando três A1 ao baixo quando aberto, sendo que o primeiro A2 ao alto do lado esquerdo deve estar vazio. O caderno deve incluir desenhos (plantas, cortes e alçados), fotografias de maquete, fotomontagem ou axonometria, texto descritivo e outros elementos relevantes para a correcta explicação do projeto (escalas a definir).

- Maquetas (escalas a definir).

### **Apresentação/ 2ª avaliação intercalar: 2015-05-07**

- Caderno constituído por 6 páginas A2 ao alto, formando três A1 ao baixo quando aberto, sendo que o primeiro A2 ao alto do lado esquerdo deve estar vazio. O caderno deve incluir desenhos (plantas, cortes e alçados), fotografias de maquete, fotomontagem ou axonometria, texto descritivo e outros elementos relevantes para a correcta explicação do projeto (escalas a definir).

- Maquetas (escalas a definir).

- Ficheiro pdf do caderno.

É obrigatória a entrega de todos os elementos requeridos. A não aprovação a esta avaliação intercalar determina que não foram cumpridos os objectivos mínimos da avaliação contínua e a consequente reprovação à UC. não sendo possível a apresentação do aluno à avaliação final.

### **Apresentação/ avaliação final: 2015-05-28**

- Caderno constituído por 6 páginas A2 ao alto, formando três A1 ao baixo quando aberto, sendo que o primeiro A2 ao alto do lado esquerdo deve estar vazio. O caderno deve incluir desenhos (plantas, cortes e alçados), fotografias de maquete, fotomontagem ou axonometria, texto descritivo e outros elementos relevantes para a correcta explicação do projeto (escalas a definir).

- Maquetas (escalas a definir).

- Ficheiro pdf do caderno.

É obrigatória a entrega de todos os elementos requeridos.

## 6. BIBLIOGRAFIA

### Geral

HOLL, Steven : Anchoing, ed. Princeton Architectural Press, USA, 1991

KOOLHAAS, Rem, La ciudad genérica. Barcelona: GG, 2006, Colección: GGmínima. Título original: The generic city, publicado originalmente em Domus, 791, 1997

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70, 1982

MUMFORD, Lewis, A cidade na história. Martins Fontes: Unb, 1982

ROSSI, Aldo, A arquitectura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995

SMITHSON, Alison e Peter, The Charged Void – Urbanism. The Monacelli Press, 2003

VENTURI, Robert, Complejidad y contradicción en la arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili SA, 1992

VIRILIO, Paul, «The Oblique Function», in Architecture Principe, n.1, Fevereiro de 1966.

VIRILIO, Paul, «The Overexposed City» (1991), in Neil Leach (ed.), Rethinking Architecture. Londres: Routledge, 1997

VIRILIO, Paul, Estética de la desaparición. Barcelona: Anagrama, 1998

### Habitação

ÁBALOS, Iñaki, A boa vida. Visita guiada às casas da modernidade, Editorial Gustavo Gili, 2001

EAMES, Charles, Que és una casa? Que es el diseño?. Editorial Gustavo Gili, 2006

VIEIRA, Siza, Palavras sem importância. Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2002

## Entrevistas aos clientes novos

### Gestor

Joana: Diz-me o teu nome, a tua idade, o que é que tu fazes?

Gestor: O meu nome é João Fialho, tenho 37 anos. Sou administrativo num banco mas neste momento tenho a função de gestor mutualista da associação mutualista do Montepio. Trabalho no Montepio, faço atendimento presencial e acompanhamento de associados no Montepio, da associação mutualista do Montepio. São coisas diferentes: o banco e a associação. Eu trabalho na associação.

J: Então o teu trabalho é diretamente com o público.

G: Sim, é diretamente com o público. Sou...faço o acompanhamento não só quantitativo mas também uma parte qualitativa da vida dos associados, etc. Onde estou, cá em Évora temos cerca de 5.000 associados naquele balcão, faço essa gestão dessa carteira...é nesse sentido.

J: Vives em Évora há muitos anos? És de cá?

G: Eu sempre vivi em Évora, estudei sempre em Évora à exceção da universidade, em que fui estudar na Covilhã, na Universidade da Beira Interior. Entretanto, tirei Marketing, surgiu a oportunidade de enviar currículos para alguns bancos e enviei para o Montepio porque já havia uma relação de contacto com o banco já há muitos anos, e entretanto com essa oportunidade que surgiu fiquei num banco, apesar de não ser na minha área acabei por... Entretanto agora as coisas evoluíram, há 11 anos que estou no Montepio mas passei agora para a parte da gestão da associação mutualista...essencialmente é isso. Estou cá em Évora sempre, estive sempre cá em Évora exceto nesse período dos cinco anos na Covilhã.

J: Na verdade gostas da cidade de Évora! Se tivesses de escolher outro sítio escolherias ou gostas de viver cá?

G: Não...não, não. Gosto de Évora, gosto de Évora.

J: Vives no Centro Histórico?

G: Não, vivo num bairro perto do centro da cidade. No Bairro dos Álamos que é cerca de 2, 3, 4km talvez do centro da cidade. É dos melhores bairros da cidade na minha opinião...

J: É acolhedor...porque é que gostas de viver lá?

G: E tem todos os serviços, tenho a escola à porta de casa, por exemplo: se o miúdo depois for para aquela escola é ótimo porque a escola fica mesmo em frente a casa. Tem tudo, tenho uma farmácia talvez a menos de 1km, tenho papelarias, restaurantes, pizzarias, padaria, mercearia...tenho essas coisas, tenho tudo ali. É um bom bairro para viver.

J: Falaste-me num filho. Tem que idade?

G: Tem 4 anos.

J: Vive contigo e com a tua mulher?

G: Sim, vivemos os três.

J: Têm animais de estimação?

G: Não, nada...ainda não.

J: Outra questão: embora tenhas ido para esta área do banco mas a tua formação é de Marketing, foi uma opção tua ou acabou por acontecer?

G: Eu estava em Ciências no Secundário, entretanto nas várias opções que coloquei uma delas foi Marketing e foi nela que entrei. Achei sempre que tinha esse lado da criatividade e fui para aí. O que aconteceu depois foi que, ainda no primeiro ano, ponderei não continuar porque Marketing não tinha muito a ver com a parte das Ciências de onde eu vinha. Mas acabei por encaixar e começar a gostar bastante, e fiquei...fiz o mestrado. O mestrado que fiz foi relacionado com

a cidade de Évora, Marketing das cidades. Évora como uma marca em que basicamente era vender Évora como um pacote de serviços com os passeios turísticos e a hotelaria. O que acontece depois é que o banco surge aqui como uma oportunidade de arranjar um primeiro emprego logo direto numa área que era muito boa a nível da parte de seguros de saúde etc... acaba por ter uma proteção muito boa nessa parte. E acabei por ficar porque, primeiro acabei por ter de perceber se gostava se não, fui deixando correr e fui renovando contratos e acabei por ficar efetivo. Quando fico efetivo pensamos duas vezes não é?! Já comprei casa, etc...uma coisa leva a outra.

J: Então uma pergunta mais pessoal. Quando chegas a casa consegues distanciar-te do trabalho ou levas o trabalho para casa?

G: Hoje consigo de forma diferente que conseguia há um tempo. É assim, durante o período em que eu fazia só o atendimento ao público e ponto, que era serviço de caixa ou atendimento direto, por exemplo vamos simular um crédito...são coisas que eu chegava a casa e nem sequer me lembrava do trabalho, não tinha ali uma ligação amanhã vou ter de fazer isto. Hoje é diferente, já foi diferente no início desta função há quatro anos, quando comecei nesta função era mais difícil desligar. Porquê? Porque eu comecei a ver que era o meu nome que aparecia em todo o lado o João como gestor não está a cumprir... e acabava por andar sempre mentalmente a pensar o que é que vou fazer amanhã para conseguir cumprir aquilo que não... E hoje já percebi, como já tive no alto, já tive em baixo, já tive a meio da tabela, já percebi que há momentos certos para fazer esse tiro ao alvo e saber onde é que temos de ir buscar as coisas. Uma coisa é saberes que tu precisas de fazer uma proteção para a tua família, outra coisa é saber que queres uma poupança. Já conheço também a carteira, já consigo perceber a quem é que vou ligar para conseguir fazer isto, aquilo e o outro, e isso acaba por tirar um bocadinho a pressão quando chegamos a casa e pensar assim amanhã é outro dia.

J: Então com esta situação do COVID teve de trabalhar em casa?

G: Trabalhei, trabalhei. Tive três meses em casa com eles (esposa + filho) em teletrabalho. (Suspiro)

J: Cansativo?

G: Muito mau...

J: Era difícil estar nas duas frentes?

G: Eu agora vou entrar em assistência à família por isso, porque achei que o teletrabalho foi horrível. Nem eles ganharam a 100% porque negligenciei a relação com eles no dia-a-dia ali, nem eu ganhei a 100% no trabalho porque em vez de num mês conseguir cumprir, por exemplo, 100% dos meus objetivos cumpria 20%. E sei que, se agora estou a 50% deste mês e estou a conseguir, ou a 90% ou 80% ou o que for, sei que não serão 15 dias por exemplo de assistência à família que me vão fazer diferença nos meus objetivos e sei que mais vale dar atenção ao meu filho que vai estar em casa, com quatro anos e que precisa de atenção do que estar a focar noutra sítio. Claro que o telemóvel não vai ficar desligado, mas é diferente. Uma coisa é ser uma coisa pontual outra coisa é (eu não sei se posso falar destas coisas assim) por exemplo, eu estar a tentar cumprir um objetivo e eu ter de telefonar para uma pessoa enquanto limpo o rabo ao meu filho, a pessoa percebeu e acabei por a deixar um pouco em espera... São coisas difíceis, não é fácil. É mais por aí...acho que agora a esta distância, destes três meses que estive no início deste em ano quando houve novamente confinamento geral, tivemos de fechar tudo e voltar tudo para casa a minha mulher disse eu não fico mais... porque ela teve três meses no ano passado e eu disse não, agora fico eu, dividimos, e eu fiquei estes três meses. É de loucos, não aconselho a ninguém.

J: Ainda por cima cada um teve a sua fase sozinho em casa com ele (filho).

G: É impossível, ela trabalha também, não é atendimento ao público é um escritório de contabili-

dade e acaba por ter momento de atendimento ao público e tem de lá estar nalguns momentos; por exemplo, ela agora não pode ficar em casa porque tem o pessoal todo do escritório de férias então tem de lá estar alguém, então vou ficar eu em casa. Mas não aconselho a ninguém. Na verdade sou-te muito sincero: ninguém fica a ganhar com o teletrabalho com crianças em casa, ninguém. Nem as crianças nem nós. As crianças acabam por chorar porque querem atenção; quando são pequenas, acima dos seis anos já tens aulas já tens outras coisas, era diferente; agora aqui ninguém fica a ganhar porque eu não consigo fazer o meu trabalho a 100%, não consigo, quero ligar a dez pessoas ligo a quatro naquele momento, depois às sete da tarde vou ligar a mais três ou quatro e acabo por não ter um dia...e ele não tem a atenção.

J: Se tivesses de dizer uma palavra, qualquer coisa: sinónimo de casa para ti?

G: Não sei... Acho que é família, conforto porque neste momento eu consigo estar em casa mais desligado de tudo. Tem de ser uma?

J: Pode ser o que tu quiseres. Pode ser uma frase.

G: Pronto então é família e conforto. Neste momento consigo isso, a casa não é o que idealizamos, mas neste momento tentamos mudá-la por dentro para parecer um bocadinho mais a nossa casa. Não era tanto...

J: Esta questão de passarem mais tempo em casa também vos fez pensar de outra maneira a casa?!

G: Sim e não... Antes disto tudo nós já tínhamos combinado mudar de casa, mas entretanto o mercado estava a loucura que está. Eu disse estava a loucura que está...continua igual. E hoje em dia, muito difícil à mesma, e então pensamos não saímos daqui vamos mudar cá dentro para parecer que estamos numa casa diferente e vamos mudar algumas coisas.

J: E quais são as vossas rotinas em casa enquanto família? Quais são as principais atividades que fazem em casa?

G: Lavar roupa... (risos)

J: Por exemplo têm jardim, têm quintal?

G: Não, nós vivemos num apartamento, temos uma varanda com, se calhar, 2m e pouco de comprimento por 1m, dá para pôr lá um aliquidar para ele estar dentro de água, às vezes, estou a brincar mas a verdade é que...

J: Sim, com o calor que faz aqui.

G: Temos uma piscina também que dá mais ou menos para pôr ali só para ele estar...

J: A brincar...sim.

G: Temos boas áreas mas o tempo essencial que passamos é a tratar de coisas para ele, ou a fazer comida para ele, ou a tratar da roupa; e depois nós os dois a ver televisão mais na sala, ele a brincar no quarto. Acaba por ser assim uma mistura disso. Durante a semana é mais ele a brincar e nós na televisão. Ao fim-de-semana é mais nós a fazermos comida e ele a brincar.

J: Quando tens um dia mais chato em que se calhar ficaste mais aborrecido qual é que é a divisão da casa onde te podes resguardar?

G: A sala...

J: Portanto a sala é a divisão onde passam tempo.

G: Apesar de não poder estar sempre na sala sozinho porque ele começa a entrar...e...(risos).

J: Alguma vez viveste numa casa em que não sentias que era a tua casa?

G: Sim, na universidade, a primeira casa onde estive, porque eu estava num quarto, fechado num quarto praticamente porque as pessoas que viviam lá eram finalistas da universidade e apesar de eles não estarem lá quase tempo nenhum, a verdade é essa, eu estava...eu confinava-me ao quarto. O quarto era quase uma casa, aquele quarto era grande, enorme, tinha se calhar uns 20m<sup>2</sup>, era bom quarto, só que não era a minha casa, aquilo era um espaço ou ia lá dormir e estava ali...por aí. Acho que foi a única vez que senti isso.

J: Não te sentias tão bem nessa casa, mas essencialmente porque estavas restringido ao quar-

to ou porque havia mais alguma coisa com os teus colegas de casa?

G: Não, não. Eles eram cinco estrelas em termos de relação pessoal. A casa em si não era uma casa má, mas era uma casa de estudantes, ou seja, cada um tinha o seu quarto e tínhamos duas coisas que eram em comum, a cozinha e a casa-de-banho. Era uma casa assim... não era pela casa em si não ser uma casa acolhedora mas era mais porque a minha vida era basicamente chegar ao quarto, dormir e ir-me embora.

J: Sim, o normal de uma vida de estudante.

J: Então é uma casa que tenha um momento especial para ti, que tenhas grandes recordações lá? A casa dos avós, dos tios...

G: Sim, dos avós, que neste momento será a casa da minha prima. Eu vivi ali a minha infância toda praticamente, por isso acho que é essa a casa.

J: E essas recordações que tens nessa casa replicas algumas com o teu filho?

G: Não... são coisas diferentes. É tudo diferente.

J: Pois, já passaram alguns anos não é?

G: Não, mas é tudo diferente porque o próprio contexto da casa é diferente. Aquilo era uma casa virada para um campo e hoje não consegues isso em lado nenhum. Aqui... só se voltares a viver naquela zona da cidade, um dia tens campo de um lado. E quem lá vive também não faz isso, que é pegar numa bola, andar a jogar no meio da rua, a bola ir para o meio de umas ervas três vezes o teu tamanho e tu teres de andar à procura no meio das ervas, e chegar à noite, ser de noite e ainda não encontraste a bola e andas no meio das ervas e ninguém sabe de ti e tu andas lá... Essas pequenas coisas que não vão acontecer com o meu filho porque a bola não vai para o meio das ervas, primeiro porque eu não vou deixar. Apesar de eu achar que devia fazê-lo não é?! Porque é isso que faz a diferença... mas não... mas também não há ervas de três metros de altura aqui. São contextos diferentes, são coisas diferentes.

J: Daqui a dez anos como é que imaginas a tua vida, com a tua família, na tua casa?

G: Que não seja subir escadas com compras, com sacos de compras.

J: É um terceiro andar, quarto andar?

G: É um segundo que é terceiro, o primeiro já é subido, já é um terceiro andar.

J: Mais um quarto para um eventual filho?

G: Sim... Eu daqui a dez anos não me vejo naquela casa, não me quero ver naquela casa. Acho que não... não por isso, porque nós já estávamos a pensar mudar de casa. Não é uma urgência mas quando surgir oportunidade, e espero que daqui a dez anos... espero que daqui a dois anos o mercado já esteja capaz de eu conseguir uma casa diferente, e conseguir vender aquela e comprar outra. Mas não me vejo ali, vejo-me assim numa casa... minha. No sentido, de ser um espaço meu, com tudo meu, um quintal, uma entrada minha não é uma entrada comum para todos... para as vinte pessoas que vivem no prédio... isso faz grande diferença.

J: Com um espaço ao ar livre.

G: Isso faz diferença. Eu poder entrar numa garagem e não ter o cheiro a tabaco, por exemplo. Eu poder entrar numa garagem e não ter de estar a desviar-me de coisas que estão no meio do caminho... que não são minhas, móveis e... São essas pequenas coisas que acho que... daqui a dez anos espero não ter isso tudo ainda, senão...

J: Para rematar as perguntas mais longas diz-me três coisas essenciais na tua vida, três pilares da tua vida.

G: O meu filho, a família. Principalmente o meu filho que é o ponto agora, a âncora disto não é? Do dia a dia. As minhas coisas, as minhas leituras e essas coisas todas. E o... O meu trabalho nem tanto, porque o meu trabalho acho que é importante mas não é uma das coisas essenciais.

J: Um hobbie que tenhas.

G: Sim, o meu hobbie seria escrever que tem a ver um bocadinho com a parte da leitura, mas acho que é muito por aí. A leitura, eu poder ler as minhas coisas e poder escrever...

J: Tens um espaço em casa em que fazes esse tipo de...  
G: Não, eu faço tudo no sofá.  
J: Gostavas de ter um espaço?  
G: Não, não...  
J: Gostas de estar no sofá à tua vontade...  
G: Sim... Acho que não é por um estar num espaço fechado que...  
J: Consegues concentrar-te enquanto o teu filho está a brincar e tu fazes a tua leitura...  
G: Sim...sim. Quer dizer, tenho de recomeçar dez vezes mas sim...  
J: Vou-te fazer umas perguntas flash e tu respondes a primeira coisa que te vier à cabeça: uma frase?  
G: Aproveitar o dia.  
J: Uma música?  
G: Han? Não me vem nenhuma à cabeça  
J: Ok...então se não vem é porque não é muito importante.  
G: Não estou a ver assim nenhuma.  
J: Uma viagem que gostavas de fazer ou que já fizeste?  
G: Londres.  
J: Já fizeste?  
G: Já.  
J: E voltarias lá?  
G: Sim.  
J: Identificas-te com a cidade...  
G: Sim...gosto.  
J: Levavas lá o teu filho?  
G: Sim...daqui a uns anos.  
J: Uma casa que gostes, ou que idealizavas, ou que já conheças?  
G: Uma casa... Mas como assim? Como é que era a casa que eu idealizava?  
J: Sim, ou por exemplo, já foste à casa de alguém e gostavas de ter uma idêntica...  
G: Eu tenho ideia de como quero uma casa, como disse...uma entrada... Mas é para dizer as divisões e tudo?  
J: O que achares melhor.  
G: O que nós andávamos a ver, e que se calhar é a nossa ideia, a nossa porque é mesmo uma ideia em comum aqui; é uma casa com muito espaço para arrumar coisas, porque nós temos muita dificuldade em arrumar coisas, temos a garagem só para arrumar coisas praticamente. Quatro quartos porque não sabemos o que aí vem e se não vier temos mais espaço para arrumação, um quarto para arrumação, e depois uma sala espaçosa e uma cozinha muito espaçosa porque lá está, passamos muito tempo a cozinhar para ele, principalmente para ele; e ter espaço na rua, espaço para ele poder brincar, para eu poder respirar e para estarmos ali à vontade. É muito nesse sentido. E uma coisa que seja nossa, que não seja nossa e de mais dez ou vinte pessoas porque é isso que faz diferença. Não sei se vocês, não quero viver aqui a situação, não sei se vocês vivem num apartamento ou numa vivenda ou o que for, mas faz uma grande diferença ter tudo em comum com as outras pessoas. Abrir a porta e ter pessoas, e agora no COVID temos de esperar que passem, depois não se pode tocar na porta... Outra coisa é a nossa casa...  
J: Um prato favorito?  
G: Pizza, qualquer tipo de pizza.  
J: Gostam mais de cozinhar ou de encomendar?  
G: Eu gostava de cozinhar mais, mas gosto mais de encomendar.  
J: É mais rápido...

G: Sim, mas eu gostava de cozinhar mais porque não cozinho nada de especial, a minha mulher é que faz quase tudo. Mas a verdade é que quando faço até faço algumas coisas... Gosto de cozinhar, mas depois não... Gosto mais de encomendar.

J: Passado ou futuro?

G: O futuro.

J: Público ou privado?

G: Depende do contexto, mas sim...privado talvez. Algumas situações sim...a maior parte.

J: Luz ou sombra?

G: Sombra.

J: Manual ou digital?

G: Manual.

J: Cheio ou vazio?

G: Cheio.

J: Cor ou incolor?

G: Cor.

J: Quente ou frio?

G: Quente.

J: Pedra ou madeira?

G: Pedra.

J: Betão ou aço?

G: Aço.

J: Água ou fogo?

G: Fogo.

J: Dia ou noite?

G: Noite.

J: Sozinho ou acompanhado?

G: Acompanhado.

J: Cinco coisas que tu não gostas. O que quiseres dizer.

G: Perder tempo. Uma coisa que não gosto é perder tempo, por exemplo. Outra coisa... Mas coisas assim deste género?

J: O que quiseres.

G: Não gosto de carros automáticos. Ali a parte do digital, e tudo...não gosto. É um exemplo de coisa que me irrita muito hoje em dia. Não gosto dos youtubers e dessas pessoas que vivem à conta basicamente disso... Não é que não goste das pessoas...mas acho que trabalhar é uma coisa diferente do que viver ali só a fazer umas coisas e depois a seguir cai tudo...pronto isso é uma coisa... Eu passo muito tempo a ver vídeos de youtubers por causa do meu filho e há milhões de coisas dessas. Estou a falar mais nesse sentido. Há outros de coisas utilitárias como por exemplo ensinar a fazer isto ou aquilo, e pronto...eu percebo e até dá muito jeito a quem está a pesquisar, encontramos logo e acabam por nos ajudar. Mas há ali pequenas pessoas que se aproveitam bastante disso, e às vezes sinto-me irritado com isso. Eu vou em três não é?

J: Sim.

G: Não gosto de pessoas falsas, mesmo nada. E não gosto de más educações. Às vezes o responder mal e aquelas coisas que é aquilo que, e a minha mulher irrita-se muito comigo, mas é aquilo que eu não gosto que o meu filho faça e às vezes eu chateio-me com ele e ela chateia-se comigo que eu estou a chatear-me com ele. Mas eu não gosto que ele responda mal. Os miúdos são muito respondões...é nesse sentido.

J: Cinco coisas que gostam?

G: Gosto de passear. Agora não se faz tanto não é? Ir viajar...eu gosto. Não podemos fazer neste momento com...poder podemos não é? Muita gente faz, mas achamos que não é o in-

dicado ainda começar nessa vida. Gosto de ver uma série preferida sossegado...pronto, que é difícil. É difícil mas eu e a minha mulher começamos agora uma série, que estamos a ver os dois, conseguimos ver os dois sozinhos...quando ele está a dormir conseguimos ver. Depois... gosto de ler, gosto de imaginar porque acabo por escrever muito com as minhas ideias... Isto foram duas não é?

J: Posso considerar três no total.

J: Gosto...gosto do meu espaço, de estar sossegado. Às vezes gosto muito de estar, de pensar nas minhas coisas. E acho que vão quatro não é?

J: Sim.

G: E neste momento por mais estúpido porque não é uma coisa que eu gostasse aqui há dois anos: gosto de correr. A minha mulher acha manias...

J: Uau. Então desde há dois anos para cá corres todos os dias?

G: Não, não consigo correr todos os dias. Não consigo porque em termos temporais é muito difícil, porque eu... Porque ela está a trabalhar até às seis e depois chega, às vezes ela própria tem a ginástica, depois há outro dia em que eu tenho de ir buscar mais tarde ou tenho trabalho, pronto ou seja, estou a fazer quase dia sim dia não a corrida. Mas gosto, é daquelas coisas que quando vou, vou todo contente correr. Acho que é uma coisa que dá para aliviar... pronto é isso.

J: Com esta conversa fizemos arquitectura. Obrigada.

## Músico

Joana: Vamos começar com o teu nome, idade, como é que vieste para Évora?

Músico: O meu nome é Zé Peps, é o nome como eu sou conhecido. O meu nome de batizo é Zé Luís mas sou conhecido por Zé Peps, já vem de Setúbal. E depois ao longo dos anos houve um roady que trabalhou comigo numa altura numa banda onde eu toquei que eram os Hands on Approach, e ele juntou o Zé e o Peps e fez o Zéps, então sou conhecido pelo Zéps. Tenho 53 anos, fiz o mês passado; e vivo em Évora...isto agora a idade...para aí há uns 12, 13 anos.

J: E antes de viver em Évora vivias...

M: Vivia em Setúbal, trabalhava num escritório. Trabalhei lá 22 anos seguidos.

J: Num escritório de...

M: Era...basicamente o que eu fazia era introdução de dados. Era uma empresa de prestação de serviços. Basicamente o que acontecia era, tinha ligação com o cais de Setúbal e nós recebíamos mercadoria, estamos a falar antes da entrada na Europa, na CEE, nós recebíamos mercadoria, neste caso automóveis novos das fábricas, que chegavam ao porto de Setúbal e antes de serem desalfandegados, antes de pagarem o imposto ficavam num depósito franco, ou seja, era um parque de automóveis mas...aquilo enquanto o carro não era desalfandegado aquilo era um depósito franco, significa que: dentro daquele espaço não estamos em país nenhum. E pronto, nós fazíamos tudo...uma espécie de vida à volta dos automóveis novos e de carros que vinham estragados e eram reparados, e depois eram distribuídos pela rede de concessionários, estamos a falar de Fiat, Renault, Citroen, Peugeot. E eu estava na parte em que quando os carros entravam eu tinha de introduzir os dados do carro. Eu assisti, foi interessante, porque eu assisti...entrei em 88 para lá, e assisti ao progresso informático das coisas. Na altura eu lembro-me que, tipo, queríamos fazer faturação mais ninguém trabalhava, parava o sistema todo, era tudo imprimido...eram horas. Normalmente era feito ao sábado. E pronto...depois quando me vim embora já a tecnologia já...basicamente eu já quase que nem...introduzia os dados mas já quase que nem digitava nada. Vinha um código de barras, tinha a informação, as coisas já eram tipo...o carro estava fabricado e já tinha um destino, já estava praticamente no destino, eu só tinha que fazer tipo o transbordo daquele destino para o nosso. E pronto trabalhei

22 anos aí, sempre a tocar...

J: A música já era um hobbie?

M: A música nessa altura era um hobbie. Tornou-se cada vez mais que um hobbie. Depois em 94 fui convidado para tocar com os Hands on Approach na tournée do segundo álbum deles e aí precisei de muito mais tempo do que os fins de semana e tive licença sem vencimento durante uns meses, eles facilitaram muito... E foi nesse período que...eu já estava farto de fazer aquilo, não era a minha vocação, e nessa altura fez-se uma luz na minha cabeça. Quer dizer, comecei a compreender o que é que é preciso, o que é que eu precisaria fazer para me autosustentar para viver da música.

J: Porque esse era o maior sonho? Viver da música?

M: Era um sonho, era um sonho mas... Era um sonho que se interlaçava com aquela cena de ser famoso, era novo, queria ser famoso, queria ser conhecido, essa coisa toda... Depois chegou a uma altura em que não, não é por aí. E havia montes de casos, e os Hands on Approach também é um exemplo, tiveram uma fama, um sucesso enorme, mas depois esvaziou. E nenhum deles trabalha...o Sérgio Mendes trabalha com o João Pedro Pais e com uma artista nova, foi o único que continuou. Isto é uma área, como deves calcular é uma área muito ingrata, uma área muito difícil. Como eu costumo dizer isto não é para quem pode é para quem quer. E pronto, o sucesso poderá vir ou não. Se fores à procura do sucesso eventualmente poderás encontra-lo mas o desgaste e o despender de energia e dinheiro é enorme e o sucesso que vais ter poderá não ser efémero mas...não é só o talento que conta. Hoje em dia as coisas são...a concorrência é tão grande. Dentro da música isto ramifica... E depois na altura eu fiz a tournée com os Hands on Approach e entretanto tive um convite para tocar com uma bana que era um coletivo de várias pessoas de vários sítios que estava sediado aqui em Casa Branca que é aqui perto do Escoural, eu tive um convite, eu andava a tentar fazer um projeto a solo e não consegui por uma série de motivos, e tive um convite para vir tocar com os Sons de Cá, eu nunca tinha ouvido falar dos Sons de Cá, mas disse logo que sim. E quando começo a trabalhar com eles, ainda era muito ao fim de semana, ninguém era profissional ali, havia um rapaz que já era profissional, tocava piano, muito conhecido aí no mundo da música em Portugal, e quando eu começo a tocar com eles...com os Hands on Approach eu abri muito o panorama não é, mas aquilo era o panorama de como funcionavam as grandes bandas, as grandes editoras, era a coisa mesmo, como eu costumo dizer a liga dos campeões, aquilo era tudo em grande, uma coisa muito difícil lá chegar, estares debaixo de uma editora como é a Universal, uma multinacional...mas foi muito bom, foi uma experiência boa, ganhei bom dinheiro, permitiu-me fazer uma data de coisas. Permitiu-me também fazer, como hei-de dizer...a mudança, a transição. Depois também coincidiu, a empresa onde trabalhava estava a ir ao fundo, estava praticamente na falência. Durante 22 anos nunca falharam um ordenado, nesse ano falharam um mês, portanto a coisa estava mesmo a acabar, eu estava prestes a despedir-me, porque tinha o plano e já tinha na minha cabeça vou-me despedir, vou-me embora. Costumo dizer que ganhei o toto-loto, eles é que me despediram e indemnizaram-me. Foi mesmo uma conjugação de vários fatores, calhou mesmo ali. Isso permitiu-me fazer uma transição suave em termos monetários, não deixar coisas penduradas, mudar de cidade... E pronto, com os Sons de Cá foi quando eu comecei a conhecer aqui a realidade de Évora. Todos os bocadinhos livres que eu tinha nos últimos dois anos, antes de me mudar que ainda estava a trabalhar, as férias que tinha, todo o tempo livre vinha para Évora. E começo a conhecer aqui uma realidade muito interessante e muito diferente, uma data de gente a trabalhar na música e eu não via em Setúbal. Em Setúbal havia muita gente a querer ser famoso, havia muita gente a querer aquela coisa...não tem mal nenhum, não estou a fazer juízos de valor, mas eu não queria isso, queria mais além disso, eu queria estabelecer-me como músico. Quando chego aqui a Évora e quando começo a vir aqui aos fins de semana, começo a conhecer uma realidade diferente, começo a conhecer logo para

já...isto fervilhava na altura: projetos, coisas a acontecer que em Setúbal não havia. E depois quando tomei a decisão e quando fiz nos primeiros três quatro anos moramos todos na mesma casa, montamos lá um estúdio, gravamos vários discos ali. Porque no processo entretanto o carinho acabou, porque era complicado, porque havia pessoas que eram profissionais outros que não eram, as próprias pessoas já estavam algumas sem vontade, depois eram duas pessoas de Setúbal incluindo eu que na altura ainda estava em Setúbal, eram três de Montemor e mais três em Évora, portanto era um coletivo enorme e acabamos por...o projeto acabou. O projeto acabou e nesse processo os quatro elementos daquele projeto que queriam vingar a fazer música e realmente dar o passo seguinte que era tornarmo-nos profissionais decidimos criar o...decidimos criar um projeto que era O Pucarinho, que era o cantor que compunha as músicas na altura o Luís Pucarinho então criou-se O Pucarinho. Foi outra transição musical que eu tive, eu tocava guitarra elétrica, na altura depois queríamos fazer uma cena acústica, assim mais despida. Nesse processo eu comecei mais guitarra acústica, e tínhamos trombone, era outro tipo de música. E com esse projeto foi quando eu chego a Évora, portanto mesmo já a viver cá. E com esse projeto gravamos dois discos e tocamos por todo o lado no país. Ao mesmo tempo comecei a conhecer outras realidades aqui, outros projetos. Fui convidado para tocar, depois com o Imaginário havia um tributo a Django Reinhardt que é música swing, uma coisa contida, trabalhei com eles durante um ano e pouco. Depois conheci outra malta, conheci outro músico que é o Tozé, conheci o Catarino. O Tozé vem da viola campaniça, o Catarino vem como eu do rock e fundamos um projeto que é o Bicho do Mato. O Bicho do Mato depois entretanto gravou um disco, foi um enorme sucesso na altura, não foi um sucesso nacional mas foi uma coisa que não estava no mainstream mas o pessoal conhecia muito, fartamo-nos de tocar por esse país fora, em vários festivais. Entretanto, esqueci-me de dizer, ainda antes do Bicho do Mato eu comecei, conheci várias pessoas como já tinha dito, e comecei a tocar música tradicional com o Pé de Xumbo que na altura fazia os festivais de folk, e comecei a dedicar-me na altura ao bandolim e na altura formou-se um projeto que era o Aqui Há Baile. Basicamente era uma ideia da Pé de Xumbo e deram a chefia, vá a liderança do projeto a um músico que já cá não está, um músico galego o Sérgio que era acordeonista. Ele pegou em vários temas e canções aqui do Alentejo e com a minha ajuda e com a ajuda de um violoncelista e com a Mara a cantar nós fizemos versões disso. Recriamos um projeto que é o Aqui Há Baile, com esse projeto corremos todos os festivais cá em Portugal de folk: o Andanças...agora não me estou a lembrar de mais. Depois fomos tocar a Espanha, fomos tocar a Veneza...viajei muito com esse projeto. Depois entretanto começo a ficar conhecido na cidade como músico e começo a ter assim convites...assim um bocado de coisas que eu nunca tinha feito e que eu aceitei sempre os desafios. Primeiro foi para musicar um filme, um filme que está...que é da Câmara, que está no Arquivo, um filme que salvo erro é de 1926, um filme sobre Évora. Tem duas partes, e a primeira parte foca muito a parte comercial e industrial que se fazia na altura que era basicamente, nós começamos a ver ali a zona da Malagueira que era uma quinta enorme onde está agora o Ministério da Cultura, aquela quinta...então nós vimos aquela quinta, e ali tudo à volta, interessantíssimo. O filme começa no Alto de São Bento com eles a moerem os cereais, com as mulas e os burros, com o cereal moído metido em sacas e depois fazem...vem a caravana passando ali por essa quinta, vêm para o centro, para o Giraldo. Depois vê o Giraldo nessa altura, aquele onde é agora o Arcada que agora está fechado, há-de reabrir, aquilo era um entreposto comercial da agricultura, era um movimento de pessoas a vender produtos... Depois a segunda parte desse filme é muito chata, é sobre a arte sacra. Estás a ver a quantidade de igrejas...então são as imagens todas das santas, dos cálices e tudo isso...é uma seca, essa parte é um bocado seca. Basicamente é uma recolha desses objetos. E pronto essa foi a primeira experiência que eu tive de fazer cinema, de fazer música para cinema, eu e o Tozé fizemos a banda sonora para isso. Depois entretanto fui convidado...havia um festival de uma associa-

ção que ainda existe hoje em dia mas tudo isto está reduzido, não só pela pandemia mas pelas mudanças políticas e as crises económicas e não sei quê...era a Coleção B. Eles faziam um dos melhores festivais que havia aqui no Alentejo que era Festival da Planície?! Agora estou a ter uma branca... era uma coisa que acontecia em Évora e em várias localidades. Mexia com a cidade e fora da cidade. E eles tinham uma rúbrica muito interessante que era os Blind Dates, e o que é que eles faziam? Convidavam uma pessoa de uma área e outras de outra, e se as pessoas aceitassem no dia em que se conheciam faziam um espetáculo. A mim calhou-me um gajo de artes marciais, kickboxing...então música com kickboxing, depois havia um pintor com uma poetisa. Quando fiz esse Blind Date, a pessoa que estava à frente da Coleção B, o José Alberto Ferreira, agora programador da FEA, mostrou-se interessado pelo meu trabalho, ele já me tinha conhecido...e começa a convidar-me para fazer várias coisas interessantíssimas com o cinema. Convidou-me a mim e ao Tozé para fazermos uma rubrica que era cinema mudo com música ao vivo, deu-nos 5 ou 6 curtas-metragens a preto e branco com a temática de ladrões, chamava-se Tempo de Ladrões, e nós fizemos a banda sonora para essas curtas-metragens e que tocamos ao vivo e acabamos por ir a Alcácer e várias freguesias aqui de Montemor. Depois surgiram convites para fazer música para teatro. Música para teatro é outra modalidade, poderá dizer-se que é parecido com o cinema. Comecei a trabalhar com uma associação que é A Malvada e aquilo tem duas vertentes muito interessantes que é: eu também fazer parte da peça, eu vou atuar também, estar em palco, e a abordagem é diferente também e é aliciante e diferente. Eu gosto mais de tocar ao vivo, é mais emocional, a coisa acontece em tempo real. Por outro lado também gosto do conforto de saber o que é que é e gravar e não tenho a preocupação de tocar ao vivo, ter coisas gravadas e depois passar. E com isto ganhei também muita experiência...muita mesmo. Basicamente tem sido esse o meu progresso profissional cá em Évora. Aliás, esqueci-me de apontar outra coisa que é muito importante: a vida é de ciclos, os Bicho do Mato estão parados, os músicos foram-se embora, e no verão a minha companheira a Florbela desafiou-me a irmos tocar para a rua, e comecei a ir para a rua a tocar; e aquilo começa a ser uma coisa muito interessante e no meu processo criativo às vezes preciso sair da zona de conforto e ir tocar para a rua permitia-me isso.

J: Só tocou em rua aqui em Évora?

M: Comecei aqui em Évora mas já toquei noutros sítios. Comecei muito inseguro, o que é que eu faço agora? As pessoas estão a olhar para mim...mas eu não quero saber disso para nada. Comecei a ver que as pessoas notavam algo exótico porque não estou a tocar cover, estou a tocar coisas diferentes...instrumental...e comecei a desenvolver ali uma linguagem e temas. Há um jovem que tocava clarinete e desafiou-me a tocar, ele aprendeu muito comigo e eu com ele porque depois passei a pensar como compunha para clarinete e com isso desenvolvi um reportório que se tornou muito interessante. Depois gravei um disco tipo EP, comecei a vender às pessoas, vendi tudo e tive um feedback muito interessante que me motivou a continuar. Depois comecei a ter convites para fazer disto espetáculo e chamei-lhe Florentino Pujante, com precursão e clarinete.

J: Esses convites surgiram a partir de ouvirem na rua?

M: Sim e de pessoas que me conhecem. Eu vou fazendo vídeos e mostrando o que faço. E pronto...além disso tenho o teatro e nas manhãs livres comecei a tocar na rua, a conhecer outra gente. Uma coisa é estar em Évora e mesmo que vá para a rua é sempre a minha zona de conforto (embora precise disso, é o meu laboratório, onde desenvolvo as ideias, também o faço em casa mas na rua é mais fluido) e quando vou para o Porto vou fazer isso. Há muitos músicos de rua e bons músicos e tive um bom feedback, de pessoal que me convida a tocar. Abri ali muitas portas e no verão passado era para ir para lá...mas depois veio a pandemia e já sabemos o que isso trouxe.

J: Se não fosse músico o que é que acha que seria?

M: Não faço ideia.

J: Concretiza-se sendo músico?

M: Sim. Quando andava no secundário, na verdade não havia nada na escola, nos cursos, nas oportunidades profissionais que... Porque estamos a falar dos anos 80, nasci em 1968 logo em 1988 tinha vinte. Naquela fase em que temos de decidir se é médico, advogado, aquilo para que tinha jeito era para as línguas e seria jornalismo. Fui um jovem problemático, os meus pais tiraram-me do liceu em Setúbal e colocaram-me num colégio interno em Tomar. Não tinha interesse. Não tinha qualquer problema de aprendizagem, tinha um défice de atenção mas era bastante inteligente, até acima da média. Não tinha era onde colocar isso porque só havia a conservatória mas não era o ensino clássico que me cativava. No fim secundário na altura regresso a Setúbal e o objetivo seria voltar ao Liceu mas eu disse aos meus pais que ia resultar no mesmo. Isto coincidiu com a entrada na CEE e com a explosão dos cursos profissionais e eu fui tirar um curso de computadores e gostei muito. Hoje em dia é um curso obsoleto mas na altura era novidade e com esse curso entrei para a tal empresa onde trabalhei 22 anos. Agora em 2010, penso eu, surgiu aquele programa do Sócrates e das novas oportunidades para terminar o secundário, e eu fui... Foi interessante porque tive de fazer valência da minha experiência de vida e foi muito interessante. E oficialmente eu tenho o secundário terminado.

J: Se tivesse de eleger três coisas importantes na sua vida o que diria? Se a vida tivesse uma receita quais seriam os três ingredientes?

M: Tenho de dizer que: o meu casamento e o meu divórcio. Isso é uma coisa. Porque eu quando me casei, por amor e paixão, mas casei com uma pessoa que não lidava bem com a música. Casei-me e fui pai mas rapidamente percebemos que não ia resultar porque eu tive de deixar de tocar. Na altura não era profissional mas tocava numa banda ali da zona de Palmela do Barreiro e tínhamos muito sucesso na zona, com uma grande legião de fãs e isso foi uma coisa que me marcou profundamente, foi antes dos Hands on Approach. Marcou-me porque pela primeira vez fazia música a sério, hard rock em português e eu tive de deixar para continuar na relação e pai de uma filha, com a minha ex-mulher desempregada e abdiquei mas não estava feliz. E depois de um processo longo e doloroso de divórcio, voltei à música.

J: Então uma das coisas mesmo importantes na vida é a música?

M: Sim porque esse casamento-divórcio permitiu-me ver a importância que a música tinha dentro de mim. Embora na altura quisesse tocar mas não tinha a consciência de me tornar profissional. Quando me separei e voltei às lides musicais as coisas começam a mudar, mais bandas... em Setúbal começa a haver outra geração e foi aí que surgiram os Hands on Approach. Essa foi a primeira coisa mais importantes. A segunda coisa mais importante foi eu ter abdicado de uma vida digamos segura, de um ordenado ao final do mês, a viver só da música, que é: não há ordenado mas continua a haver contas para pagar... Essa transição foi importantíssima para mim. A terceira coisa mais importante...é difícil...mas foi talvez ter conhecido a minha companheira, a Florbela com a qual estou há 7 ou 8 anos. Ela trouxe-me a estabilidade emocional e a confiança para nos momentos menos bons acreditar. Ela às vezes acredita mais em mim que eu. E para a rua foi ela que praticamente me empurrou. Outra das coisas importantes, que está incluído quando eu decidi dedicar-me só há música, é que eu era guitarrista de música pesada (hard rock, heavy metal) só tocava guitarra elétrica e quando decidi mudar de vida, os sons de cá não são pesados, é uma música ligada às raízes na nossa música popular...ou seja, comecei a tocar bandolim, a olhar para a música de outra maneira. Precisava tocar outro tipo de música, só aquilo já não me preenchia...toda a gente toca aquilo, aquela música está muito baseada num tipo de tocar que eu já conhecia muito bem e já não me cativava. Comecei a tocar bandolim, ukelele, cavaquinho...uma data de cordofones e a abrir o horizonte para outro tipo de música...

J: Já que a sua música abrange tantas áreas quando chega a casa é fácil deixar a música ou a profissão de lado?

M: É muito fácil.

J: É fácil?! Achei que me ia dizer que não...

M: É fácil porque preciso de um filtro. Quando o tempo abre na primavera começo a ir diariamente para a rua, toco de manhã na rua, à tarde dou aulas... quando chego a casa já não quero "ouvir" música. Oiço...mas não é um lugar de trabalho, tornou-se excecionalmente na pandemia e torna-se quando tenho uma peça para fazer, um trabalho, quando sou só eu quando não é em conjunto com banda, é em casa que faço. Mas quando estou nesta rotina chego a casa e estou farto...anúncios tudo...por favor desliguem. Não é difícil.

J: O que é que sente quando chega a casa? Se tivesse de dizer uma palavra o que diria?

M: Cheguei a bom porto, cheguei a casa, cheguei à base.

J: Que sentimentos é que tem? Conforto...

M: Conforto... Ver... Quando chego a casa há uma série de rotinas: passear a cadela, perguntar se é preciso comprar alguma coisa, saber os planos se jantamos fora ou não. Ela tem um filho com 18, eu e ela não jantamos porque petiscamos qualquer coisa, saber se ele precisa de ajuda. Ver se há alguma coisa pendente para fazer.

J: Tem um espaço para trabalho em casa?

M: Sim tenho um estúdio.

J: Mas tem outra opção para trabalhar fora de casa?

M: Claro que sim. A Harmonia. Às vezes estou cansado de estar em casa e vou para a Harmonia. Se for com banda é onde for...não é em casa.

J: Quando tem um dia mau ou que não correu também qual é a zona da casa onde gosta mais de estar?

M: Há duas zonas onde gosto de estar: na sala onde está a televisão ou no meu local de trabalho. Não tenho preferência. Ela vê as séries dela e eu as minhas, quando ela chega vê as dela e eu estou no meu espaço...depois juntamo-nos...

J: Então a sala é onde costumam estar mais vezes e o estúdio às vezes um refúgio...

M: Sim...é uma casa pequena. Embora tenha a sala e um estúdio é uma casa pequena.

J: Com esta história de vida já percebi que já viveu em várias casas. De todas as casas onde já viveu o que é que o transtornou naquela onde gostou menos de viver?

M: Houve uma casa ali junto aos Tetos na Rua Romão Ramalho. Na altura estava entre casas. Eu nunca quis por uma questão de conforto estar sozinho numa casa então procurei sempre quartos, sem ser com estudantes. Havia um rapaz que é escultor, um pouco louco, amigo de um amigo e que estava à procura de uma pessoa para partilhar casa e acabei por ir viver com ele. Embora a casa fosse confortável era uma pessoa problemática, com problemas mentais e embirrava comigo por tudo e por nada até que acabou por sair. Mas depois eu já me sentia desconfortável. Nos Tetos havia muito barulho e eu não descansava bem; a rua estreita complicava carregar e descarregar alguma coisa... Houve outro sítio ao princípio muito bonito, por trás de São Bento de Cástris na zona do Alto de São Bento, morei num monte com uma pessoa supostamente minha amiga. Mas houve problemas com essa pessoa porque também tinha alguns problemas mentais, até mesmo a senhoria era uma pessoa complexa e embora fosse muito bom morar no campo a situação era complicada. Antes de me mudar com a Florbela fizemos obras e eu tinha lá as coisas e quando voltei de umas férias esse meu amigo que vivia comigo tinha tentando suicidar-se...foi uma situação complicada.

J: E se tivesse de dizer uma casa onde não gostou de viver pelas características do espaço?

M: Nesse monte o meu quarto era interior, não tinha janela. Mas eu também só ia lá dormir e guardar as minhas coisas, não me fazia assim tanta confusão. Tínhamos uma sala...

J: E memórias de infância, da casa da família ou de amigos?

M: As férias grandes de verão em Arronches. Os meus pais trabalhavam e eu passava lá o verão inteiro. Aquilo era uma vila e havia muita traquinice. Nos últimos dois anos eu já tocava

guitarra; as minhas tias trabalhavam no hospital e eu tinha acesso à capela mortuária, uma coisa pequenina, com uma acústica fantástica e uns vitrais roxos e eu passava lá o dia a tocar. Ou passeava de bicicleta e a fazer traquinices ou estaria lá a tocar.

J: Como é que se imagina daqui a dez anos? A viver em Évora?

M: Não sei... Daqui a dez anos estarei reformado, ou seja, vou ter uma reforma porque reformar-me nesta atividade é impossível nem quero. Para é morrer e enquanto tiver saúde vou tocar. Daqui a três ou quatro eu e a Florbela estávamos com a ideia de sair de Évora, ir para o Norte, para Aveiro.

J: Porquê Aveiro?

M: Eu tenho lá pessoas que conheço. Há três anos estávamos a destilar e tínhamos dinheiro e vimos que estava mais fresco em Aveiro e fomos para lá passar umas férias... já nem lembrava de ter frio. Depois adorei a cidade e ficamos com Aveiro no pensamento. Ela no programa mobilidade, ela trabalha na segurança social, o programa permite pedir transferência para lá, temos essa facilidade do lado dela. Depois é uma questão de me adaptar e eu tenho essa facilidade também. Entretanto depois fui para o Porto e se for para o Norte é para ir para o Porto. No entanto, temos outro plano quando ela se reformar tem a casa dela e eu tenho uma casa em Setúbal quase paga, vendo aquela e alugamos esta compramos uma autocaravana, vou tocar na rua... corremos aí... Começar pela Europa mas gostava mesmo era de ir para a América do Sul... Peru, Chile, Venezuela... O Brasil em último mais pelo Amazonas que pelo resto.

J: Vou fazer umas perguntas flash. Uma frase?

M: Viva a Liberdade.

J: Uma música?

M: Uma música... Gentrification, estive a ouvir hoje.

J: Uma viagem?

M: Veneza

J: Um lugar?

M: O Alentejo.

J: Uma casa?

M: A casa de Arronches.

J: Um prato favorito?

M: Um prato favorito sem ser sardinha assada? Arroz de polvo.

J: Cozinhar ou encomendar?

M: Cozinhar. Encomendar é mais por preguiça ou falta de tempo.

J: Passado ou futuro?

M: O futuro.

J: Público ou privado?

M: Em que contexto?

J: No que se identificar mais.

M: Para mim as coisas têm de ser públicas... Mas há coisas que têm de ser privadas (risos).

J: Luz ou sombra?

M: Luz.

J: Manual ou digital?

M: Manual.

J: Cheio ou vazio?

M: Cheio.

J: Cor ou incolor?

M: Cor.

J: Quente ou frio?

M: Hoje frio... Em Dezembro é quente (risos).

J: Pedra ou madeira?  
M: É difícil...madeira.  
J: Betão ou aço?  
M: Aço.  
J: Água ou fogo?  
M: Água.  
J: Dia ou noite?  
M: É difícil...eu gosto dos dois... Dia.  
J: Sozinho ou acompanhado?  
M: Acompanhado.  
J: Cinco coisas que não gosta? O que quiseres dizer.  
M: Não gosto de música do mainstream. Não gosto de fascistas. Odeio a mentira e a traição. Não gosto de automóveis em centros da cidade. Touradas.  
J: Cinco coisas que gosta?  
M: Música. Compor, composição. Gosta da Liberdade. Gosto de Évora. Gosto do mar e gosto do amor.  
J: Terminamos e desta forma fizemos arquitetura. Obrigada.

## Cozinheiro

Joana: Gostava que me falassem um pouco sobre vocês, como é que vierem para Évora? Não sei se são de Évora, o Francesco provavelmente não é de cá. O que vos fez ficar em Évora? Resumidamente, um pouco da vossa história de vida.

Namorada do Cozinheiro: A minha formação é de bar, formei-me em hotelaria, em master cocktail. Tive a morar em Lisboa e no Algarve e voltei para Évora. Sou de Évora, nasci em Évora. Entretanto depois conhecemo-nos e naquela do vai ou fica, ficar em Évora, ir para Lisboa ou para outro sítio, acabamos por ficar em Évora porque surgiu a oportunidade de ficarmos com o restaurante. Resumidamente é isto.

Cozinheiro: Eu tinha estudado aqui em 2006 em ERASMUS e acabei por voltar depois de treze anos. Entretanto passei por Itália, Alemanha, Lisboa...

J: Mas a tua nacionalidade é italiana certo?

C: Sim, eu sou italiano.

J: Nascestes lá. Viveste lá durante muito tempo e depois vieste estudar para Portugal em ERASMUS é isso?

C: Sim e depois voltei para lá. Depois fui para a Alemanha e depois fui viver para Lisboa.

J: Vocês conheceram-se em Lisboa ou cá?

NC: Em Évora.

J: Durante o ERASMUS do Francesco?

NC: Não...mais tarde.

J: Conheceram-se em contexto profissional ou nem por isso?

NC: Não não...amigos.

C: Amigos em comum.

J: Então depois chegaram ao consenso que deveriam ficar em Évora certo? E qual foi a vossa motivação para ficar aqui? O ambiente, a cidade...porque é que preferiram Évora a outra cidade?

C: Gostamos da cidade, achávamos que precisava de qualquer coisa diferente a nível de comida e bebida.

J: Então foi basicamente isso que os motivou a ficar aqui. Porque na verdade também podiam pensar o mesmo relativamente a Lisboa ou a outro sítio qualquer. Se tivessem de dizer um ponto

de interesse de Évora que vocês adoram e que, quando alguém pergunta o que é que mais gostam em Évora, o que é que diriam?

C: Para mim um conjunto de coisas na verdade: a paisagem...

NC: A luz, o tempo... Não temos dias nem muito quentes nem muito frios...(diz ela para o ajudar)

C: A Marisa (entre risos).

J: Para ti Marisa? A mesma coisa ou diferente?

NC: Eu nasci cá, portanto é diferente.

J: Ok...mas tu viveste em vários sítios e agora...

NC: Sim...a qualidade de vida aqui é muito melhor na verdade.

J: Sentem que é mais calmo...

NC: Sim...e que estamos mais perto de tudo...sim.

J: Bem...nós estamos aqui no vosso restaurante, que é o vosso tesouro e que é fantástico. O que é que vos levou a criar este negócio, além de acharem que faltava alguma coisa, mas essencialmente qual foi o ponto de partida para vos levar a criar este restaurante fantástico?

C: A necessidade realmente de abrir um sítio e vender vinhos diferentes: mais leves e mais frescos, numa cidade muito quente.

J: Explicando o vosso conceito, o que é que acham que marca a diferença relativamente aos outros restaurantes?

NC: Tentamos trabalhar mais com produtos de pequenos produtores. Tentamos apoiar, não só os locais, mas também outros produtores que nós achamos que devem ser apoiados e que para nós faz todo o sentido.

C: O vinho natural, o produto orgânico...da terra diretamente para a mesa.

J: Mas isso poderia funcionar aqui ou noutra sítio também? Vocês acham que funciona por ser em Évora?

C: Nós achamos que funciona especialmente aqui.

NC: Estamos aqui e também temos muita mais facilidade em encontrar alguns produtos que em Lisboa.

C: Sim, mas estamos aqui, nós precisávamos de qualquer coisa diferente aqui. Não era a vontade de mudar completamente de vida, sair novamente de uma cidade, reconstruir uma vida noutra cidade...

NC: ...mas sim evoluir a própria cidade.

C: ... e não abrir uma coisa numa cidade que provavelmente já tinha muito de parecido a isto, tipo Lisboa.

NC: Íamos ser mais uns em Lisboa.

J: Sim, exato...aqui realmente marcam pela diferença.

C: Somos de Évora, eu acabei por ser de Évora, depois de dois, três anos...estou aqui e pensei...

J: Também experimentaram imenso, passaram por várias...

C: Decidimos ficar juntos.

NC: Sim, também já estávamos a trabalhar para outras pessoas...acabamos por unir um bocadinho as nossas vontades.

C: A questão é que nós morávamos aqui e precisávamos de uma coisa aqui.

J: Nunca foi opção ir para outro sítio?

NC: Mmm...calhou isto nas mãos.

C: Perguntamo-nos se realmente fazia sentido abrir qualquer coisa diferente aqui. Não estivemos por aí a questionar muito será que noutra sítio?!. Não...estávamos aqui...calhou aqui e quisemos fazê-lo aqui.

J: Embora vocês tenham decidido abrir este negócio tiveram outras experiências noutra área ou

até mesmo na área da restauração?

C: Eu sou da área, do ramo do teatro. Eu estudei teatro, formei-me no teatro e trabalhei no teatro.

J: E como é que encontraste a culinária?

C: O teatro não pagava, como em todo o Sul da Europa. Então tive sempre que fazer outro trabalho, já tinha na família mais ou menos uma identidade gastronómica, mais da parte da minha mãe que trabalha no vinho, então sempre tive aquela sensibilidade que me aproximava muito ao restaurante. Trabalhei sempre no restaurante, primeiro na sala depois passei para a cozinha até a uma dada altura tive de tomar uma decisão: se continuar na cozinha ou continuar no teatro, e decidi continuar na cozinha. Aos 27 anos deixei o teatro e continuei na cozinha. Isto claro que me levou depois a viver em Berlim para perceber mais de cozinha vegetariana. Em Itália não havia...havia sempre, claro que também havia aqui, sempre uma cozinha vegetariana mais superficial, nada de fine dining. Em Berlim encontrei um restaurante com estrela Michelin que fazia só comida vegetariana, tive lá a trabalhar dois anos e depois decidi voltar a Portugal, mas Évora não foi logo a opção inicial porque em Lisboa há mais trabalho na restauração, isto em 2015. E depois fiquei quatro anos em Lisboa até encontrar maneira de voltar para Évora e trabalhar num restaurante, mas a coisa não foi em frente...mas já tinha mudado para Évora e entretanto tinha conhecido a Marisa e depois surgiu a oportunidade e decidimos abrir.

J: E tu Marisa? Já trabalhaste noutras áreas ou foi sempre na restauração?

NC: Trabalhei sempre, comecei por trabalhar mais à noite. Depois deixei de trabalhar à noite e passei só a trabalhar na restauração até ir parar, também, a um restaurante mais apontado na estrela Michelin e ganhar mais gosto pela hotelaria, isto no Algarve. E depois continuei sempre a trabalhar na restauração, depois em bar de hotel até ganhar alguma boa experiência e formar-me também mais nessa área. Mas depois também precisava...sentia que precisava de mais alguma coisa. Na altura tentava de sair de Évora um pouquinho para continuar na parte do bar mas depois se mudasse para Lisboa não ia ter aquela qualidade de vida que eu queria realmente. Estávamos um pouco indecisos nessa altura e acabou por nos cair isto nas mãos e acabei por ficar...e o Francesco acabou também por...aliás tinha de ficar com o Francesco aqui. (risos)

J: Já percebi que vocês têm uma grande paixão pela vossa profissão. Se tivessem de escolher outra qual seria?

C: O teatro.

NC: Não sei...

J: Francesco sentes que o teatro te influenciou nesta profissão ou nas tuas escolhas, ou que te deu alguma estaleca para o que vives hoje em dia?

C: Não necessariamente.

J: É uma área muito artística...

C: Não sei se...diretamente não influenciou. Eram dois antagonistas na altura: ou havia teatro ou havia cozinha, ou havia tempo para um ou para o outro. A nível de temperamento talvez. O curso de teatro ajudou-me muito a tentar perceber-me mais um bocadinho. Fazes um trabalho sobre ti e os outros que ajuda muito talvez a perceber. Não sei exatamente se me ajudou...na cozinha na verdade fechaste-te muito, não te permite muito contacto com as pessoas, seja na vida social ou no trabalho.

J: Mas tu precisas das pessoas para mostrar a tua arte de cozinhar.

C: Sim...mas...

J: Assim como no teatro precisas das pessoas para ter público.

C: Acho que esta mania de falar muito da comida como arte as vezes faz-nos perder o foco naquilo que é essencial na comida, a simplicidade, que seja bom. É verdade que é também uma forma de arte mas prefiro vê-la como um dia a dia. Não acredito muito que...acredito que se perde muito tempo a falar na comida como arte em vez de ver realmente a substância da

comida...é uma coisa que se associou muito, para mim, a este egocentrismo do chef o feito de continuar a vê-la como uma forma de arte. Na verdade é uma forma de estarmos juntos, é uma forma de partilha. Mesmo por isso o nosso restaurante é um restaurante de partilha...não fazemos pratos individuais, fazemos pratos de partilha. Provavelmente tem a ver com a necessidade em particular de, sendo que abrimos o restaurante em altura de COVID, remarcar a questão de que é necessário uma partilha, é necessário ficarmos juntos numa mesa, para nos é necessário, e para o nosso negócio e negócios parecidos ao nosso. Aliás, toda a restauração é necessária.

C: Se tivessem de escrever uma receita da vossa vida e de tudo o que por vocês passam quais é que seriam os ingredientes essenciais?

NC: O vinho é importante.

C: Ovos mexidos e pão torrado.

NC: É o prato preferido do Francesco.

C: A tosta mista é o meu prato preferido.

J: E se levassem isso para a vossa vida, ou seja, quais são os vossos pilares essenciais? Digam-me três: a família, amigos, a comida...o que é que diriam?

NC: A família e os nossos cães.

C: Sim...que é a família.

NC: É... Os nossos meninos.

C: Três pilares: a família, o trabalho que é a comida. Temos a sorte de ter um trabalho que gostamos. É um trabalho que te tira muita energia e muito tempo. O terceiro...não sei. Provavelmente há sempre uma trilha musical que nos ajuda muito a ficar juntos, não porque tocamos, mas porque ouvimos música parecida e acho que isso ajuda muito a criar uma ligação.

J: Quando vocês vão para casa conseguem desligar completamente do trabalho ou levam sempre alguma coisa para casa?

NC: O Francesco não consegue.

C: Eu vivo 24/24h a pensar nisto.

J: Nisto é o quê? Pensas sempre no que vais fazer no dia a seguir? Está sempre a pensar no trabalho e no que têm de fazer nos próximos dias?

NC: Sim está sempre nisto.

J: E tu não Marisa. Consegues desligar?

NC: Sim...

J: Se tivessem de dizer uma palavra para descrever a vossa casa qual seria? Ou várias coisas. Casa para vocês é?!

C: A nossa casa, esta? Ou a nossa casa...

NC: A nossa casa...a nossa casa.

C: Uma palavra?

J: Ou uma frase. Descrevam a vossa casa...

C: Eu acho luminosa, provavelmente a palavra é luminosa.

NC: É descanso, é amor... Quando chegamos a casa temos os nossos dois bichinhos é uma alegria quando chegamos.

J: Então se sentem esse à-vontade na vossa casa sentem mesmo que é o vosso lar. Se tivessem de descrevê-lo em palavras, que não estejam diretamente ligadas à arquitetura, o que é que diriam? Cores, cheiros...

NC: Ah tem...tem o cheirinho. Nós moramos no campo.

J: Então basicamente vocês têm de fazer uma viagem até chegarem a casa. É relativamente perto?

NC: Demoramos 10min.

C: 10min. de carro.

J: Então fazendo essa viagem de ida e volta todos os dias têm a distância que por um lado é

bom para marcar a diferença. Se vivessem aqui ao lado seria tudo muito rápido e muito junto. Sendo que vivem no campo imagino que seja preferível para vocês relativamente a viver na cidade. Foi uma opção vossa ou acabou por acontecer?

NC: Na verdade o Francesco já vivia lá.

C: Já vivia lá mas, e acho que falo pelos dois, quando digo que ambos gostamos de viver fora da cidade.

NC: Sim foi uma boa opção continuar naquela casa.

C: E agora estamos à procura de uma casa porque não podemos comprar esta onde vivemos e estamos à procura de qualquer coisa no campo.

J: E estando à procura de casa será sempre a vossa primeira opção viver no campo?

C: Sem duvida.

NC: Sim...e relativamente perto.

J: Quais são as vossas rotinas em casa? Tu Francesco que não consegues desligar do trabalho o que é que te faz sentir melhor em casa? O que é que costumam fazer? E tu Marisa que deixas o trabalho no trabalho? Quais são as vossas principais rotinas? O que é que costumam de fazer os dois juntos?

NC: O pouco tempo que temos quando estamos em casa...temos de limpar é obvio, temos dois cães e eles andam dentro de casa. Temos muito espaço em casa, a nossa casa é espaçosa e tem muita luz.

J: Ver filmes?

NC: Sim, por exemplo...a seguir descansar.

C: O trabalho de restauração, em particular quando são os primeiros anos de restaurante absorve-te todo o tempo. A nossa rotina neste momento é essencialmente o nosso restaurante. Se não tivéssemos o restaurante, com um trabalho de oito horas teríamos muito mais tempo para estar em casa.

NC: E provavelmente...ele adora bricolage...adora mexer em madeira. Provavelmente eu estaria a costurar coisas. Não conseguimos ter tempo para isso. Tentamos também dedicar-nos aos nossos cães quando estamos com eles. Nós passamos muito tempo aqui no restaurante, a meio da tarde conseguimos ir a casa e isso é bom. Vivemos mais ou menos perto, dá para ir a casa e voltar.

J: Então, além de dormir, durante o dia passam mais ou menos quanto tempo em casa? Duas, três horas?

NC: No máximo duas.

C: É mais durante manhã quando acordamos, uma, duas horas durante a tarde para tratar dos cães e à noite quando voltamos a casa.

J: Então como vocês estão pouco tempo em casa não têm o hábito de convidar amigos e estarem por casa no convívio?

NC: Isso acontece mais nas folgas

C: Temos. Vivemos também numa altura em que tivemos de fechar-nos em casa. O começo disto e da nossa relação foi durante uma pandemia.

NC: A nossa relação foi antes...

C: A nossa relação foi antes mas a pandemia foi aquilo que nos deixou tirar a soma de que gostamos desta relação e que queremos continua-la. Então tivemos de tomar uma decisão. Ainda não estávamos a viver juntos e começamos a viver juntos na altura da pandemia.

NC: No primeiro confinamento.

C: Porque senão iríamos provavelmente fazer um confinamento de dois meses sem nos vermos...então decidimos.

J: Em casa foi onde nasceu o vosso negócio? Trabalharam lá antes?

C: Na verdade era para abrir antes da pandemia mas tivemos de parar tudo.

NC: Nos íamos abrir precisamente nesse fim de semana em que foi declarado estado de emergência. Felizmente não abrimos. Fizemos uma parte de delivery também para dar a conhecer o que era o TUA MADRE, vendíamos massa fresca para fora. Fazíamos tudo em casa porque aqui deixamos tudo a meio ou tudo a metade.

J: Então o negócio acabou por começar em vossa casa...

NC: Sim...

J: Que acabou por ser um local de trabalho e depois deixou de ser para vocês abrirem o espaço destinado ao restaurante. Quando vocês têm dias mais chatos, em que estão mais em baixo qual é a divisão da casa que escolhem para estar?

C: Mais chatos em que sentido? Discussões entre nós?

J: Não...ou estás chateado com o trabalho...ou tens um dia mais down.

C: Há uma zona exterior da casa que nos ajuda a descontrair...

NC: ...que é um alpendre que temos com uma cama de rede.

C: E acho que a sala...é onde concentramos tudo.

NC: A sala sim...a nossa sala é grande.

J: A vossa sala é o sítio onde vocês se reúnem e conseguem usufruir da casa?

C: Sim porque também é o espaço mais amplo que temos

NC: Com mais luz.

C: Fechar-nos num quarto não ajudaria a descontrair.

J: Nesse caso, vocês passam mais tempo na sala e no espaço exterior como já referiram, também por causa dos vossos cães. Vocês já viveram noutras casas ou já tiveram em casa de colegas, amigos, familiares e provavelmente já sentiram alguma energia negativa, ou que aquela casa não era uma casa boa. Já vos aconteceu?

C: Já claro

NC: Sim...

J: E porquê? Qual a diferença da vossa casa agora em que se sentem em casa relativamente a essas que não eram as vossas casas?

NC: Eu sinto mais isso quando as casas estão atafalhadas de coisas e pouca luz, janelas pequenas.

C: Igual.

NC: Janelas pequenas...é isso.

NC: Acho que a luz é uma coisa, para mim, muito importante. Quando vivi em Lisboa tive uma altura, um ano e meio, numa casa pequena, o que provavelmente me levou a querer sair de Lisboa. Além da vontade de vir para o campo, e Évora foi uma ideia que concretizei porque já conhecia Évora, já tinha vontade de voltar a Évora, provavelmente aquela casa acelerou o tempo.

J: Vocês falam muito em luz, mas imaginam que seria possível viver numa casa pequena que não tivesse espaço exterior?

C: Não é possível.

NC: Não.

J: É possível ter uma casa na qual há muita luz mas onde não há espaço exterior. A que é que dariam mais importância?

C: Deveria ser uma casa muita ampla, com muita, muita luz. Provavelmente uma daquelas casas com vidro estás a ver?

NC: Sim...teria de ser.

C: Uma casa do género

J: Mas que tenham sempre acesso a um espaço exterior. Sem espaço exterior vocês não...

C: Damos prioridade ao espaço exterior.

NC: Eu morei sempre, a maior parte da minha, num apartamento. Agora prezo muito ter um espaço exterior.

C: Eu tive duas hipóteses: morei em sítios com espaço exterior...morei em sítios sem espaço exterior e claramente...

NC: ...ter o espaço exterior faz toda a diferença.

C: Agora com dois cães não dá para... Não é possível procurar uma casa sem espaço exterior. A ideia de viver num apartamento com dois cães não...é uma ideia muito longínqua para nós.

J: O que é que não vos causaria desconforto numa casa?

C: Desconfortável?

J: Sim. Como descreveriam uma casa que não vos traria conforto?. Se a luz é conforto...algo que não queriam ter numa casa.

C: Cortinas de veludo. Odeio veludo, é material que me irrita. Provavelmente nunca escolheria ter cortinas de veludo.

NC: Sofás de pele também não.

C: Não...por acaso não desgosto.

NC: Cola tudo...

J: Vocês devem ter muitas recordações de infância, com amigos, família, em várias casas. Qual é a recordação que mais vos toca o coração e vos transmite mais saudade?

C: Como assim?

J: Por exemplo: uma recordação de infância tua com a tua família ou com amigos que foi marcante para a tua vida e que não queres esquecer.

C: Tenho muitas recordações.

J: A que vier logo à cabeça.

C: A recordação que eu não quero esquecer é provavelmente a neve: ter a neve no jardim.

J: A sério? Mas tiveste contacto com a neve durante muito tempo?

C: Sim na minha zona, em Itália, no inverno costuma nevar quase sempre.

J: Então nunca queres esquecer essa sensação de ter neve por perto?

C: Sim. Associo o acordar e ver nevar a uma sensação positiva.

J: E tu Marisa? Uma recordação que tenhas e que não queres perder da tua memória.

NC: Inserida numa casa também?

J: Pode ser ou não...o que tu sentires.

NC: Não sei. Tenho algumas. A única que me estou a lembrar é a de quando os senhores que...a senhora que era a minha avó de coração, não de sangue, a senhora que me criou morava numa casinha também pequenina; e muitas vezes o marido dela levava-nos a passear numa... aquilo é um armazém que existe da Câmara ali em baixo ao pé do canil...e havia um comboio. Não era um bem um comboio, era um carro muito antigo, grande, e eu e o meu irmão costumávamos ir para lá fingir que estávamos a guiar. E é lindo. É lindo aquilo, é mesmo antigo.

J: Uma última pergunta para fechar estas questões mais compostas: como é que imaginam a vossa casa daqui a dez anos?

C: Dez anos...

NC: Uma piscina.

C: Também um quintal. Uma horta talvez. Um sofá maior.

NC: Um sofá grande, sim. Precisamos. E várias camas de rede no quintal.

C: Um quarto, em dez anos, acredito num quarto para criança.

J. Agora vou fazer-vos algumas perguntas flash e vocês respondem o que vos vier à cabeça: uma frase?

NC: Uma frase?

J: Sim uma frase. O vosso lema de vida, uma palavra...também pode ser uma palavra.

C: Uma frase? Assim a primeira de flash que vier a cabeça...

NC: Eu só tenho uma na cabeça.

C: Diz!

NC: É a tradução. Vou traduzir. Se as portas da percepção estivessem limpas tudo apareceria para o homem tal como é. Muito bonito. É William Blake, é profundo.

C: Uma frase na verdade não sei...

NC: Sei lá, Carpe Diem, clichê amor... Vive a vida como ela é...

C: Não deixar a porta aberta! (risos)

J: Uma música?

C: Provavelmente uma dos Radiohead. A primeira que me vem à mente: a wolf at the door.

NC: A mim só me vem Chico Buarque à cabeça.

J: Uma viagem?

NC: Vamos a Itália! Temos que ir...

C: Eu, na verdade, estava a pensar na Ásia.

J: Fizeste ou vais fazer?

C: Não...uma viagem que gostaria de fazer.

J: Já viajaram os dois juntos ou ainda não?

NC: Íamos, mas não conseguimos ainda...

J: Um lugar? Pode ser exterior ou interior, o que vocês quiserem. Pode ser uma casa de banho, pode ser um jardim...

C: A cozinha.

NC: A sala.

J: Uma casa? Se tivessem de dizer uma casa que vocês adoram, a vossa, de uns amigos, a dos pais, dos avós, dos tios... o vosso restaurante.

NC: Eu gosto muito da casa antiga dos meus avós.

C: Sim?

NC: De pedra!

C: Eu gosto muito da nossa casa.

NC: Eu também gosto muito da nossa casa. Não queria dizer a nossa logo.

C: Mas na verdade, até agora aquela casa. Provavelmente porque vivemos muito tempo dentro dela.

NC: Sim. Agora menos... precisamos de passar lá mais tempo.

C: Agora menos mas na verdade temos a sorte de ter uma casa que também possa ser a nossa quando chegamos lá.

J: Um prato favorito? Já sei...

C: Tosta mista.

NC: Cacio e Pepe.

J: Agora vou dar-vos duas opções e vocês tem de escolher uma delas: cozinha ou encomendar?

C: Encomendar. Quando temos tempo livre encomendamos.

NC: Sim... Para comer coisas diferentes.

C: Cozinhar é óbvio pela qualidade mas fazemos isto todos os dias.

J: Em casa vocês cozinham ou não? É sempre encomendado?

C: Sim

NC: De vez em quando, mas mais encomendado. Encomendado ou vamos comer fora.

C: Gostamos de comer fora. Gostamos de sair para comer. Gostamos também de aproveitar o nosso tempo que não seja a cozinhar. Cozinhamos se temos hóspedes...claro. Cozinhamos mais quando temos realmente alguém em casa. Se não temos ninguém optamos por descansar. Descansar significa não tratar da comida mas que alguém trate da comida por nós.

J: Passado ou futuro?

C + NC: Futuro.

J: Público ou privado?

C: Público.  
NC: Depende do ponto de vista...  
J: Luz ou sombra?  
C + NC: Luz.  
J: Manual ou digital?  
C + NC: Manual.  
J: Cheio ou vazio?  
C + NC: Cheio.  
J: Cor ou incolor?  
C + NC: Cor.  
J: Quente ou frio?  
C: Frio.  
NC: Quente.  
J: Pedra ou madeira?  
C + NC: Madeira.  
J: Betão ou aço?  
C + NC: Betão.  
J: Água ou fogo?  
C + NC: Água.  
J: Dia ou noite?  
NC: Dia...depende...  
C: Dia.  
J: Sozinho ou acompanhado?  
C + NC: Acompanhado.  
J: Digam-me cada um, cinco coisas de que não gostam.  
C: Que não gosto...então...  
NC: Pessoas mal dispostas.  
C: Sim, na verdade, pessoas intolerantes e mal criadas.  
NC: É isso...  
C: Trabalhamos muito com pessoas. É muito difícil aturar pessoas que são difíceis de aturar.  
NC: Quando são assim...  
C: Que não gosto...não gosto de bagas de goji.  
NC: Ia dizer ervilhas. Não queria ir para a comida mas pronto...então...  
C: Não gosto de veludo...não há coisas que me irrite assim tanto...  
NC: Ah! Eu não gosto de pessoas que comem de boca aberta. Irrita-me...irrita-me mesmo.  
Quando fazem barulho (sons de comer). E também não gosto daquelas pessoas que fazem hummm ahummm. Também me irrita imenso.  
C: A bola...não gosto de bola.  
NC: Futebol também não gosto.  
C: Zero! E tudo aquilo que é o domingo da bola, o final de domingo com programas que falam de bola, pessoas que falam de bola. Tudo aquilo que tem de ver com a bola não suporto. Acho que é dar demasiada importância à bola, que é só um jogo.  
NC: Devia ser mais bonito que isso. Touradas também, touradas também não gosto.  
C: Sim. Touradas também não... Estava a pensar realmente sobre o que não gosto. Na verdade somos pessoas muito tolerantes então não há coisas que não suportamos...além do veludo.  
Não há nada assim tão insuportável que não sejam as pessoas intolerantes...que não seja...  
J: E cinco coisas que gostam?  
NC: Plantas. Os nossos cães.  
C: Gosto...gosto de mar... Gosto de mar.

NC: Pessoas que valorizem os outros, que sejam abertas de espírito, que não vão com algum tipo de preconceito. Pessoas que não sejam preconceituosas... não sei qual a palavra.

C: Gosto de melancia... Tento não andar à volta da comida mas... Então: o vinho, gosto muito de vinho.

NC: Vinho!

C: Gosto de... Gosto da Marisa.

NC: Não me lembro de mais nada...

C: Acho que gosto de camisas também!

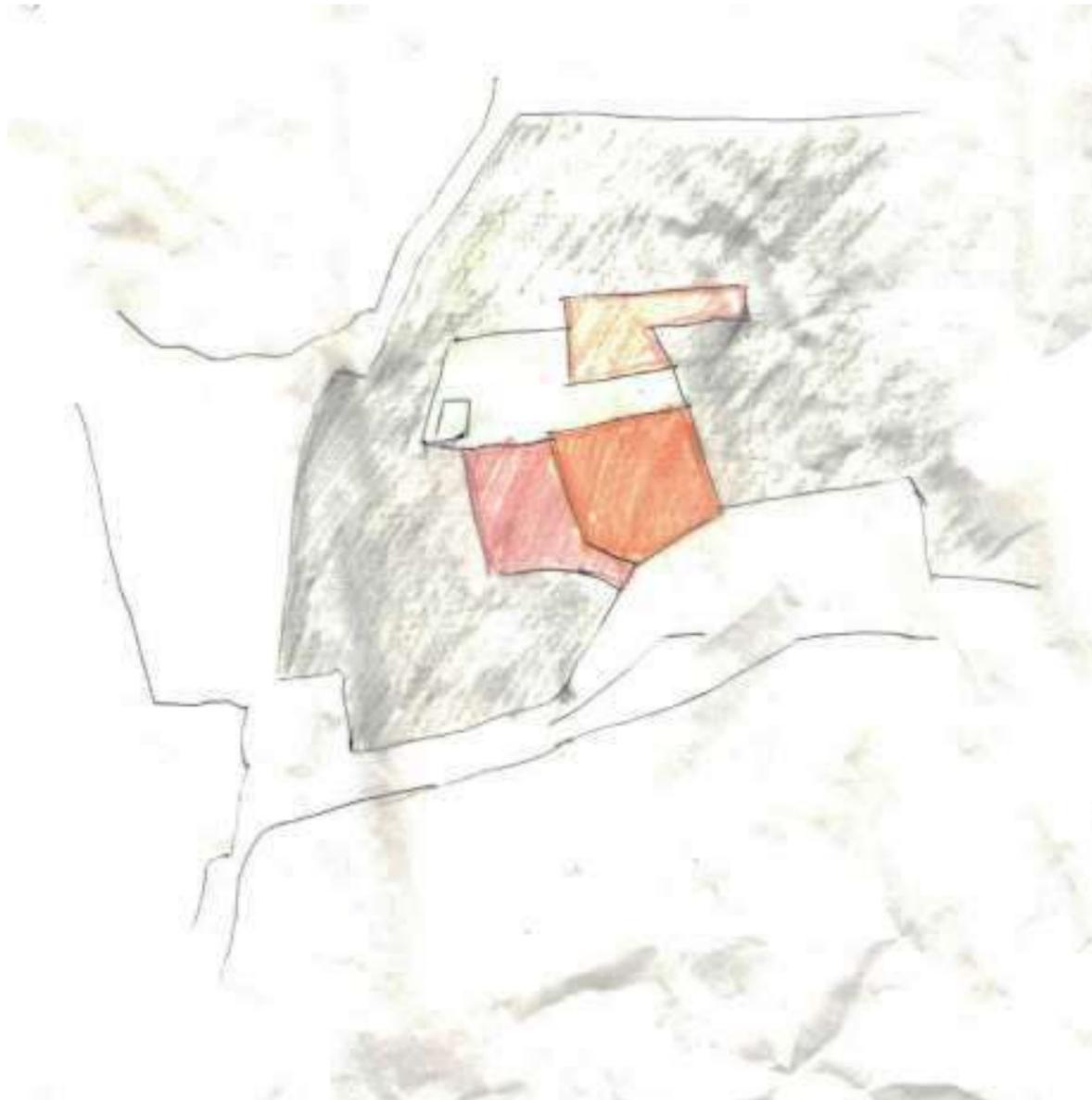
NC: Ele adora camisas de flores...

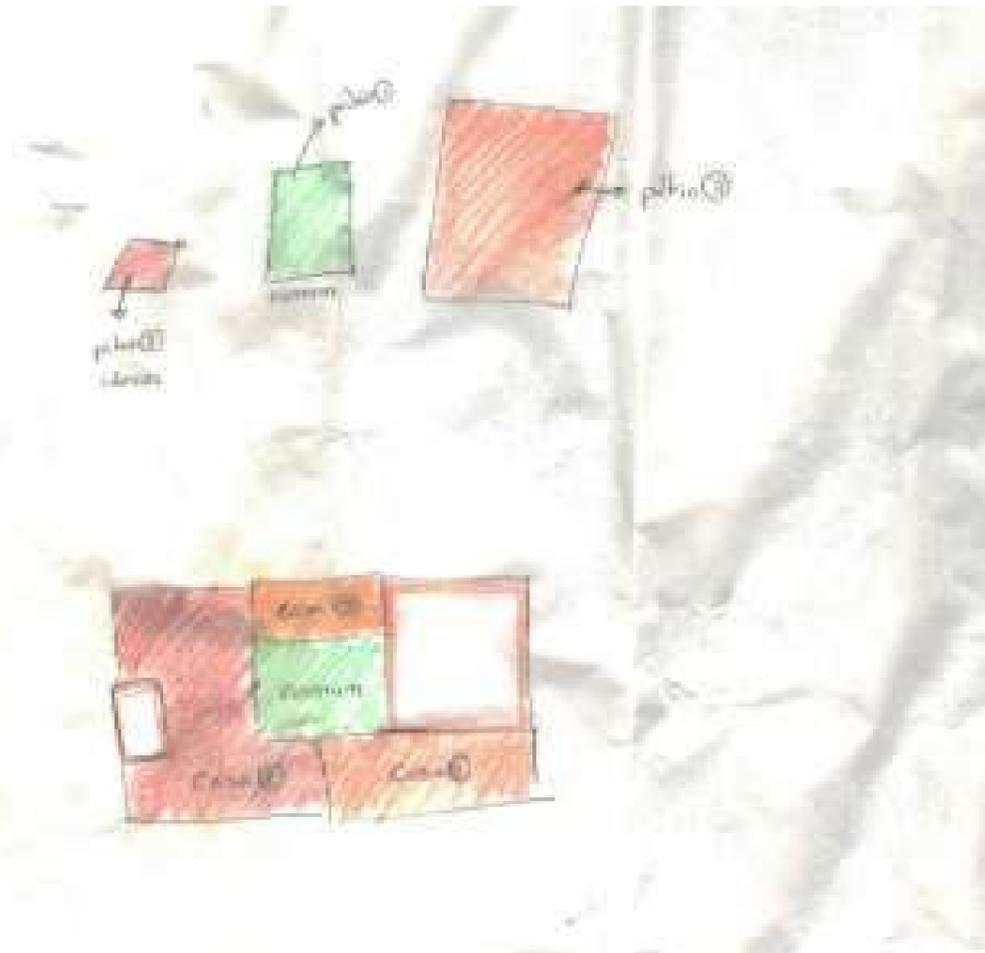
J: Terminamos e desta forma fizemos arquitetura. Obrigada.

## Processo de projeto reformulado



220





**Grupos**

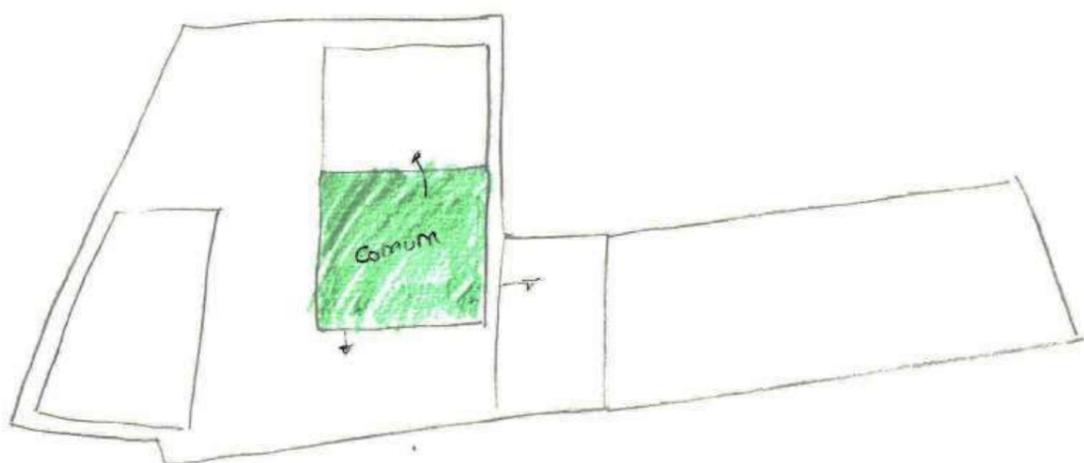
- informal
- pseudo
- grupo de 20 personas

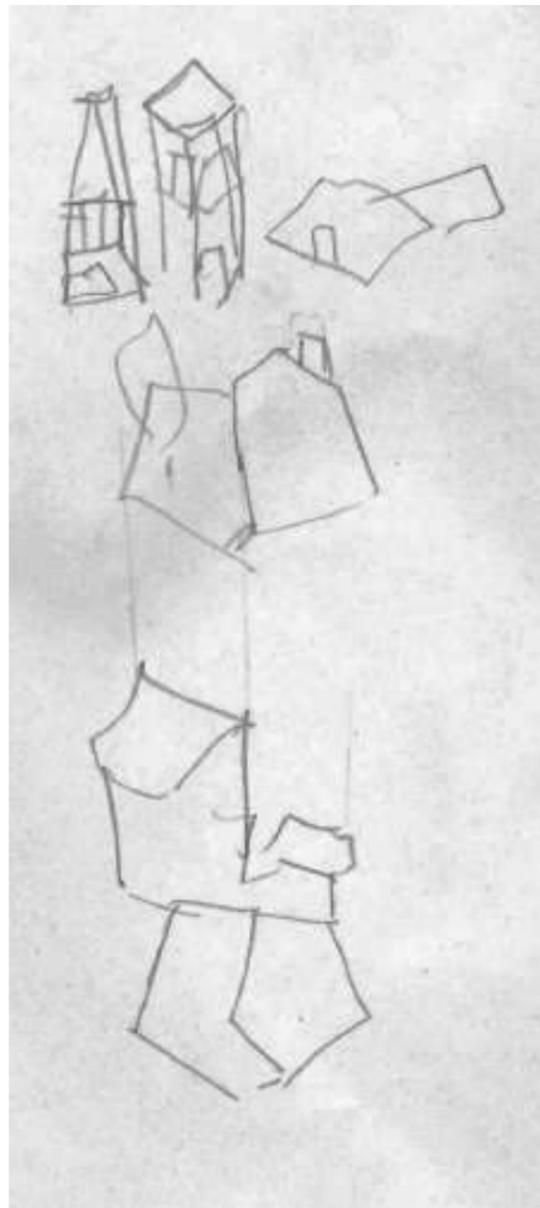
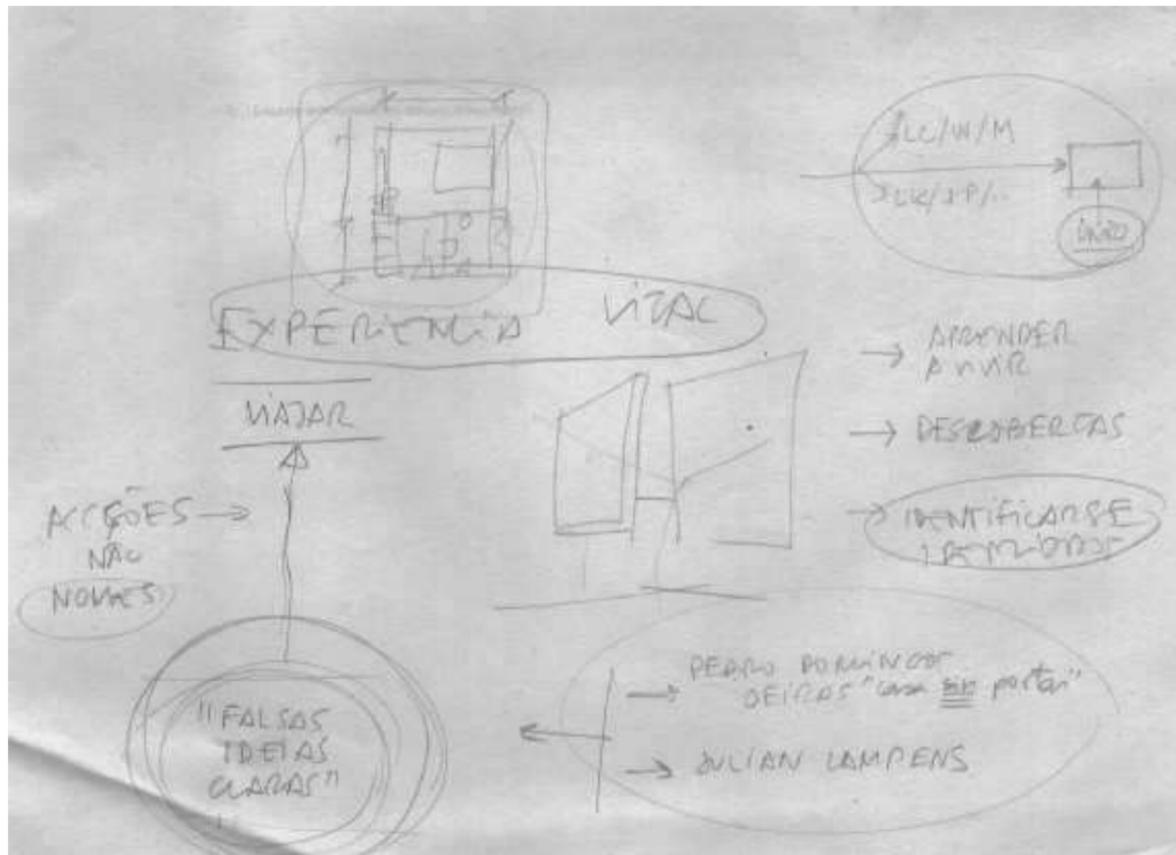
**Colectivos**

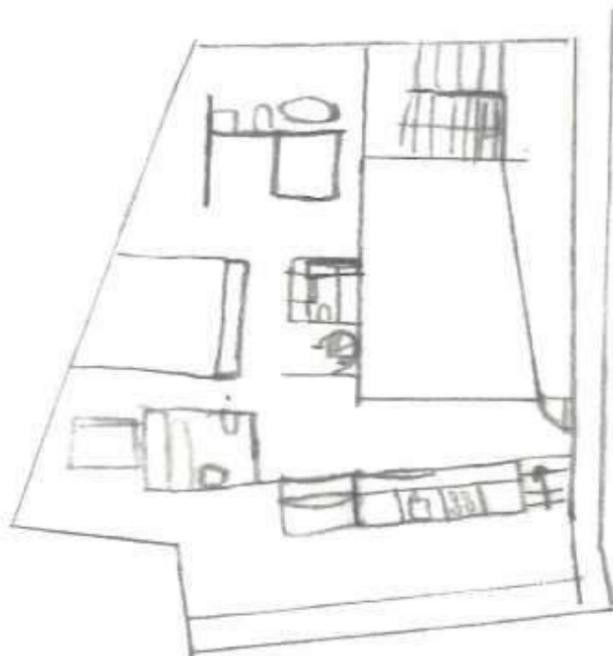
- grupo / colectivo
- informal
- colectivo

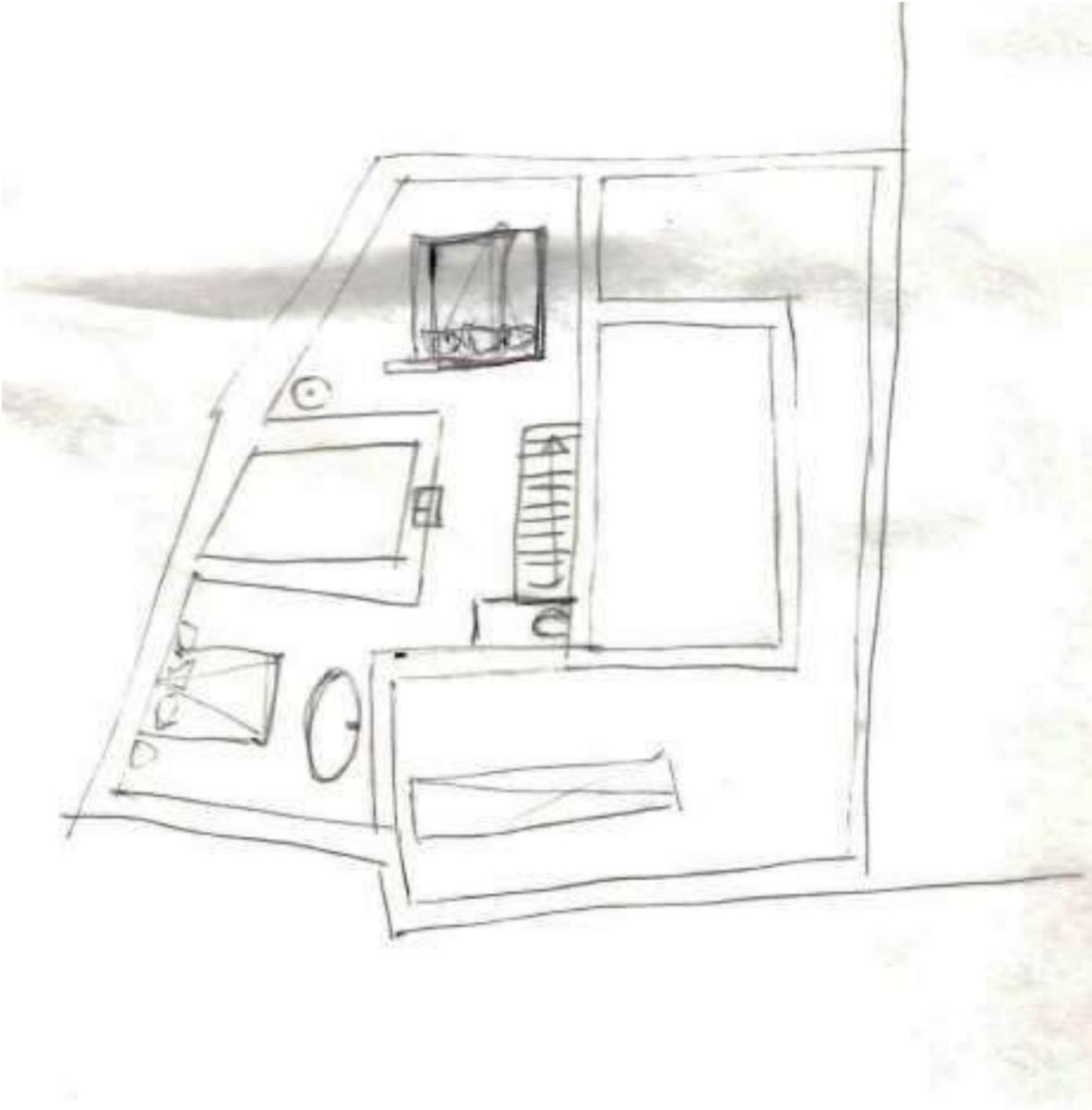
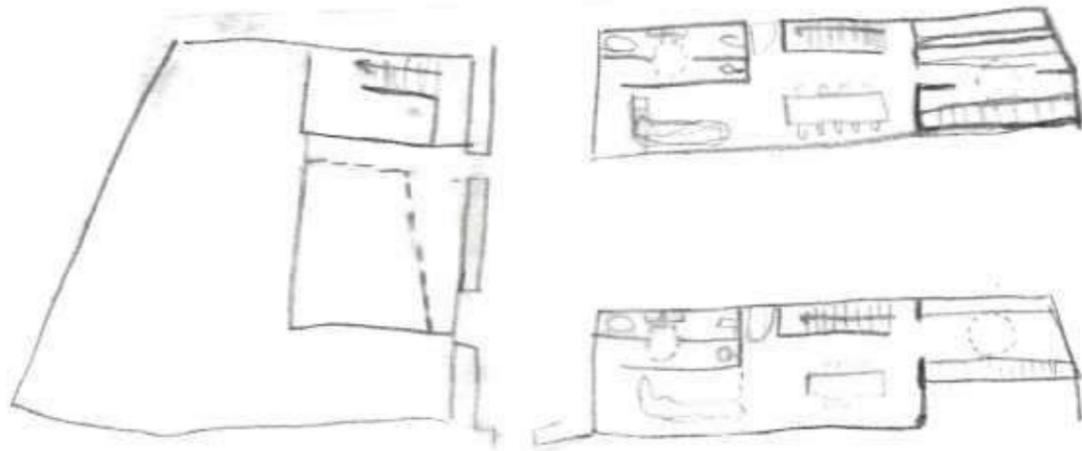
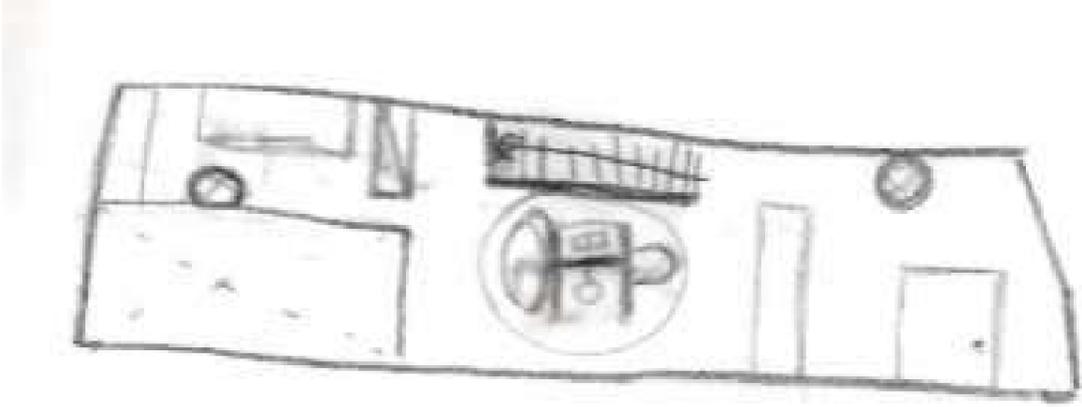
**Organiza**

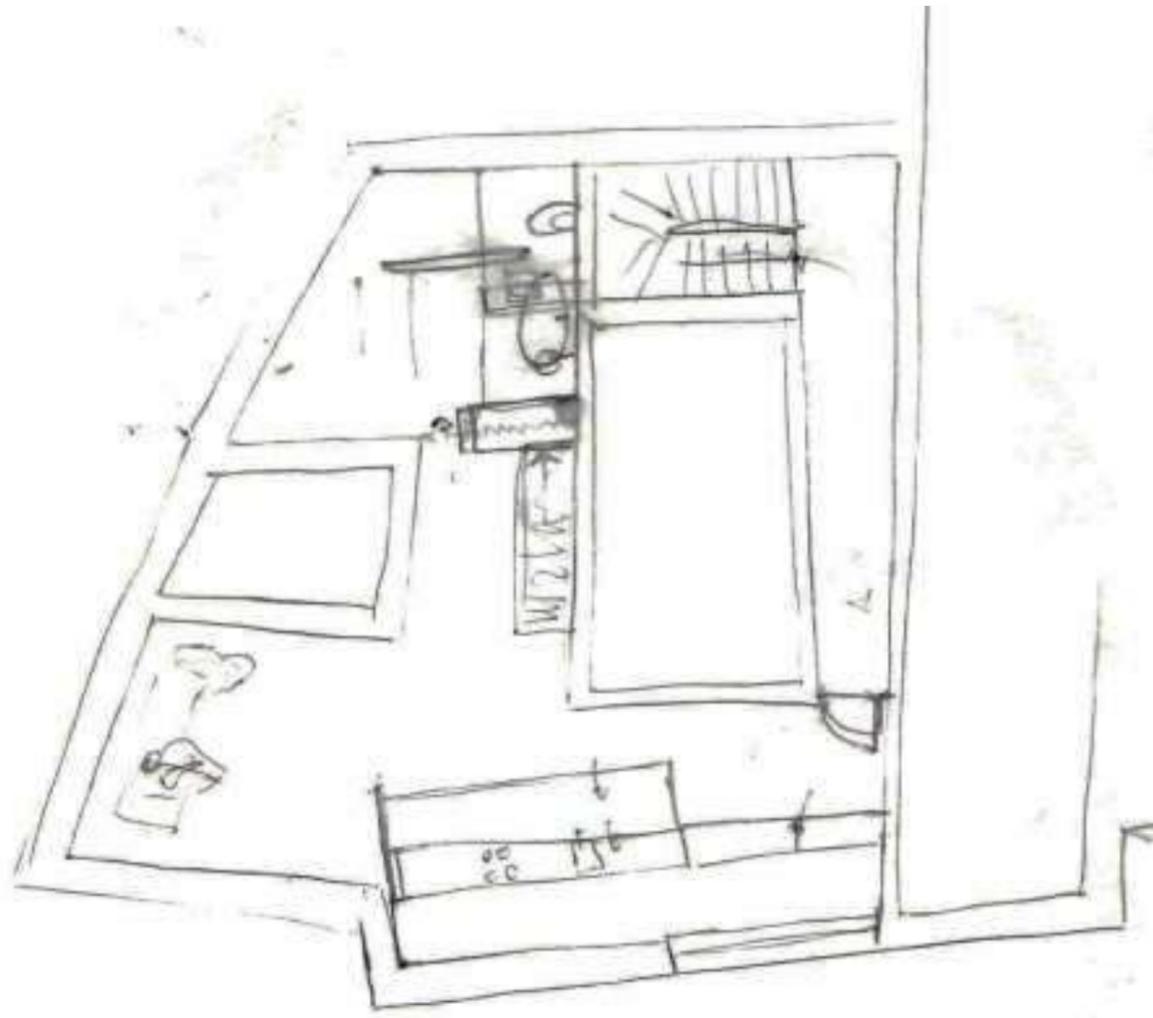
- más formalizado
- grupo de 20 personas
- más trabajo con ellos



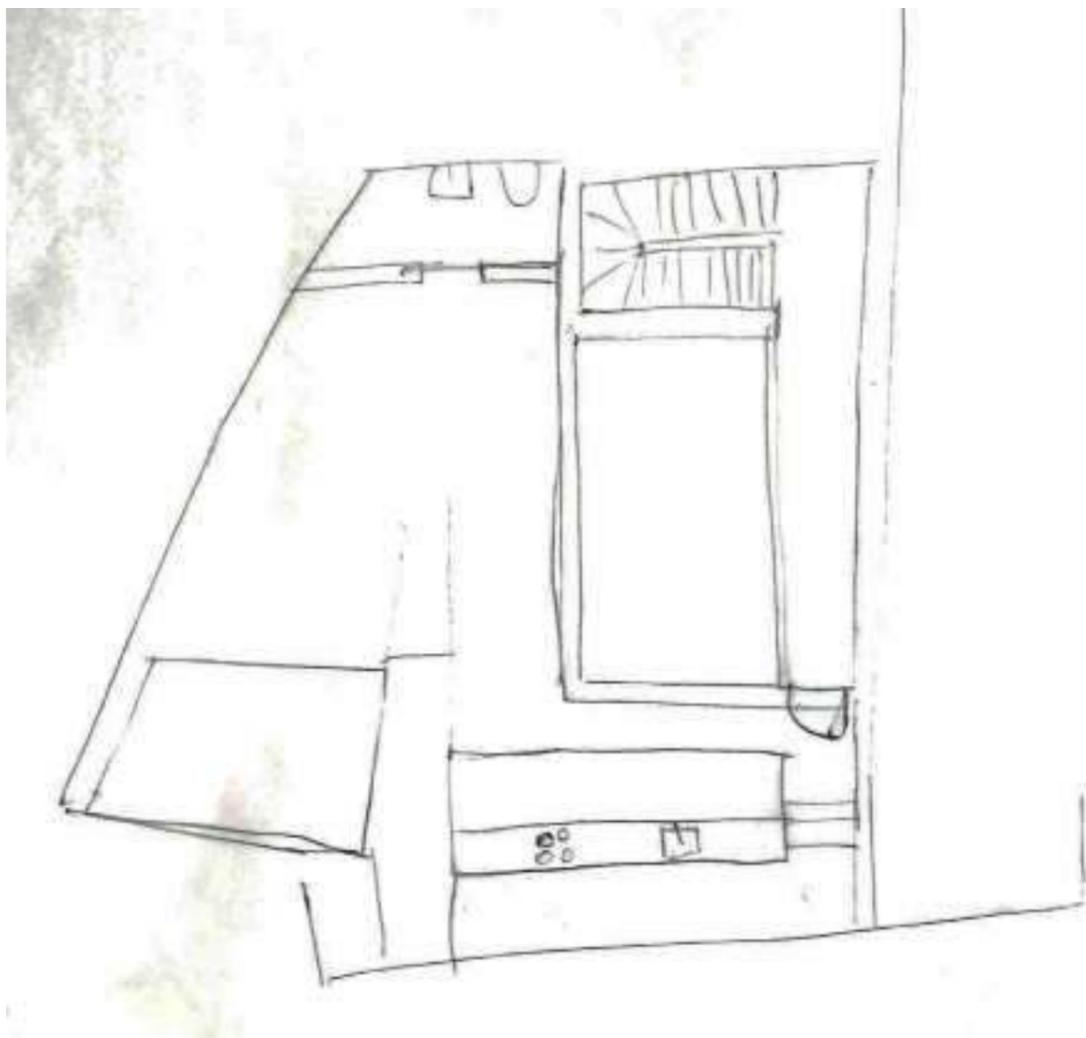


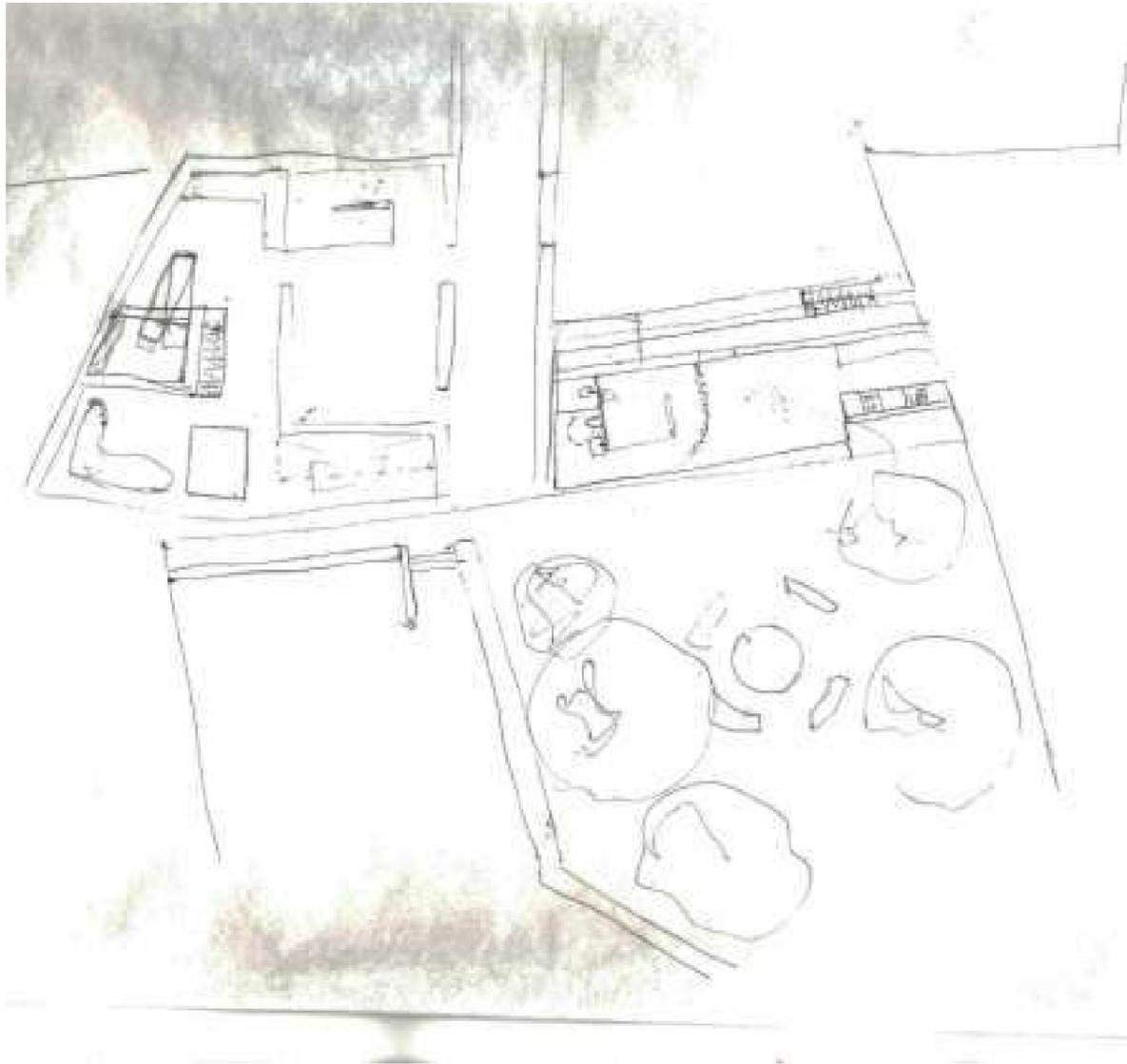




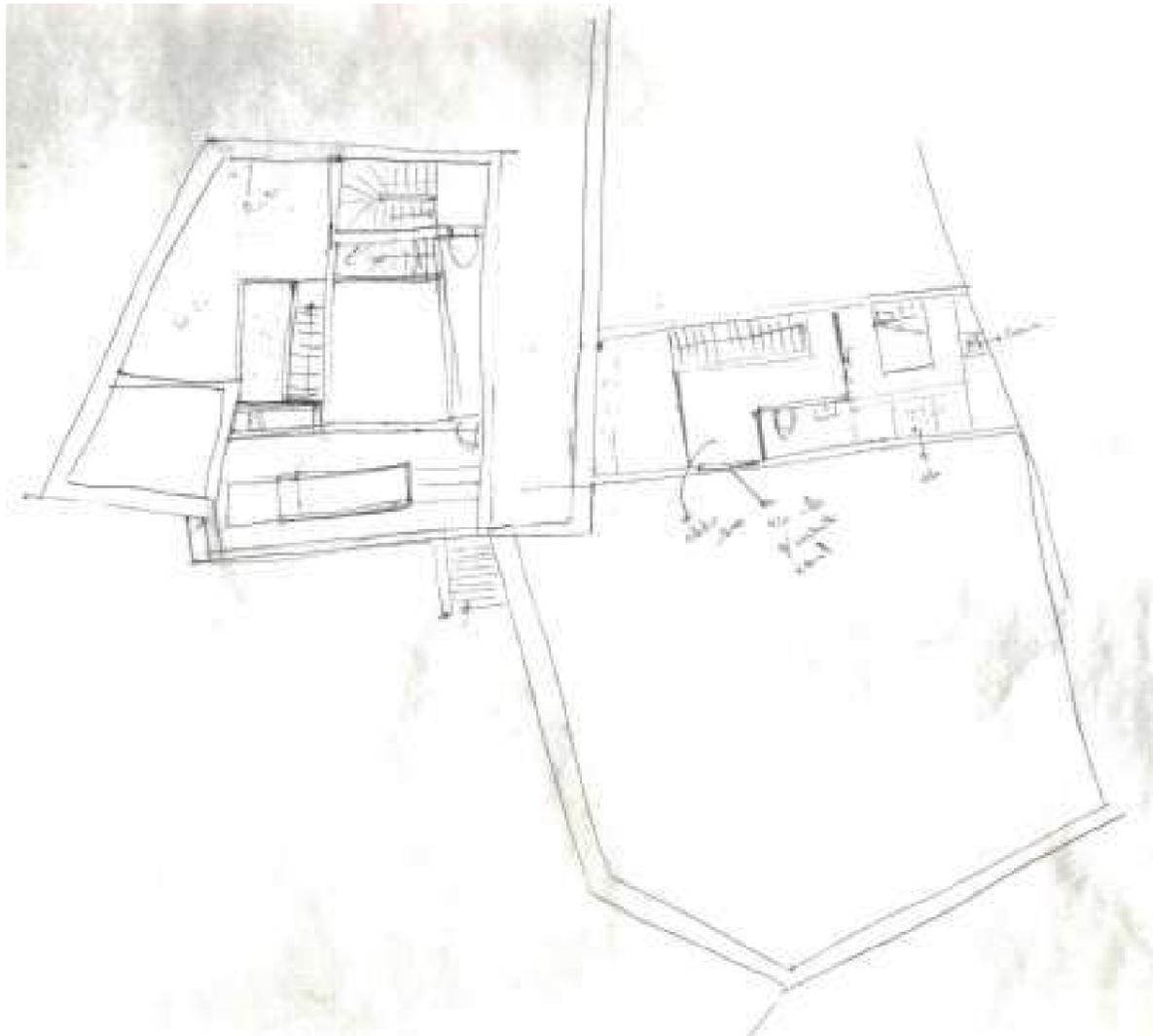


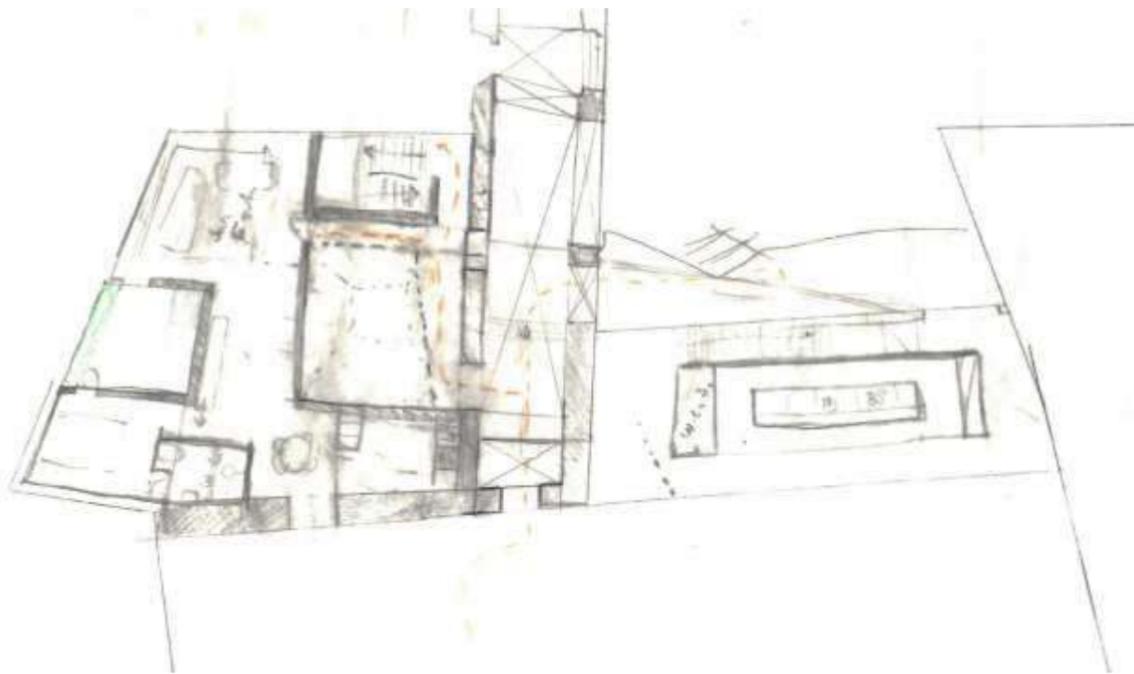
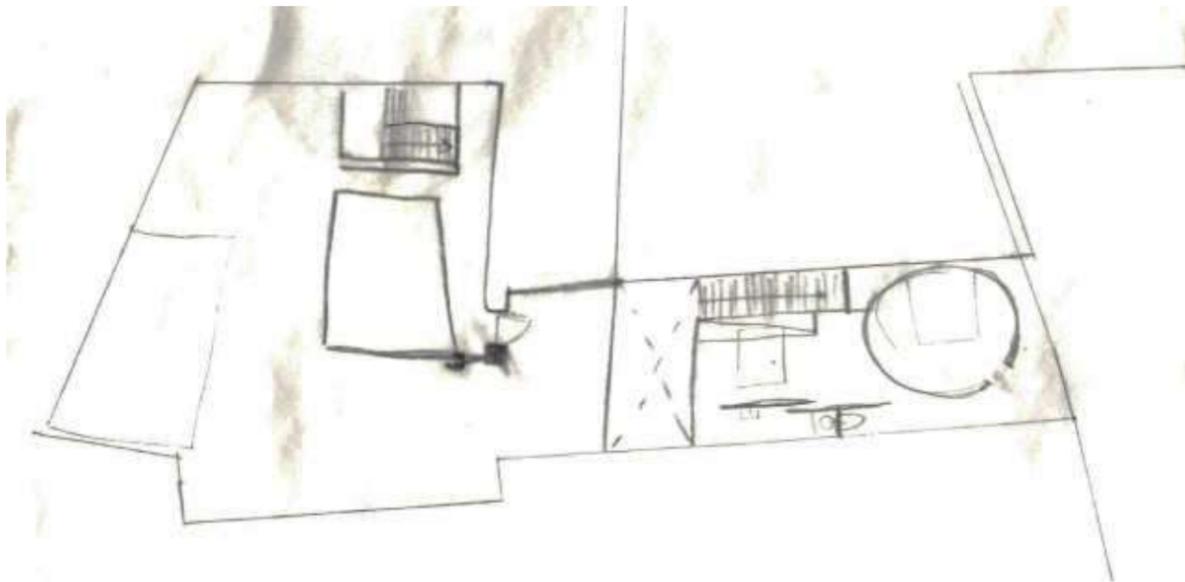
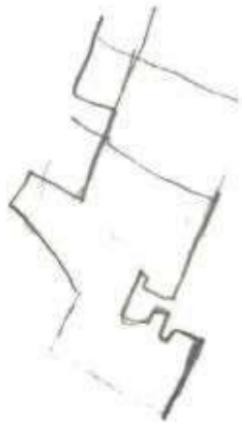
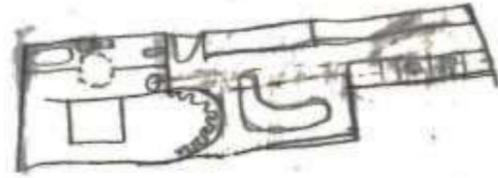
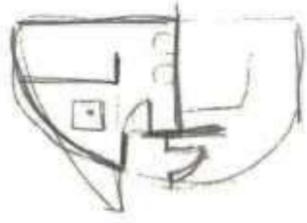
225

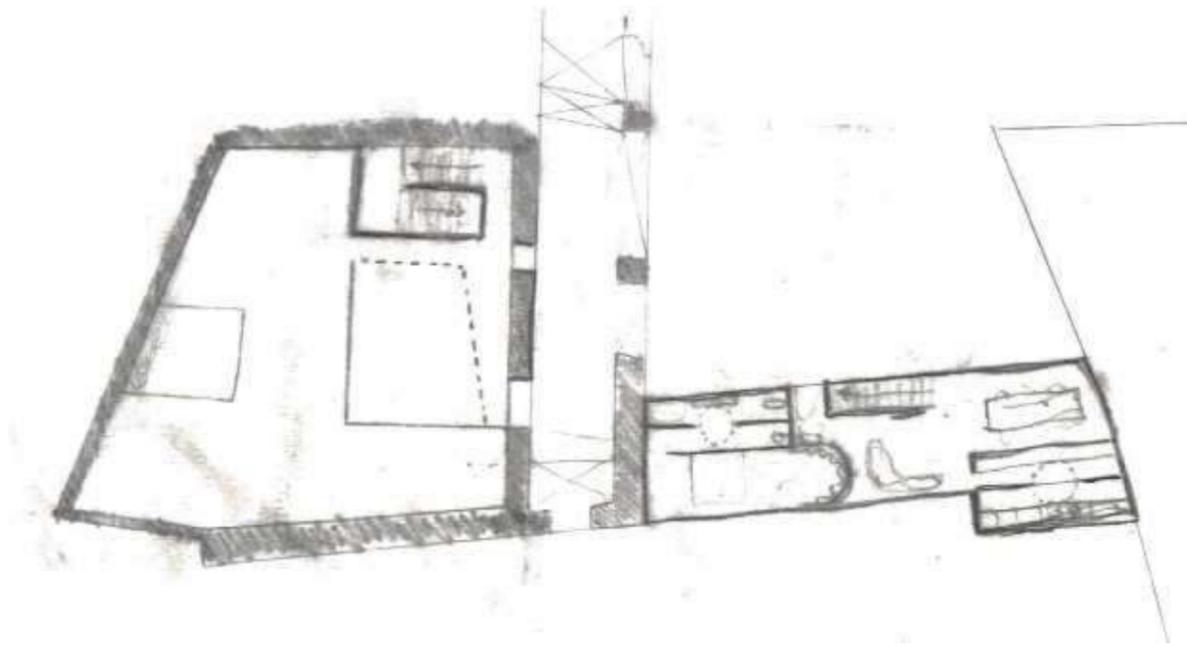




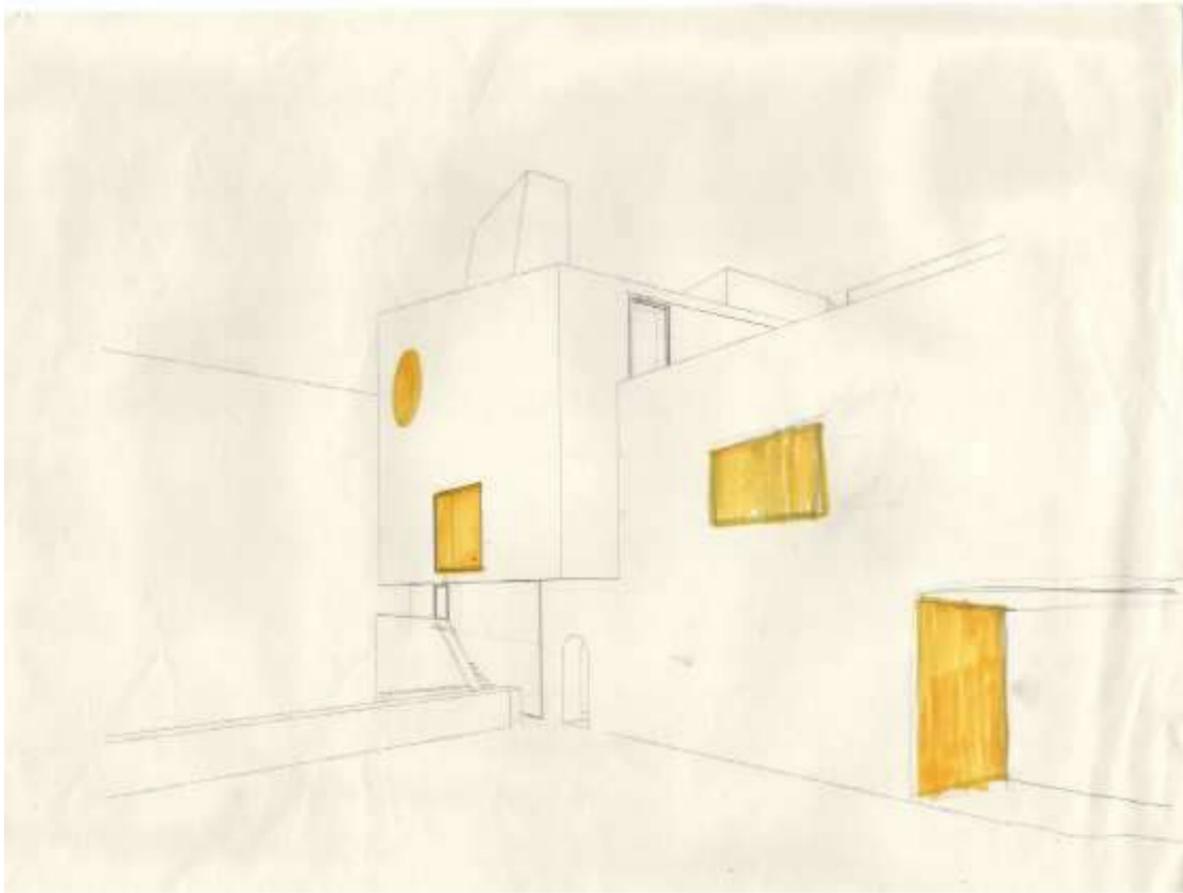
226

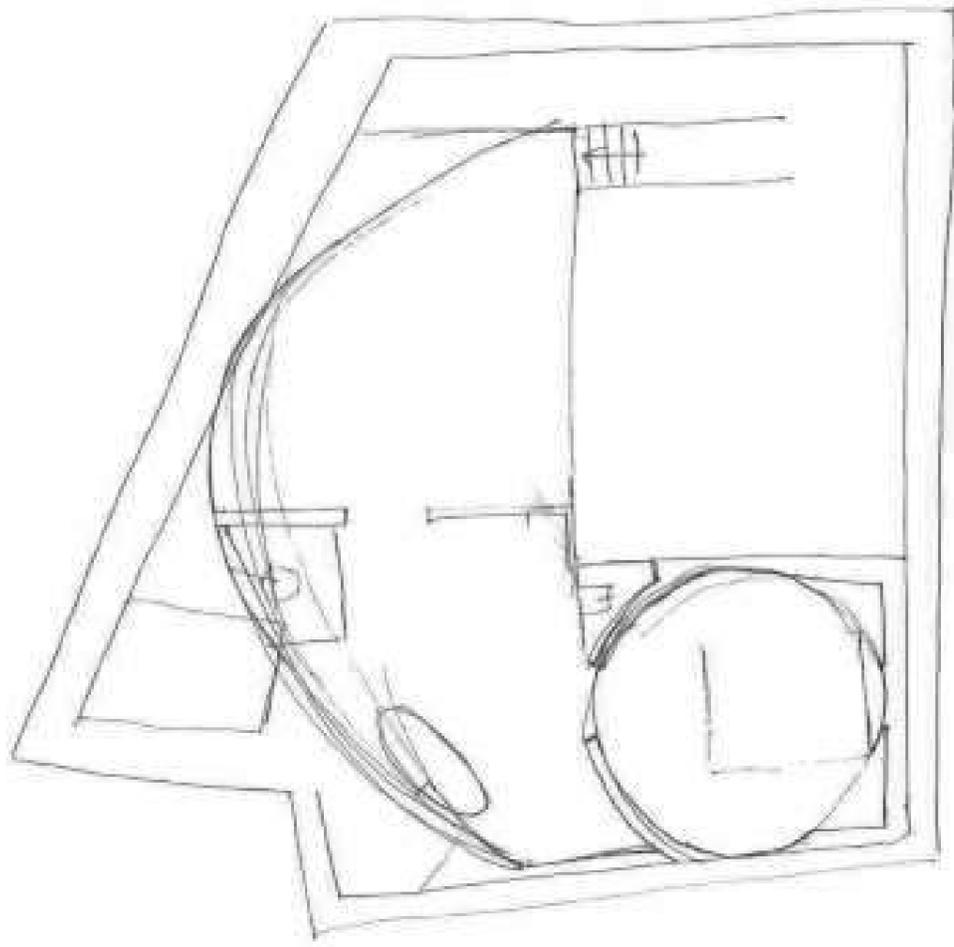
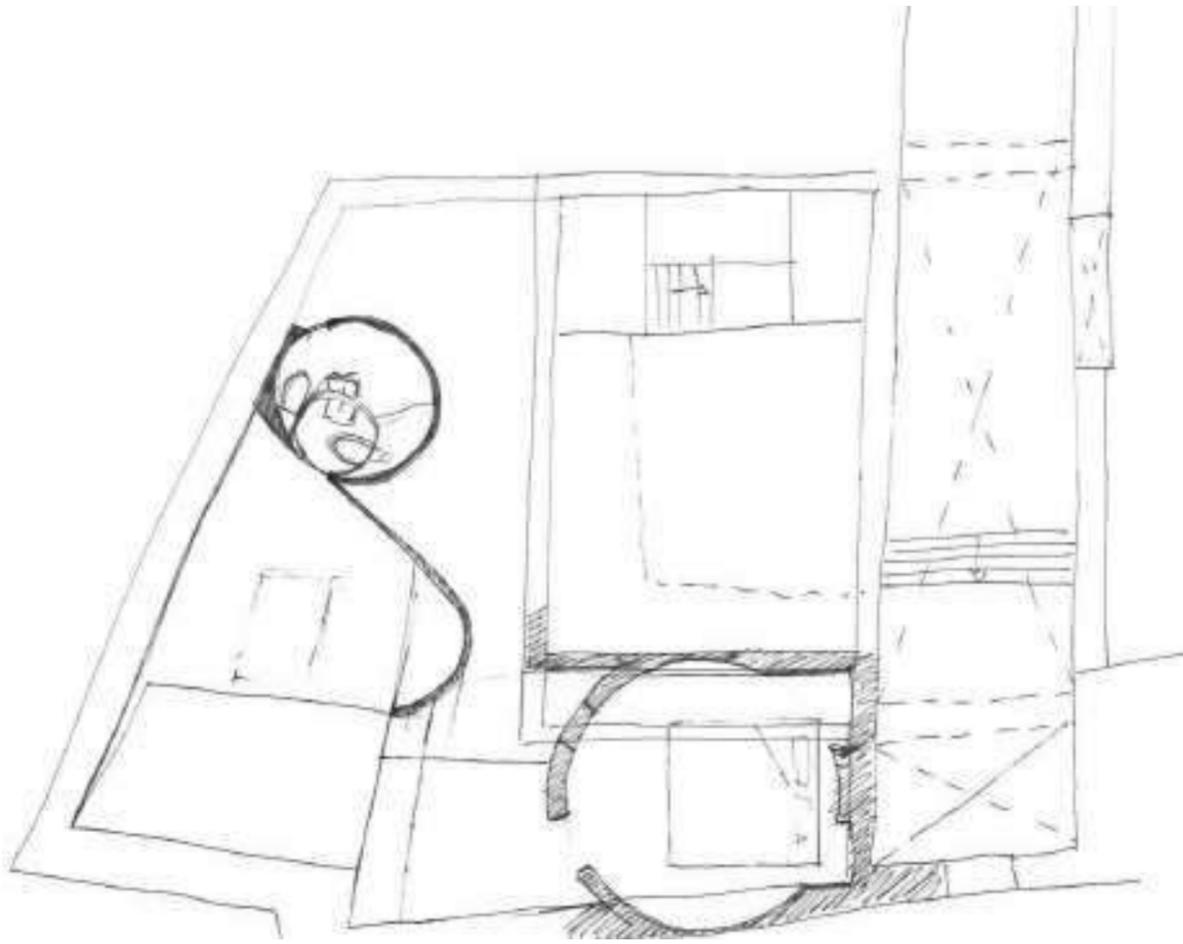


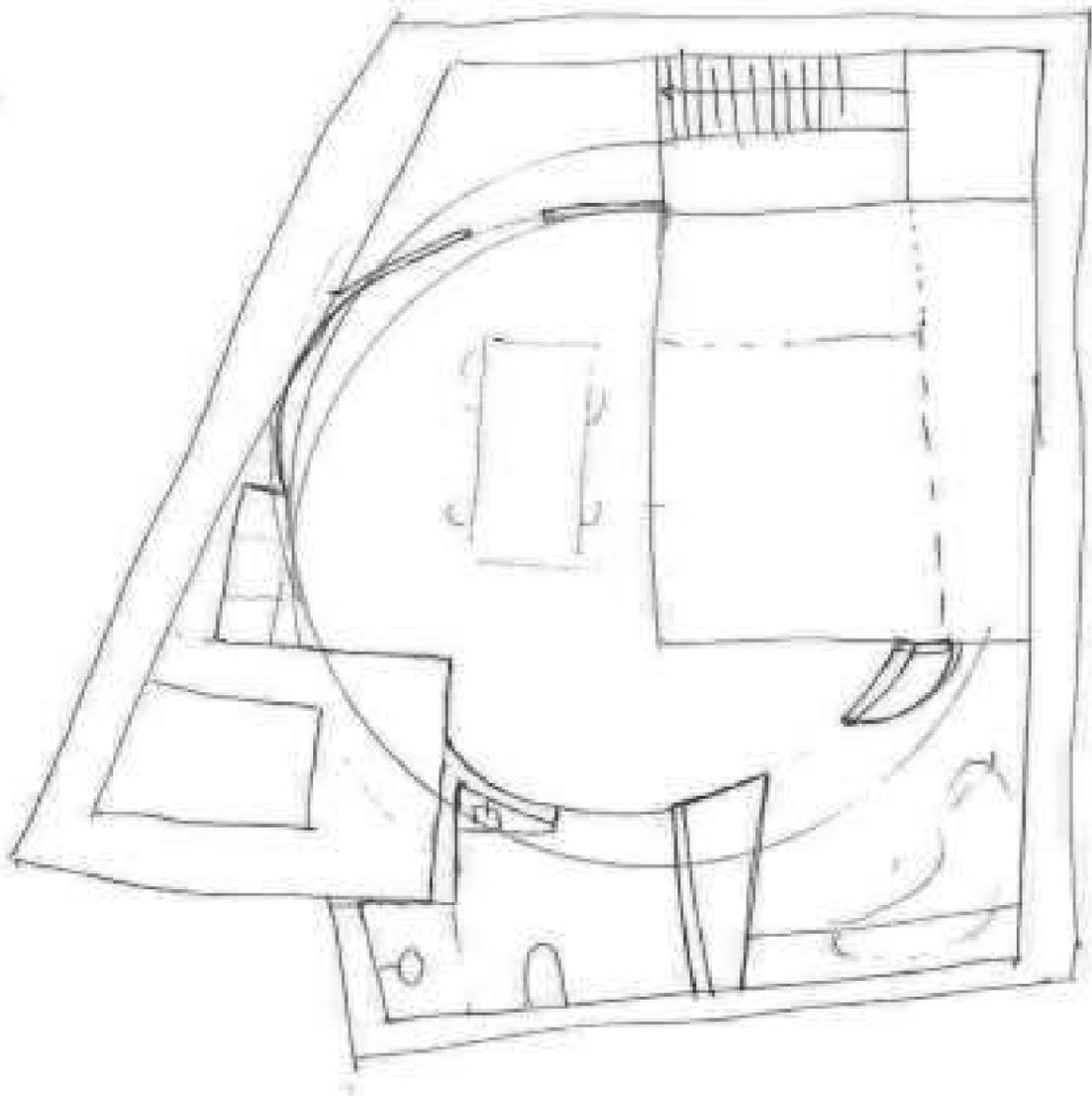




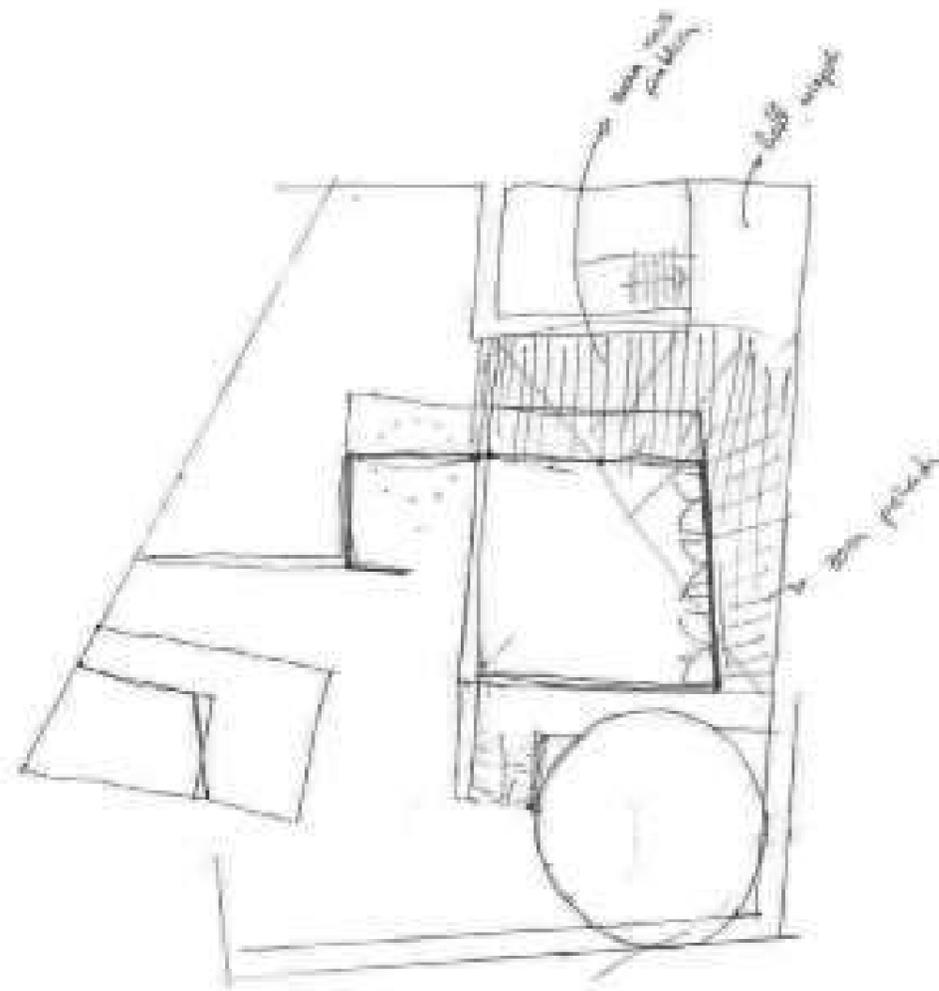
228

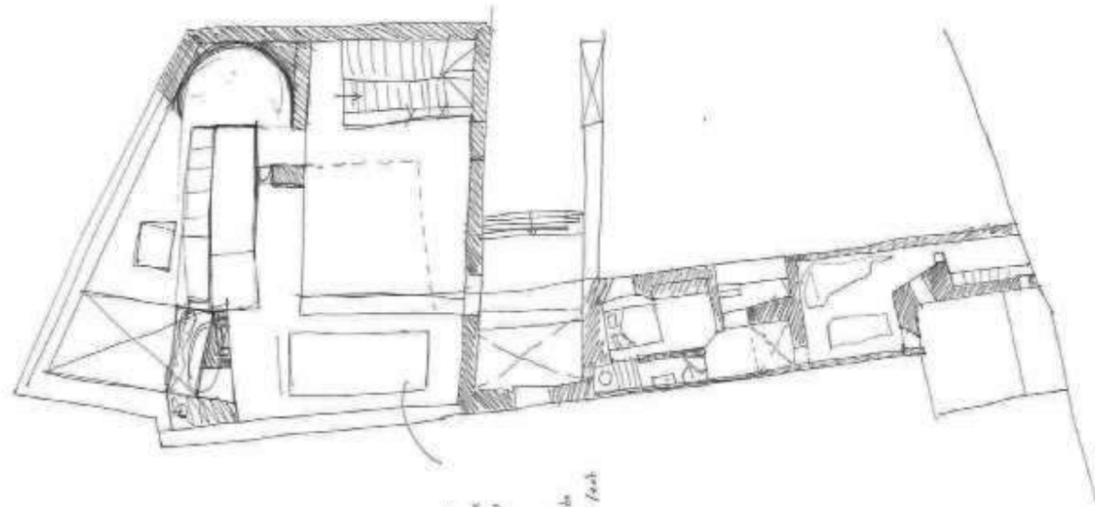




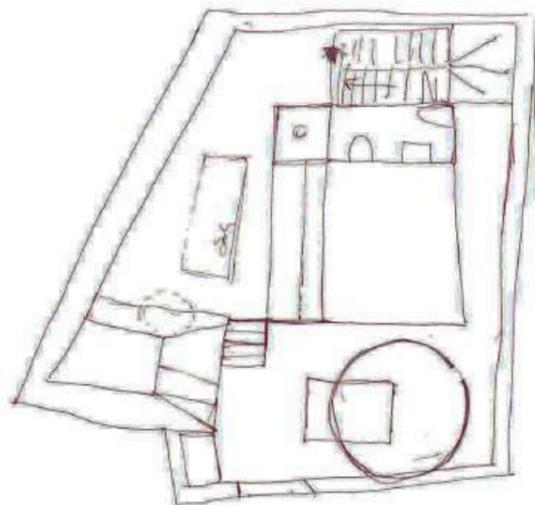
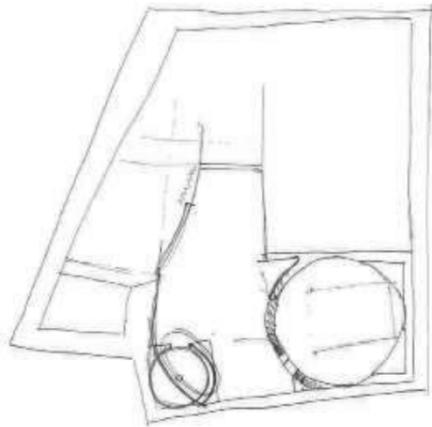
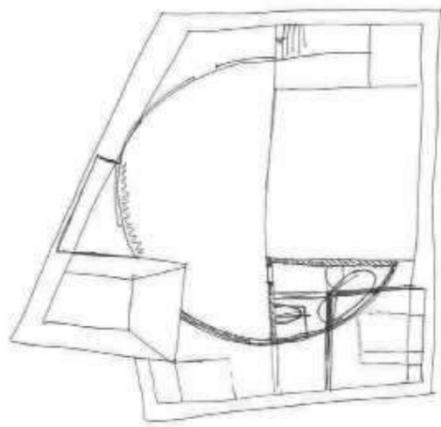


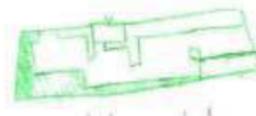
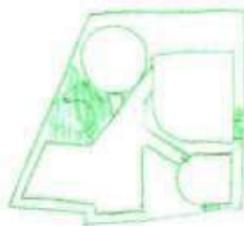
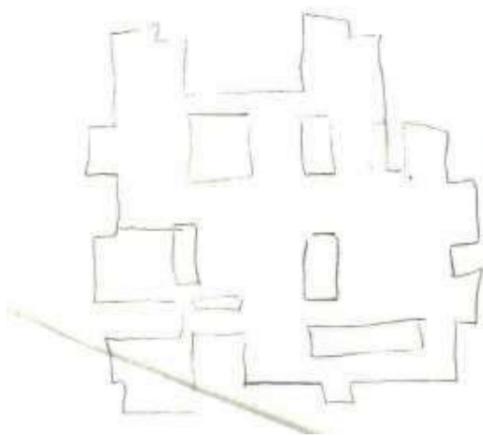
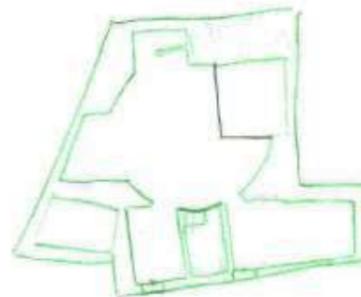
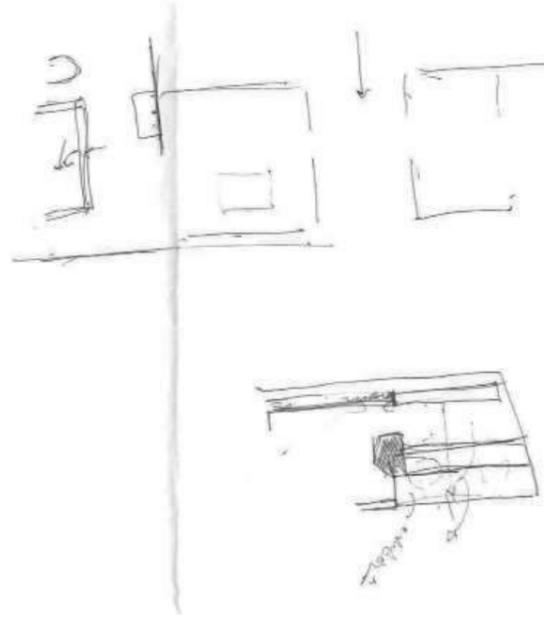
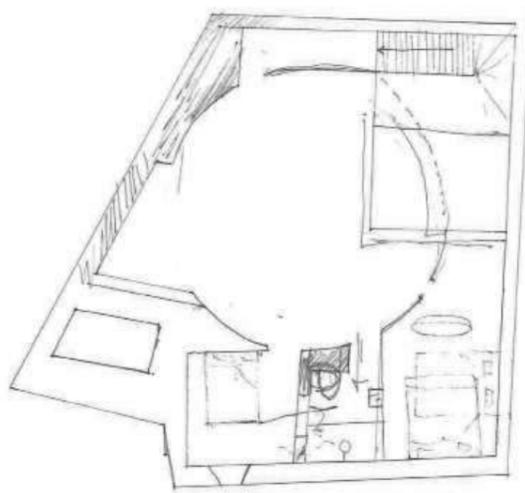
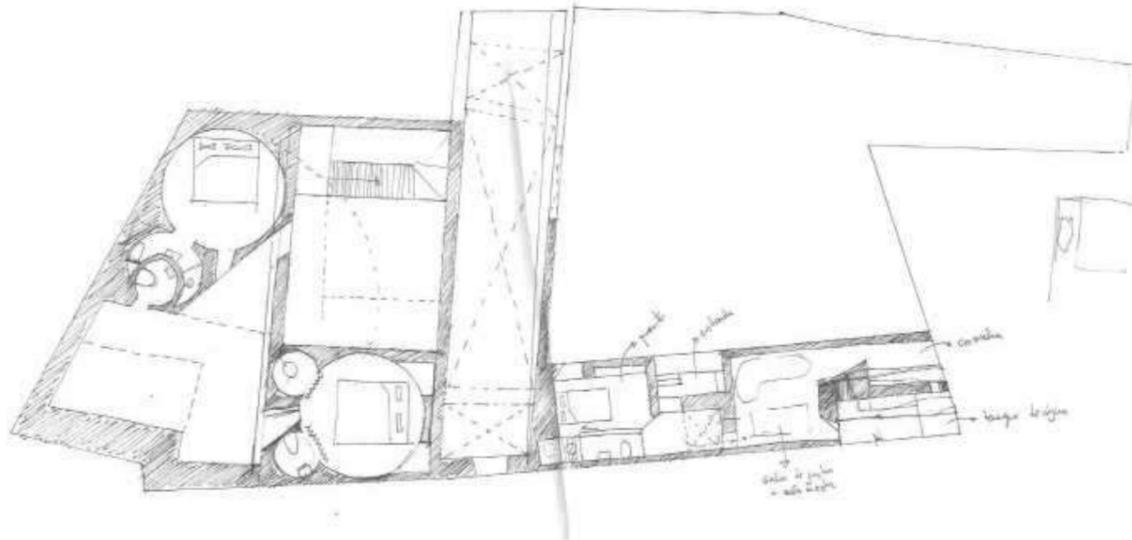
230





Los espacios  
de la cocina  
se han situado  
fuera de la  
habitación para  
tener más libertad  
a la hora de usar





## Entrevistas finais aos clientes

### Gestor

Joana: Depois da entrevista que fizemos da outra vez, eu desenhei a vossa casa. Então é sobre isso que vamos falar hoje, o objetivo é dizer o que achas de mais... do que tu achares. Ser o mais natural possível. O objetivo é ser o mais sincero possível. Vou fazer um contexto primeiro para explicar o objetivo da investigação.

A minha tese é uma continuação de exercício que foi feito na faculdade, o que acontece é que os professores já nos tinham dado um enunciado, em que o objetivo era desenhar uma casa para três pessoas num sítio específico em Évora, ou seja eu não tive oportunidade de escolher o sítio, eles é definiram o sítio, e nesse sítio tive que desenvolver a proposta de três, uma habitação para três pessoas, ou seja três vizinhos, ou seja tinha que criar um contexto e perceber onde estava a inserir essas casas, e perceber quais as ligações que eles tinham. O exercício tinha uns perfis de clientes, ou seja, estas três pessoas que iam ser vizinhas tinham uns perfis idealizados pelos professores, um deles era Cozinheiro, outro era Gestor, e outro era Músico, por exemplo o músico tocava piano, o gestor tinha um hobby que era a jardinagem, o cozinheiro adorava receber pessoas em casa e tinha uma namorada que adorava tomar banho, e consoante essas características, nós desenvolvíamos, cada aluno desenvolvia a casa para cada um deles. O que é que o Gestor contribui aqui para este projeto, a ideia foi, em vez de ter estas pessoas que eu não conhecia, dar-lhes pessoas reais e tu foste o escolhido para ser o gestor e a ideia é eu desenhar a casa consoante os teus gostos, e as tuas características, sendo que o lugar teve que ser aquele e eu não tive oportunidade de o mudar, e tive que lidar com as consequências que o lugar tem.

Gestor: Se me ofereceres a casa opimo (rir)

J: isso era ótimo! (rir) Continuando o contexto... Este projeto chama-se "Três Casas à Medida" porque são as três casas à medida para cada um de vós, os novos clientes "reais".

Então para percebermos o lugar da casa, aqui estamos na Praça do Giraldo, temos aqui a Rua 5 de Outubro, vimos por aqui por esta travessa, e depois vai ser aqui estes três pátios. E a ideia era perceber o vazio na malha urbana com motivação de perceber como atuar num espaço deste no meio da cidade. Claro que este contexto oferece sempre restrições, nós temos de ter isso em conta, sendo que a premissa seria haver uma união entre o que estamos a propor e o que existe.

A primeira vez que fui a este sítio, uma das coisas que eu gostei muito foi o facto destes pátios terem esta exposição, de haver muita luz natural entrar nos mesmos, que é muito característico em Évora. Dois destes pátios são acedidos por esta zona aqui, e este tem de ser acedido por dentro de uma destas casas. Estes são divididos por um muro, então a minha proposta foi pensada da seguinte maneira: existia aqui uma fachada, que estava completamente devoluta, todos os outros edifícios estavam em bom funcionamento menos esta zona aqui, e a ideia era reabilitar aqui esta zona, e sendo que havia aqui este muro (ele tinha era muito menos expressão, era muito mais fininho) a dividir os dois pátios, eu decidi, como eram três casa, albergar duas aqui, uma aqui, para fazer essa relação entre os pátios e poder fazer aceder as todos e todos os pátios viverem desta casa.

Então a tua casa teria acesso por aqui, íamos por este pátio aqui, subiríamos as escadas, e ela iria localiza-se aqui nesta zona. Porque é que foi a tua casa a escolhida aqui, porque eu lembro que na entrevista anterior, na altura falamos da questão de subir muitas escadas, de terem pouca relação com os vizinhos e na verdade esta era a fração que tinha menos exposição. Existe um vizinho que irá ficar por cima, mas que vai ter pouca relação com o que se passa em baixo,

este fica então autónomo e era uma família mais pequena.

Para explicar melhor, temos este esquema em que nós temos aqui o acesso, e este arco é o que faz o acesso a todas as casas. Aqui será o acesso à tua casa e depois vais entrar para este pátio interior aqui, e seguidamente é que irás entrar para a tua casa, que se localiza aqui nesta zona.

Aqui temos uma imagem que mostra a fachada mais real e esta será a vista que terás assim que entrares para esta propriedade, e este vão aqui já é um vão que é da tua casa. Olhando para esta fachada só temos dois vãos a iluminar a casa, e parece que a casa é escura, mas vamos ver se nos vamos surpreender com os espaços interiores.

Começando por explicar a casa, fazendo o movimento de acesso à casa... como ponto de partida para o desenho desta casa, eu lembro-me que na outra entrevista, era muito importante a relação da entrada de luz com o exterior, e da mesma dentro da casa. E inicialmente antes de começar a desenhar a casa, pensei logo nesta entrada de luz, que de alguma maneira já existia, mas intensifiquei-a de modo a que passando pelo piso superior a luz iria entrar e refletir nas paredes, e poder ser um dos espaços centrais da vossa casa.

Retomando o percurso de acesso, entrando por um primeiro pátio, subir umas escadas, chegar a um hall que te vai levar a esta zona, que é uma zona comum de todos os moradores, ilumina por um vão na cobertura, mas tendo uma zona coberta de receção para a tua casa. Quando entras em casa, recebe-te um pequeno hall de entrada, onde poderás pousar umas chaves, a mala do trabalho, um casaco ou até mesmo descalçar os sapatos, que ao mesmo tempo te faz uma divisão entre a zona mais pública da casa e as zonas mais privadas da casa. Continuando a explorar a casa, neste lado todo da casa vamos ter a sala e a cozinha, que vão estar então iluminadas através do foco de luz natural. Depois, entrando por este corredor, nós vamos ter o vosso quarto, que será um quarto suite, que será dividido com uma zona de casa de banho individual, ou seja, aqui teremos uma zona de retrete e aqui uma zona de duche, para que não estejamos sempre no quarto e a ver estas zonas, pensei num cortinado pesado, que assuma uma presença no espaço que feche tudo, de modo a terem o vosso momento e terem privacidade. Esta membrana que vai existir aqui no quarto, vai permitir criar um bunker no quarto, apenas iluminado por um vão alto da fachada principal, que vimos na imagem anterior.

Depois, voltando outra vez ao hall, vamos ter o outro quarto, que também tem uma casa de banho privativa, de modo a que os filhos possam permanecer neste espaço e ter uma casa de banho só para eles que de alguma maneira será um pouco maior para os banhos mais mexidos, e terem espaço suficiente para isso. Depois ainda cá fora, na zona mais social, existe uma casa de banho mais privativa.

Esta seria a vossa casa, com a particularidade de ter este foco de luz com as paredes que a compõem seriam amarelas, revestidas num tom mais amarelado, mais quente, de modo a sentirmos o ambiente mais quente, mais acolhedor.

Aqui deste lado temos então uma vista, que mostra o ambiente que temos no vosso quarto, de dentro da casa de banho para o quarto, e esta entrada de luz que vemos é do vão da fachada principal, e a ideia é ter este ambiente sempre com alguma presença de luz, mas ao mesmo tempo é controlado. O quarto é uma zona de descanso por isso não o sítio onde precisão de mais luz, e foi um bocadinho isto que tentei transmitir para a vossa casa e agora gostava de ouvir a tua opinião, do que falta, o que gostavas de ter, o que mudarias...

G: Estava à espera de uma coisa completamente diferente, porque não sabia que tinhas as restrições que tinhas aqui. Eu pensei que seria uma casa num terreno enorme... estou a brincar... Todos idealizamos isso, acho que qualquer pessoa que vive num apartamento idealiza uma casa enorme. Eu vivo em apartamento e noto isso, pensa nestas coisas de ter uma casa grande com espaço para tudo. E eu acho que dentro do que nós falamos, a proposta está dentro do que falamos, não foge nada. Agora, hoje já não se adequava por causa de um outro filho que

ainda não existia.

Tá opimo a questão de não ter luz, tudo fechado, para poder dormir muito. A situação de ser o mais acessível, em baixo, porque na prática ter que subir muitas escadas com tudo, com o filho que faz birra, à uma complicação.

Mas sim, acho que tava dentro do que falamos. Claro que nas minhas expectativas, tava uma casa com um quintalão, com muito espaço, com um sótão aproveitado, com uma garagem... quando se fala no centro histórico são coisas que não dá. Não dá para encaixar isso em lado nenhum, porque por exemplo, a foto que tens aí, mesmo da rua, a foto real, em que tens um portão, tu pensas isto é uma garagem, mas não é, tu pensas que tem uma garagem que tem arrumação, onde possa meter um carro, e ter um sitio para arrumações...

J: Aqui é possível colocar o carro e ter um sitio para arrumações...

G: Mas o centro histórico de Évora, não nos ajuda a ter todas estas coisas... Para poder lá dormir, não podemos ter espaço para meter carro. Por isso se ao início me tivesses dito que seria no centro histórico, eu não idealizava, como idealizei essa parte das arrumações e dos carros, e do espaço exterior, mas a casa em si, não foge daquilo que falamos.

J: E esta parte aqui de ter os compartimentos redondos. É algo que te imaginarias a viver ou não?

G: É assim, é algo que não é o ideal porque... não falamos anteriormente, mas antes desta casa onde estou agora, eu vi numa em que havia uma parte que era arredondada e não gostei, por um motivo, porque toda a mobília, tudo o que temos, não enquadrava ali, ficava um bocado fora de contexto, mas não desgosto da ideia do quarto da criança ser redondo, pois penso que seria possível pensar num cenário diferente para o quarto, para as brincadeiras, é capaz de ser uma boa ideia, é capaz de ser interessante.

J: A ideia aqui foi criar estes espaços nos vossos quartos, porque percebo perfeitamente que numa sala e numa cozinha a mobilidade é completamente diferente.

G: Não é. não é... AS vezes eu acho que isto não é uma questão de gosto, é uma questão de ser prático, porque depois qualquer coisa que queiras comprar de moveis e tudo mais, é muito complicado, tem que ser feito à medida. Depois isso dificulta muito, já não vais ao Ikea e compras um móvel por 100€, quando num à medida tens de pagar 500€ ou 600€. É mais por aí. Mas a parte do quarto da criança ser assim, acho que valoriza, não é que eu vá fazer isso porque tenho móveis que me dão muito jeito agora, que depois não encaixam muito bem nesse cenário, mas acho que é uma boa ideia. Essa foi uma boa ideia.

Atenção a parte do quarto principal ter essa divisão, a cortina, com essa membrada, também gostei, é uma boa ideia e gosto. Este quarto, dizes que é arredondado, mas não é bem, tem aqui uma parte que dá para ter tudo como o normal, mas acho essa ideia tá boa.

O que eu acho que valoriza mais este projeto é parte do cenário do quarto da criança ser um quarto redondo, criar aqui um cenário... que eu não ia fazer porque não tenho tempo...

J: outra pergunta, aqui esta questão de termos muita luz...

G: A mim não me faz diferença, a mim, mas à minha mulher faz, mas não era uma coisa que choque porque desde que as partes de descanso, seja mais sombrias, que se consigam controlar minimamente, por exemplo através de um sistema que bloqueia a luz, seria melhor porque por exemplo a minha filha mais nova, agora tá sempre na sala, para dormir vai sempre para o nosso quarto mas ao início quando viemos para casa, ela estava sempre na sala e fazia-nos diferença ter um bocadinho menos de luz, e fechar as porta.. e isso nesse caso pode fazer algum sentido, porque até mesmo á noite, se quiser estar na sala a ver um filme, não posso ter luz, tá bem que à noite não tem claridade, mas podia entrar luz natural às 7 da manhã e estar tudo aberto, e isso pode fazer diferença, desde que se consiga controlar e isolar os dois quartos, ótimo. E isto aqui é o que?

J: é uma casa de banho social, para usufruto geral em vez de se entrar em algum dos quartos.

G: Sim, sim, é importante sim. A única coisa que a mim me fazia falta e que idealizei, era o espaço exterior... porque isto é uma entrada comum?

J: sim...

G: Para mim ter aí um espaço exterior só para nós, um espaço só nosso, era o ideal. Mas percebo que com as circunstâncias que tinhas aqui não seria possível... Só se criasses aqui um corredor e dividisses a entrada é que daria... Mas percebo que não seria possível...

J: Viverias nesta casa?

G: Sim, e não, agora não porque tenho mais um filho, mas antes de o ter, sim viveria. A única coisa que faltaria seria o espaço para arrumação.

J: Mas isso seria possível, estas paredes dariam para incorporar arrumação.

G: Ótimo então, sim viveria! Não é muito diferente do apartamento que vivo, tem as mesmas condições...

## Músico

Joana: Então vá, vou fazer aqui um pequeno contexto. Então a minha investigação de projeto académico para a tese é sobre um exercício que eu fiz em arquitetura em que os professores deram-me um enunciado e esse enunciado era fazer 3 casas num lugar em Évora, eles davam-me três sítios em Évora, eu escolhi um, e esse sitio era onde fazia as três casas para três pessoas. Essas três pessoas tinham características diferentes, cada uma delas tinha uma profissão, uma era música, outra era um gestor e outra era um cozinheiro.

Músico: um cozinheiro... eu lembro-me do cozinheiro... sim...

J: então o que é que aconteceu, eles davam-nos uns perfis, por exemplo explicavam que o músico era um pianista e que gostava de ter uma sala para tocar o seu piano, que o cozinheiro tinha uma namorada que adorava tomar banho, que o gestor o seu hobbie preferido era fazer jardinagem, então nós tínhamos que desenhar uma casa com estas características que eles nos davam. Entretanto o que ele propôs para a minha tese, é em vez de ter uns clientes utópicos, teria uns clientes reais e daí a entrevista que fiz inicialmente, para tentar fazer uma casa agora para o meu cliente real, que és tu.

M: só uma pergunta, estas três casas, nesses três sítios, vão ser as três casas no mesmo sitio? Vamos ser vizinhos?

J: sim, exatamente.

M: mas no mesmo edifício?

J: sim.

M: aaaah... ok.

C: é isso que vou explicar agora. Então, vamos tentar aqui ver! Estamos aqui, na nossa praça do Giraldo, e um dos sítios que os professores nos davam era esta pátio aqui, que aqui nesta zona, aqui atrás vai dar a uma zona que agora são umas residências artísticas, junto à camara municipal, estamos aqui a situarmo-nos geograficamente?

M: isto é, a parte de cima da cidade, ok, já estou a ver...

J: Aqui é a Sé, Catedral de Évora... Aqui esta zona é circulo Eborense, aqui a Rua 5 de Outubro, e aqui novamente a praça do Giraldo.

M: Aqui é a fundação?

J: Exatamente.

M: Ok, agora é que eu estou a ver bem...

J: Aqui temos, um pátio e aqui outro pátio, e basicamente o que os professores procuram na malha urbana foi encontrar vazios como este, pequenos pátios, e de modo que nós conseguíssemos na malha urbana tentar aglomerarmo-nos algum sitio para tentar fazer essa casas.

Um dos objetivos era ter as três casas no mesmo sítio. E que eles partilhassem a vivência de vizinhos.

M: Então temos um pátio comum...

J: Vários até... Neste caso temos três e a ideia é ter uma leitura do espaço e interpretar para intervir de alguma maneira para fazer essa proposta. Então, o que eu vi nestes pátios foi que... nós temos aqui a entrada, nós temos aqui um dos pátios, aqui temos outro. Fazemos o acesso através desta porta, aqui temos o volume que eu proponho, já existe uma casa aqui, e o que acontece é que esta fachada era cega, e estava devoluta, então o que ele propôs foi tentar reabilitar esta zona. Aqui também existia um muro que separava estes dois pátios, engrossar esse muro e criar então outra casa. Então tentar englobar aqui as três casas.

M: Portanto aqui é um, aqui é outro e aqui é outro. É isso?

J: Exatamente.

M: ok!

J: A tua casa vai ser aqui, esta que vai ser o muro. Então assim de um modo geral, nós então aqui este acesso, através deste muro aqui, temos um primeiro pátio que nos recebe, temos umas escadas que nos fazem o acesso a outro pátio, que é este, aqui vai ser, a tua casa, e aqui vai ser a entrada para as outras duas casas, neste volume aqui. Esta vai ser a tua casa. Tem acesso a este pátio, e ao pátio lá de trás.

Basicamente aqui nesta vista temos uma vista mais real de como é que o projeto vai ficar e este vão, é uma das partes da tua casa.

M: uma das janelas...

J: Este volume aqui, é a tua casa. Que se faz o acesso através daqueles pátios. E porque é que a tua casa se localiza aqui, foi porque eu percebi que tu tinhas uma ligação muito forte com a rua e que preferias ter o teu estúdio na rua, tu disseste muitas vezes na entrevista que muitas das coisas que tu componhas era na rua, então percebi que como um músico precisa de um estúdio e em vez de teres o teu estúdio dentro de casa, a ideia seria então apropriarmo-nos de um destes pátios para fazer o teu estúdio. Então tu tens aqui a tua casa, e aqui vi ser o teu estúdio, que será sempre exterior. Imagina apetece-te compor uma coisa mais interior, mais intimista, mais introspetiva, podes ir para o pátio cá fora, este aqui, que de alguma maneira é exterior, mas não tem uma ligação tão direta com a rua.

M: É mais privado... mais escondido.

J: Exatamente, mais privado, é isso mesmo.

Fazendo o acesso aqui por este pátio, subindo as escadas, e ainda podes fazer o acesso por este vão ou por uma zona mais privada, em que entras por dentro deste volume, saís e recebe-te aqui, numa zona que acaba por ser um volume que sobe e vem chegar um primeiro espaço, que é um hall de entrada que tu tens, que te distribui para o resto casa. Do teu lado direito tens um quarto que tem um vão, que é iluminado por este pátio e depois tens uma ligação para a casa de banho através do duche, que tem uma entrada de luz na cobertura, tu podes tomar banho aqui sempre a céu aberto, mas ao mesmo tempo abrigado devido ao à contenção do vão – a perspetiva dentro do duche é ver o céu através de um furo – que de alguma maneira ilumina e ventila a casa de banho.

Esta vista que estamos a ver aqui na imagem, é exatamente a entrada que tens para a zona. Este volume, é este volume aqui e por baixo é desenhado uma lareira que aquece a entrada e a sala, que tem uma vista para o pátio. Em que podes vir cá fora, fazer um piquenique, recebes amigo, podes estender o jantar para o exterior...

M: Tens sempre esta relação com o espaço exterior, é muito importante. O Espaço exterior é sempre muito maior que o espaço interior, o que para mim é opimo.

J: Pois foi isso mesmo que eu entendi da tua entrevista.

M: Agora, a ideia é muito boa, é excelente, eu adoro, mas acho que tem um senão: se eu quiser

na realidade mesmo gravar, o estúdio é sempre exterior, sempre? Por causa de microfones, captar ruídos, esse é só o senão, mas de resto...

J: Para os casos de gravar, eu pensei noutra solução: nesta tua entrada, existe aqui um espaço, coberto, tem uma entrada de luz, mas é coberto, que é um hall de acesso às outras casas, mas que ao mesmo tempo é mais privado, ele tem um pé direito muito alto...

M: Mas e as outras casas têm entrada noutra sitio? Se eu quisesse ocupar esta semana esta zona para gravar...

J: Não, todos os vizinhos teriam que entrar por aqui. Mas na verdade serão apenas dois vizinhos.

M: Sim, sim. São dois vizinhos que não trabalham em casa, certo?

J: Sim. Este espaço foi pensado para que pudesse compor e outros pudessem ouvir a tua musica.

M: Posso ocupá-lo... posso ocupá-lo. A que horas é que os meus vizinhos saem e entram? Então eu vou poder usar entre x e x horas. Então eu vou trabalhar durante estas x horas.

J: Até mesmo, acho que é interessante a um fim de semana, estão os vizinhos todos em casa, está dia de chuva, estão em casa, tu estares ali a compor, cria um ambiente que também vai para dentro das casas deles, que acabam por te ouvir...

M: Eu quando estou a compor não preciso do estúdio, estúdio é mais o espaço onde se grava.

J: Mas ao mesmo estas a tocar, então os vizinhos vão ouvir as tuas melodias, certo?

M: Claro, claro, claro, claro... Gosto da ideia... gosto da ideia...

J: E pronto basicamente, é esta a tua casa. Depois houve aqui um pequeno pormenor em que encastrou-se aqui a cozinha de modo que houvesse uma massa que chegasse, e que era interrompida para criar este volume aqui da cozinha, e que de alguma maneira tem logo um vão, para que, vamos imaginar, vamos ter um grande jantar, temos logo aqui esta liberdade, de ter a cozinha relacionado com o exterior, em que ela abre e é possível esta relação direta com ...

M: Tem acesso por aqui, não é?

J: sim...

M: Muito fixe!

J: a ideia é ter sempre o exterior a entrar para dentro da casa. Porque não existe a possibilidade de haver um espaço muito maior, mas que de alguma maneira, o exterior está sempre dentro da tua casa, e na verdade estas salas é como se fossem tuas.

M: Gosto!

J: Viverias nesta casa?

M: Ah , claro que sim! Viveria... Até porque aqui em Évora raramente chove, não é, infelizmente, portanto o espaço exterior tava continuamente a ser usado. Eu gosto, eu gosto mesmo dos pátios e dos quintais, e dos jardins... E claro que sim. Gosto muito!

Pronto aqui é a cozinha, aqui é a entrada.

J: Sim, aqui é a cozinha, aqui é a sala que de alguma maneira pode ser sala de jantar, por exemplo se estiver a chover, ou uma sala de estar, tem espaço suficiente para ter um grande sofá, e depois este e hall de entrada distribui a vivencia da zona mais privada – que é o quarto e a casa de banho que tem acesso pelo quarto, ou pelo hall, passando a ser uma casa de banho social na mesma. Tens convidados, eles conseguem ir à casa de banho sem entrar diretamente ir ao quarto e ao mesmo tempo estás no teu quarto consegues ir diretamente à casa de banho – ela é privada e social ao mesmo tempo. Tem os dois caracteres e eu acho que isso é importante porque se apenas tivéssemos acesso no teu quarto seria obrigatório teres sempre o quarto arrumado ou obrigava a ter um cuidado no quarto, para receber visitas e assim não é necessário.

M: Luz natural, é mesmo que não falta...

J: No hall de entrada ainda temos mais uma entrada de luz na cobertura, que é esta. Portanto aqui entra sempre luz. E ainda temos aqui na casa de banho, este lanternim aqui em cima, na

zona de duche. Se imaginarmos que está a chover, cai aqui umas pinguinhas de vez em quando durante a toma do banho. Todos os compartimentos têm entradas de luz e bem ventilados.

M: Opa excelente, isto tá qui muitas horas de trabalho teu também. Isto vê se que ouve aqui muito tempo dedicado a isto. E provavelmente não foi à primeira.

Gosto! Gosto da localização também. Só há aqui um pormenor que também é uma questão minha, mostra me lá a fachada... há ali um muro que me parece muito branco, muito...

J: e é, é totalmente branco.

M: Este, este aqui.

J: é todo branco, só tem este vão...

M: A sensação que eu tenho, de fora, que eu tenho na maioria das casas modernas, que têm assim estas fachadas é que, epá isto não tem janelas, mas depois estas coisas da iluminação ta tudo muito bem estudado, e acho que não vai faltar.

J: Por aqui, por esta imagem parece que só temos este vão que vai iluminar esta casa toda, mas depois temos dois exteriores, dois na cobertura, do outro lado ainda temos outro...

M: Pois realmente não vai faltar. Pois, a única coisa que não é real, é esse bloco e este.

J: Este bloco já existia, um volume branco que já existia, mas sem este avançado. Um plano apenas. Em vez de ter esta expressão toda, era mínimo, tinha cerca de 30 cm. Ou seja, nunca conseguiria lá fazer nada, então, então ele agora aumentou para 3,50m, que permite ganhar espaço para esta casa – muro habitado.

M: Muito fixe, gostei muito. uma boa ideia. Eu não estava à espera de nada, estou sempre à espera de ser surpreendido e que seja fora do normal. Que é o mais importante. É ter uma casa que não seja o típico, aqui tá a cozinha, aqui tá não sei o que... aquela coisa dos T's... não é?! T4... é sempre um T. porque é que não é um Z? Porque é que não é um X? e porque é que não é um G? Porque é sempre a história do T, é sempre uma figura geométrica em T. Obviamente depois aqui no centro de Évora, há coisa que mudam. Como noutra cidades. E fiquei curioso com isto aqui, isto aqui está na entrada? Embutido? Então serve como aquecimento da própria casa. Portanto isto fica aberto, que vai para cima, mas depois, leva o calor pelo chão também.

J: Certo, e depois o que acontece é que aqui há um vazio, é como se fosse uma chaminé, isto funciona como uma chaminé.

M: Ah... Ok, ok, ok, ok.

J: Ou seja, nós temos a lareira no chão, um volume que sobe onde o fumo vai sair aqui. A lareira é panorâmica, permite que saia calor de todos os lados, para aquecer a casa toda.

M: É futuro pensar nas casas assim. Gostei muito! Parabéns!

## **Cozinheiro**

Joana: Desde a ultima vez que nos vimos, da outra entrevista, que tentei conhecer-vos um pouco para gora fazer a vossa casa.

Namorada do cozinheiro: ok...

J: Vou tentar explicar aqui um pouco o contexto da investigação... A minha investigação em arquitetura, foi uma continuação de um exercício que foi desenvolvido na universidade, em que os professores nos deram um enunciado que era fazer três casas para três pessoas, num sitio especifico em Évora. Eu podia escolher um de três sítios que os professores escolheram, em contexto urbano da cidade de Évora, eu escolhi este lugar, onde desenvolvi uma proposta das três casas. Na altura, fizemos três casas para pessoas que tinham perfis utópicos ligados a profissões, imaginem: havia um cozinheiro, um gestor e um músico. Em que cada uma destas pessoas foi idealizado um perfil. Por exemplo o cozinheiro tinha uma namorada que adorava tomar banho, o músico tocava piano, e o gestor tinha

como hobbie a jardinagem. E a minha investigação passa por tornar estes perfis de clientes utópicos em clientes reais. E daí vocês serem os clientes reais do perfil de cozinheiro. Depois de vos ter conhecido apresento-vos a casa que desenhei para vocês!

Agora já temos uma nova habitante para a casa. (risos)

- Nasceu mais um elemento da família –

NC: (risos)... sim... agora já somos três! (risos)

J: Visto que era um dos vossos objetivos, era constituir família, eu tive isso em conta e criei um quarto para futuros filhos!

Vamos então por começar para perceber a localização da casa. Aqui temos a praça do Giraldo, aqui a rua 5 de outubro, vimos subimos por aqui por esta rua do Burgos. Aqui temos o ciclo eborense e este é o sitio que os professores na altura nos deram, porque o objetivo do exercício era termos o confronto com a malha urbana da cidade e perceber a relação destes vazios que existem dentro da cidade. Nós temos sempre muitos pátios, aqui por exemplo temos outro, e objetivo era intervirmos nestes espaços da melhor maneira possível.

Cozinheiro: É à frente da fonte de letras...

NC: A livraria. Ah! Pois é. Sim...

J: Sim é. Ponto. Onde nós temos a entrada. Entramos aqui por este portão, temos este primeiro pátio, a uma cota, depois temos umas escadas que nos levam a outro pátio mais alto. Existe aqui um muro que está a dividir estes dois pátios, e este pátio neste momento, serve aqui de acesso desta casa cá atrás, que funciona como uma residência artística, ou também como alojamento local, para vocês ficarem um pouco contextualizados com lugar.

Agora mostro-vos a primeira montagem da intervenção. Aqui temos o portão de entrada, em frente à livraria que estavam a dizer, aqui temos o primeiro pátio, um segundo, e este volume que aqui está é um muro que eu alarguei para criar uma habitação, aqui será outra e aqui será outra. Portanto aqui esta fachada antigamente estava completamente devoluta, então proponho a reabilitação da mesma e criar uma ligação com o espaço que já existia.

Para compreenderem melhor estes espaços, através deste esquema, perceberemos a dinâmica do espaço. Entramos para qualquer casa, por este portão, passamos por um primeiro pátio, depois por uma zona de distribuição e por um espaço comum, aqui, que tem um grande lanternim que ilumina toda a vivência neste espaço comum – pátio interior – que faz o acesso para a vossa casa.

Aqui nesta vista mais real, como podem ver, o que eu tento com a proposta é que ela não se evidencie tanto e que exista uma ligação com o que já lá está. Ou seja, esta fachada ela já existia, como está aqui, toda branca, mas sem os vãos, que é isso que vai iluminar a vossa casa.

Filha do casal: (risos)

NC: Sim... sim...

J: Existe depois então, a entrada por aqui por baixo, pelo vão que tínhamos visto anteriormente na vista real, e a vossa casa vai ser aqui. Em que por baixo da vossa, será o vizinho que é o gestor, e esta zona aqui será a do músico, que tem uma forte relação com os dois pátios.

A casa chama-se a Casa do Cozinheiro, começado pelo acesso através do pátio interior, com uma zona de escadas que vos vais levar à vossa casa, e uma das principais ideias que eu tive assim que vos entrevistei, foi aquando da relação forte com o exterior, e estando num segundo andar, vocês nunca iam ter a mesma

vivência que os outros vizinhos têm com os pátios, então vocês são os que vão usufruir mais, do vazio que existe aqui e que liga todos os espaços.

Para vos receber, tem logo aqui um hall de entrada, que tem uma zona escavada que vai ter armários, em que vocês podem deixar as chaves, a roupa, deixarem os sapatos, etc... um pequeno espaço que vos recebe, a seguir entram, e têm o vosso espaço central da casa, que esta zona aqui mais redonda, que tem uma relação forte com este apainelado de madeira que está dentro daquele vazio, e esta é a visão que vocês vão ter. Têm aqui este apainelado de madeira, que é o que está nesta zona aqui, com o objetivo de toda a luz que entra naquele vazio, iluminar a vossa casa, e vocês terem uma forte relação com o exterior mas de alguma maneira terem privacidade. Claro que vocês podem descer as escadas, e usufruir dos pátios que estão comuns a todos.

Este espaço central é comum com a cozinha, e assim podem ter estes espaços sempre ligados, e podem receber os vossos amigos, estar sempre com luz natural, um grande espaço, uma sala que é sala de estar, sala de jantar e cozinha. De modo que possam permanecer neste espaço, sempre com esta relação do exterior entrar para dentro de casa. Depois, é compartimentado por um quarto, que neste caso seria o desta pequenita, que seria com uma relação com uma casa de banho que ao mesmo tempo pode ser privada deste quarto, mas que também é social. Por exemplo, têm visitas, em vez de passarem em algum quarto, conseguem entrar diretamente para a casa de banho, e é aqui que é a casa de banho social.

E por fim, têm todo este espaço que será o vosso quarto, me que têm esta zona aqui para a casa de banho, têm uma grande banheira no vosso quarto para relaxarem, e decidi criar este quarto com a suite dentro do vosso quarto, sem compartimentar muito os dois espaços, para o tornar diferente.

E pronto é esta a vossa casa!

Cozinheiro: O que é que é isto?

J: Isto aqui é um lanternim , que está a iluminar a casa debaixo que é do gestor.

NC: Ah! Ok, ok, ok.

J: A vossa casa tem aqui alguns pormenores interessantes, como aqui terem uma banheira é rebaixada no chão, de modo a poder dar um banho mais confortável à pequenita, e tarem à vossa vontade. Outro é este grande espaço fazer a relação com o exterior através deste pátio interior. E pronto foi isto que eu entendi da vossa entrevista.

NC: A cozinha...

J: A cozinha é aqui esta zona.

NC: Ah! Ok, ok.

J: que tem ligação direta com a sala. Depois pensei que eventualmente poderia ter, uma grande cortina, que podia fechar todo este espaço, imagem acabaram de fazer um jantar e está a cozinha toda desarrumada, fechasse a grande cortina, e este espaço continua a ter a dimensão que tem, e tão ali com os amigos, a fazer alta jantarada.

NC: Ótimo! Eu gosto desta ideia assim... circular!

C: hum... hum... Sim, sim é linda!

NC: É, é! Também gostei!

J: O que é que vocês acham que faz alta ? O que é que no geral gostavam?

C: Na verdade acho que não faz falta nada, já estou a imaginar o interior: uma ilha à frente da cozinha!

NC: Pois! (risos)

J: Podia ser sim!

NC: A única questão é Carlo e o Fausto, os nossos cães.

J: Não poderiam ficar nesta sala circular? A ideia era conviverem todos neste espaço.

NC: Sim, sim, sim, podia!

C: Temos a falar de quantos metros quadrados?

J: Bastantes, cerca de 25/26m<sup>2</sup>.

C: Ah então sim, temos mesmo muito espaço! Sim, depois na verdade, aí seria quase como se fosse a nossa casa agora (que gostamos muito, mas não podemos comprar). Também temos os pátios que podem usufruir.

J: Os pátios são terceiras salas, quartas salas, ... são mais uma divisão da vossa casa, assim como dos vossos vizinhos. Claro que eu percebo que conviver com os vizinhos não seja a coisa mais agradável do mundo, mas quando frequentamos um jardim, também temos a presença das outras pessoas. Aqui seria o mesmo, mas com um pouco mais de privacidade. De alguma maneira também nos ajuda no nosso convívio, no nosso dia-a-dia.

NC: Sim, sim! Concordo e faz-nos falta esse convívio!

C: A minha única dúvida é uma sala para arrumação.

J: Todas estas paredes, estes cheios podem ser escavados para criar arrumação.

NC: Ah! Ok, ótimo, ótimo!

J: Assim com essa "escavação" incorporamos lá armários, ou seja, temos a parede, clicamos na parede e está lá um armário escondido.

NC: Isso é ótimo, sim!

J: A ideia é que todas estas zonas cheias, aqui, aqui e aqui, consiga abrir e fazer lá a arrumação necessária.

C: Então pá, ótimo!

J: São pequenos pormenores que fazem a diferença. Incomodava-vos ter esta sala todo redonda?

NC: Eu acho linda!

C: Na verdade não. Nós gostamos muito de espaços abertos e de estar tudo ligado, cozinha, sala... e depois o quarto claramente separado, mais protegido.

J: Tinham alguma expectativa depois da primeira entrevista que tivemos?

NC: Eu não estava à espera... aliás, como sabia que era no centro histórico não estava à espera que fosse tão aberto.

C: Não, na verdade tava a pensar talvez uma casa do rés-do-chão, mas assim como está tá perfeito visto que tem um quintal enorme, mesmo que seja partilhado. E tem também esta coisa de ser ligeiramente isolada, em relação ao resto.

NC: Verdade, sim! Concordo.

C: Esta questão de estar levantada em relação às outras.

NC: Já dá para imaginar. Vivemos aí.

Filha começa a rir... e acabamos com todos a rir!



## Processo das maquetes finais



